

REVISTA DA SEMANA

N.º 11

13-3-48

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil





Este e inúmeros outros assuntos (contos, romances policiais e de amor, calendário e informações sobre o ano, história, ciência e arte) são encontrados no "ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948", à venda em toda parte por Cr\$ 15,00. Pedidos à CIA. EDITORA AMERICANA, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio. — Rua Maranguape, 15, Rio.

Conheça o que há de mais interessante e moderno no mundo em todos os setores da vida humana, lendo o

ALMANAQUE
EU SEI TUDO
À VENDA - PARA 1948 - À VENDA

UM JORNAL NA PALMA DA MÃO

A influência norte-americana chegou até um lugar chamado Pará-de-Minas. O escritor Joel Silveira provou uma vez que em Minas Gerais sempre acontecem coisas. Se nasce um bode de duas cabeças, a gente vai ver, foi em Minas. Se uma criança começa a falar com cinco dias de nascida, já se sabe onde foi. Houve até uma época em que os fatos extravagantes se acumularam de tal forma que os outros Estados do Brasil criaram complexo de inferioridade e mandavam só notícias de políticos que viajavam. Depois de um período de relativa calma, pode-se verificar que Minas descansou, mas não desistiu. Evidentemente não me refiro à influência norte-americana. Isso pode acontecer e está acontecendo em toda parte. Com os mineiros, também. Mas o jeito deles serem influenciados é que merece registro. Em Pará-de-Minas a coisa estourou com um jornal. Não sei se é matutino ou vespertino, porque isso está sob sigilo no expediente. Além de ser jornal, conforme se diz, aliás com certa pompa de cabeçalho, sai aos sábados. E', portanto, um jornal cheio de particularidades, recusando-se, por uma questão de personalidade, a ser um semanário. Esse jornal se chama "Vossa Senhoria". Até aí vocês não de concordar que não existe razão para atribuímos à influência americana, pois essas coisas podem ser nativas. Mas, ah, esperem. Trata-se de um jornal que é o menor do mundo. Cabe dentro da palma da minha mão, pode ser enviado a qualquer pessoa dobrado numa caixa de fósforos. Está aí a influência ianque. E não me digam que não. Como pouca gente o conhece, sinto-me no dever de divulgá-lo. Não que o "Vossa Senhoria" esteja precisando. E' um jornal que já nasceu célebre. Não tem necessidade de coisa nenhuma, a não ser de auxílio material. Disso ele precisa com todo ardor e está bem explicado numa de suas páginas. Mas como não é esse auxílio o que eu vou dar, é possível que o meu nome jamais apareça naquela página, onde promete publicar os nomes de todos aqueles que concorrerem com o vil dinheiro. Mas, chega de tecer considerações sobre o jornal e vamos mergulhar nele. Antes de tudo, mesmo acima do título, vem a seguinte notícia: "O caso do secretário da Prefeitura não é obra de politicalha; é da política administrativa que, às vezes, precisa ferir para salvaguardar os interesses das coisas públicas". Fica por aí. E' muito mais excitante do que se dissesse qual é o caso do secretário da Prefeitura e como foi que ele feriu. E também, se feriu, ou foi ferido, como foi, a quem, ou por quem. Mas, não. Fica explicado ali apenas que aquilo não é politicalha, não. E, uma vez que não é, ninguém tem nada que saber do resto. Lançado o aviso, segue-se o título do jornal e um artigo em que delata uma cidade chamada Pequim, onde houve eleições, desta vez sem sururu. Todos os políticos ficaram admirados com o fato de os habitantes do lugar terem comparecido. Como da outra vez as coisas andaram meio quentes, parece que não contavam mais com os eleitores. Um redator, que assina João Daqui, escreve um artigo para desfazer certas intrigas provocadas por um artigo anterior. O que ele quer dizer, e diz, mas com delicadeza, é que o prefeito não deve querer governar sem dar importância ao Legislativo. Menciona também o caso do Secretário do Prefeito. Como vocês devem lembrar, esse caso já foi citado antes, mas voltou. Deve ser um caso danado de importante, mas como não está explicado direito, paciência.

Anunciou ainda o menor jornal do mundo que Pará-de-Minas não teve Carnaval. Nem mesmo o Centro Literário Pedro Nestor andava querendo dar os seus costumeiros bailes de carnaval, o que era uma indignidade. Esses Centros Literários sempre decepcionam a gente.

Depois, vem um necrológio bastante sentido. O homem era extraordinário, pois segundo dizem aqui, no "Vossa Senhoria", sempre que faltava assunto no jornal, "ele, num fechar de olhos, criava coisa nova e de assunto palpitante". Apesar desse talento, não era profissional da imprensa. Apenas borboleteava. E aqui vou transcrever um trecho: "Repartia às mãos cheias os seus artigos escritos por prazer, e assim fazia a glória dos seus colegas de imprensa". Se querem a minha opinião, acho que ter glória desse jeito não é vantagem. E agora, uma página literária, colaboração especial, assinada por um frade franciscano. Título: "Quem Tudo Quer". Segue-se o corpo do artigo: "Diz o concel-tuoso aforismo popular: — "De Grão em Grão a Galinha Enche o Papo!" (A idéia de botar isso em letra graúda é dele). Esta sentença moral tem aplicação à vida prática. Exemplificamos. O verdadeiro meio de ganhar muito é nunca querer ganhar demais. Quem tudo quer, tudo perde. Zêlo demasiado estraga e arruína. Extrema afobação para nada serve e prejudica muito. A pressa já tem causado muitos danos. As grandes empresas são compostas de pequenas coisas, minúcias, até. Um grãozinho não enche o saco, mas ainda ajuda. De vagar se vai ao longe. Com uma gota de mel se apanharão mais moscas do que com um barril de vinagre. O que não se alcança com calma e paciência jamais se conseguirá com violência. Porque de grão em grão, a galinha enche o papo!"

E assim termina esse violento artigo contra a pressa e a ambição e, como não há nenhuma referência contra elas, concluímos que a favor das galinhas.

Se vocês quiserem uma assinatura, mandem dez cruzeiros para este endereço: Rua Francisco Sales, 128, e serão largamente compensados. Receberão o menor jornal do mundo.

LUCIA BENEDETTI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

O menor jornal do mundo (Lucia Benedetti)	3
François Mauriac fala sobre o drama da França (Nelson Vainer)	25

BIOGRAFIA:

A vida de Swedenborg (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	24
---	----

CARICATURA:

Bom humor	11
---------------------	----

REPORTAGENS:

Ser mãe é padecer... nem sempre num paraíso (Ney Machado)	6/10
Maureen O'Hara começou a trabalhar aos doze anos (Luís Serrano)	12/13
Uma nova campeã mundial de patinação no gelo	16/17
"A Pequena Catarina", um sucesso pessoal de Bibi Ferreira	18/21
Esplendor medieval na mais antiga corrida de cavalos do mundo (Magda Incontri)	26/31

CONTOS:

O bom Caim (A. Hernandez Catá)	14/15
O grande segredo (Paul de Kock)	22/23
Filho e pai (Aurélio Buarque de Holanda)	32

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	42
Música	44
Cancioneiro Internacional	45

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	33
Muro das lamentações	36
A Personalidade da semana (Ivonne Jean)	37
O espírito feminino através dos tempos	38
Mães e filhos (Zóia de Laet)	39
Figurinos de Ana Zagorska	38/39

ILUSTRAÇÕES:

Abelardo Zaluar, Armando Pacheco e Orlando Matos.

NOSSA CAPA

Aparece hoje em nossa capa a personalíssima Greer Garson. "estrêla" exclusiva da Metro-Goldwyn-Mayer. Greer Garson conquistou fama imorredoura com o filme "Rosa da Esperança", um dos seus mais belos trabalhos no cinema. Este filme, além de lhe dar completo êxito, deu-lhe também um marido, Richard Ney, que fazia o papel de seu filho na película. Fez dupla neste filme e em "Mme. Curle" com o quarentão Walter Pidgeon, caso único de vitória a dois em busca das glórias de Hollywood. Greer Garson voltará brevemente à Cinelândia no filme "Sagrado e Profano", ao lado de Robert Mitchum.



a Semana em Revista

RESSURREIÇÃO DA ESCOLA GUIGNARD



A saída da REVISTA DA SEMANA, em seu número de 28 do mês próximo passado, publicou ampla reportagem a respeito da escola de pintura do grande mestre Alberto da Veiga Guignard, o já renomado Curso de Belas Artes da Prefeitura de Belo Horizonte, como era oficialmente batizado. Protestamos naquela reportagem contra o ato do prefeito Otacilio Negrão de Lima que, com a desocupação sumária do prédio onde funcionava a escola, extinguiu, numa simples portaria, um dos mais avançados centros de cultura artística do país. A reportagem de REVISTA DA SEMANA foi acolhida com o maior entusiasmo pelos intelectuais mineiros e pelo próprio povo belo-horizontino, que já se orgulhavam do patrimônio cultural criado pelo mestre dos pincéis. Imediatamente após

tal se esgotou rapidamente, a Prefeitura fez publicar a seguinte nota esclarecedora, que transcrevemos com imenso prazer, certos de que cooperamos de alguma forma para que aquele centro artístico não desaparecesse do mapa de artes plásticas do Brasil. Eis o telegrama: "Para evitar errôneas interpretações, vimos esclarecer que o sr. prefeito da Capital não é contra a existência ou o funcionamento do Curso de Belas Artes, dirigido pelo prof. Guignard, mediante contrato com a Prefeitura. Entende, apenas, que lhe faltam condições básicas para bem atender às suas finalidades. E é por assim julgar que o sr. prefeito, em uma de suas audiências com o exmo. sr. governador do Estado, teve o ensejo de ventilar a questão com s. excia. Nessa ocasião, propôs a reorganização do Curso de Belas Artes, comprometendo-se a consignar-lhe uma verba de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) anuais e a pleitear do governo da República igual importância. Ao Estado de Minas caberia integrar a dotação, assegurando ao Curso também a quantia de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) anuais. Bem se vê, pois, que esse procedimento, longe de exprimir qualquer desconsideração para com o Curso de Belas Artes, revela o louvável intento de proporcionar-lhe os elementos sem os quais nunca poderá ser um instituto à altura das tradições de cultura e civilização da capital de Minas".

O QUE FAZEM O SESI E O SESC DO DINHEIRO ARRECADADO?



Há coisa de meses, surgiu como uma nova panacéia social a idéia de uns super-institutos, que fariam pelos trabalhadores o que os outros não fazem... Dar-lhes assistência, recreação e "orientação política"... e, sobretudo, fariam vasta propaganda nos jornais das excelências do mundo atual... Para tanto cobrar-lhes dois por cento sobre os salários dos comerciantes, industriais e demais empregados do País. Esta arrecadação que atinge a muitos milhões de cruzeiros por mês deveria ser empregada especialmente no seguro-doença, ainda não estabelecido pelos Institutos de Aposentadoria. Foi essa a origem dos riquíssimos SESI e SESC, que tiveram prontamente organizados os seus conselhos-diretores com cargos de polpuda remuneração para os chefões que

pagar sem receber auxílio algum e protestou. Seu protesto chegou até o general Dutra e o presidente, que estivera até aqui de boa fé, mandou iniciar, imediatamente, uma devassa nesses dois órgãos que não estão cumprindo com a sua finalidade. Estão esbanjando perigosamente o dinheiro dos contribuintes. Além do mais, essas duas organizações deverão ter os seus estatutos modificados. Como explicou o deputado Café Filho "não há por parte dos trabalhadores um direito ao benefício, mas sim a possibilidade de receber o auxílio que as instituições pretendam dar". As contribuições, porém, são arrecadadas obrigatoriamente. Como se vê, é a maior exploração que já se fez ao sacrificado operário nacional. Em troca dos dois por cento arrancados religiosamente dos seus ordenados, os orientadores dos mirabolantes órgãos prometem, para mais tarde, o que sobrar após o malbaratamento de milhões e milhões com a caríssima organização burocrática, em que há vencimentos de fazer inveja a ministros e generais... O ministro do Trabalho, falando sobre o assunto, procurou suavizar os efeitos da ordem de inquérito ordenado pelo presidente. Declarou que não é um inquérito, mas, apenas, "a realização de estudos tendentes a proporcionar um maior entrosamento entre os serviços profissionais prestados pelos órgãos assistenciais, etc., etc." Mas a nossa impressão é a de que o presidente quer é saber o que os senhores do SESI e do SESC estão fazendo com a montanha de dinheiro constituída pelos dois por cento dos salários nacionais...

OS TEATROS DOS ESTADOS E A AÇÃO DA SBAT



A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que tanto tem feito pelo prestígio do nosso teatro e pelo desenvolvimento de nossa arte cênica, com a autoridade moral e intelectual de que está revestida, tomou uma série de iniciativas no sentido de promover maior interesse para com os problemas teatrais não só na capital do país, como nas capitais dos nossos Estados. Alguns desses Estados, por mais incrível que pareça, não possuem teatros de nenhuma espécie, nem oficiais, nem particulares, o que é uma vergonha e uma diminuição para os seus foros de cultura. Entre outras coisas, oficiou a SBAT ao governador Otavio Mangabeira, da Bahia, e a seu auxiliar imediato, o prefeito de Salvador, sr. Wanderley de Pinho, solicitando a reconstrução do Teatro

mineira de um teatro, — e já o vereador Waldomiro Lobo tomou a excelente iniciativa da desapropriação do cinema Metrópole, que era o antigo Municipal de Belo Horizonte, para que volte à sua primitiva condição de teatro. Em São Paulo igualmente se fez sentir a ação da SBAT, pleiteando a conversão, em teatro, de casas que eram primitivamente consagradas aos espetáculos de palco, mas depois foram desvirtuadas e convertidas em cinemas. Com isso, o governo da capital paulista compensaria as deficiências verificadas com as demolições recentes do Cassino Antártica, como do Boa Vista, autorizadas pela Prefeitura de São Paulo. Um desses antigos teatros, o Colombo, não terá seu contrato renovado, voltando, assim, a abrigar profissionais do palco. Para maior garantia de que esse teatro não será utilizado para outros fins, a própria Sociedade Brasileira de Autores Teatrais vai pleitear sua custódia, afim de nele instalar sua sede paulista e de cedê-lo às companhias em excursão. Trata-se de uma aspiração legítima e digna de amparo, porque parte de uma instituição idônea, com grandes créditos morais e empenhada na defesa do nosso teatro e dos que nele trabalham. Em lugar de um empresário que passe a agir como simples zangão, cedendo o teatro com grande lucro a terceiros, a SBAT poderá fazê-lo sem exigir compensações leoninas, no interesse puro e exclusivo do progresso do nosso teatro.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 11 — 13-3-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turismo de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cld. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap.

Salomão, 97 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 618 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-8718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

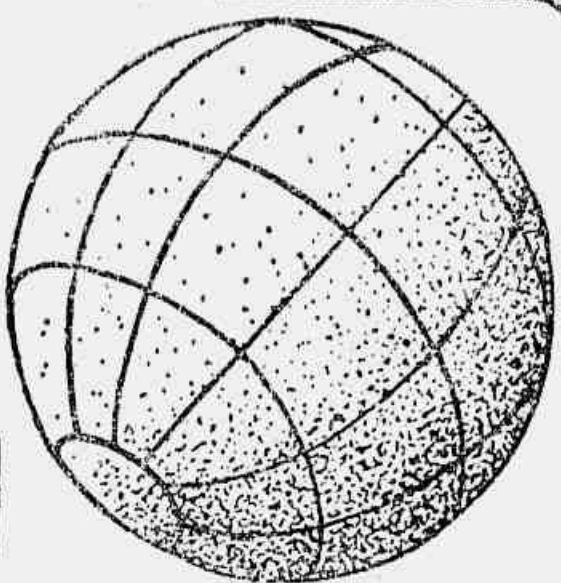
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299, Tel. 32, Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando são publicados.

O MUNDO Marcha



A Rússia forçou a Finlândia a um Tratado de Amizade. Não conseguiu dominar os finlandeses com a guerra. Tenta agora sujeitá-los pela paz... à la rusa! Depois da queda da Checoslováquia, os comunistas preparam a subjugação da Finlândia, da França e da Itália. E enquanto isso, o Plano Marshall vai se desacreditando, como uma panaceia que não dá lá esses resultados. O motorista Hélio Alves Correia atropelou na Praça da República o operário Afonso Caetano. Intimado pela Rádio-Patrolha a transportar o ferido, vingou-se saindo com o carro em louca correria. Na primeira esquina "sobrou" do estribo um guarda que o prendera. Mais adiante o carro capotou, ferindo mais dois passageiros e de novo ferindo o inditoso Afonso Caetano que, ao levantar-se cambaleando, disse para o P. E. da Rádio-Patrolha: — "P'ra mim, chega..." Mas, como estamos no Brasil, Hélio Alves Correia continuará dirigindo automóveis. Niterói tornou-se a meca dos assassinos desconhecidos. Logo em seguida ao "suicídio" do estudante de medicina, surgiu a novela "Aracy, Viviani e a Machadinha", cujo epílogo nos foi dado como em filme de Jacques Tourneur. Novamente volta aquela cidade no cartaz, com o misterioso assassinato do vigia Waldemar Barbosa, empregado da companhia Coca-Cola... Por falar nisso, vem a propósito a notícia da inauguração da Escola de Polícia, à rua Joaquim Palhares, dirigida pelo ex-investigador e criminalista Silvio Terra. Vão tentar fazer bons investigadores e, inclusive, ensinar aos já ejetivados. Por que não abrem uma filialzinha em Niterói?... Grupos de terroristas judeus fizeram voar um trem militar da linha Egito-Palestina. Vinte e seis soldados britânicos morreram... Ao lado dos militares, funcionários públicos e comerciantes, juntam-se, agora, os empregados de hotéis, pensões e bares, pedindo aumento de salários porque a vida está cada vez mais cara, embora o governo tivesse prometido sustar a inflação monetária e dos preços... A polícia de São Paulo fechou o periódico "Notícias de hoje", por irregularidades... Mas, no mais, continua de pé a liberdade de imprensa... A Argentina ultimou a compra de todas as ferrovias que ainda se encontravam em mãos do capital inglês. O general Perón impôs condições, deu as ordens. Não fez como o ex-interventor Macedo Soares que comprou a São Paulo Railway por preço acima do seu valor. Aqui no Rio a Leopoldina quer ver se arranja alguém que lhe pague em ouro o seu ferro velho. Por que não aplicamos a receita do general Perón nessa questão de compras ferroviárias?... Um grupo de compositores pediu em julho a liquidação da UBC (União Brasileira de Compositores), alegando serem os seus diretores "simples usurpadores do patrimônio e confeccionadores de arbitrariedades e facciosas assembleias". Ai está uma classe que não se harmoniza: a dos compositores. Há sempre desafinação entre esses músicos... O Banco do Brasil resolveu proteger a economia nacional e proibiu a venda de dólares e de outras moedas estrangeiras aos brasileiros em viagem de recreio. Matou o turismo com uma simples portaria. Como primeiro resultado dessa "economia" ridícula e incompreensível, o dólar subiu no "câmbio negro" de vinte para vinte e oito cruzeiros. Será que não andou aí o dedo da CCP?... Explodiu a dinamite armazenada nos depósitos do morro do Pasmado, justamente no momento em que na tela do Cine Guanabara, no Mourisco, pulava para matar a "mocinha" o Fantasma da Ópera. A parede ruiu. Houve gritos, correrias e um espectador comentou: — "Não gosto desses filmes ultra-realistas"... Desabamento de tragédias proporções ocorreu no morro dos Macacos, em Vila Isabel. Três crianças morreram soterradas enquanto dormiam e quinze pessoas ficaram gravemente feridas... Outra tragédia dolorosa verificou-se com um avião da FAB que se dirigia para Manaus. Forçado a aterrissar na ilha de Marajó, chocou-se contra a floresta. Dos vinte e quatro tripulantes, vinte e um perderam a vida... A Igreja Romana proibiu às suas ovelhas que votassem em extremistas da esquerda, declarando que ninguém pode, ao mesmo tempo, ser bom católico e socialista". O senhor Getúlio Vargas, ex-ditador do Brasil, começou a escrever suas memórias. O prefácio talvez comece assim:

"Ai que saudades que eu tenho
Daquela fase da vida,
Da ditadura querida
Que os anos não trazem mais!..."

Os estudantes caricacis estavam protestando no Largo de São Francisco, com legítimas razões, contra o aumento das taxas escolares. O carro patrulha número dez resolveu acabar com o comício, recolheu as caixas de coleta de fundos para a campanha de protestos contra a alta dos colégios e prendeu o ginásiano Jerônimo Humberto Vanzellotti. Senhores da P.E.: eles querem estudos menos caros. E' crime bater-se por isso?... O momento teatral está animado. No momento em que encerrávamos esta edição, Bibi Ferreira e o elenco de Procópio batiam os "records" de bilheteria deste ano no Serrador com "A Pequena Catarina". Jayme Costa havia estreado no Glória com "O Tigre" de Sarah Marques. O Teatro do Estudante dava ao mesmo tempo "Hamlet" no República e "A Castro" no Fenix. Mesquitinha fazia a despedida de "O Folgado", no Rival e Renato Viana exibia "Sexo" no Regina. E em São Paulo Dulcina e Odilon terminavam uma temporada magnífica, com "Já é manhã no mar!", com receitas verdadeiramente excepcionais. E, para finalizar, mais uma edificante demonstração de "democracia" de certas camadas de elite dos Estados Unidos. Vamos transcrever o telegrama: "CORRERA SANGUE NAS RUAS! — WRIGHTSVILLE (Estado de Georgia), 3 (R.) — Cerca de 300 membros da famosa organização "Ku-Klux-Klan", envergando as suas tradicionais vestes de cerimônia com mantos e capuzes negros, desfilaram ontem à noite, pelas ruas desta cidade, saudando ruidosamente seu líder dr. Samuel Green, quando este declarou: "O sangue correrá nas ruas do Sul se os negros tiverem os mesmos direitos que os homens brancos. A Ku-Klux-Klan não permitirá jamais que os norte-americanos se transformem numa raça de mestiços". Por hoje, chega... até sábado.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





Na página ao lado: a enfermeira leva o bebê prematuro para tratamento na câmara de oxigênio. Em cima: a fila de parturientes pobres, à espera das visitas semanais dos parentes. Ambas as fotos foram tiradas na Pró-Matre, a maior maternidade para as camadas desfavorecidas do Rio. Apesar de ser a maior, conta apenas com cem leitos e luta todos os dias para a obtenção de remédios e aparelhamento cirúrgico. Para cada mil crianças nascidas no Rio, duzentas morrem nos primeiros meses de vida. Esse índice vergonhoso vem se mantendo inalterável há mais de vinte anos. Nova York perde menos de trinta crianças para cada mil.

“SER MÃE É PADECER”... NEM SEMPRE NUM PARAISO!

MORREM ANUALMENTE NO RIO MAIS DE SEIS MIL CRIANÇAS COM MENOS DE UM ANO DE IDADE — ESTAMOS RETROGRADANDO NO COMBATE À MORTALIDADE INFANTIL — OS EXÉRCITOS DEFENDERÃO PARA QUEM O BRASIL DE AMANHÃ? PROSTITUIÇÃO, O CAMINHO DAS MÃES SOLTEIRAS — A S.U.I.P.A. E O S.A.M., ESPELHO DA INCAPACIDADE OFICIAL

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O coeficiente de mortalidade infantil no Rio de Janeiro, sede do governo nacional, é um dos índices mais alarmantes das condições sociais do nosso país. Seis mil crianças morrem nesta cidade, nos primeiros doze meses de vida, por falta, principalmente, de alimentação adequada. As estatísticas provam que no tocante à proteção à maternidade, infância e adolescência estamos com cinquenta anos de atraso. Isto no Rio de Janeiro. No interior, onde não se faz estatística, o atraso é muito maior. Há países mais afortunados, que vêm combatendo as causas da mortalidade infantil e conseguindo, ano após ano, o seu decréscimo. No Brasil, porém, a coisa é diferente. Em 1920 nasceram nesta capital 33.718 crianças, das quais morreram 5.203. O coeficiente de mortalidade era de 154,3 por mil. Quase vinte anos depois, em 1939, vieram à luz 33.131 (decreceu a natalidade!), das quais morreram 6.376. O número das que baixaram à cova aumentou para 192 por mil. Até hoje a média é a mesma. Em cada mil crianças aqui nascidas, duzentas morrem nos primeiros anos de vida. Isso prova, sem contestação, que nenhum dos nossos governos tratou a sério da questão. A ditadura de Getúlio Vargas foi fértil em decretos de assistência aos pequeninos e às gestantes. Mas os decretos eram pura demagogia. Tudo ficou no papel. Nada de eficiente fizeram os inúmeros órgãos responsáveis, inclusive o inoperante Departamento Nacional da Criança. Da minguada verba orçamentária que o Ministério da Educação e Saúde recebe do Legislativo, sai uma pequenina quantia para criar o Brasil de amanhã. Gastamos quase a metade do orçamento nacional na defesa do Brasil de hoje. São enormes as despesas que nos acarretam os armamentos e os soldados que os manejam. Não somos mais patriotas, nem queremos uma pátria indefesa, aberta à cobiça alheia. Mas, — apesar disso, perguntamos: para quem estamos defendendo estes oito milhões de quilômetros quadrados, — se todos os dias perdemos uma grande batalha, — a da mortalidade infantil, sacrificando o Brasil de amanhã?

SER MÃE NO BRASIL, É PADECER...

Se a mãe é pobre, ter um filho constitui um problema de tal ordem, que é capaz de arrastá-la para sempre

à rua da amargura. Ser mãe pobre é padecer... E não no paraiso do poeta. Isto não é simples retórica. É reflexo do que observamos nesta reportagem. A classe pobre do Rio, a mais prolífera, começa por não ter onde fazer o parto. Lavadeiras, cozinheiras, arrumadeiras, empregadas de fábricas, esposas de trabalhadores e milhares de outras mães de condição humilde não podem ter o filho em casa. Moram em casas-de-cômodos, sendo às vezes o mesmo quarto ocupado por cinco ou seis pessoas da família. Ou, então, moram em barracos sem nenhuma higiene. Procuram por isso uma maternidade do governo ou de instituições particulares. Só as procuram quase na hora do parto, quando as dores as impedem de continuar cozinhando e lavando a roupa dos maridos ou tratando das casas das patrões. Buscam um leito onde possam ter o filho, mas isso não existe. A Pró-Matre, instituição benemerita, a maior maternidade gratuita do Rio, conta apenas com cem leitos. No dia em que lá estivemos havia cento e dez internadas. Prova de que os médicos que ali trabalham, gratuitamente, fazem milagres para receber mais do que a lotação permite. Além desse hospital, existem ainda no Rio outros duzentos leitos, distribuídos pelas Maternidades de São Cristóvão, da Avenida 28 de Setembro, Maternidade-Escola Casa da Mãe Pobre, na estação do Riachuelo e as anexas aos hospitais Getúlio Vargas, Miguel Couto, Carlos Chagas e Artur Bernardes. Ao todo trezentos e poucos leitos para vinte mil mulheres indigentes, ou quase indigentes, que não podem pagar o que pagam as mulheres da classe média nas maternidades particulares.

A ESTATÍSTICA NÃO ESTÁ CORRETA

A grande maioria das gestantes, que se encontram na Pró-Matre é de cor, — provando isso que a raça negra, economicamente, não alcançou a igualdade que lhe é devida. Trinta delas estavam sentadas em longos bancos esperando as visitas. Essas visitas são poucas, pois quase ninguém se importa com o que lhes vai acontecer. As que são casadas, recebem os maridos. As outras, as mães solteiras, distraem-se com os visitantes das companheiras. Dona Efigênia de Souza, lavadeira de profissão, preta retinta, aparentando quarenta anos, foi por nós interrogada:

— Quantos filhos teve, dona Efigênia?

— Tive seis. Três morreram nos primeiros seis meses. Todos de dor de barriga.

E não era para menos. Mora num barraco em Caxias, composto de uma só peça, terra de chão batido. Dormem todos ali e ali se alimentam. Comem o que o magro ordenado de seu marido, trabalhador do Cortume Carioca, permite comprar. Ela não se espanta com o índice da mortalidade. Todas as lavadeiras suas amigas perdem os filhos na mesma proporção. Melo a melo. Para três ou quatro que vingam, raquiticos, sub-nutridos desde o embrião, outros quatro ou cinco vão fertilizar a terra inútil dos cemitérios.

Outra hospitalizada, dona Raymunda Maria do Nascimento, apesar de possuir condições de vida ligeiramente superiores à sua amiga, estava, contudo, na mesma situação. Trabalha o marido e ela na Companhia Souza Cruz. Teve sete filhos, três morreram aos seis meses. Moram todos, os quatro filhos sobreviventes e o casal, em um quarto de uma casa-de-cômodos. Nesse quarto, pequeno demais para um casal, vai morar o recém-nascido. Conseguirá o bebê passar do primeiro ano de vida?

O PROBLEMA SE COMPLICA

Entre as cento e dez gestantes que encontramos na Pró-Matre, cinquenta, talvez, eram solteiras. Se o filho para a mãe pobre é um problema, fácil é avaliar-se o que isso representa para a mãe pobre e solteira. Se era antes empregada doméstica, o aparecimento do bebê decretou-lhe a despedida. Apesar da falta de empregadas, rara é a patroa que as admite com crianças pequenas. Tanto mais que a regra do apartamento é a falta de espaço. Quanto aos pais das crianças, geralmente deixam em abandono completo tanto a mulher como o filho. Sem amparo, sem emprego, sem creche onde deixar a criança, os caminhos da mãe-solteira pobre no Rio são dois, apenas. Dar o filho a qualquer pessoa que se interesse por adotá-lo ou cair na mendicância, um dos poucos meios de vida que lhe restam e no qual até os filhos ajudam. Quando não é a mendicância, é a prostituição.



Em cima, à esquerda, aparece dona Raymunda Maria do Nascimento. Apesar de ela e o marido trabalharem, a vida não é fácil para um casal com três filhos, em véspera do parto. Já teve mais três que morreram antes de completarem um ano de idade. Toda a família mora num pequeno quarto de uma casa-de-cômodos. Em baixo, aparece a mais antiga enfermeira das maternidades do Rio, dona Leonor, da Pró-Matre. Já ajudou a nascer doze mil oitocentos e oitenta e nove garotos. Todos, filhos de gente humilde. Isso quer dizer que quase sete mil morreram nos primeiros meses. A população pobre do Rio está cada vez mais sub-alimentada e a grande mortalidade infantil é uma prova eloquente desse enfraquecimento.

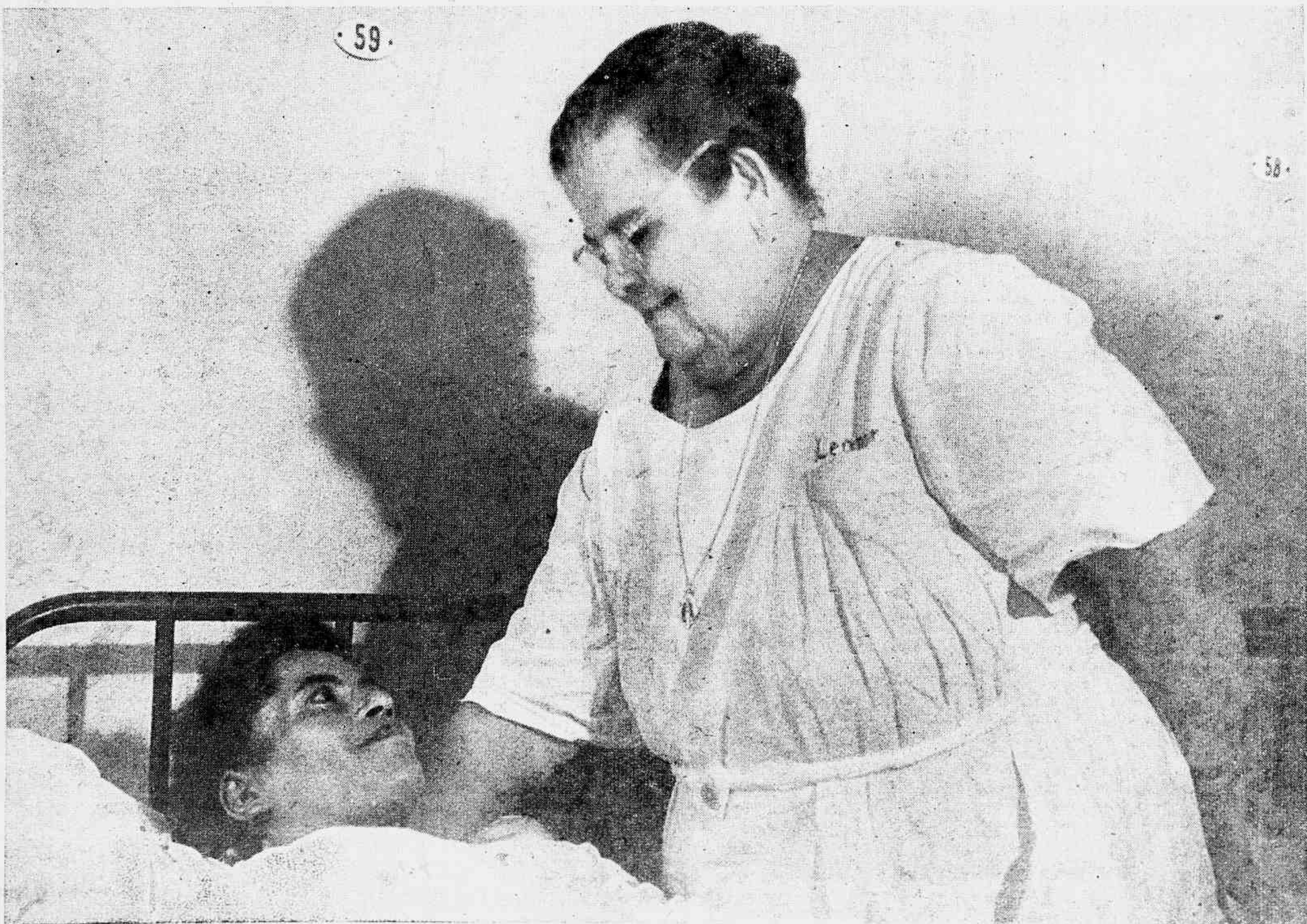
Na Maternidade-Escola funciona um posto de Assistência Social que procura re-empregar as mães sem recursos e sem ajuda. Dona Ligia Barcelos nos disse a respeito:

— O desvio das mães solteiras para a prostituição é um dos nossos maiores problemas. É um perigo, principalmente para as empregadas domésticas, moças do interior, sem parentes no Rio. Não têm onde morar, nem emprego. Daí para a venda do corpo, é um pequeno passo.

Na varanda que dá acesso ao escritório onde funciona a Assistência Social, estavam dois casos reais desse problema: uma mocinha de cor, muito jovem, com um garoto ao colo. Ao seu lado, outra mocinha, de um moreno pálido, também com o seu bebê. A primeira fora despedida da casa onde trabalhava um mês antes do parto. Sem ajuda, sem nenhum interesse dos patrões pela sorte da empregada. "Não temos nada com isso", pensam eles. Também pensou assim o pai natural de Alberto, o menino pretinho que nasceu na Maternidade-Escola. A outra também era empregada doméstica. Está morando por favor em casa de uma conhecida. Não conseguiu emprego, após o parto. Todas as vezes que fala a uma patroa em perspectiva em levar o filho, recebe um não seco e definitivo. Sua esperança é encontrar uma creche onde possa deixá-lo durante o dia. Conta com o serviço de Assistência Social para isso. Mas que poderá este fazer se o número de creches é deficiente? Quando todos os esforços para manter o filho com uma vida decente são inúteis, só há um remédio: tomar o mau caminho...

OS INFELIZES DE AMANHÃ

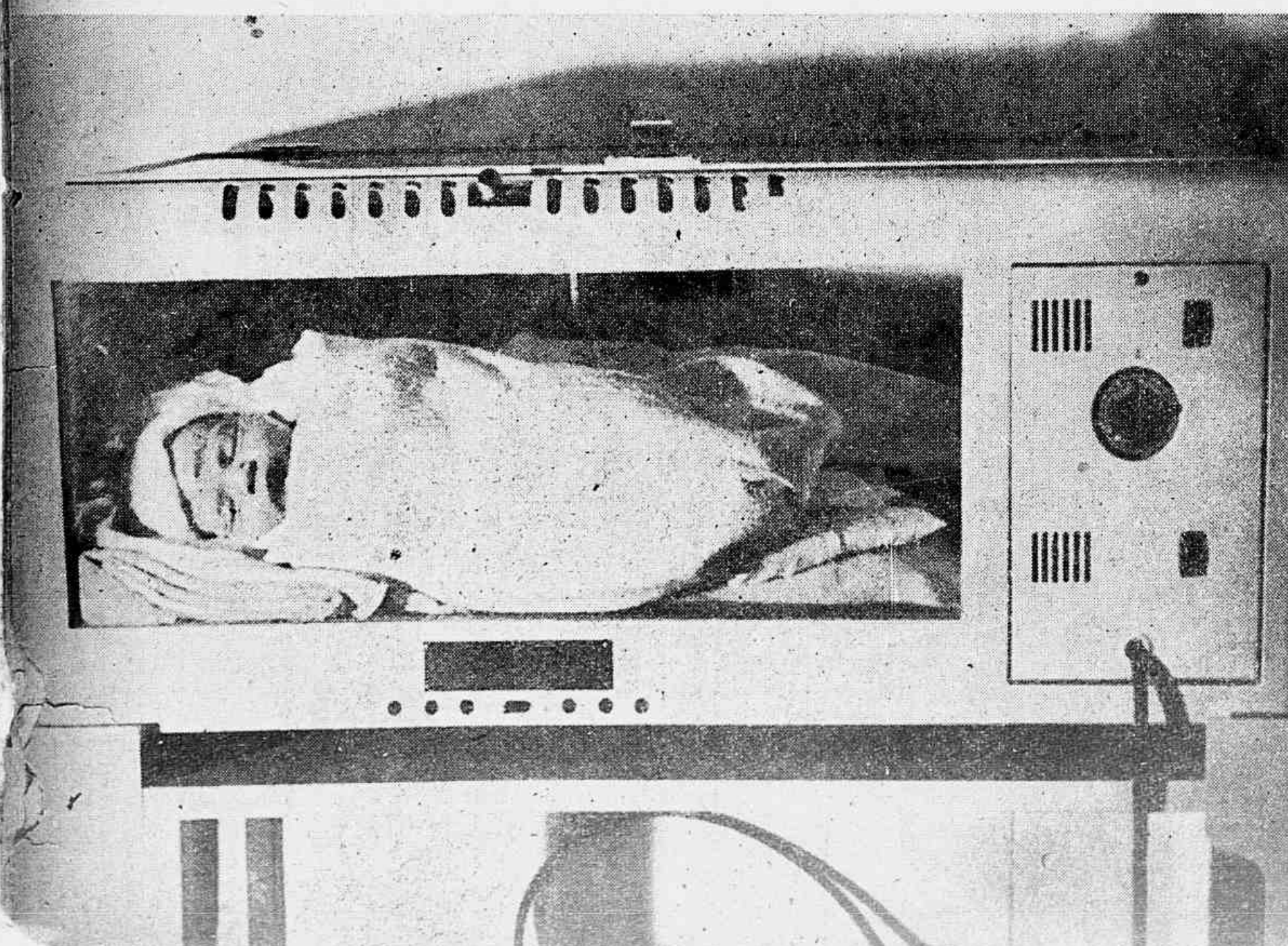
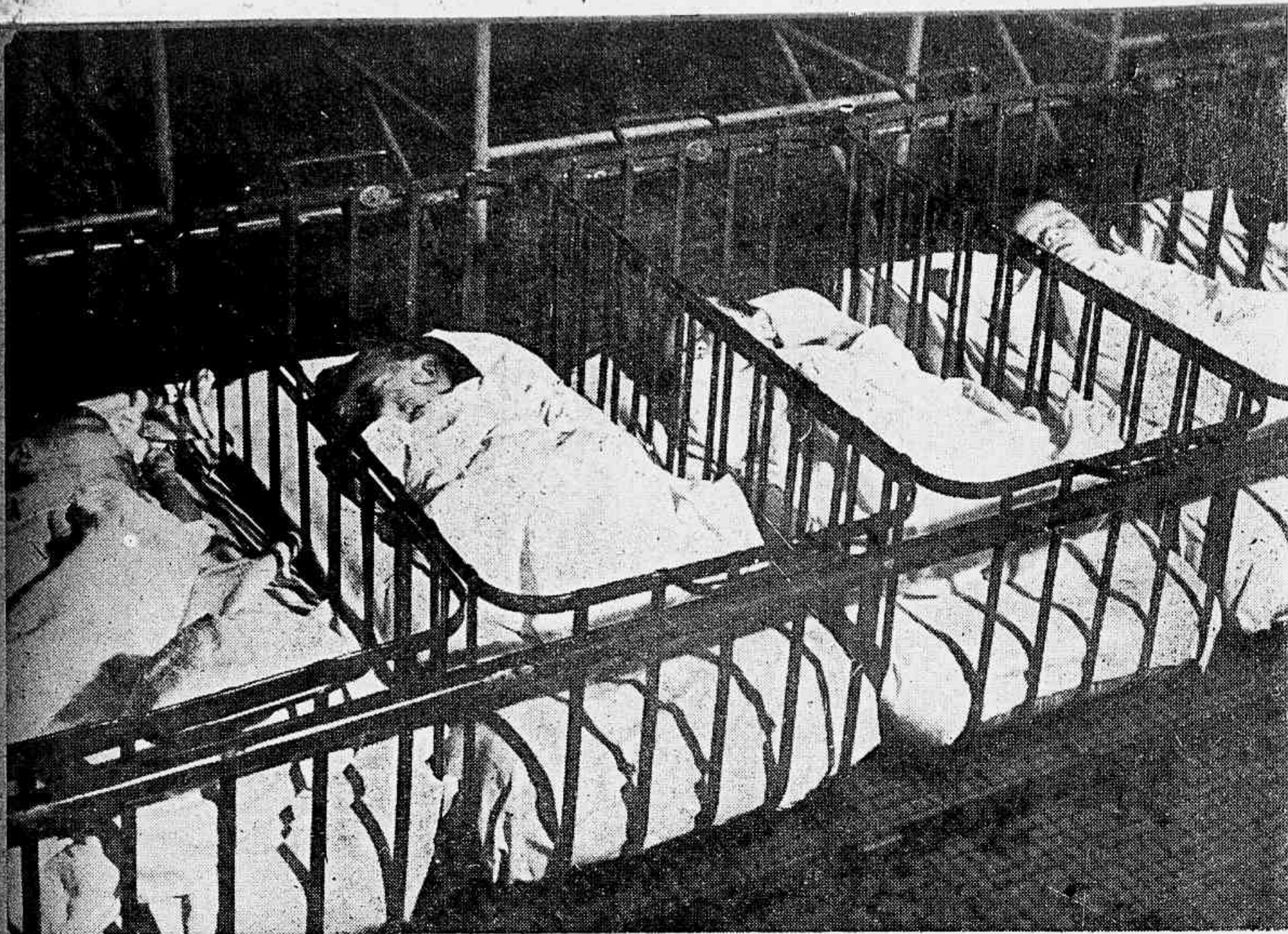
O filho da mãe pobre começa a sentir a desigualdade econômica e a sofrer com esse desamparo desde a sua formação, quando ainda está no ventre materno. O doutor Eurico Costa provou em minucioso relatório ao nosso governo que os recém-nascidos de gestantes re- ganham um quilo a mais em comparação com os repousadas — principalmente no último mês de gravidez cém-nascidos de gestantes não repousadas. Qual das mães humildes do Rio ou de todo esse Brasil pode cumprir esse resguardo repousante? Trabalham até a última hora e só chamam a assistência quando o nascituro ameaça aparecer aos berros. Vimos na Pró-Matre casos assim. Quando a ambulância vai buscar a parturiente o estado de gestação é tão adiantado que o bebê por vezes nasce dentro do próprio carro. Outras vezes nasce no ambulatório, sem dar tempo a que se encha a ficha de internamento. Muitos desses bebês nascem com o peso abaixo do normal, fraquinhos. Os médicos fazem





Em cima: dois carloquinhos sem pai. Suas mães foram empregadas domésticas. Com a gravidez perderam primeiro o emprego e depois o amante. Quase a metade das gestantes que procuram os hospitais públicos, sem recursos, são mães solteiras. Fazem oferta dos filhos, mesmo antes do parto. Para elas, sem a menor proteção moral e econômica, ser mãe é uma desgraça. Em baixo: dois recém-nascidos abandonados pelos pais mal vieram ao mundo. Não têm nome; uma plaquinha de metal com um número, é a única prova de que vieram a este vale de lágrimas.





tudo para salvar aquelas pobres vidas. A incubadora da Pró-Matre está sempre lotada por esses entezinhos. O hospital precisaria de pelo menos seis incubadoras para atender a todos esses casos. Só tem uma. Os nossos capitalistas gastam o seu dinheiro à larga no pique-paie e outros prazeres, mas poucos se lembram de ajudar o salvamento de dezenas de bebês.

— Ora, são anjinhos! Têm ingresso grátis no céu, — devem dizer. E ficam tranquilos, com a consciência cristã sossegada...

ESTE SERA' O BRASIL

As parturientes que procuram em tempo útil o ambulatório das maternidades, onde recebem algum tratamento médico, acusam alarmantes índices de doenças hereditárias. A sífilis está no sangue de quase todas elas. Quase cem por cento da população de párias, cariocas tem o treponema pálido no sangue. Por isso os médicos — que lutam heroicamente pela obtenção de remédios, vitaminas, etc. somente tratam daquelas em que a reação acusou três cruzes. Esse grupo perfaz trinta por cento das examinadas. Quanto a outras enfermidades, basta anotar a estatística que as descreve no quadro da mortalidade infantil. Em cem crianças mortas, a sífilis ceifou trinta e duas, a tuberculose dez, as gastro-enterites e outras moléstias ficam responsáveis pelo complemento. Isso nos dois primeiros anos de vida. Porque a sífilis e a tuberculose continuam a ceifar milhares de vidas de adolescentes. Depois de toda a tragédia pré-natal e post-natal, o garoto pobre que conseguiu viver, apesar de mal alimentado e portador de doenças latentes, deveria merecer uma estátua em praça pública. Mas não termina aí a sua batalha. Não lhe dão escolas, nem aprendizagem profissional com salário que lhe permitisse comprar as vitaminas necessárias. A nova geração, filha da gente humilde, está nascendo cada vez mais pobre e doente e ninguém cuida de salvá-la.

FILHOS SEM PAI E SEM MÃE

Os filhos das arrumadeiras, cozinheiras, lavadeiras, operárias, formarão os milhares de enjeitados que amanhã venderão jornais (um dos grandes empregos para a classe!) ou serão recolhidos pelo "tintureiro" da Delegacia de Menores vagabundando pelas ruas. Nasceram muitas vezes odiados pela própria mãe. Vimos casos de mães solteiras, internadas na Pró-Matre e Maternidade-Escola, que ainda não tinham dado à luz o filho e só pensavam em uma coisa: doá-lo a qualquer pessoa que o quisesse levar. Doar filhos no Rio é difícil. Os que querem adotá-los exigem saúde perfeita dos pais e do bebê. Em cada cem, encontram cinco bebês que preenchem esses requisitos. Algumas, depois que vêem ao seu lado o filho antes considerado indesejável, tomam-se de amores repentinos e resolvem criá-los a todo o custo. Os pais naturais são desumanos, com o abandono a que relegam suas amantes de ontem. Os médicos contam casos de negociantes bem estabelecidos com cafés, quitandas, etc. que não auxiliam com um centavo as despesas do nascimento do filho. Acontece, às vezes, que a gestante morre do parto e a criança fica desde os primeiros dias entregue à caridade pública, quase inexistente no Brasil. Esses meninos serão os futuros hóspedes do S.A.M. e das Penitenciárias, por culpa dos senhores brancos que votam as menores verbas para os ministérios que tratam da saúde e da educação do povo.

A CRIANÇA E OS CACHORROS

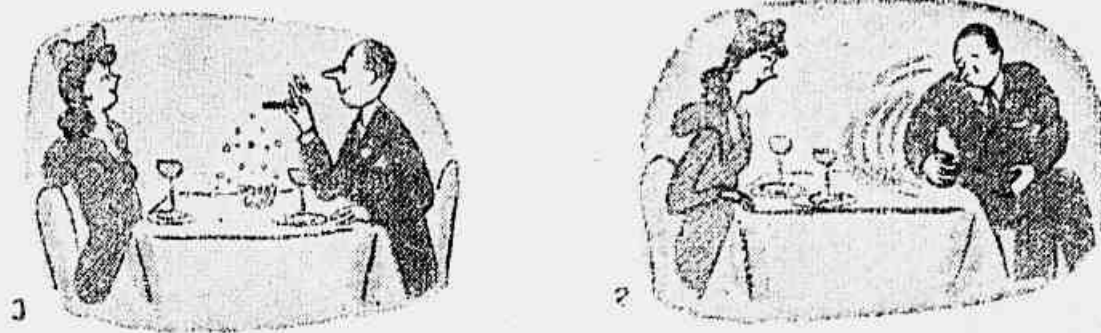
Para que qualquer um possa avaliar o grau de abandono que existe no Rio (a segunda cidade da América do Sul) pela infância desvalida, podemos buscar exemplos dentro desta mesma capital. Basta compararmos os recolhidos do S.A.M., o maior serviço de assistência aos menores do Rio, com a SUIPA, a maior organização da cidade para o recolhimento dos animais sem dono. No SAM falta tudo aos maltrapilhos. Na SUIPA todo o conforto é proporcionado aos cães e gatos abandonados. Bastaria para remediar o mal que, os responsáveis pelo amparo à infância no Rio, tratassem de desobrigar-se de suas funções com o mesmo carinho com que os diretores da SUIPA tratam desta sociedade. Dentro da própria solicitude aos cães vadios há estranhos paradoxos. Pessoas que gastam mil cruzeiros mensais com dois cães de luxo e não desembolsam a metade desse dinheiro em socorro de seus irmãos humanos, que não têm nem onde nascer, nem onde morar, nem o que comer. Dona Efigênia de Souza, a preta que mora com três filhos e o marido num barraco de uma só peça em Caxias, estava cheia de razões quando terminou de contar a história de sua vida miserável. Olhando para o ventre enorme, do qual saíria no dia seguinte um desamparado filho, resumiu suas tristezas:

— Ser mãe pobre nesse país é uma desgraça!...

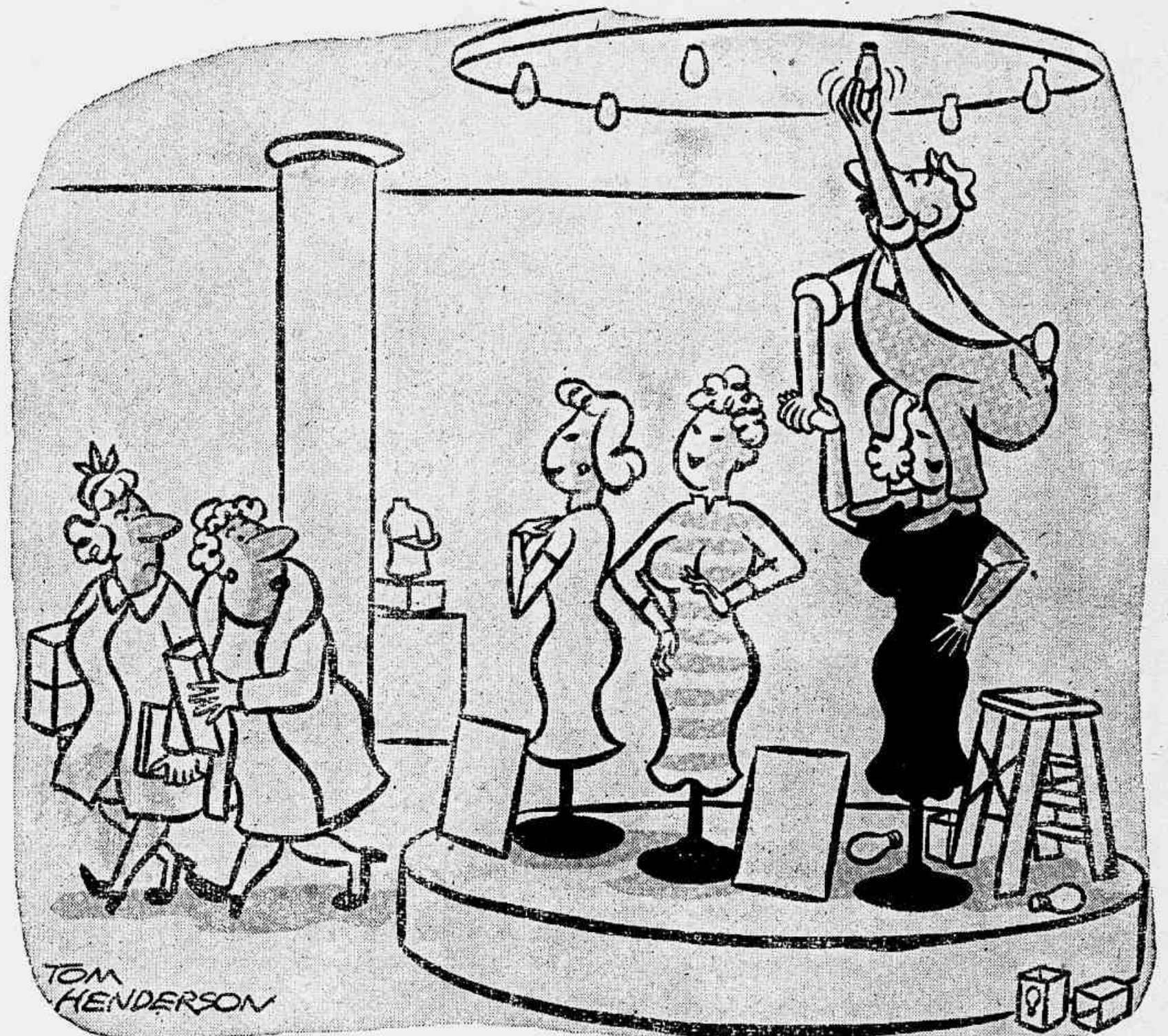
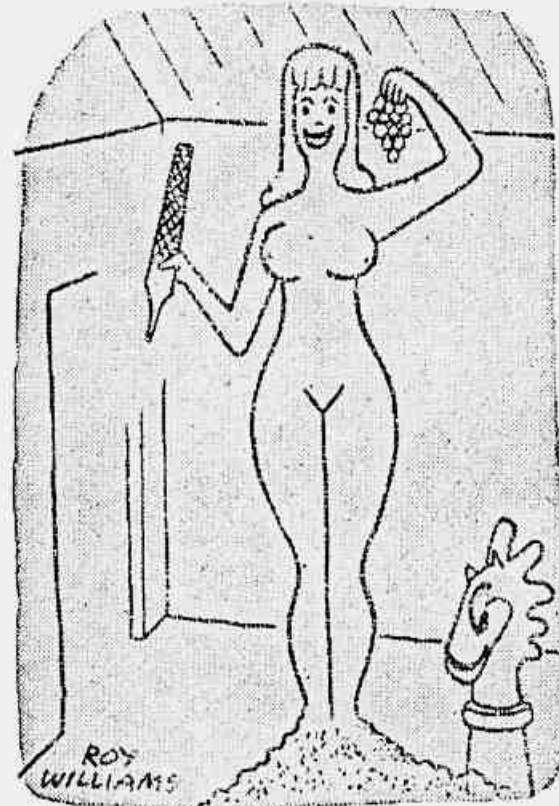
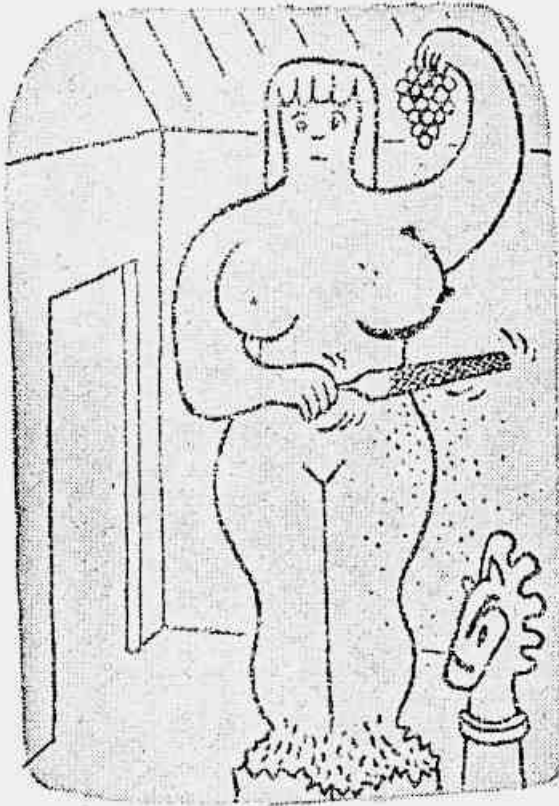
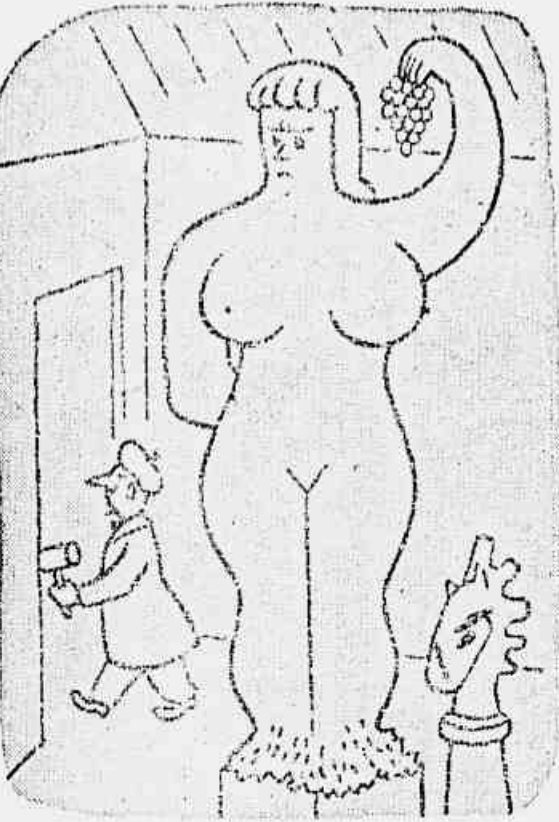
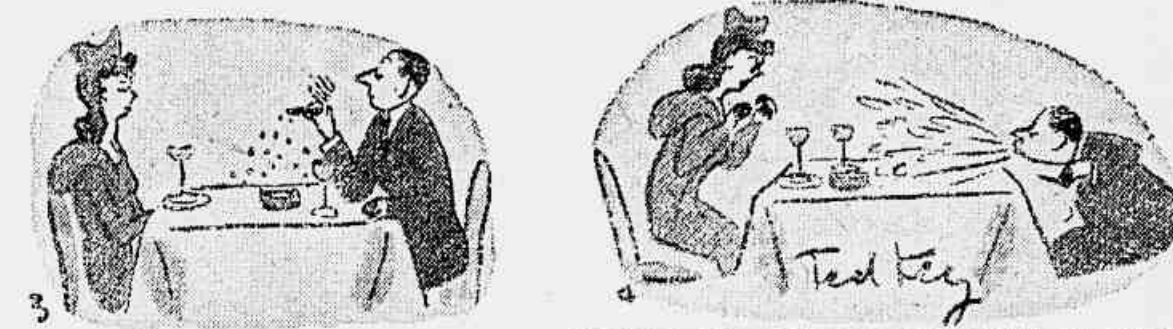
Em cima: quantos destes que dormem chegarão à juventude? Se escaparam da sífilis que dizima no Rio 32% dos recém-nascidos; da tuberculose, 10%; das gastro-enterites, 10%, candidatam-se a um lugar no SAM, daqui a alguns anos. No centro: um fenômeno de caridade humana no Rio! A patroa que vai visitar a sua empregada e que lhe garantiu a re-admissão no emprego, mesmo com o filho. Em baixo: um recém-nascido prematuro, guardado como se fosse um tesouro na incubadora elétrica. Depois da incubadora o chão frio do barraco e, daí a meses, o chão ainda mais frio da sepultura. Esse é o destino de cinquenta por cento das crianças pobres da cidade.

BOM HUMOR

NOIVOS



CASADOS



— Isso que está admirando há tanto tempo como se fosse um quadro surrealista é apenas a janela, meu caro senhor.





Ao alto: Maureen O'Hara, em palestra com Luís Serrano, correspondente especial de A CENA e REVISTA DA SEMANA, em Hollywood. Em baixo: Maureen O'Hara, ao lado de Douglas Fairbanks Júnior, no technicolor da RKO Radio, "Sinbad, o marujo".



MAUREEN O'HARA COMEÇOU A TRABALHAR AOS DOZE ANOS

E DEVE SUA CARREIRA CINEMATOGRAFICA AO CANTOR HARRY RICHMAN E AO ATOR CHARLES LAUGHTON — INTERESSANTE CONVERSA À MESA DE UM RESTAURANTE

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de A CENA e REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

QUANDO Maureen O'Hara se tornou "estrela" cinematográfica, aos dezanove anos, o fato pouco surpreendeu sua família e amigos, pois todos aqueles que a conheceram de criança esperavam que mais cedo ou mais tarde ela triunfasse na arte cênica. Seu primeiro desempenho na tela foi o principal feminino de "A Estalagem Maldita", com o grande Charles Laughton. E o segundo foi também com Laughton, em "O Corcunda de Notre Dame". E foi a sua magnífica interpretação neste grande filme que lhe proporcionou o estrelato e um papel em "Como Era Verde o meu Vale", de Darryl F. Zanuck, na Fox.

Maureen O'Hara nasceu em Dublin, na Irlanda, a 17 de Agosto. Pisou pela primeira vez, aos cinco anos,

"Close-up" de Maureen O'Hara, a esquisita flor da Irlanda, transplantada para a Califórnia.

um palco para declarar um pequeno poema, no entre-ato de uma peça escolar. E tão bem impressionou a platéia com a leitura do poema que várias pessoas logo aconselharam sua mãe a que a fizesse estudar arte dramática. Assim, a pequena Maureen começou a aprender a representar e nunca mais se desviou dos palcos.

Criança, Maureen dramatizava todos os pequenos acontecimentos da vida. Dançava com a própria sombra, no jardim, escrevia, produzia e dirigia peças para os dois irmãos, três irmãs e para a criança da vizinhança.

— Cobrávamos o equivalente a quarenta centavos de entrada, e gastávamos o dinheiro em doces. Depois, quando precisávamos de fundos para nova peça, estávamos sempre falidos.

Meu pai construiu um teatrinho no fundo do quintal, para nós. Eu, como a segunda dos seis filhos, mal os pequeninos aprediam a andar e a falar lançava-os no palco. E a nossa vida era assim... teatro, teatro e teatro. A mania teatral era minha em particular, mas, como eu os forçasse, tanto meus irmãos como os nossos amiguinhos acabaram contaminados pela doença. Você sabe, o mais forte teimoso sempre leva vantagem sobre os outros.

— E quando foi que você começou a trabalhar fora do ambiente familiar, Maureen?

— Aos doze anos, quando fui convidada para um programa radiofônico e ganhei o primeiro dinheiro como profissional. Antes disso eu já representara em muitos lugares, entre clubes, festas de igreja, espetáculos de amadores, mas sempre entre amigos e conhecidos. Aos quatorze, estava na escola do Teatro Abbey, onde consegui alguns papéis destacados e ganhei algumas medalhas e outros prêmios nos frequentes festivais e concursos dramáticos tradicionais da Irlanda.

— E qual foi o acontecimento, como se costuma dizer, decisivo na sua carreira?

— Uma noite, depois de um espetáculo, houve uma festinha onde fui apresentada a Harry Richman, um cantor. Eu tinha então dezessete anos, e não por sombras imaginei que impressionara fortemente o cantor. Duas semanas depois recebi uma carta de um estúdio cinematográfico inglês, convidando-me a comparecer imediatamente a Londres para um teste. Soube depois que fora Harry Richman quem conseguira dos chefões da companhia a linha chamada para a experiência. Mas, quando recebi a carta, já estava indicada para o papel principal de uma peça a ser encenada pelo Abbey. Fiquei um pouco indecisa sobre o que fazer, mas acabei decidindo. Saí para Londres com minha mãe, numa quarta-feira, e na sexta submeti-me ao teste. No sábado recebi ofertas de dois estúdios. Consultei meu pai por tel fone e resolvemos não aceitar nenhum dos dois contratos. Eu e minha mãe planejávamos voltar para Dublin na segunda-feira de manhã, mas o agente que estava tratando do meu caso arranhou uma entrevista com Charles Laughton e me pediu que adiasse a partida para o outro dia. Falámos com o sr. Laughton e regressámos a Dublin na terça-feira. Encontrámo-nos em casa.

(Cont. na pág. 40)

Maureen O'Hara e John Payne, em uma cena de "De Ilusão também se vive", da T. C. Fox.





A. Hernandez Catá, autor deste admirável conto, no qual se reúnem tôdas as grandes qualidades do gênero, poder de síntese, clareza de exposição, emoção e originalidade do tema, foi embaixador de Cuba, no Rio, onde morreu há três anos, em estúpido desastre de aviação que custou a morte a mais vinte e tantas pessoas, inclusive o sanitarista patricio, Evandro Chagas. Acima disso, porém, foi um dos mais brilhantes homens de letras do continente, especialmente contista ("Os frutos ácidos", "Uma mulher má", etc.) A página que damos hoje aos nossos leitores é, aliás, a mostra mais vigorosa do que assinalamos.

«Par ceux qui sont dans le déplaisir de se voir sans foi, on voit que Dieu ne les éclaire pas; mais les autres, on voit qu'il y a un Dieu qui les aveugle.»

Pascal — «Pensées». Section III n° 202

A fila de seminaristas entrava pelo largo portão, e o homem esguelo permanecia extático, contemplando, com olhar ao mesmo tempo alheio e atento, o interior do pátio que se enchia pouco a pouco de alegre sussurro. Todos os seminaristas, ao passarem, o tinham examinado sem voltar ao menos para ele a cabeça, com esse modo em que só intervêm os olhos, ensino comum em todos os cursos em conventos e seminários.

Aquêle exame múltiplo, perturbando-o como uma sensação física, tinha-o feito afastar-se um pouco do caminho; porém sua alma inteira ia com o olhar, e as recordações subiam-lhe em tropel do fundo da alma, e eram opressão na garganta, ritmado bater das têmporas, lágrimas estranguladas nas pálpebras. Aberta a porta, o pátio, com seu alto claustro vigilante, o doce e impe-

o rativo som do sino, marcava-lhe na memória o lapso feliz de sua infância, passado entre aquelas paredes cujo poder apaziguador não havia compreendido de todo até então. E somente quando os portões começaram a mostrar-lhe, ao se fecharem, as toscas superfícies cheias de cravos, foi que saiu do êxtase e com violenta decisão se aproximou para interpelar o leigo:

— O padre Sabastião?
— Não é hora de visita. Além disso...
— É para alguma coisa muito importante... muito importante.
— Importante para ele ou para o senhor?
— Para mim... porém para ele também, tenho a certeza. Diga-lhe que está aqui Lizárraga... o pequeno Lizárraga.

Conto de A. HERNANDEZ CATA



— E' que...

— O senhor praticará uma boa ação avisando a ele. Peça-lhe, pelo amor de Deus.

O leigo, vagaroso, olhou-o pela primeira vez de frente e, ao ver o rosto descarnado e os olhos acesos de ansiedade, cedeu:

— Vou avisar a ele, apesar da hora; porém como o padre Sebastião está tão velhinho e mal sai da cela, não sei... De qualquer modo vou... Faça-me o favor de entrar e espere... Entre aí na sala de visitas.

— Sim, muito obrigado.

Subiu os três degraus que a elevavam e separavam do saguão, e se achou na sala onde tantas vezes entrara outrora.

Na penumbra tibia do recinto, sua vista, cheia ainda dos fulgores da tarde, necessitou de vários segundos para discernir bem os objetos. Quase se pode dizer que os percebeu antes com a memória; e um estupor impurificado por nuances de censura se lhe iniciou na alma quando foram surgindo da meia luz os amplos divãs forrados de cinzento, o frontal com a cruz donde uma imagem desaprumada pendia sujeita apenas pelas mãos, as estampas ingenuas simetricamente colocadas sobre a parede caída, os móveis volantes que, na sua humilde insignificância, tinham resistido às provas do tempo e o acolhiam depois de tantos anos, enquanto ele chegava até eles desfeito, com a alma árida e transida.

Pouco a pouco, adquiriram até os menores detalhes e vivacidade de contornos, e então comprovou com quanta plenitude se havia detido a vida naquele remanso; num ténue raio de sol, para os lados da janela fechada no canto, brilhava o pó. Quantas vezes tinha visto, quando menino, aquele cortejo inumerável, dourado, inquieto!... o ar úmido e cheiroso a tomilho, a lâmpada de cristais filitantes preservada por gases verdes, o estalo do fôrro de madeira, a concórdia tácita do ambiente com as coisas e com o silêncio, aliando-se à sua evocação, o levaram à época longínqua de sua meninice; e durante uns minutos, esquecendo-se de seu último «eu», sentiu-se menino naquele quadro de sua infância; e uma beatitude de sonho, de mole inconsciência, dilatou-lhe o espírito... Não ouviu a porta abrir-se, nem viu uma figura nobremente decrépita avançar para ele. E ao sentir duas mãos sobre seus ombros estremeceu e se pôs de pé de um salto, de um salto imenso que ia do passado feliz ao presente.

— Padre Sebastião!

— Meu filho!...

— Talvez não devesse ter vindo... Perdoe-me... Porém queria vê-lo... Precisava vê-lo... Também o senhor está comovido!

— E' a velhice e a alegria... Sempre que vejo aos que estudaram comigo isso acontece... e por isso me querem proibir esses encontros... Quando já é o que me resta de melhor!

— Pensei que o senhor não ia reconhecer-me.

— Conheço a todos pela voz... Antes de entrar creio que vou achá-los rapazinhos como naquele tempo, e, às vezes, a mudança é tão grande, tão triste, que fecho os olhos para ouvir somente a voz, que é o que munda menos... Em ti a mudança não é tanta; tens os mesmos olhos, tua mesma boca, eu os sigo daqui; e a ti, que foste dos melhores, com mais interesse... Faz quatro ou cinco anos, quando ainda lia, vi os grandes êxitos de teu irmão e teus na química.

O homem esguio estremeceu, e, de repente, fundos soluços lhe vieram das entranhas, enquanto a cabeça afundou entre o óco das mãos, num ademã de negação inexorável.

O ancião sentou-se a seu lado, e depois de o deixar chorar até que se aquietasse o primeiro pesar, tomou-lhe as mãos, que se obstinavam em resistir. Sua voz, ao falar-lhe, foi balsâmica, apenas interrogativa, maternal:

— Vamos ver... vamos ver... Que foi que o mundo fez contigo?

— Deixe-me... Não toque nestas mãos manchadas!

— As manchas se lavam; o arrependimento apaga até mesmo as piores.

— São de sangue, padre Sebastião!... de sangue!

— Ah!... meu pobre filho!

— Não me repila... Ouça-me!

— Pobre filho!... Acalma-te... Como hei de repelir-te!... Fala, fala!...

E suavemente, à medida que as palavras acudiam em fervido tumulto, o homem esguio foi escorregando, escorregando, até cair de joelhos.

«Hei de começar desde o princípio, não para me desculpar, mas para que me compreenda bem... E o princípio é quase logo depois daqui, quando Júlio e eu acabamos os estudos, e, livres da disciplina estreita e cômoda, nos lançamos à vida larga que nos arrebatou imediatamente em seus torvelinhos.

Não sei se o senhor se recordará de nossas particularidades de caráter. Ele era mais forte, mais sagaz, mais resoluto e rápido; eu mais lento, talvez mais seguro, menos ambicioso de conquistar um triunfo que ultrapassasse em muito as necessidades estritas. Privados quase em seguida da assistência do parente que nos serviu de pai, começamos a viver, a lutar, depois de dois anos de universidade em que fizemos exame livre de todas as matérias da carreira. Nós nos completávamos, não só para fazer frente às necessidades quotidianas, como também nos estudos, no modo de delinear e resolver os problemas de nossa profissão... Éramos como os dois braços dum corpo, e em breve nossos êxitos de químicos nos facilitaram trabalho bem remunerado e esperanças de achar meio de nos associarmos com pessoas que nos pou-

passem o rude calvário dos inventores... Essa foi a época dos triunfos a que o senhor aludiu... Dois banqueiros judeus nos tomaram, nos reduziram a algarismos, e nenhum louvor da publicidade nos faltou; ao contrário, o que nos faltava era tempo para prosseguir com calma o trabalho de investigação... E aqui surgiram as primeiras divergências; não entre mim e Júlio, que só nos diferenciávamos num ponto tão estranho à vida externa que, embora sendo essencial como o senhor verá, não dava para se converter em pomo de discórdia. A divergência foi com nossos sócios. E' que nos parecia indecoroso exhibir-nos, enganoso anunciar empresas e indústrias baseadas em descobrimentos não comprovados ainda. Compreende? Absortos em nosso laboratório, gozando a pura orgia de não carecer de nenhum elemento de estudo e de trabalho, passamos uns anos felizes. Nem diversões, nem mulheres gastadoras de energias, nem preocupações econômicas — pois, verdadeiros iludidos, jamais nos ocorreu vigiar os contratos — nada nos afastava de um trabalho que, sendo científico, era quase de sonho. Nossos olhos, fatigados pelo resplendor dos pequenos fornos, do perscrutar paciente, não podiam ver as redes sutis que nos iam estrangulando.

A rotura veio a modo de tempestade repentina, terrível, da qual nem sequer pudemos salvar nosso crédito, pois os credores, egoisticamente, em vez de nos considerarem como outros infelizes burlados, nos lançavam ao rosto haver prometido mentirosas aplicações industriais, armadilha para sua cobiça e ingenuidade... Foram meses de angústia, de aprendizagem da dor, que fortificaram em nós a única diferença de caráter que tantas vezes o senhor havia observado até nas inclinações de nossas brincadeiras...

Júlio, no seu ímpeto, entregou-se ao desespero; sua fantasia se envenenou com projetos de vingança, e se apoderou dele um desassosségo doentio, que não tardou em afastá-lo de mim e guiá-lo para essas distrações sensuais, em cujo gozo uma alma forte não pode jamais encontrar lenitivo para os sofrimentos profundos... Júlio chegava tarde, abatido e descontente consigo mesmo, com as marcas da má fadiga do vício no rosto e me achava lendo... Porém já não eram os mesmos livros de outrora: um novo sentido da existência ia me penetrando; o tumulto, a inquietude da ambição, começavam a parecer-me estéréis. Vozes vagas falavam dentro de mim duma paz, dum bem-estar transcendental, só possível depois da compreensão da finalidade do homem, e do acatamento à suprema vontade que ofendemos com nosso soberba... Pensava amiúde em nossa casa, no senhor, sobretudo no senhor, que me parecia a encarnação da serenidade no mundo, e lia obras que a Júlio, incapacitado para lhes perceber a simplicidade profunda e única, se antolhavam como sandices, como «estúpidas conversas fiadas». — «Ah, eu serei rico e hei de fazer com que também tu sejas, hás de ver!...» — dizia-me ele com um gesto furioso...

A dor nos separava, nos irritava, e muitas vezes, enquanto ele, depois de discutir acerbamente por qualquer coisa, se deitava e caía num sono denso e animal, pensava eu no quanto sua desventura aumentava pela veemência no anseio de adquirir, a qualquer preço, uma riqueza cujo valor de abastecedora dos sentidos o mísero já conhecia...

Ilustração de ABELARDO ZALUAR

Uma vez por outra, no sonho, desconexas, porém reveladoras do sedimento de sua alma, subiam-lhe aos lábios palavras de ira, de exacerbada esperança, ameaças, sorrisos áspersos que me davam medo e me faziam mexer com ele, para apagá-las do seu rosto... Não trabalhávamos nada; vivíamos das pequenas economias, e ao vê-las minguarem, incitei-o a começar de novo a tarefa; mas sua inventiva atravessava uma crise de preguiça, e aquela chispa que outras vezes me permitia retirá-la da zona inerte e estéril da quimera para lhe dar eficácia humana à força de tentativas e análises, não surgia ou surgia com um tom sulfúreo — eram invenções de extermínio, não invenções úteis — que me punha na alma uma incapacidade feita de repugnância, de espanto...

Ah! padre Sebastião, poucos terão vivido dias mais cruéis! Via morrer lentamente em mim, apesar de sua vida não acabar, a única criatura do meu sangue... Alguma coisa se rompia a cada momento entre nós dois... Já não éramos os dois braços de um só corpo; já nossas inteligências não se transfundiam para suprir os defeitos mútuos e somar-se nas aptidões... E um dia, depois duma cena dolorosa, mais de silêncios que de palavras, ele me anunciou a separação e foi embora... Foi-se para a América do Norte, com uma mulher que talvez pudesse aquietá-lo, porém que fugiu com outro pouco tempo depois...

De sua vida por lá só me chegaram trechos de cartas reveladoras de que, ao mudar de lugar, havia levado seu inferno consigo. Em algumas me fazia consultas técnicas, pedidos de cálculos e pesquisas que eu realizava quase automaticamente, do mesmo modo que as traduções de obras científicas com que provia às minhas necessidades, cada vez mais escassas...

Sem a intensidade do gênio, mas com fé paralela à de Blaise-Pascal, minha alma se desligava dos problemas miúdos do trânsito para se saturar do problema capital do homem integrado no seu criador... Em meu horizonte começava já a entrever um claustro, uma cela branca, cheia de branca paz silenciosa; pensava no senhor, sempre no senhor, e era feliz, talvez demasiado feliz. Porém um dia...

E ao chegar aqui, o homem esguio, que tinha falado sem pausas, aos borbotões, calou-se por um instante, com esse gesto momentâneo de medo que às vezes nos detém diante dum aposento escuro onde temos de entrar.

«Ele chegou u'a manhã. Eu acabava de acordar; a criada, uma pobre velha, entrou com ar de mistério, para me dizer que um senhor muito magro perguntava por mim e que, sem lhe dar tempo de responder, tinha entrado, dando-lhe um empurrão.

Embora quando nada me permitia suspeitar de seu regresso, compreendi por inexplicável revelação que era ele, e me levantei pressuroso; porém lhe asseguro que juntamente com a ansia de abraçá-lo, não direi que de pressentimento, porém, sim de sub-consciente temor, retardava minha ações; lembro-me de que duas ou três vezes me detive, enquanto me vestia, sem pensar em nada, sem causa; e quando desci, ele, que estava se aquecendo junto da chaminé, me apareceu tão descarnado e estranho, no resplendor vermelho da chama, que durante um segundo tive a idéia — ia a dizer a esperança — de me ter enganado. Deu-me um abraço leve.

(Cont. na pág. 50)

Traduzido especialmente para REVISTA DA SEMANA por Herman Lima





UMA NOVA CAMPEÃ MUNDIAL DE PATINAÇÃO NO GELO

**UMA LINDA CANADENSE VENCE AS
PROVAS OLÍMPICAS REALIZADAS
NA SUÍÇA**

DETENTORA dos títulos norte-americano, europeu e mundial de patinação artística, a linda jovem Barbara Ann Scott, nascida em Ottawa, no Canadá, conquistou também em St. Moritz, na Suíça, o recente campeonato olímpico de patinação no gelo.

Algumas semanas antes, Barbara Ann Scott havia conquistado o campeonato europeu em Praga, na Tchecoslováquia, de 13 a 15 de janeiro. Os campeonatos mundiais prosseguiram em Davos, de 12 a 15 de fevereiro, quando obteve ela novamente a láurea que já havia conquistado pela primeira vez na última estação.

Loura e de olhos azuis, Barbara Ann acaba de completar dezenove anos de idade. Começou a patinar aos oito anos, e no decorrer da última década conquistou grande fama. Aos onze anos, apenas, tornou-se campeã juvenil do Canadá. Aos doze, obteve o quinto lugar nas competições norte-americanas. Em 1941 e 1942 foi a segunda colocada no Campeonato Feminino do Canadá. Este certame não teve lugar em 1943, mas ao ser novamente realizado, no ano seguinte, Barbara Ann Scott conquistou o primeiro lugar. Em 1945 e 1946 conservou o título, não lhe sendo possível, todavia, tomar parte nas competições de 1947, por se achar patinando na Europa.

Em março de 1945 obteve o seu primeiro título de campeã de patinação artística norte-americana no Madison Square Garden, de Nova York. Com dezesseis anos de idade e competindo com sete outras peritas patinadoras, foi a mais jovem vencedora desde que teve início aquela competição, há cerca de vinte e seis anos atrás. Em 1946 o Canadá, considerando-a a mais proeminente atleta do ano, honrou-a com o «Lou E. Marsh Memorial Trophy». Foi esta a primeira vez que uma mulher mereceu tal honra.

Barbara Ann Scott era desconhecida nos círculos europeus de patinação ao participar do Campeonato Europeu em Davos, na Suíça, em fevereiro de 1947. As notícias de seu sucesso aí e de sua notável perícia precederam-na em Estocolmo, na Suécia, onde, duas semanas mais tarde, sua inextinguível «performance» lhe valeu o título mundial.

Seus números em espetáculos e competições canadenses conquistaram grandes encômios. «A linha na maneira com que patina é a sua maior perfeição», declarou recentemente uma autoridade no assunto. «Não tem a menor idéia de fazer truques para parecer, perante o público, melhor do que realmente é. Sua técnica deixa sentir a maior facilidade e certeza, incluindo os mais difíceis saltos e rodopios. Não dá a impressão de precipitação, e nada há que outro patinador faça sobre o gelo que ela também não faça, tão bem ou até melhor».

Outros houve que compararam a sua arte à de Sonja Henie. Com cinco pés e três polegadas e pesando 105 libras, mede ela uma polegada a mais e pesa algumas libras menos que a ex-campeã mundial. Diz-se que sua graciosidade e perícia são, pelo menos, iguais às demonstradas por Sonja Henie nos seus tempos de amadora. E, sob certos pontos de vista, Barbara Ann parece ser superior, de vez que a patinação artística mudou consideravelmente desde que Sonja Henie abandonou o amadorismo, em 1936. As bases permaneceram as mesmas, mas a patinação livre alterou-se pelo acréscimo de maior número de acrobacias. Barbara Ann Scott é inextinguível nas acrobacias. Vir-se-la que foi feita para elas — esbelta, ágil e de pés leves como plumas.

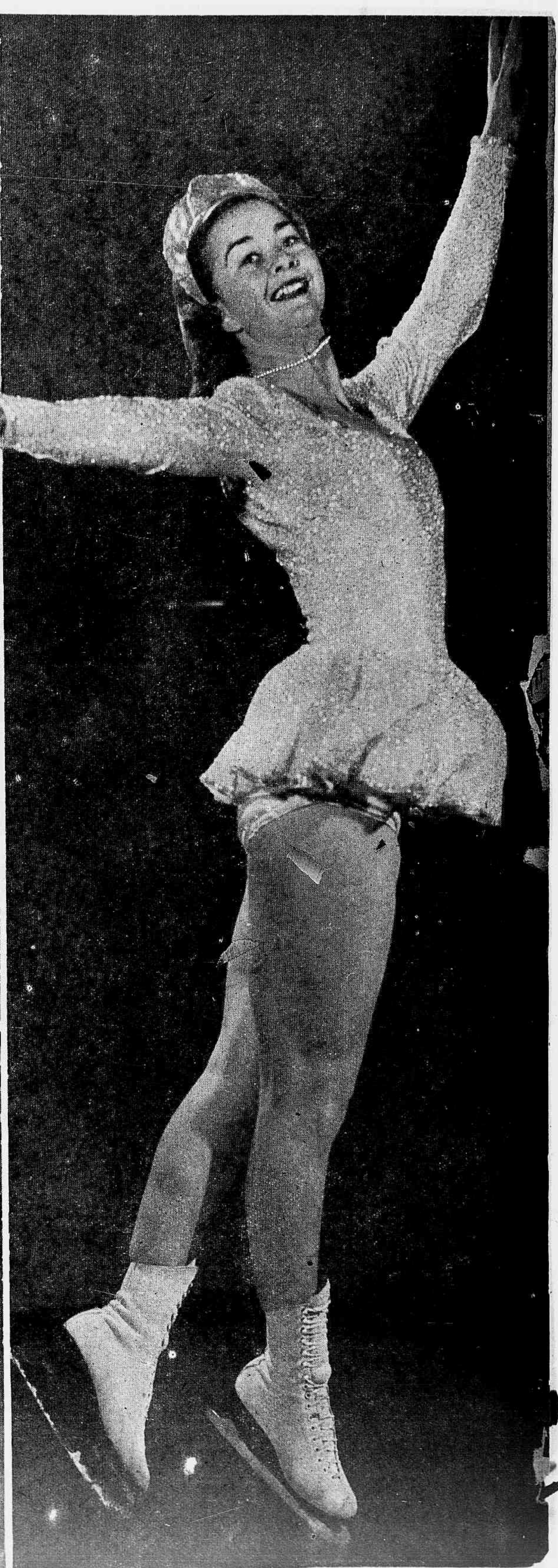
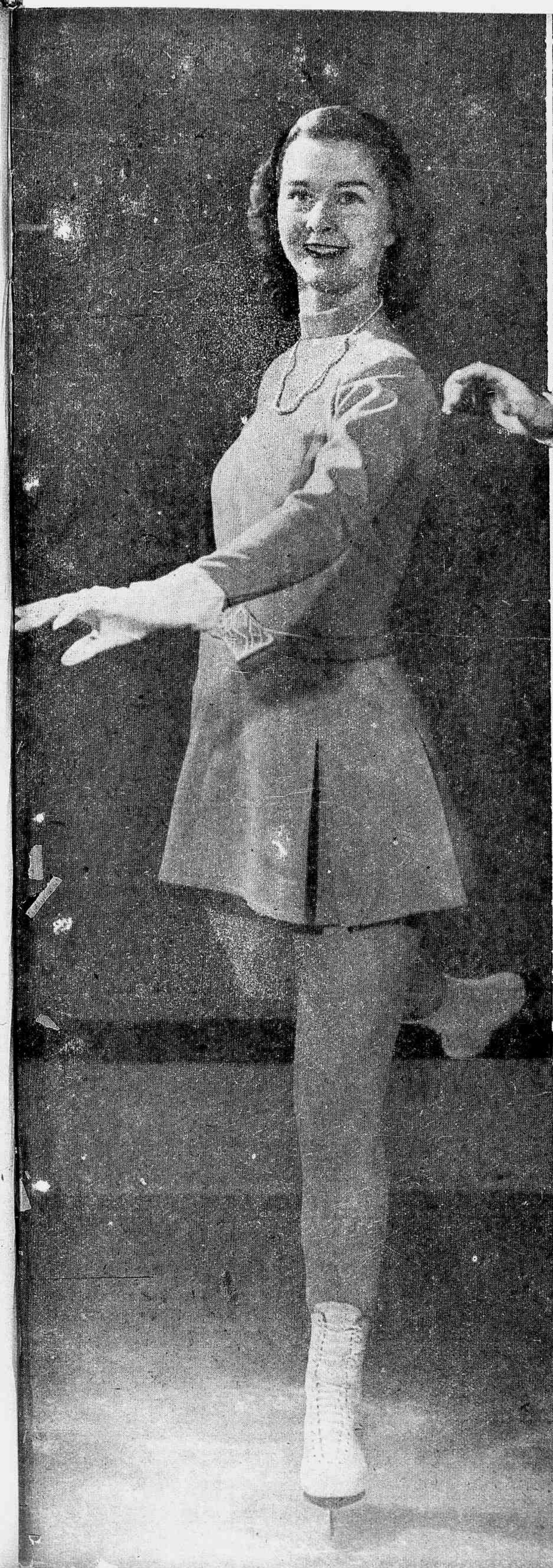
Se bem que se dedicando à patinação durante nove meses no ano, é possuidora de muitas outras aptidões singulares. Nada joga golfe e adora dançar. Sob a supervisão de um preceptor, dedica-se aos estudos nos intervalos de suas sessões de patinação. Costa de cozinhar e é boa pianista clássica. Perita amazona, monta a cavalo com regularidade, usando para isso seu animal favorito. Tomou recentemente lições de pilotagem, havendo recebido, há pouco tempo, sua licença como aviadora.

A mãe de Barbara Ann Scott, viúva do coronel Clyde R. Scott, de Ottawa, viaja com ela como conselheira e «chaperone». A nova campeã segue os ensinamentos do sr. Sheldon W. Galbraith, que a preparou para as últimas competições.

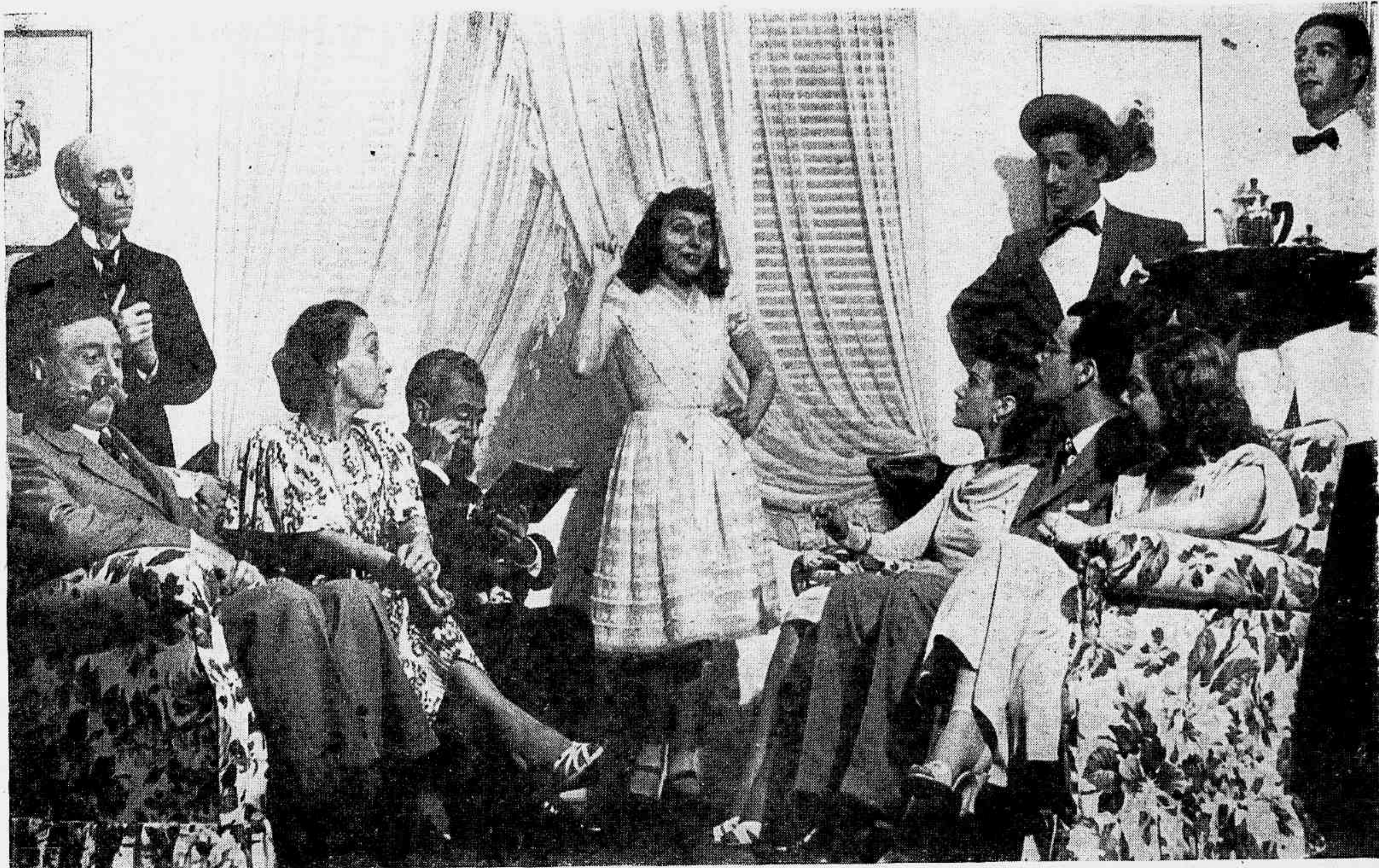
Ansiosa por manter os dois títulos conquistados ultimamente na Europa, Barbara Ann Scott vibrou de emoção ao lhe ser dada a oportunidade de representar o Canadá nos Jogos Olímpicos. Desde os primeiros dias de sua carreira de patinadora, tem sido esta honra a sua maior ambição.

A esquerda — Barbara Ann Scott em «close-ups» e em um dos seus graciosos movimentos de bailarina do gelo. Na página à direita — Barbara Ann Scott, a linda jovem canadense que sucedeu a Sonja Henie, em duas atitudes de campeã de patinação artística









Em cima: Bibi Ferreira, perante uma platéia numerosa e interessada, declama com graça inextinguível a fábula de La Fontaine cheia de alusões incríveis aos amores de sua mãe, a linda aventureira Claire de Beauchamp, dona de um passado um tanto ou quanto reticencioso, com o incrível Lorde Steeple-Chase, um pseudo-educador inglês com a vocação inconfundível de marido eternamente enganado...

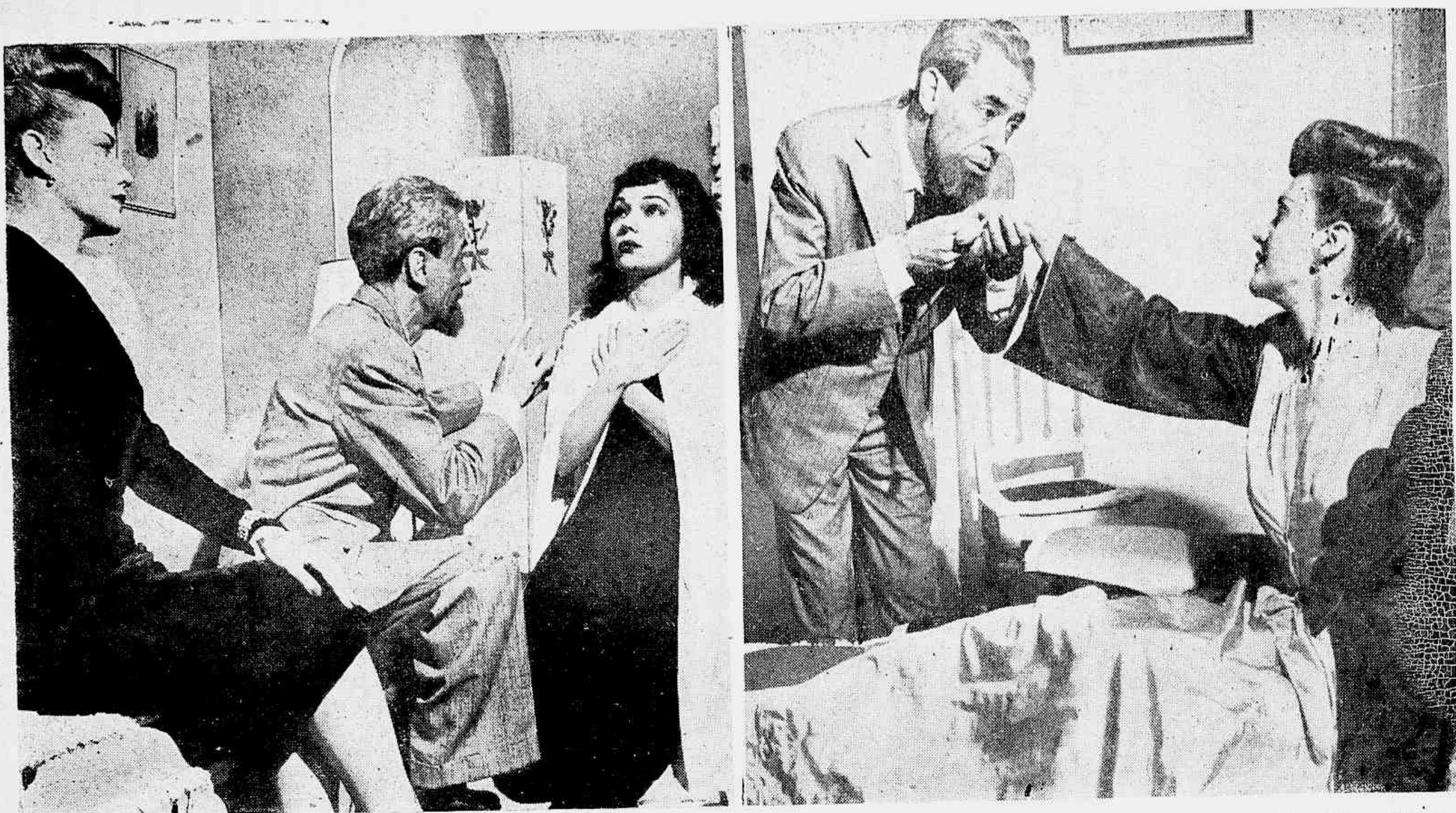
"A PEQUENA CATARINA", UM SUCESSO PESSOAL DE BIBI FERREIRA

O ÊXITO DA VITORIOSA COMEDIANTE NA DIVERTIDÍSSIMA PEÇA FRANCESA DE RÉGIS GIGNOUX E JACQUES THÉRY

BIBI Ferreira resolveu provar que era uma boa atriz cômica, que sabia fazer rir do mesmo modo que mostrou, em "Divórcio", que sabia fazer chorar. E escolheu para essa demonstração de versatilidade artística uma hilariante comédia francesa, na qual se apresenta num duplo papel, repleto dos mais inesperados incidentes cômicos. "A Pequena Catarina" é o grande sucesso de riso da cidade, o maior cartaz cômico do momento. E, além de Bibi Ferreira — que nessa peça se mostra à altura das tradições estabelecidas por seu pai, Procópio Ferreira, em nosso teatro cômico, — estão no elenco artistas de grande prestígio no gênero, como Alma Flora, Palmeirim Silva, Renato Restier, Edmundo Lopes, Belmira de Almeida, Valery Martins, Carlos Duval, Clirene Tostes, Salú de Carvalho e outros. "A Pequena Catarina" é a história de uma aventureira, mãe de uma atriz cinematográfica, que resolve casar com um lorde tão rico quanto estúpido. Afim de aparentar mocidade, ela o convence de que sua filha, Catarina, tem apenas doze anos de idade. E esta, — de que sacrifícios não é capaz uma filha para casar sua mãe! — tem de provar o seu talento, aparecendo aos olhos de todos como uma garota-prodígio — e não como uma mulher de vinte e três anos de idade! Difícilmente outra atriz seria capaz de igualar Bibi Ferreira quando ela se apresenta em cena como "A Pequena Catarina". A cena da recitação de fábula de La Fontaine, diante da mãe e do lorde, bem como de um grupo de convidados, com uma porção de alusões ultra-maliciosas... Pode-se aplicar à mamãe de Catarina o papel da raposa e a Lorde Steeple-Chase o papel de bode, nessa curiosa fábula... A história é cheia de incidentes curiosos e movimentados, pois de quando em quando a pequena Catarina está prestes a ser desmascarada, convertendo-se na grande Catarina... Foi felicíssima a idéia de Bibi Ferreira e de Procópio, apresentando no Serrador essa obra francesa, assinada por dois autênticos mestres do teatro para rir, Régis Gignoux e Jacques Théry. "A Pequena Catarina" ficará nos anais do mo-

Na página à direita: Bibi Ferreira, a encantadora vedete do nosso teatro, no duplo papel de a pequena Catarina e de Catarina, a grande, na comédia francesa de Régis Gignoux e Jacques Théry que já fez rir vinte e cinco nações. Bibi Ferreira está simplesmente irresistível nas cenas hilariantíssimas do novo cartaz do Serrador. A direita, nesta página, a pretensa pequena Catarina leva um violento safanão do cômico cinematográfico Foffatty, interpretado pelo ator Edmundo Lopes, — e que quer saber que mascarada é essa...





Em duas cenas de "A Pequena Catarina", a peça que marca no Serrador um grande êxito de comedidade, aparecendo, à esquerda, Alma Flora, Palmeirim Silva e Bibi Ferreira, respectivamente nos papéis de Claire de Beauchamp, Lorde Steeple-Chase e Catarina de Beauchamp, e, à direita, Palmeirim Silva e Alma Flora, num momento cômico em que o pseudo-educador inglês se revela um namorado meloso e tímido, lidando com uma aventureira de alta escola...

vimento teatral preterente como a comédia mais hilariante, o espetáculo mais cômico do momento. É difícil um espectador reprimir o riso e as exclamações de surpresa, quando Bibi Ferreira se infantiliza, passando de

mulher adulta a criança precoce e cheia de vontades... A frente de um elenco brilhantíssimo, que coopera magnificamente para o êxito das situações humorísticas de "A Pequena Catarina", Bibi Ferreira já vitoriosa no

cinema inglês e no teatro dramático, surge com uma força excepcional como vedete cômica, mostrando que tem nas veias o sangue de Procópio, hoje, como no passado, um mestre da arte de fazer rir.

Em baixo à esquerda: a aventureira Claire de Beauchamp, ao se ver desmascarada, simula um desmaio para ver se salva a situação. (Cena entre Palmeirim Silva, Alma Flora, Belmira de Almeida e Renato Restier). À direita: Catarina, outra vez adulta, resolve afogar suas mágoas no espírito de vinho. (Cena com Bibi Ferreira e Alma Flora). Na página à direita: Bibi Ferreira, ao voltar a ser a pequena Catarina, não pode escapar aos puxões de orelha da exasperada mamãe... enquanto o jovem visconde John Steeple-Chase contempla a cena divertido... (Cena com Bibi Ferreira, Alma Flora e Renato Restier, num dos momentos mais cômicos da encantadora e divertida comédia ora em cena no Serrador).





O Grande segredo

Conto de PAUL KOCK



Ilustração de A. PACHECO

NATHALIE DE HAUTEVILLE tinha vinte e três anos de idade e havia três anos que estava viúva. Era uma das mulheres mais bonitas de Paris. Seus grandes olhos pretos brilhavam com notável fulgor, e unia a cintilante vivacidade da italiana e a profundidade de sentimento da espanhola à graça que sempre distingue a mulher nascida e criada em Paris. Considerando-se demasiado jovem para viver inteiramente só, tinha convidado, havia muito tempo, um velho tio seu, monsieur d'Ablaincourt, para morar consigo.

M. d'Ablaincourt era um velho solteiro, e nunca em toda a sua vida havia amado outra coisa senão a si mesmo. Era um individualista, preguiçoso de mais para fazer qualquer mal aos outros, mas, ao mesmo tempo, egoísta de mais para dar a menor vantagem a quem quer que fosse. E, contudo, com um ar de complacência, como se não desejasse outra coisa senão o bem-estar dos que o rodeavam, consentiu na proposta de sua sobrinha, na esperança de vir a receber muitas pequenas amabilidades que contribuiriam para o seu conforto material.

Depois que Nathalie retomou o seu lugar na sociedade, M. d'Ablaincourt a acompanhava, mas, algumas vezes, quando se sentia inclinado a ficar em casa, dizia:

— Minha querida Nathalie, receio que esta noite você não vá se divertir muito. Vão jogar cartas. Além disso, creio que não encontrará lá nenhum de seus amigos e amigas. É claro que eu irei de boa vontade, se você quiser.

E Nathalie, que tinha grande confiança em tudo o que seu tio dizia, ficava em casa.

— Do mesmo modo, M. d'Ablaincourt, que era grande glúton, disse à sua sobrinha:

— Você sabe, minha querida, que eu não dou muita importância à comida e me satisfazo com a alimentação mais simples deste mundo, mas tenho notado uma coisa: a sua cozinheira põe muito sal em tudo. Isso é insalubre.

E trocaram de cozinheira.

O jardim não estava como devia. As árvores diante da janela do velho cavaleiro deviam ser cortadas, porque a sua sombra indubitavelmente causaria umidade na casa, prejudicial à saúde de Nathalie. Ou então o surrey devia ser trocado por um landau. E assim por diante.

Nathalie era conqueta. Acostumada a agradar, ouvia com sorrisos os numerosos protestos de admiração que recebia, mas encaminhava todos os que aspiravam à sua mão ao tio, dizendo:

— Antes de lhe dar qualquer esperança, preciso saber a opinião de meu tio.

É provável que Nathalie respondesse diferente, se sentisse alguma preferência real por algum deles, mas, até então, parecia ter preferido a sua liberdade.

O velho tio, por sua vez, tendo-se tornado senhor na casa de sua sobrinha, desejava ansiosamente que ela permanecesse como estava. Um sobrinho pode-

ria ser um pouco menos submisso do que Nathalie. Por isso, nunca deixava de descobrir algum defeito naquele que procuravam uma aliança com a bela viúva.

Além do seu egoísmo e do seu epicurismo, o querido tio tinha outra paixão — o jogo do gamão. Esse jogo divertia-o muito, mas a dificuldade era encontrar alguém que jogasse com ele. Se por acaso alguma das visitas de Nathalie conhecia o jogo, não podia escapar ao cerco do velho senhor... mas a maior parte das pessoas preferiam as cartas.

Para agradar a seu tio, Nathalie tentou aprender o jogo. Achou quase impossível. Ela não conseguia dar atenção a coisa alguma durante tanto tempo. Seu tio ralhava, e Nathalie acabou desistindo.

— Eu queria lhe ensinar o jogo para lhe dar uma distração. Só por isso — disse o bom M. d'Ablaincourt.

Estavam as coisas neste pé, quando, num baile, Nathalie foi apresentada a um tal monsieur d'Apremont, capitão da Marinha.

Nathalie levantou os olhos, esperando ver na sua frente um corpulento marinheiro com uma perna de pau e uma venda nos olhos. Em vez disso, contemplou, com surpresa, um homem de cerca de trinta anos, alto e bem formado, com duas pernas sólidas e dois olhos perfeitos.

Armand d'Apremont tinha ingressado na Marinha muito cedo e, embora muito moço, já era capitão. Juntara uma grande fortuna ao patrimônio herdado de seus pais, e agora regressava a casa para descansar, depois de longos e duros trabalhos. Continuava solteiro, entretanto, e, além disso, sempre se rira do amor.

Quando viu Nathalie, suas opiniões sofreram uma mudança radical. Pela primeira vez na sua vida lamentou não ter aprendido a dançar. Durante toda a festa não tirou os olhos dela.

Suas atenções para com a jovem viúva não tardaram a se tornar o tema geral da conversa, e, finalmente, a novidade chegou aos ouvidos de M. d'Ablaincourt. Quando Nathalie disse, uma noite, que tinha convidado o capitão à sua casa, o velho falou quase irritado:

— Nathalie, você faz as coisas inteiramente sem me consultar. Eu ouvi dizer que o capitão é pessoa de maneiras muito grosseiras. O fato é que eu só o vi em pé atrás da sua cadeira, mas nem ao menos me perguntou pela minha saúde. Eu falo apenas no seu próprio interesse. Você é tão cabeça de vento.

Nathalie pediu perdão a seu tio e chegou até a se oferecer para recusar a visita do capitão. Mas isso ele se absteve de exigir... resolvendo secretamente não permitir que essas visitas se repetissem com muita frequência.

Mas como são frágeis todas as resoluções humanas!... A menor coisa pode subvertê-las. Neste caso, o jogo do gamão foi a causa inconsciente de Nathalie se tornar Mme. d'Apremont. O capitão



era ótimo jogador de gamão. Quando o tio ouviu isto, propôs-lhe uma partida, e o capitão, que havia percebido que era muito importante conquistar as boas graças do tio, aceitou prontamente.

A coisa não agradou a Nathalie. Preferia que ele se tivesse ocupado com ela. Depois que as visitas saíram, ela voltou-se para seu tio e disse:

— O senhor tinha razão, tio. Eu não admiro as maneiras do capitão. Vejo agora que não devia tê-lo convidado.

— Ao contrário, sobrinha — protestou o tio. — Ele é um homem muito bem educado. Eu o convidei a vir aqui com frequência jogar gamão comigo... Isto é, a prestar os seus respeitos a você.

Nathalie viu que o capitão havia conquistado as simpatias do tio e perdoou-lhe por ter sido menos atencioso com ela. D'Apremont voltou pouco depois, e, graças ao jogo do gamão, ia aumentando no favor do tio.

Não tardou também a cativar o coração da bela viúva. U'a manhã, Nathalie entrou muito ruborizada no quarto de seu tio.

— O capitão me pediu em casamento. Que me aconselha a fazer?

Ele refletiu por uns momentos: «Se ela o recusar, d'Apremont não virá mais aqui e eu não terei mais com quem jogar o gamão. Mas se ela o aceitar, ele estará sempre aqui, e eu terei um parceiro certo para o meu jogo preferido». E a resposta foi:

— Eu acho que você deve casar com ele.

— Nathalie amava Armand, mas achou que não devia ceder facilmente. Mandou chamar o capitão.

— Se você me ama realmente...

— Oh, como pode duvidar?...

— Psiu! Não me interrompa. Se você me ama realmente, quero que me dê uma prova.

— Tudo o que você pedir. Juro...

— Não, você não deve jurar nunca mais, e outra coisa: você não deve fumar nunca. Eu detesto o cheiro do fumo e não aceitarei um marido que fume.

Armand suspirou e prometeu.

O primeiro mês de casados passou tranquilamente, mas algumas vezes Armand ficava pensativo, inquieto e grave. Depois de algum tempo os seus ataques de tristeza tornaram-se mais frequentes.

— Que tem? — perguntou Nathalie um dia, vendo-o bater o pé com impaciência. — Por que está tão irritável?

— Nada... não é nada! — respondeu o capitão, como envergonhado do seu mau humor.

— Diga-me, — insistiu Nathalie, — eu lhe desagradei em alguma coisa?

O capitão assegurou-lhe que não tinha a menor razão para estar senão encantado com a sua conduta, e por algum tempo portou-se calmamente. Mas não tardou a ficar pior do que antes.

Nathalie andava desolada. Comunicou a sua ansiedade ao tio, que respondeu:

— Sim, minha querida, eu mesmo tenho notado isso durante o jogo do gamão. Ele está muito distraído e às vezes passa a mão pela testa e levanta-se bruscamente como se alguma coisa o agitasse.

E um dia, quando os seus velhos hábitos de impaciência e irritabilidade reapareceram mais acentuados do que nunca, o capitão disse à sua esposa:

— Minha querida, um passeio depois do jantar me fará um bem enorme. Um velho marinheiro como eu não suporta ficar sentado em casa depois do jantar. Contudo, se você fizer objeção...

— Oh, não! Por que havia de fazer objeção?

Armand saiu... e continuou saindo à mesma hora todos os dias. Invariavelmente voltava muito alegre e satisfeito.

Então é que Nathalie se sentiu realmente infeliz.

«Ele ama outra mulher, pensou, e precisa vê-la todos os dias». Oh, como sou infeliz! Mas eu lhe farei ver que descobri a sua perfídia! Não, esperarei até ter uma prova certa para defrontá-lo.

E voltou a seu tio.

— Oh! Sou a criatura mais infeliz do mundo! — exclamou.

— Que aconteceu? — gritou o velho, recostando-se na sua cadeira de braços.

— Armand fica ausente durante duas horas, todas as noites, depois do jantar, e volta muito bem humorado, tão ansioso por me agarrar como no dia em que nos casamos. Oh, meu tio, eu não posso suportar por mais tempo! Se o senhor não me ajudar a descobrir onde ele vai, eu procurarei uma separação.

— Mas, minha querida sobrinha...

— Meu querido tio, o senhor, que é tão bom e gentil, faça-me este favor. Tenho a certeza de que há outra mulher.

M. d'Ablancourt desejava evitar um rompimento entre o sobrinho e a sobrinha, pois isso viria transtornar a sua vida tranquila e pacífica que levava na casa deles. Pingiu seguir Armand, mas voltou pouco depois, dizendo que o tinha perdido de vista.

— Mas qual é a direção que ele toma?

— Uma vez vai para um lado, outras vezes para o outro, mas sempre só. As suas suspeitas são infundadas. Pode ter a certeza de que ele passava para fazer exercício.

Mas Nathalie não se iludiu. Mandou chamar um rapazinho de cuja inteligência tinha ouvido falar muito.

— M. d'Apremont sai todas as noites.

— Sim, madame.

— Amanhã você o seguirá. Observe onde ele vai e depois volte e fale comigo em particular. Compreendeu?

— Sim, madame.

Nathalie esperou impientemente pelo dia seguinte e pela hora da saída de seu marido. Por fim chegou o momento... Durante a perseguição ela ficou contando os minutos. Após três quartos de hora, o mensageiro chegou coberto de poeira.

— Então? — exclamou. — Fale! Conte-me tudo o que viu!

— Madame, eu segui M. d'Apremont, de longe, até a rue Vieille du Temple. Ai ele entrou numa casa, num beco. Nenhum criado veio recebê-lo.

— Um beco! Não havia criado! Horrível!

— Segui diretamente atrás dele e ouvi-o subir a escada e abrir uma porta.

— Abriu a porta ele mesmo, sem bater? Tem a certeza disso?

— Tenho, sim, madame.

— Oh miserável! Ele tem uma chave! Mas continue.

— Quando a porta se fechou atrás dele, eu subi a escada pé ante pé e espreitei pela fechadura.

— Você receberá vinte francos mais.

— Espreitei pela fechadura e vi-o arrastar um cofre pelo soalho.

— Um cofre?

— Depois ele se despiu e...

— Despiu-se?

— Depois, durante alguns segundos, não pude vê-lo. Quando tornou a aparecer vestia uma blusa cinzenta e tinha um boné na cabeça.

— Uma blusa! Que querará fazer com uma blusa?... Que mais?

— Então eu voltei a correr, madame, para avisar a senhora. Ele ainda está lá.

— Bem, agora vá à esquina e chame uma carruagem. Você conduzirá o cocheiro até a casa onde viu meu marido.

Enquanto o mensageiro foi buscar a carruagem, Nathalie pôs apressadamente o chapéu e a capa e correu ao quarto de seu tio.

— Eu descobrir!... Ele ama outra. Está na casa dela neste momento, com uma blusa cinzenta. Mas eu irei lá e o enfrentarei, e então o senhor não me verá nunca mais.

O velho não teve tempo de responder. Ela desapareceu com o mensageiro, na carruagem de aluguel. Finalmente pararam.

— E' esta a casa.

Trêmula e pálida, Nathalie deixou a carruagem.

— Quer que suba com a senhora, madame? — perguntou o mensageiro.

— Não, irei só. E' no terceiro andar, não é?

— Isso mesmo, madame. A porta à esquerda, ao cimo da escada.

Parecia que estava por momento o fim de todas as coisas.

Nathalie subiu a escada escura e estreita, chegou à porta e, quase desfalecendo, gritou:

— Abra a porta, senão eu morro!

A porta se abriu, e Nathalie caiu nos braços de seu marido. Ele estava só no quarto, com a sua blusa cinza e... fumando um cachimbo turco.

(Cont. na pág. 47)



A VIDA DE SWEDENBORG

EMANUEL SWEDENBORG — (1688-1772)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

EMANUEL SWEDENBORG nasceu bafejado pela fortuna. Seu pai era um bispo, amigo da família real sueca, homem de inteligência rica e imaginação superior, um vulto proeminente. Sua mãe, por outro lado, era a filha sagaz, honesta e perfeitamente mediana do assessor das minas — uma mulher prática, cujo sangue contrabalançava os ardores extraterrenos do místico. A sagacidade extremada combinou-se bem com o espírito do Senhor na formação da criança. Quando esta nasceu, o pai alongou os olhos para as nuvens, e deu ao pimpolho o nome de Emanuel, que quer dizer «Deus conosco». E a mãe limitou-se a olhar para a balança, a fim de ver quanto pesava o menino.

Rigorosa e sobrecarregada de deveres era a educação do filho de um eclesiástico. Desde o princípio, o garoto mostrou possuir excepcional inteligência e poderosa personalidade. «Com frequência», observa ele modestamente, com respeito à sua infância, «eu revelava, na conversação, coisas que enchiam de espanto meus pais, e os impelia a declarar... que certamente os anjos falavam por minha boca».

Os anjos devem ter continuado a falar por sua boca em todo o decurso da adolescência, pois vamos encontrá-lo feito doutor em Filosofia (Universidade de Upsala) já aos vinte e dois anos. Na verdade, com a arrogância precoce do gênio imaturo, ele sentia-se superior ao seu meio social. «Este lugar me oferece muito pouca oportunidade; e os meus estudos não são devidamente apreciados por aqueles que deviam estimular-me». De modo que empacotou os livros e saiu a viajar pela Europa ocidental, visitando a Holanda, a França e a Inglaterra. Sofria a inquietude do espírito enérgico e ardente, hipersensível às diversas correntes científicas de todas as idades. De Londres, escreveu aos pais: «Estudo Newton diariamente, e estou ansioso por vê-lo e ouvi-lo». E algumas semanas depois: «Com respeito à astronomia... fiz tantos progressos nela que já descobri muitas coisas, as quais, penso eu, serão de grande utilidade para o seu estudo... Inventei um método infalível para determinar a longitude terrestre por meio da lua».

Estava sempre perseguindo um objetivo definido. «Tenho tirado algum partido das moradias onde me alojo. Primeiro me hospedei em casa de um relojoeiro, depois em casa de um marceneiro, e agora estou convertido em fabricante de instrumentos matemáticos».

Travou conhecimento com os maiores sábios da época, em quem deixou profunda impressão. Muito lhe custava, no entanto, convencer a seu pai, o bispo, de que «todas essas atividades científicas poderiam trazer alguma vantagem». Até um jovem de vinte e quatro anos com a mente vivificada pelo gênio tem as suas dificuldades. Pois o bom do bispo resolvera atrair novamente o filho para a Suécia e para uma «carreira honesta».

E o velho bispo Swedenborg valeu-se de um método suasório muito simples. Reduziu-lhe a mesada. «Ando escasso de meios», escreve Emanuel. «Sou afastado dos meus estudos pela falta de dinheiro. Não sei por que meu pai não mostra mais interesse em mim, e me deixa viver, faz agora mais de dezesseis meses, com menos de cinquenta libras... E' difícil viver sem o que comer nem beber, como um pobre trabalhador de Schon» — difícil até para um homem que descobre novos métodos de medir a lua!

No entanto, continuou com suas medições e aparelhos. O seu espírito era um vasto armazém de planos fantasiosos que ele constantemente desenvolvia para aplicação «prática». Aos seus amigos, os projetos de invenções mecânicas pareciam os tentáculos de um visionário de conformação mental excêntrica. Mas hoje é assombroso observar a justeza das intuições de um espírito peiado, como o seu, pelos preconceitos anti-científicos do século XVIII.

Mediante equações matemáticas, elaborou «o plano de certo navio que, com seus tripulantes, poderia andar sob a superfície do mar, sempre que quisesse, e causar grandes danos à frota inimiga». Nada menos que o moderno submarino! Traçou planos para o transporte de navios através da terra firme, por meio de canais e comportas. Idealizou um «canhão de ar» que daria setenta tiros sucessivos sem necessidade de tornar a carregar, e um «navio voador», que levaria os passageiros pelo ar.

Enviou esta última invenção, o plano do navio voador, ao físico mais eminente da Suécia. Mas, para o bom homem, era inconcebível tal «disparate». Com a máxima delicadeza, o grande cientista respondeu ao impetuoso jovem que «respeito ao vôo por meios artificiais, não é mais exequível que a construção de u'a máquina de movimento perpétuo, ou a transformação de lama em ouro». E mandou-lhe uma longa carta cheia de números e fórmulas com que aniquilava a «louca esperança do vôo humano através do ar».

E assim foi Swedenborg severamente deixado a sós com os seus sonhos. Sonhos de gigante — significativa mostra do gigantesco molde do seu espírito. Eram os sonhos dum cientista dotado da visão — e da energia — dum profeta. Swedenborg foi um desses raros pensadores cuja ciência se baseava na fé. Tinha a convicção de que havia novos horizontes, novas dimensões, novos mundos, à espera do descobrimento pelo espírito humano que pensa e crê. Estava certo de que «o mundo da criação científica está implícito no mundo do pensamento abstrato» — e mesmo, que só o espírito pujante e fiel do poeta-cientista poderá construir uma ponte entre os dois mundos fazendo com que o pensamento se traduza em fato.

E foi precisamente isso que Swedenborg, o filho da religião e pupilo da ciência, tentou fazer. No projeto do seu quadrante estava contido o plano da catedral; nas suas experiências com o prisma revelavam-se as cores com que glorificar o altar; o anelo de encurtar as distâncias entre os corações humanos serviu de inspiração para o seu navio voador. A

ambos os mundos ele devia obrigações de família. A exploração em um mundo significava criação no outro.

II

Por fim o estudioso regressou de suas viagens. Estava já com bastante idade — e não tinha ocupação. O pai fez um último esforço para proporcionar uma situação de independência àquele filho «cabeça de vento». Empenhando a sua influência na corte sueca, logrou chamar para o caso a atenção do famoso rei-guerreiro Carlos XII. O rei ofereceu a Emanuel um posto no departamento das minas reais. O jovem Swedenborg aceitou o cargo.

Por essa época se deu outro fato que concorreu para o prender aos valores concertos do mundo do tempo e dos sentidos. Emanuel apaixonou-se loucamente pela filha do físico

sueco que derramara água fria no seu sonho do navio voador. O sábio mais idoso, embora cético em relação à capacidade inventiva de Swedenborg, tinha, entretanto, apósto a chancela da sua aprovação à cultura humanística do jovem, oferecendo-lhe sua filha mais velha. Mas a moça, indiferente aos hieróglifos da avaliação paterna, concedeu a sua mão a outro. Swedenborg então disse ao cientista que isso não o perturbava. Era pela outra, pela filha mais nova, que ele sentia interesse. O pai imediatamente pôs um contrato diante da menina, que ainda não contava dezesseis anos, e mandou-a assinar o compromisso de casamento com Swedenborg. Ela escreveu com mão trêmula o seu nome no documento. Mas o coração da jovem estava comprometido alhures.

Passou o tempo. A consolação única de Swedenborg era ler todos os dias o contrato que a punha legalmente em seu poder — em época futura. Uma bela manhã, não

encontrou o precioso papel. O irmão da aflita moça tinha-o roubado e entregado a ela.

E assim o mancebo que investigara as mais profundas leis da natureza descobriu que não soubera entender as operações mais elementares de um coração de donzela. A moça não o amava. Ele a observava mais com espírito de cientista que de místico. Fez o juramento solene de nunca mais se apaixonar. E cumpriu-o.

Mas por algum tempo sofreu grande depressão. Nem os estudos o excitavam. Mas um espírito forte sobrevive a um caso de amor. Principalmente quando está ocupado em projetos de engenharia que abrangem o transporte terrestre das galeras do rei, a abertura de canais e a investigação de depósitos minerais — e quando, ademais de tudo isso, está absorvido no plano de escrever uma filosofia do cosmos.

Entretanto, o pai de Swedenborg fora distinguido com um assento na Câmara dos Nobres. Mas as perspectivas de carreira política, assim abertas ao jovem Emanuel, não o tentaram. Continuou como pesquisador humilde e obscuro assessor. Preferia escrever sobre o infinito a contar uns poucos votos finitos. De vez em quando pedia ao governo licença para ausentar-se do cargo e sair a viajar. Recusara uma cadeira na Universidade de Upsala por sentir que escreveria com mais liberdade sem o entrave das exigências rígidas dum curso universitário.

Seu espírito não fora feito para a clausura da sala de aulas. Swedenborg abarcava o mundo com o intelecto. Parecia ter a curiosidade magnificamente atrevida do homem supremo da Renascença, Leonardo da Vinci. Tudo lhe interessava. «Aonde quer que vá, ele visita as bibliotecas, os museus, as galerias de quadros, as igrejas, os mosteiros, os asilos, os teatros... Para ele, o palco era tão sagrado como a Igreja. Amava tanto as obras dos poetas como a Palavra de Deus».

Nunca houve homem mais sadio. Nem de simpatias mais amplas. E não menos amplo que as simpatias era o seu otimismo — a fé no futuro do homem. Era o irmão temporal de um grupo de célicos num mundo de descrença. Mas acreditava com ardor varonil na capacidade infinita do espírito humano. «Não há limite para a aventura do homem. Quando Colombo encontrou o caminho do novo continente, não foi apenas pelos ventos e as águas do Atlântico que ele navegou, mas pelos ventos e águas das aspirações da sua própria alma».

E assim Emanuel Swedenborg chegou ao meio da rota da sua aventura pessoal. Começa a examinar a ciência com olhar crítico. E' um passo muito natural, no desenvolvimento mental deste profeta-inventor, o pensar agora em inventar uma superciência. Uma ciência além da ciência.

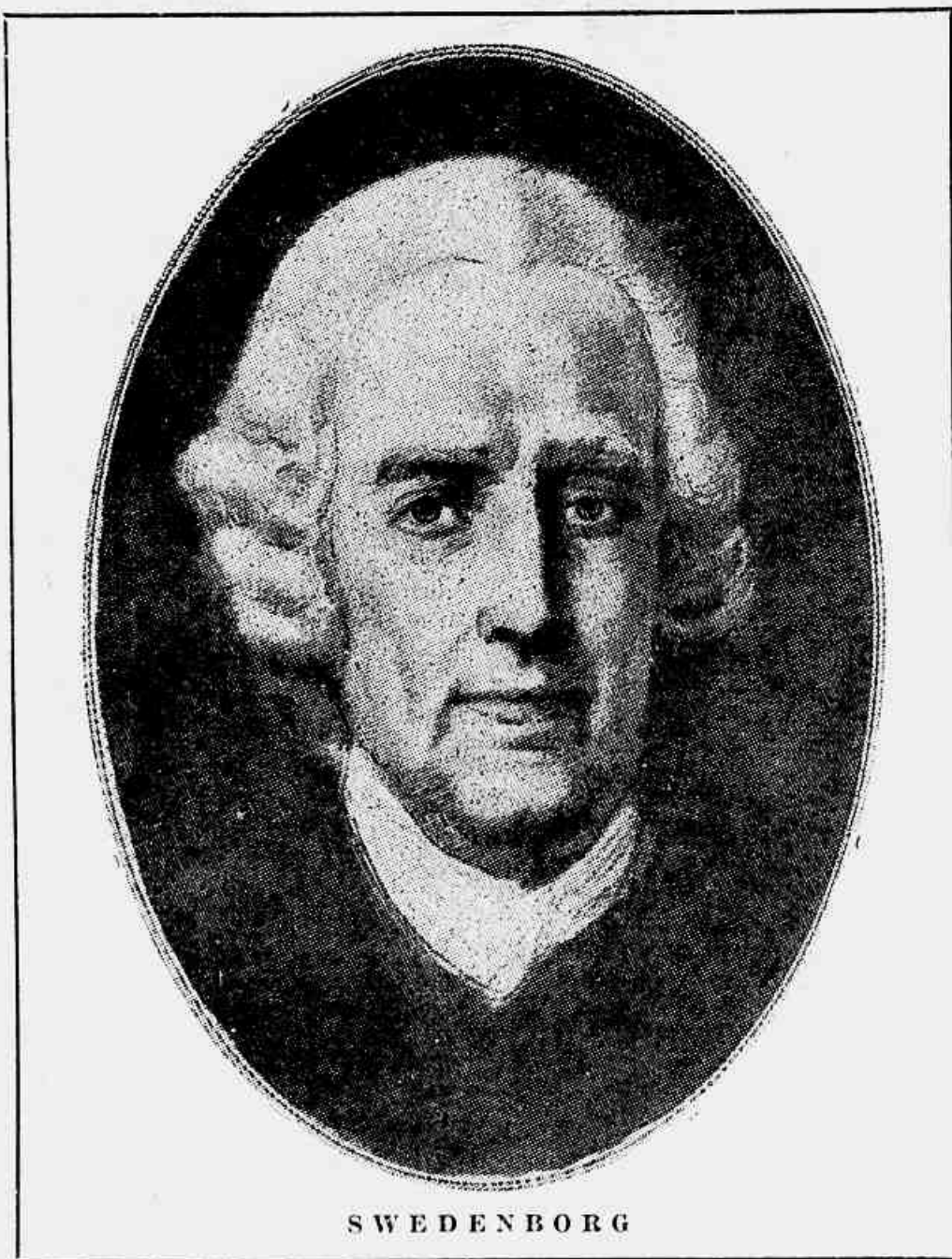
Planeja a «Economia do Reino Animal» — estudo exaustivo do corpo humano, síntese de todas as descobertas dos anatomistas sobre os nervos, músculos, ossos e sangue. E não se deterá aí. As suas pesquisas científicas não viam apenas a descrever, mas também a interpretar. Tudo com um propósito mais elevado. «Pretendo examinar, física e filosoficamente, toda a anatomia do corpo... o fim que me proponho é o conhecimento da alma». Projetava nada menos que descobrir os movimentos do espírito do mesmo modo como Harvey descobrira a circulação do sangue. Os trabalhos de todos os cientistas anteriores tinham sido apenas a preparação da grande pesquisa. «Está a chegar o momento de deixarmos o porto e fazermos vela para o alto mar».

Investigar a causa das coisas, descobrir onde reside a força da vida. Swedenborg não alimentava ilusões ao escrever esse livro ambicioso. A terminologia da obra era para cientistas; a sua mensagem, para os que se ocupam do espírito. Os eruditos podiam rir-se da sua presunção. Na época de Alexander Pope era muito perigoso falar sobre a alma humana. No frontispício do livro, o sumo sacerdote da ciência estampou corajosamente uma passagem do filósofo estoico Sêneca: «Aquele que pensa nos homens do seu tempo nasceu para servir a muito poucos. Milhares de anos, numerosas gerações de homens ainda estão por vir: tende a êsses em mira».

III

Chegamos agora a um dos acontecimentos mais estranhos da experiência humana. O espírito de Swedenborg repentinamente se abre como uma casca de ovo, e a luz solar de outro mundo irrompe nele. O filósofo conta aos amigos que foi recebido num universo de espíritos, e penetrou no mundo do além. E' agora um homem de mais de cinquenta anos — um dos cientistas mais abalizados da época. Os outros lhe examinam com espanto a fisionomia honesta. Observam-lhe uma expressão vaga nos olhos arregalados. Começam a fazer perguntas. Acha-se em perfeita saúde? Estará falando com sinceridade e tino? Escrevamos a este cientista racional, que efetuou experiências com os materiais concretos da vida. «Foi-me permitido ver e ouvir coisas em outra existência que assombram, e que até então nunca haviam chegado ao conhecimento de ninguém». O desenvolvimento dessa segunda vista, declara ele, foi progressivo. Três penosos anos de êxtases foram precisos para a preparação de sua alma. Durante esse tempo esteve sujeito a períodos anormalmente longos de inexplicável modorra, preenchidos por uma sequência contínua — e lógica — de sonhos. No seu diário, ele nos refere com simplicidade a transformação que se operou em seu espírito. «Fui guiado pouco a pouco até o céu, e, à medida que subia, o meu entendimento se ampliava, de modo que fui gradualmente capacitado a perceber coisas de que a princípio não tinha dado fé». E finalmente obteve a solução do maior de todos os mistérios — a situação da alma depois da morte.

(Continua na pág. 47)



SWEDENBORG

PARIS — fevereiro — (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Visitamos hoje a redação de "Le Figaro", o matutino mais bem redigido da imprensa parisiense, no qual o ilustre escritor francês François Mauriac publica semanalmente dois artigos de fundo sobre variados assuntos, mas de preferência sobre a política internacional.

Era lá mesmo que íamos entrevistar François Mauriac, o escritor que presidiu a Associação dos Homens de Letras, e que é atualmente um dos membros da Academia Francêsa, autor de tantos livros notáveis, entre os quais o romance "Le baiser aux lèpreux". Mas ele preferiu falar sobre política, confirmando a opinião que já havíamos formado sobre sua personalidade desde que começamos a acompanhar seus escritos no referido jornal. Sim, o político absorveu o escritor! Os melhores livros que ele escreveu apareceram antes de 1933, ano em que entrou para a Academia Francêsa. Contava, então, 48 anos, ótima idade para a produção de grandes obras literárias. Isso, porém, não aconteceu na sua vida. Depois de se tornar "imortal", nada mais produziu de importante. Escreveu ainda alguns livros e, durante a ocupação, camuflando seu personalíssimo estilo, dedicou-se à literatura clandestina, publicando, sob o pseudônimo de Forer, o "Cahier Noir", sem ser identificado pelos nazistas. Depois da ocupação, reuniu num volume seus artigos publicados no "Le Figaro", escreveu uns dois ou mais livros e uma peça teatral, "de Passage du Malin", que, aliás, teve sua estréia mundial no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a Companhia Marie Bell-Maurice Escande, no ano passado. Toda essa sua produção literária não despertou grande atenção, continuando Mauriac a ser admirado mais pelo que produziu antes de ser recebido no cenáculo máximo das letras francesas do que pelo que fez depois. Atualmente, dedica-se mais ao jornalismo, pois, além de escrever para o "Figaro", é ele quem orienta esse grande jornal, cujo destino está em suas mãos.

NA REDAÇÃO DE "LE FIGARO"

A redação do "Le Figaro" está instalada num grande edifício da avenida dos Campos Elíseos. É ali que François Mauriac é encontrado todos os dias, e foi ali que ele nos recebeu. É um homem alto, magro, de rosto comprido, olhos grandes e vivos. Usa bigodes e não aparenta a idade que tem. Parece ser muito mais jovem. No entanto, tem 62 anos. É muito irrequieto, nervoso, pois não consegue ficar sentado mais de cinco minutos. Levanta-se, passeia alguns instantes pela sala, senta-se outra vez para logo tornar a levantar-se. Até parece o repórter...

Depois de explicar-lhe o motivo da nossa visita, perguntou:

— Pois bem. Por onde devo começar?
— Pela sua carreira literária.
— Seria uma longa história, o que cansaria seus leitores. Conheço bem a psicologia dos que lêem semanários, pois sou responsável pela edição literária do "Le Figaro"...

— Pode, pois, resumir-la, salientando o que há de mais importante nela.

— Para mim, francamente, nada há de importante. Escrevi livros, muitos livros, e é só.

— Muitos livros durante quantos anos?

— Oh! Isso vai longe... muito longe mesmo. Comecei a escrever com a idade de vinte anos. Hoje, tenho mais de sessenta. Escrevo, pois, há mais de quarenta anos. Mas acho extremamente desinteressante falar sobre o que fiz, o que faço ou o que pretendo fazer ainda no domínio da literatura. Um escritor, para servir bem aos seus leitores, deve oferecer-lhes bons livros e, antes de morrer, um volume de memórias, nos quais poderá contar, se quiser, tudo que se passou na sua vida, já que isso pode interessar aqueles que conhecem sua obra. Mas falar de si próprio, em uma entrevista, acho um tanto... como direi? — Não, não direi nada. Será melhor mudar de assunto.

— De acordo. Permita-me apenas observar que há leitores, que gostam de ler entrevistas...

— De fato. E há também um escritor que recebe bom dinheiro pelas entrevistas concedidas. Nada menos de mil libras! Que velho pirata, esse Bernard Shaw... E faz ele muito bem. Olhe: o tempo que o senhor vai tomar-me vale por um artigo de fundo.

— Mas como o senhor não escreve artigos de fundo todos os dias, e sendo hoje o dia em que o "Figaro" aparecerá sem o seu...

— Está bem. Vá lá... Quer um cigarro?

— E dizendo isso, ofereceu-nos a cigarreira.

O DRAMA DA FRANÇA E O DRAMA UNIVERSAL

— Venha ver uma coisa — disse, em seguida, aproximando-se da janela.

Nós o acompanhamos.

— Está vendo essa gente que corre para tomar o "Metro"? Cada um deles tem inúmeros problemas para resolver. A passagem do "Metro", como já deve saber, passará a custar cinco francos, a partir do dia 25 do corrente. Vai subir, também, o preço do gás e da eletricidade. A falta de comestíveis é cada vez maior, enquanto os preços sobem e o franco se torna cada vez mais desvalorizado. Eis o drama atual da França.

— E a que atribui esse estado de coisas?

— Ao drama universal.

— Mas a França deve, antes de tudo, por termo ao



François Mauriac, falando a nosso enviado especial à Europa, Nelson Vainer, enquanto folheava REVISTA DA SEMANA.

FRANÇOIS MAURIAC FALA SOBRE O DRAMA DA FRANÇA

ENCONTRO COM O AUTOR DE "LE BAISER AUX LÈPREUX" NA REDAÇÃO DO "LE FIGARO" — O DRAMA DA FRANÇA E O DRAMA UNIVERSAL — A HUMANIDADE VIVE SOB A ESPADA DE DÁMOCLES — O ESCRITOR É EM FAVOR DO SOCIALISMO E CONTRA A POLÍTICA DO GENERAL DE GAULLE — DECLÍNIO DA LITERATURA — O TEATRO E CINEMA FRANCESES — O OTIMISMO DO ILUSTRE ACADÊMICO — OUTRAS NOTAS

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa)

seu "drama", não acha? O drama universal parece não ter solução imediata...

— Esta é realmente a nossa desgraça, — diz François Mauriac. — Outrora, a humanidade toda vivia escravizada, oprimida. Foi a Revolução Francêsa que a libertou. Hoje, a humanidade sofre as consequências duma servidão moderna, mas os tempos são outros. A solução dos problemas da França depende hoje da solução dos problemas do mundo.

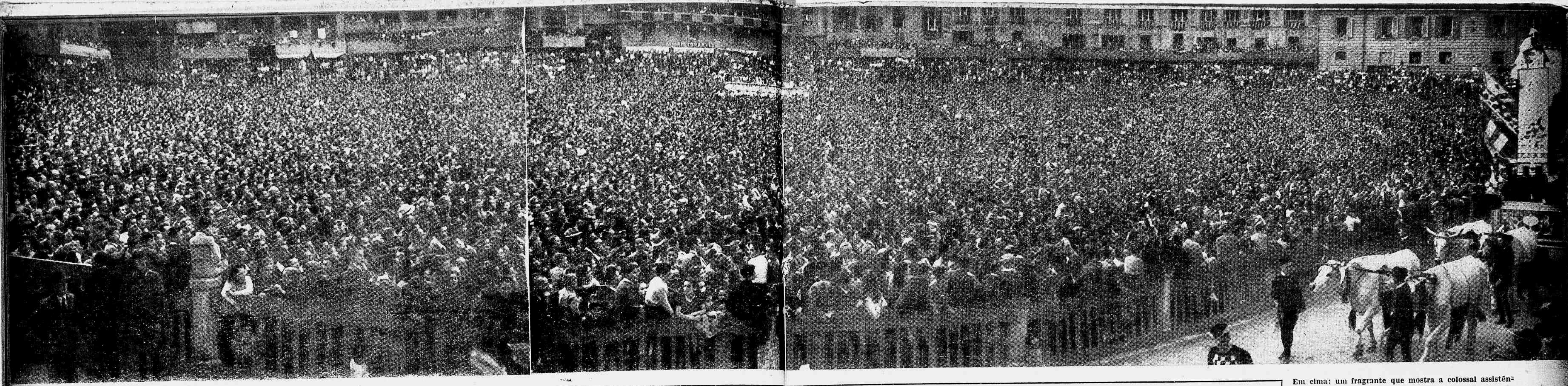
— E como espera o senhor que esses problemas sejam resolvidos?

— Como posso sabê-lo? A voragem é completa. O abismo que separa o mundo em dois, é tremendo. A humanidade vive sob a espada de Dâmoçles que, presa ao fragilíssimo fio, ameaça cair e desferir novos golpes no organismo que sangra ainda em consequência das duas guerras mundiais do nosso século...

(Cont. na pág. 50)

François Mauriac é assíduo nas "premières" teatrais. O autor de "Le Passage du Malin" aqui aparece entre o compositor Georges Auric, a atriz Madeleine Renaud, o dramaturgo Armand Salacrou e o ator Jean Louis Barrault, na noite da estréia de "Nuits de la colère", de autoria do penúltimo.





Em baixo: um padre benze os cavalos, por ocasião do cortejo e da corrida que fizeram com que milhões de turistas queiram visitar a cidade de Siena, e os jockeys montados sem sela, nos animais em pêlo, alinhando-os na fita da parte. O "Palio" de Siena, celebrado duas vezes por ano na Piazza del Campo, revive acontecimentos históricos que datam do feudalismo.

ESPLENDOR MEDIEVAL NA MAIS ANTIGA CORRIDA DE CAVALOS DO MUNDO

O QUE É O TRADICIONAL "PALIO" DE SIENA — COMEMORAÇÕES SACRO-PROFANAS EM HONRA DA VIRGEN MARIA

Por MAGDA INCONTRI

Fotos da KEYSTONE

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

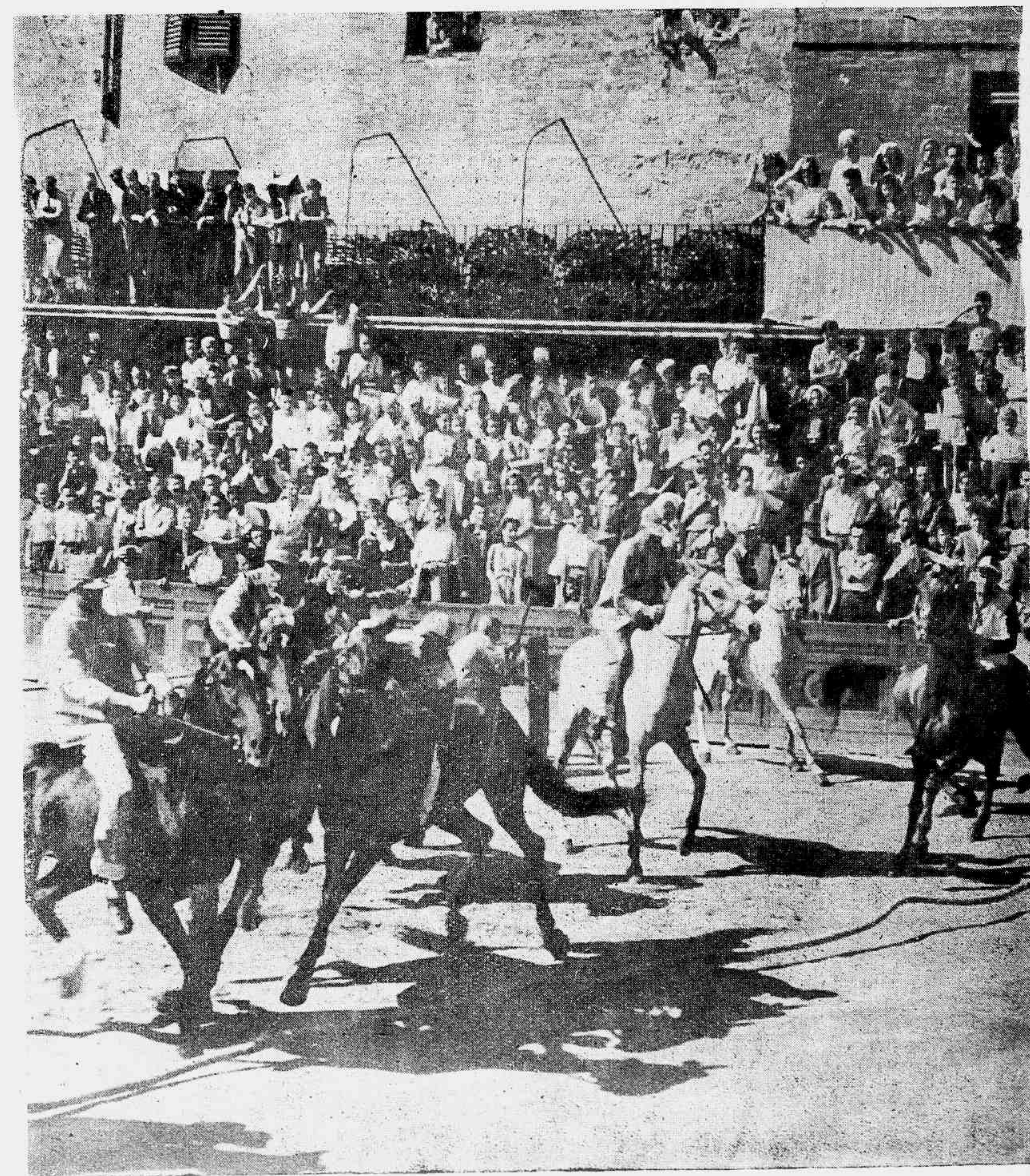
A mais antiga corrida de cavalos do mundo, a do "Palio delle Contrade", de Siena, na Itália, reveste-se ainda hoje de um esplendor medieval. Os "jockeys" correm montando cavalos em pêlo, sem sela. O prado, a pista de corridas, é uma praça central da cidade. Desde o séc. XIII, o "Palio delle Contrade" se realiza em Siena, na famosa Piazza del Campo. É uma festa metade esportiva, metade religiosa. Ao lado profano, o das corridas de cavalo, reúne o místico, da homenagem popular à Virgem Maria.

Siena repousa no coração da Toscana, entre Florença e Arezzo. É a cidade luminosa de Santa Catarina, padroeira da Itália. A princípio, o "Palio delle Contrade" era uma comemoração histórica das lutas dos tempos do feudalismo, — quando Siena formava uma república à parte, dividida em dezessete "contrade", ou distritos. Cada um deles tinha uma capela e uma bandeira própria. "Palio delle contrade" significa "bandeiras dos distritos". Na verdade, o "Palio" é a festa das velhas bandeiras, com um desfile que é uma re-
vivi-

vescência das batalhas do feudalismo. Ainda que iniciada há mais de seiscentos anos, a festividade do "Palio" só no século XVII se localizou, definitivamente, na Piazza del Campo. Foi em 1659 que se realizou pela primeira vez a parte esportiva do programa, — uma corrida de cavalos com as mesmas regras que ainda hoje estão em uso.

Nessa corrida do "Palio" tomam parte apenas cavalos "berberes", de pouca idade, cavalgados em pêlo. A corrida é disputada duas vezes por ano, constando de três voltas completas ao redor da praça, apinhada por uma multidão incalculável e frenética. Na corrida tomam parte dezessete cavalos, um representando cada um dos distritos de Siena (estes eram primitivamente 27, mas foram aglutinados em 17). A palavra "contrade", — acima traduzida por distrito, que é sua acepção prática, — deriva, entretanto, etimologicamente das antigas companhias paroquiais, ou "bandos", que constituíam o exército da cidade. Foi a governadora de Siena, Violante Beatrice, quem, em 1729, deu organização definida aos "contrade", demarcando-lhes

Em cima: um fragante que mostra a colossal assistência da mais antiga corrida de cavalos do mundo, — a do "Palio delle Contrade", em Siena, na Itália, datando do século XIII e estando, ainda hoje, impregnada do esplendor medieval. Em baixo: uma partida complicada, em que cavalos e cavaleiros se chocam. Mais de um cavaleiro aqui tem perdido a vida.





os territórios. Desapareceram os antigos governadores e capitães, dêsses distritos e "bandos", na vida administrativa de Siena, mas voltam eles às funções e aos uniformes tradicionais, quando chega o dia das celebrações do "Palio".

Grande número de comparsas são reunidos para fazerem as figurações de personagens históricos, mesmo porque o "Palio" é hoje uma atração turística nacional e internacional. Cada um dêles, ao vestir uma farda, um uniforme, um traje medieval, assume também um posto ou função, teoricamente, é claro. Um é "tamboreiro", dois são "alferes", quatro são "pagens", um é capitão do "Paggio Maggiore". Isso em cada grupo, ou "contrade". É fácil imaginar o efeito que não fazem eles, nos desfiles, com seu garbo marcial, suas vestimentas coloridas e com suas bandeiras desfraldadas. Os "cavalor de parada", isto é, os que entram no cortejo, mas não na corrida, são também ricamente ajazados, — e assim homens e animais formam um conjunto empolgante e espetacular, com suas pratas, seus bordados, veludos, etc. Um padre, — a igreja está sempre associada às celebrações, participando, inclusive, de sua parte profana, — efetua a bênção dos cavaleiros que participarão da grande corrida. Os comparsas se reúnem na Piazza del Duomo, onde é formado o cortejo, que depois segue o caminho da Piazza del Campo. Às suas côres, à policromia dos seus trajes e dos seus estandartes, juntam-se as das mantilhas e dos tapetes, das decorações coloridas e festivas, que todos os habitantes de Siena então colocam nas suas janelas. De tôdas as sacadas agitam-se mãos, inclinam-se pessoas curiosas, que admiram o monumental desfile. Seria longo descrever com todos os pormenores o cerimonial dêsse cortejo histórico. Creio que as fotos da Keystone dão uma idéia aproximada, embora não seja possível fotografar o entusiasmo que domina a multidão e que se manifesta, sobretudo, na hora da grande corrida. Essa corrida é perigosíssima, pela falta de selas nos cavalos,

(Cont. na pág. 44)

Nesta página, do lado esquerdo: três aspectos do monumental cortejo das bandeiras de Siena, com seus trajes pitorescos que recordam neas shake-pereanas de ambiente italiano, com "Orelô", "O mercador de Veneza" e "Romeu e Julieta".



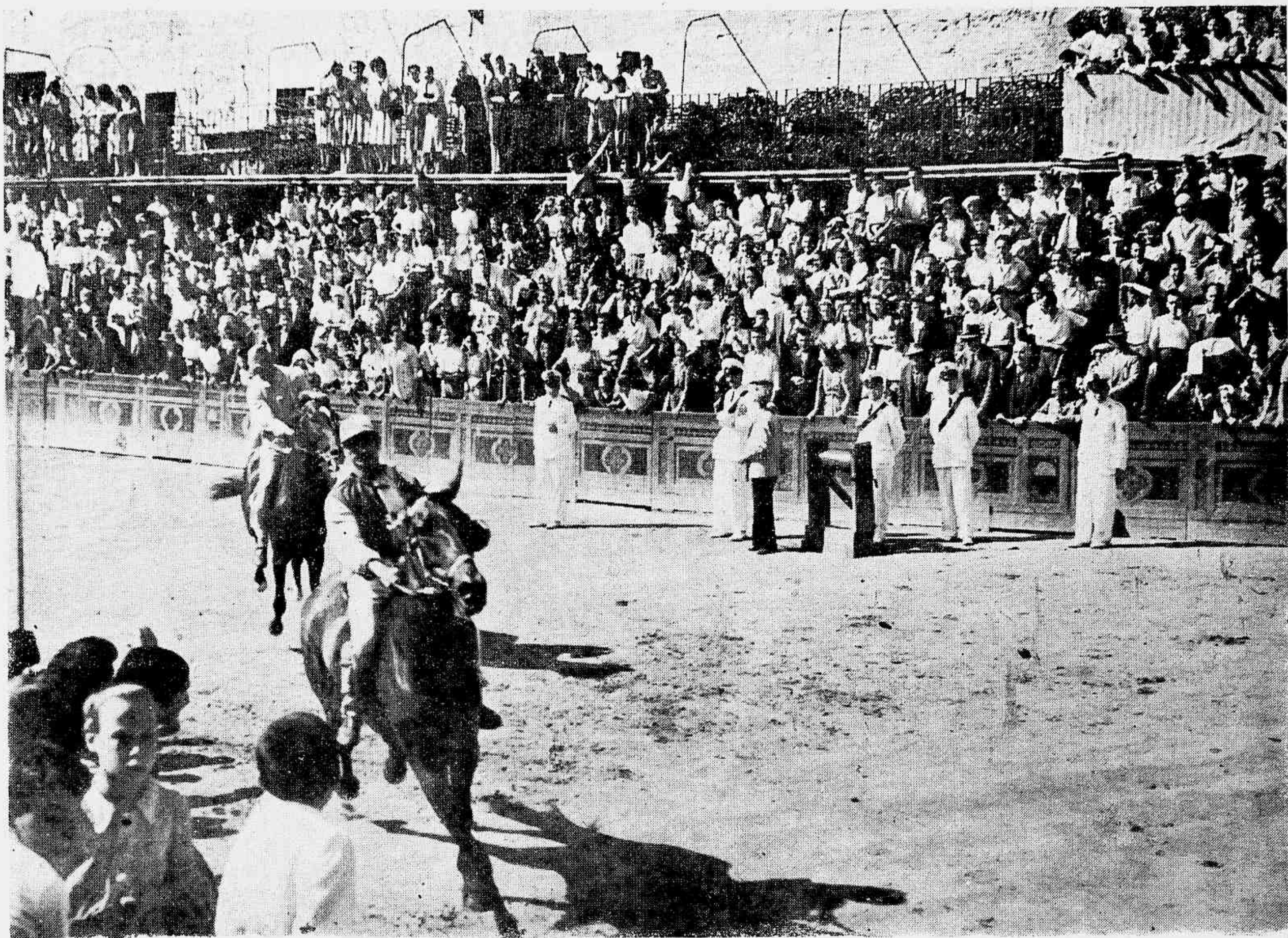
Um cima: tambores e porta-bandeiras, preparados para o "Pallo", antes de se juntarem ao cortejo que se reúne, habitualmente, na Piazza del Duomo. Em baixo: pagens e cavaleiros, estes desempenhando os papéis históricos dos "capitanos de contrade", ou dos "bandos" que outrora constituíam o exército da República de Siena. Datando do século XIII, essas tradições são carinhosamente guardadas, na maior festa sacro-profana da Itália.





Em cima: à esquerda, um popular porta-bandeira, surpreendendo os curiosos com sua destreza, à direita: um guerreiro envergando seu pitoresco e pesado uniforme medieval.
Em baixo: figurantes à espera do cortejo tradicional, com suas bandeiras desfaldadas, e um coarsa caprichoso, limpando com cuidado o seu próprio escudo...





Em cima: um detalhe da corrida, que muitas vezes tem sido fatal, vendo-se "jockeys" tentando dominar seus cavalos e conduzi-los para a fita da partida. Em baixo: dois detalhes do desfile, em que muitas crianças tomam parte, apresentando-se entre os figurantes como pagens...





Gilho e pai

ORLANDO
MATTOS

Conto de AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

DESPERTAMOS com a voz mansa do velhinho:

— Bom dia. Dormiram bem?

— Eram 6 da manhã, e estávamos no melhor do sono. A temperatura, muito quente, só pela alta madrugada começara a abrandar, deixando-nos dormir. Mas a fala do velho era tão doce, que nos convidava a conversar com ele.

— Bom dia, «seu» Barreto. Muito bem, obrigado.

— «Seu» Barreto caminhava macio, nas suas alpercatas de couro cru. Um botão de osso, agressivamente pontudo, prendia o colarinho da camisa sem gravata. Um bonezinho preto cobria-lhe as farripas encanecidas. Segurava entre o polegar e o indicador da mão esquerda um rôlo de fumo, que picava com uma caxerenga, deixando cair os fragmentos na palma aconchuada.

— Dormiram bem mesmo, ou é bondade de vocês?

— E só para o meu companheiro, como se eu não estivesse ali!

— Poi olhe, doutor, p'ra quem está acostumado êsse calor é um pau pelo olho; mas quem vem de fora reclama de pagode.

— E' — arrisquei, forçando a atenção do homem — mas sempre se aguenta bem.

Meu amigo esfregou os olhos, escancarando a boca em bocejos imensos; mas «seu» Barreto era chegado a um bate-papo.

— Ah, seu doutor! Êste mundo... O doutor, que é um homem lido e corrido, deve conhecer muita coisa da vida. Mas é muito moço ainda, e há certas coisas que só o tempo ensina. Há muita maldade neste mundo, doutor. Ai, ai...

Suspirou fundo. Tirou do bolso uma mortalha, de palha de milho, espalhou nela o fumo:

— Ai, ai, seu doutor... Êste mundo... Não fuma?

— Não, muito obrigado, «seu» Barreto. Lembrou-se da minha existência:

— E o senhor?

— Eu também não fumava.

Enrolou bem a mortalha, umedeceu-lhe com a língua uma das extremidades:

— Pois é como lhe digo, doutor: êste mundo...

Chegáramos na véspera à vila sertaneja de P., no Estado de... Ia dizer X, que é um dos sinais de incógnita; mas invertamos as praxes matemáticas: ponhamos A.

Fôra excelente a viagem, rio acima, feita em canoa, que de tão grande era verdadeira bareca. O livre contacto com a natureza abria-nos um apetite feroz, e a feijoada de bordo, mesmo sem legumes — a couve, o quiabo, o jirimum, o maxixe, infalíveis em feijoada nordestina — era devorada com sôfrega delícia. Nas duas noites de travessia, cantávamos às estrelas, que não havia lua — meu amigo e companheiro dr. João Carlos da Rocha, os tripulantes e eu. Salteou-nos, a meio caminho, uma ameaça de tempestade, dando à excursão certa nota de romanesco perigo. Mas logo no dia seguinte rebentou um sol magnífico, e os nossos olhos voltaram a espalhar-se ao longo do São Francisco, reverberante à viva claridade. Atentávamos, aqui e ali, nos vestidos de colorido forte das lavadeiras, cuja fisionomia, com a distância, não era possível distinguir. Cantavam cantigas que o vento nos trazia aos farrapos, de mistura com o fôfo bater da roupa nas pedras. Não passava muito tempo sem que uma vilazinha ou cidade marginal surgisse aos nossos olhos. O dono da canoa, mesmo à hora de refeição, estava sempre ao leme, governando. Uma das mãos na comida, outra no timão. O que levava meu amigo, dado aos trocadilhos, a comentar: — «Tipo do governo desonesto: governa e come». E soltava uma gargalhada das suas, sadias e atroantes como poucas. Dormíamos em beliches toscos, sobre tábuas revestidas de magra esteira. Não seria viagem confortável; mas divertida era. Divertida e por vezes poética. Valla a pena ver cair o sol, tremeluzir no alto as primeiras estrelas. Os últimos pássaros que em bandos ruidosos cruzavam os ares, emudeciam; o céu, depois de incessante transmutação de cores, era de um azul profundo e nítido; as ondas, cada vez menos crespas, faziam-se quase imperceptíveis. Rio e céu: não raro.

(Cont. na pág. 44)

Ilustração de ORLANDO MATTOS

NOS BASTIDORES FEMININOS

NADA mais ridículo do que uma mulher a quem falta a mais pura noção de auto-crítica. E, infelizmente, o número é imenso. Isto verificamos diariamente, nas ruas, nas praias, nos cinemas e, em toda a parte onde Eva aparece. Mas, existe um lugar onde a falta de auto-crítica e portanto o ridículo, atinge o auge. Pode ser numa estação de águas ou numa cidade serrana, pode ser num sítio ou numa fazenda, pode ser num hotel de luxo ou numa pensão modesta, o espetáculo é sempre o mesmo: mulheres que exibem os mais curiosos e anti-estéticos trajes, num verdadeiro atentado ao bom gosto e à elegância. Esse espetáculo é variado e seria até divertido si não fosse tão ridículo e deprimente. Ora são criaturas gordas e de formas ligeiramente "hipopotâmicas" que se enfiam em calças masculinas, completadas por ajustadas "sweaters" que mais realçam as suas deformadas linhas; ora são outras menos gordas mas talvez mais velhas, que resolvem ostentar toda a sua "grace" num traje masculino, ao qual, para acrescentar um "toque" de feminilidade enfeitam com vistosos lenços, grandes charús, laçarotes e um milhão de coisinhas complicadas que dão à sua portadora o aspecto de um verdadeiro mascote. Adiante, são outras que resolvem aderir às calças "três-quartos", coisa que só vai bem a quem ainda não passou dos vinte ou então que possua uma plástica quase que perfeita ou um tipo muito especial. E há ainda muito mais; como por exemplo aquelas que se convencem que são as "tais", isto é as "boas", as "irresistíveis", ou coisa parecida; estas não só aparecem com trajes exagerados, como com maquilhagem excessiva, penteados complicados, etc., assumindo ainda "atitudes vampírescas", tentando ameaçar a tranquilidade das pobres senhoras casadas, cujos maridos, também de carne e osso, estão sujeitos à tentação. Isto é o que elas imaginam, sem se darem conta, no entanto, da triste figura que estão fazendo. Si tais criaturas se dessem ao trabalho de empregar o tempo que perdem imaginando todos esses rebuscados de suas "toilettes" e ensalando os exageros de seus gestos em coisa mais útil, muito grande, sem dúvida seria o lucro em favor da humanidade. E si houvesse por parte das outras um pouco mais de sinceridade consigo mesmas, muito espetáculo ridículo seria evitado.

Compreendemos perfeitamente que muita gente se retira das grandes capitais em busca de um lugar onde possa ficar "à vontade", porém esse "à vontade" deve, também, obedecer a certas regras de elegância e bom gosto. Isto de usar qualquer coisa só porque é cómodo ou porque "tôdas usam", revela uma grande falta de tato e feminilidade. A mulher deve usar aquilo que lhe vai bem, mesmo que para isso tenha que sacrificar, às vezes, o seu conforto. Esse é o papel da mulher feminina que não quer perder os seus encantos mesmo quando afastada dos centros mais movimentados.

KITTY



A NOVA LINHA

A nova linha parisiense devolve à mulher toda a sua feminilidade. Os ombros são quase naturais, a linha da cintura justa como também a do busto, e a linha dos quadris é bastante ampla e arredondada. O modelo aqui apresentado, de Pierre Balmain, é um exemplo dessa nova linha.



CATHY O'DONNELL APRESENTA



A "revelação" de "Os melhores anos de nossa vida" parece estar com o futuro garantido em Hollywood. Aqui a vemos exibindo os modelos que Edward Stevenson, figurinista da RKO, criou especialmente para ela. Modelo para meia-estação em la rima bege. Colete de "cuido" "cotelet", em tom contrastante. Mangas fartas com punhos. Saia franzida. Em jersey de seda branco é este original modelo de Miss O'Donnell. Mangas japonesas, franzidas nos ombros. "Basque" franzida, na frente.



Para o "cocktail" ou para o jantar noturno em crepe preto ajustado até os quadris e "goget" daí para baixo. Decote redondo com folhas do mesmo tecido aplicadas. Nada mais romântico do que este vestido de Laile em organdi de seda branco. Corpete drapeado justo alças de veludo. Saia muito ampla. Passaros em tecido azul claro, aplicados com vidrilhos dourados. Para armar melhor a saia, forro de tafetá.

Muro das LAMENTAÇÕES

RESPOSTA A MAURICIO M. R. — Nova York

Estando você aí, longe dos ambientes que lhe eram familiares, é muito natural essa sensação de desajustamento e de solidão que o domina. Mas você precisa reagir energeticamente, antes que esse estado depressivo se agra. e. Nota-se, pela sua carta, que você já está se entregando a pensamentos mórbidos, que podem ter funestas consequências. Além disso, sabe que grande parte das moléstias consegue penetrar vitoriosamente no organismo devido ao consentimento da nossa mente?

A medicina moderna aceita cada vez mais como verdadeira a influência de nossa vida psíquica sobre a saúde do corpo. Os pensamentos melancólicos, o receio que você demonstra de adoecer gravemente podem causar dano à sua saúde. Inconscientemente, talvez, você deseja ficar doente, para se livrar das responsabilidades do momento. Talvez seu inconsciente acredite que adoecer seria o meio mais rápido para você poder regressar ao Brasil, ao ambiente que ama.

Pense bem, no entanto. Você ganhou uma bolsa de estudos e tem deveres para com os que a concederam. Por outro lado, foi você mesmo que desejou ir para ali; creio que, mais ou menos, você já sabia o que o esperava. Logo, é fazer mais um pouquinho de fôra e aguentar o tempo que ainda lhe resta. Procure distrair-se mais, e tente afastar de si a idéia do tempo. Sua estadia aí é um intervalo breve numa longa vida brasileira — um intervalo do qual você, mais tarde, provavelmente vai sentir saudades.

Não imagine que está doente, porque acabará, mesmo, adoecendo. Esforce-se por manter um ânimo despreocupado e sereno, pois é muito tranquilizador o que o médico lhe assegurou. Você tem apenas saudade aguda, mas isso é doença que vai acabar assim que você entrar em águas brasileiras...

RESPOSTA A IRACEMA — Fortaleza

Fomos a impressão de que a senhora está sendo vítima de um delírio da sua imaginação. Não pode ser verdade o que nos diz sobre o seu marido, porque a senhora mesma se contradiz nos pormenores. O que parece exato é estar a senhora presa numa crise de ciúmes que a impede totalmente de enxergar a realidade. A senhora ou interpreta os fatos de maneira unilateral, ou julga reais aqueles que simplesmente imaginou para fundamentar o seu ciúme. Na idade crítica são muito frequentes essas perturbações, por isso não precisa assustar-se nem assustar seu marido. Vá imediatamente a um médico de confiança e conte-lhe tudo. Aprenda, desde já, a duvidar das suas impressões, e abra um crédito de confiança ao seu esposo. Estamos certos de que tudo isso passará, como uma violenta mas rápida chuva de verão.

RESPOSTA A TIAGO — Rio

Você está se afogando em pouca água — bem se vê que é marinho de primeira viagem! Nenhum rapaz sensato se entrega ao desespero porque levou um contra da namorada... O que você tem a fazer é esperar o próximo ciclo da aluata senhorita; se for um quarto crescente, vai estar para você! Enquanto isso, vá se divertindo e conversando com outras meninas. Há tantas! E na sua idade convém não escolher muito: é colhê-las aos "bouquets" — enquanto não surgir "aquela que há de ser a sua amada". Por enquanto, é muito cedo para você saber se já a encontrou.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Conte-nos seu caso, se está em dificuldades, escrevendo-nos aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape, 15.



PARA o elegante "tailleur", ou para a sala esportiva e simples aqui estão três modelos bastante graciosos: Barbara Bates, com um modelo em cetim linge, com nervuras, rendas e botões de pérola. Há uma certa elegância romântica nesta blusa que dispensa o uso de casaco. Em baixo: uma blusa "habillé" é sugerida por Ariene Dahl, da MGM, em seda branca, guarnecida de renda antiga e fita de veludo. Em organdi, com nervuras, "pois" e "festonnet", feitos à mão, é a graciosa blusa de Barbara Bates, da Warner Bros.

BLUSAS





CHAPÉUS

Para as mais diversas ocasiões apresentamos nesta página três lindos modelos de chapéus. Para noite, um original modelo tipo turbante em grossa malha verde com enfeite em lantejoulas pretas. Para tarde, este elegantíssimo feltro bege com pássaros em cores vivas, fita de gorgurão azul-marinho. Para a manhã, lindo modelo em palha bege, brilhante, véu azul-marinho e um grande ramo de violetas na parte posterior.



A PERSONALIDADE da Semana

LYGIA MARIA LESSA BASTOS

A emancipação da mulher brasileira processa-se segura — mas lentamente. Demasiado numerosos ainda são os que alçam ironicamente os ombros quando ouvem falar em mulheres deputados, ministros, prefeitos ou senadores. Entretanto, já que toda nação se compõe de homens e mulheres, é lógico que todos os cidadãos lutem lado a lado para melhorar as condições de vida do seu país. Isto nada tem que ver com um feminismo anacrônico. Trata-se simplesmente de aproveitar cada um, segundo suas capacidades. E não é possível negar que certos setores deveriam naturalmente ser dirigidos por mulheres: certos ramos da higiene e saúde, por exemplo, ou de educação.



No Distrito Federal, quatro mulheres, somente, foram eleitas para o Congresso. No momento, tuas, tão somente, podem participar efetivamente das responsabilidades políticas nacionais. É muito pouco! Conversei com uma das duas vereadoras sobre este assunto.

— É evidente que muitos homens estão saboreando o movimento da emancipação feminina. Disse-me a vereadora Lygia Maria Lessa Bastos. Durante a campanha eleitoral, por exemplo, colocaram inúmeras mulheres nas chapas. Pareciam assim fazer prova de sentimentos progressistas. Na realidade dispersavam a votação. Puseam de propósito tal número de mulheres que resavam poucas possibilidades para que uma só pudessem se eleger! É evidente que a emancipação da mulher não pode mais ser detida. O próprio Churchill, Churchill o reacionário, acaba de explicar isto num brilhantíssimo discurso. Naturalmente, muitos brasileiros não querem que a mulher saia de casa porque sabem que só assim ampliará seu horizonte e tornar-se-á capaz de agir por si própria! E preferem que continue dócil, obediente e ignorante!

Perguntei à vereadora quais seus planos para este ano.

— Todos estão, naturalmente, ligados com a educação. Sendo professora conheço bem o estado angustioso das nossas escolas e continuarei lutando, esperando que alguns problemas, pelo menos, sejam resolvidos. Tenciono pôr em prática meu plano de alfabetização, dando aulas pelo rádio. O rádio deve ser aproveitado melhor. Sem falar das aulas de ginástica que tanto êxito têm, existem até aulas de desenho. Por que, então, não seria possível ensinar a ler e escrever pelo rádio? Espero poder comprová-lo, em breve. Depende do Ministério da Educação.

— E quais os projetos que apresentará na Câmara Municipal?

— Farei novamente apelos para que se construam prédios escolares. Você sabe que no ano passado 30% somente da população em idade escolar conseguiu encontrar vagas nas escolas existentes. Em vez de melhorar a situação piorou ainda! Não se construiu uma única escola, nem se fizeram os consertos necessários em diversas escolas que não podem ser utilizadas no estado em que se encontram. Em lugar de lutar disso durante os meses de férias na lá foi feito, e agora estas escolas terão que ser fechadas. Em 1946 começaram a construção de quatro escolas. Em 1947, de duas. Em 1948, ainda de nenhuma. Nenhum dos dez ou quinze prédios que o prefeito prometera mandar iniciar imediatamente foi começado! Contando o fechamento das escolas que precisam de consertos, sem mesmo falar em aumento da população, é fácil de ver em que pé está a questão.

— Quais são seus outros projetos?

— Voltarei a defender a aposentadoria das professoras aos cinquenta anos ou depois de vinte e cinco anos de atividade. Este projeto foi vetado pelo prefeito mas voltarei ao assunto porque se trata de um dever humanitário. Também lutarei para que se consigam mais professoras. No dia em que houver mais prédios, faltarão professoras para lecionar neles. Isto poderia ser facilmente resolvido. Bastaria permitir o ingresso na escola normal de qualquer moça tendo acabado o curso secundário, em lugar de obrigar as futuras professoras a fazer o curso secundário no Instituto de Educação. Também é preciso devolver o Instituto de Educação à sua verdadeira finalidade que é a formação de professoras, instalando o curso secundário em outros prédios. Tudo isto pode ser resolvido. Infelizmente falta a boa vontade.

E conversamos longamente sobre problema tão importante e que em lugar de melhorar vai sempre piorando. O que é difícil de compreender, porque não há algo mais importante de que a saúde e a educação da criança. Se o presente é negro, dever-se-ia, pelo menos, pensar em preparar a nova geração para que o futuro possa ser melhor!

YVONNE JEAN



O ESPÍRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

AS GALINHAS DE DIANA TORRIERI

Quando embarcou, para o Brasil, no navio-feira "Urano" a frente de uma companhia de comédias que se exibiu no Rio e em São Paulo, a atriz italiana Diana Torrieri, — o primeiro vulto do teatro europeu que nos visitou depois da última guerra, — fez-se anteceder, na hora do embarque, por alguns engradados, contendo quinze galinhas.

— Eu não podia embarcar tranquilamente sem trazer estas aves, — explicou ao capitão.

São galinhas de tanta estimação assim? — perguntou o lobo do mar, emocionado.

— Senhor não sabe o que elas significam para mim...

E, num rasgo de sinceridade:

— Para ser franca, desconfio da comida do seu navio... E como a travessia vai durar uma quinzena, mande matar uma todos os dias...

CONSELHO A UM POETA

Quando o poeta dramático Sininberghi lhe comunicou que estava escrevendo "uma peça para ela" Eleonora Duse enviou-lhe a seguinte carta:

"O senhor me diz que está escrevendo uma peça. Agradeço-lhe e sinto-me feliz por ter contribuído um pouco para levá-lo a aperfeiçoar a idéia que certamente já tinha. No entanto, peço-lhe que tome em consideração o que lhe vou dizer: não fique adstrito à minha pessoa. Prossiga na sua idéia, pelo caminho do ideal, para a bondade e a beleza, que são a arte. Mas não baseie o seu drama sobre — como direi? — a personalidade de uma atriz. Eu poderia desviá-lo e, para chegar à arte, só a própria arte ensina o caminho. Pense nisto, construa, melhor do que lhe posso dizer sobre este pensamento. E trabalhe. Quando julgar sua obra terminada, faça com que ela chegue às minhas mãos. Prometo-lhe que saberei lê-la e me esforçarei por fazer o público compreender o seu pensamento. Mas, repito, fuja à idéia de escrever para uma atriz. Nós existimos hoje e, amanhã, não seremos mais nada. E aquele que escreve deve permanecer em sua obra..."

A BAILARINA CONTRA AS ESTATUAS

Uma noite, quando a famosa bailarina Isadora Duncan deixava um dos teatros de Berlim, os estudantes, inflamados, desatrelaram os cavalos do seu carro e começaram a puxá-lo, a mão, através da famosa Sieges Allee. No meio dessa alameda, pediram-lhe os universitários que falasse. Ponho-me em pé na vitória, Isadora Duncan fez uma depreciação contra os terríveis monumentos levantados a Bismarck, ao imperador Guilherme e outros símbolos do militarismo alemão.

— Não há maior arte que a do escultor, — disse a bailarina. — E por que é que vós, amantes das artes, permitis esse horrível ultraje em meio da vossa cidade? Olhai para essas estátuas! Sois estudantes de arte, mas se fosseis realmente estudantes-artistas haviéis de pegar em pedras, para apedrejá-las, ou em picaretas, para demolí-las! Arte? Arte isso? Não, não! Isso são fantasias do kaiser!

Os estudantes a apoiaram com tanto veemência que, se não fosse a intervenção da polícia, naquela mesma noite Berlim teria ficado livre de tais estátuas...

O RECREIO...

Eduardo Vitorino, no seu livro "Atores e Atrizes", conta esta interessante anedota da famosa atriz Ismenia dos Santos (não confundir com a atriz do rádio-teatro da Nacional, pois se trata de outra, nascida na Bahia no ano de 1840); um autor novato e sem talento, mandara um peru de presente à comedianta e, no dia seguinte, indo visitá-la, levou-lhe uma peça debaixo do braço... Ismenia dos Santos, que já lhe conhecia a fama, foi logo dizendo:

— Se é com esse recheio que devo comer o seu peru, pode levá-lo...

— É fácil imaginar como o "recheio" era "indigesto"...

SARAH BERNHARDT E A ÁGUA PRUSSIANA

Antes da guerra de 1870, em que a França foi derrotada pelos alemães, Sarah Bernhardt ainda jovem, mas já aureolada pela fama, representava na Dinamarca, onde o rei lhe ofereceu um banquete, assistido pela elite social e membros do corpo diplomático.

Ao fim do banquete, houve brindes entusiasmados. E, certamente os discursos, o embaixador alemão em Copenhague tirou do seu próprio uniforme uma condecoração com a águia prussiana, tentando prendê-la, do lado esquerdo, no vestido da grande tragédia.

— Essa arte do ódio não pousará no meu peito! — exclamou Sarah Bernhardt, desviando-se.

A condecoração caiu no chão e ela pisou-a aos pés. Tomara o gesto do diplomata como uma afronta. Em consequência, o governo imperial da Alemanha proibiu-a, de então, por diante, de representar no território germânico e na recém-anexada Alsácia-Lorena...

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)

MODELOS PARA PASSEIO



O ADOLESCENTE E O LIVRO

A TUALMENTE o folheto tem relegado o livro do seu verdadeiro lugar; fácil de conduzir, dobrável e reduzindo-se comodamente para o transporte ante as dificuldades de locomoção de hoje, ele, como o sofá-cama, a cozinha americana e o apartamento, se impõe mais pelas necessidades hodiernas, que pelo seu real valor. Os ingleses e americanos compreenderam atiadamente esta situação e reduziram o livro a um tamanho ajustável ao bolso de qualquer cidadão, e, mais ainda, no sentido figurado, ao preço de um folheto, sendo livro. Desta forma, qualquer indivíduo adquire a melhor literatura do mundo por uma ínfima quantia um dinheiro trocado que lhe esteja sobrando no bolso. Mas não é uma propaganda destes livros que pretendo fazer (e oxalá, a fizesse, para que os nossos editores lhe imitassem o exemplo), e sim chamar a atenção para o fato do nosso adolescente preferir conviver com o jornalzinho do que com o livro. No bonde e dentro das pastas escolares o que mais se encontra é o folhetim com a história de quadrinhos ou de detetives, e quando se trata das meninas, as melosas histórias de impossíveis fidalgos caçando datilógrafas, ao em vez das pastoras dos contos de fadas.

A leitura pode ser dirigida e bem dirigida; orientada para um sentido de bom gosto e raciocínio e não por uma moral artificiosa que pretende ocultar o mal, diante das situações claras da vida de hoje; exemplifiquemos: numa escola de meninas é de uso corrente que se lhes dê apenas para ler os livros chamados de água com açúcar, ou literatura cômica de rosa, taxando de imprópria, num drástico expurgo, obras imortais e belas da literatura universal, que nada têm de imorais e que apenas se referem a um ou outro aspecto mais sério da vida, na sua realidade e sem mantos diáfanos; estas mesmas meninas, a quem se quer conservar num impossível estado de inocência, assistem a todos os dramas de Gables e Gildas cinematográficas, mesmo naqueles que são rigorosamente proibidos para menores até dezotoitos anos. Por que admitir tão somente para a literatura o critério de censura absoluta? O livro de Erico Veríssimo — "Olhai os lírios do campo" que é condenado como leitura para as meninas-moças, transformado em cinema, foi visto e chorado pelas meninas-moças que não poderiam folheá-lo sequer. A incongruência é por demais flagrante para que insistamos ainda sobre ela.

Há uma enorme vantagem na leitura dirigida para o adolescente; como em outros setores, ele precisa ser orientado sobre o melhor caminho a seguir. Seria admirável, por exemplo, que as nossas bibliotecas dispusessem de explicadores argutos e cultos, que apresentassem os autores aos jovens que buscam a leitura como passatempo, e lhes fornecessem processos acertados de ler e reter; sugerir um autor e sua principal obra; crítica sobre esta mesma obra e biografia do referido autor; indicações para notas ou fichas que se deverá fazer; um roteiro para a poesia, para o teatro ou obras científicas; destarte um técnico em biblioteca seria algo mais que um catalogador ou um mero informante, mas um fator vivo de cultura.

E' muito bom que cada bairro possua o seu campo de esportes e seus clubes de dança, mas seria bom também que tivesse bibliotecas volantes, que disseminassem "livros, às mãos cheias", como queria o nosso Castro Alves. A Inglaterra é um país de desportistas, mas os ingleses são também ótimos leitores e homens que, por causa dos livros, sabem ser donos dos seus próprios narizes, ainda que existam Hitlers ou Mussolines.

ZOIA DE LAET



Inspirados nas modas antigas, os figurinistas de todo o mundo continuam criando modelos que sempre alcançam merecido sucesso pela sua originalidade. Um exemplo do que afirmamos são estes seis figurinos para passeio, que aqui apresentamos, inspirados em criação dos famosos desenhistas franceses. Estampamos também seis interessantes modelos de chapéus dos mais variados estilos.

Mauren O'Hara...

(Cont. da pág. 17)

um telegrama avisando-me que aguardasse um telefonema do agente às quatro horas da tarde. O telefonema era para comunicar-me que Charles Laughton me oferecera um contrato com a Mayflower Pictures. Recebi o contrato dias depois e o assinei. Estávamos na época das festas de Natal e passei o fim do ano me despedindo dos amigos e parentes, pois devia estar em Londres a 3 de Janeiro.

Maureen está cansada de falar, e eu a substituo. Chegando a Londres, a linda pequena irlandesa morou algumas semanas com uma tia, até que a sra. Fitzsimons (sua mãe) foi para junto dela. Maureen continuou a estudar canto e dança, aguardando que Laughton lhe desse algum papel. E somente em Novembro (depois de dez meses de espera, vejamos bem!) Maureen recebeu a notícia de que apareceria em "Jamaica Inn" (A Estátua Maldita). Lançado o filme, viu-se Maureen perseguida pelos caçadores de autógrafos e aclamada pelos presentes à "primeira" do filme. Tudo fazia crer que viveria em Londres por muito tempo. Por isso, arrendou uma casa por sete anos. Ficou nela apenas seis semanas, pois logo recebeu o principal papel feminino em "O Corcunda de Notre Dame". Fechou a casa e embarcou para os Estados Unidos, em companhia da mãe.

Nos Estados Unidos, Maureen foi submetida a rigorosos testes, dirigidos pelo diretor Will Price, daí surgindo um romance que culminou no altar, a 29 de Dezembro de 1941, estando Will já uniformizado para a guerra, como tenente de fuzileiros navais. Depois do magnífico desempenho em "O Corcunda de Notre Dame", foi Maureen assediada por Darryl F. Zanuck, que lhe ofereceu um papel em "Como Era Verde o Meu Vale", película premiada pela academia como a melhor do ano. Trabalhando inicialmente para a RKO, em "O Corcunda...", Maureen vem então dividindo as suas atividades entre aquela empresa e a 20th Century Fox. Maureen O'Hara já fez ao todo 18 filmes, destacando-se os três já mencionados e ainda "Dez Cavalheiros de West Point", "O Cisne Negro", "Sargento York", "Esta Terra É Minha", "O Pirata dos Sete Mares", "A Professora Se Diverte", "Sinbad, o Marujo", "Tu Voltarás, querida", "De Ilusão Também Se Vive" e "Débil É a Carn. (The Foxes of Harrow)", este com Rex Harrison e ainda não exibido no Brasil.

Maureen O'Hara é hoje mãe de uma linda menina (tem a quem sair!), nascida a 30 de Junho de 1944, e batizada de Bronwyn, em lembrança do papel que a mãe fez em "Como Era Verde o Meu Vale".

Além de ser uma das mais belas atrizes de todos os tempos, Maureen é muitíssimo simpática e agradável. É dessas criaturas com as quais a gente tem vontade de ficar a vida inteira, tal o encanto da sua personalidade. Fala muito baixinho, em voz rica e pausada, e tem um sorriso verdadeiramente cativante. Seus olhos são verdes, muito claros, e seus cabelos são ruivos, com tons dourados. É uma criatura sereníssima, mas que sabe estourar como todos os irlandeses. E o motivo capital para um estouro dos bons é alguém usar de falsidade para com ela. Falsidade ou qualquer dos seus derivados.

Maureen não fuma, nem bebe e não gosta de usar pintura. Não faz vida noturna e é a grande defensora dos narizes lustrosos. Apesar disso, foi há pouco classificada entre as dez mais belas mulheres do mundo, num inquérito organizado por Billy Rose.

Conversei com Maureen O'Hara no "lunch" dos correspondentes estrangeiros que cobrem Hollywood, realizado no Roosevelt Hotel, onde foi feita uma das fotografias que acompanham esta reportagem.

O BOM CAIM

(Cont. da pág. 47)

que fazia pensar numa careta do esqueleto; o corpo se havia tornado anguloso e seus movimentos sugeriam, até nos mais inofensivos ademanes, idéias de violência; a tranquilidade infantil de sua fisionomia tinha sido suplantada por um franzir das sobrancelhas — visível e torturador esforço para concentrar o pensamento disperso ou fugitivo — que se resolvia num ricto, atrás do qual as duas filas de dentes brilhavam, apertadas, coléricas... Asseguro-lhe que quanto mais o contemplava, mais se arraigava em minha mente a idéia absurda de que aquele homem não era meu irmão; e era ele, sim, porém na nova criatura apagava e excluía tanto a de antes que, apesar da evidência, a dúvida persistia, me obcecava. Até a voz, que o senhor diz que apenas muda, era outra. A ele o senhor não teria reconhecido, padre! Era uma voz sombria, rasgada às vezes por alguma coisa metálica... uma dessas vozes que só sabem mandar ou zombar. Depois, ao vê-lo comer, melhor dizendo, beber, compreendi que o demônio do álcool lhe havia roubado todas as doçuras: a da voz, a dos olhos, a da alma...

O almoço foi para mim um potro de tormento. Dava-me pena que a criada, tão servil, discreta e afável, notasse aquela tensão de mal-estar. Sentia remorso por não estar alegre, medo de que minha inquietação proviesse do egoísmo de ver perturbada minha vida, misticamente suave, pela chegada dele. Sua maneira de comer, a fre-

quência de suas libações e o modo lento de saborear o vinho depois de haver levantado o copo para contemplá-lo contra a luz, enquanto a mancha de cor graná dançava sobre o guardanapo; seu modo seco de pedir as coisas... quase tudo nele — me acuso, padre, me repugnava.

Esforcei-me em ser amável; em lhe dar razão, em prevenir seus desejos, para evitar qualquer pretêxo de desavença, e, no entanto, me sentia dominado, tiranizado pela sua vontade; quanto a ele parecia tão indiferente ao meu sofrimento como pode estar o gavião que vê adotar o pássaro antes de cravar-lhe as garras. Meu desejo mesmo de evitar todo choque impedia-me de estar como sempre. Até evitava cruzar o olhar com o da criada, que nos servia com desacomodada lentidão... Esteu insistindo muito, padre, não é verdade? Porém é necessário... Todos os detalhes têm importância.

Ao erguer uma das vezes o copo, derramou o vinho, e para secá-lo não achou nada melhor do que arrancar uma das páginas de um exemplar de «Os nomes de Cristo», para pô-la entre a toalha e a mesa. Se o senhor soubesse como eu gostava daquele livro! E apesar disso não lhe disse nada, nada... Quando olhou para mim, até lhe sorri com hipócrita sorriso de cobardia, de adulação... Ah, posso, sem hipóbole, dizer que comeu de minha carne e bebeu de meu sangue!... Meu horto das oliveiras estava perto... Afinal terminamos, e me disse: — *Sempre que desacharás essa velha preguiça.*

— Não sai da cozinha se não for chamada; é mulher de bem.

— As mulheres de bem, para um pouquinho de mal e depois a uma légua... As palavras se ouvem e as coisas se vêem até quando não se é curioso; assim, manda-a embora esta tarde.

— Afirmando-te que...

E, como a criada entrasse naquele momento, acrescentou, dirigindo-se a ela:

— Ouça, minha boa senhora. Meu irmão está dizendo que saia, agora mesmo, para procurar a comadre com quem mais tenha que falar. Sabe? Quando for assim coisa de oito horas esteja aqui...

Eu nada disse; as palavras se geraram na minha vontade, porém não nasceram em minha boca. A pobre velha vestiu-se, olhou-me resignada e se foi.

Da porta, enquanto ele passeava dentro, detendo-se de vez em quando diante da garrafa de conhaque, eu a vi abrir a grade do jardimzinho, voltar-se para mim, afastar-se pelo caminho. E, ao vê-la desaparecer, senti uma angústia em todo o meu ser, uma ansia infinita e pueril de chamá-la a gritos, de suplicar-lhe que não me desamparasse... Ai! quando o coração, que tão poucas vezes nos fala, clama assim, não deveríamos jamais deixar de escutá-lo! Porém fiz um esforço de vontade e escutei somente à inteligência e à razão, que tudo farejam orgulhosamente e que não sabem nada, nada... nada!

Voltei para perto dele e ele me disse:

— Senta-te e ouve sem me interromper. Trago ali um invento que, se o completarmos, pode transformar o mundo... É um invento de guerra, é claro.

— Já não me agrada — repus eu.

— Não fazemos o que nos agrada, mas o que podemos... Ouve primeiro a parte interessante, que depois teremos vagar, se teimas, em perder tempo com a questão da moral. A idéia geradora me ocorreu lendo um romance; ouvi dizer que os carros de guerra foram, não somente sugeridos, mas até descritos há tempos por um escritor, e me pus a ler as obras dele... Acabava de passar por uma crise quase de delírio, tinha saído do hospital sem um centimo, e como o outono por lá é apertado, me metia na Biblioteca Pública para me abrigar e para ler. Não perdi o tempo, já verás; no romance se tratava de um raio ardente, ante o qual toda resistência era inútil. A coisa não era de todo original, pois as naves queimadas pelos espelhos ustórios, sem ir mais longe, podem considerar-se como precursoras; porém o que era de fato original era o pensamento de um dispositivo, espécie de refletor, cujo feixe possuísse quantidade infinita de calorías... Os efeitos do aparelho dos marcianos — eram os habitantes de Marte os criadores de tal prodígio — me pareceram no princípio excessivos, e pensei em alguma coisa elétrica que, reproduzindo a distância certas condições técnicas, fizesse voar os explosivos, destruindo, com suas próprias armas, ao exército adversário... Depois de muito trabalhar pus de lado a idéia e voltei ao que aparentemente era mais difícil: a realizar o refletor, cujo raio, a modo de uma foice de fogo, segasse toda vida orgânica.

— E o conseguiste?

— Sim e não; se estou aqui é porque não o consegui de todo. Já vêes que sou franco... Espera e verás até onde pude chegar.

Abriu a mala, retirou uma caixa da qual partiam dois fios que se enroscavam em torno duma haste tubular, armou com arames uma espécie de couraça semelhante à dos canhões ligeiros, recoberta de amianto, e se largou para fora de casa. Eu o seguia consternado, atônito. Já no horto, colocou a caixa em terra, desenrolou os fios, armou diante de nós a tela e, focando para os lados do canto do horto o cilindro metálico, me ordenou:

— Abaixa-te sem medo, encaixa essa manivela no lugar e dá-lhe uma volta depressa.

Obedeci, padre, e no entanto me crispo de horror ao lembrá-lo. Subitamente, num ademã parecido — e quão diabolicamente contrário! — ao de um semeador, moveu a mão que sujeitava o tubo; e sem que percebesse luz nenhuma, vi a relva mudar de cor, retercer-se, crepitar e me chegaram, fundidos, cheiros de penas e de carne queimada. Foi só um segundo... Quando afastou a co-

beria protetora pude medir por completo o estrago: um grande trecho dos canhões estava negro, a água se evaporava da fonte e dentro do jardim iriam as madeiras junto às polcas ratinhas convertidas num montão de despojos carbonizados.

O pavor não me deixava falar. Sorrindo — com aquele sorriso! — me disse:

— Já vêes até onde cheguei. Agora é tua vez; é preciso prolongar a duração e, sobretudo, fazer que o que agora chega a dois metros alcance quilômetros, léguas... Vamos, para dentro, para que vejas os cálculos.

Recordemos tudo e, equivocando-se, sem dúvida, ao interpretar meu silêncio, me perguntou:

— Não é verdade que a coisa valia a viagem?

— É terrível... terrível!

— Terrível e magnífico. Poupará muita dor, e quem sabe se até muitas vidas... Tu, que és moralista, podes consolar-te com a certeza de que se o progresso das ciências naturais não o alcança, não será a filosofia que termine com as guerras, que só acabam quando a excessiva facilidade de exterminar dá ao homem um novo sentido de sua vida e da vida dos outros.

— Oh, não! — protestei.

— Ora!... Cajal afirma que nada permite prever uma troca nas células nervosas, capaz de modificar os instintos humanos; e que por muitos séculos o homem do vale odiará ao da montanha e todos aspiraremos a dominar e estremecermos como feras com o bafo incitador do sangue.

Eu não achava palavras para responder a este pessimismo funesto, porém razões. Em minha alma se ia plasmando a resistência, a resolução de não colaborar naquela obra demoníaca. Ignorava quando essa resolução iria transformar-se em atos; mas estava certo de que falaria, de que agiria no final... Sentei-me junto dele, escutei a explicação técnica do aparelho, passei muito tempo em verificar os cálculos e, de repente, com uma superlucidez, não sei se divina ou malfica, que precipitou tudo, a chave do problema apareceu em meu espírito. Sim, era possível, era fácil, era certo, prolongar o raio maldito e levar longe a destruição imune!... Padre, o senhor compreende? O enigma terrível estava resolvido... e tive medo de que ele me fosse perceber isso nos olhos, no tremor da voz. E uma valentia inesperada serenou meu ser e pus nos meus lábios as palavras precisas:

— Não só não quero ajudar-te — disse a ele — como te conjuro a destruir agora mesmo este aparelho e estes papéis, em nome de nossos pais mortos, em nome de todos os homens, em nome de tua consciência e de teu dever para com Deus!

Algo solene deve ter visto em mim, porque não sorriu como antes: o rosto se lhe contraiu e depois de um breve silêncio replicou:

— Esse sermão significa tua última resposta? Pensaste nisso a fundo?

— Pensei e, sobretudo, o senti. É minha última palavra.

— Bem. Perdi a viagem e precisarei de mais tempo. Que vamos fazer!... És senhor de renunciar por nécios escrúpulos à riqueza... Não falemos mais disso. Faz-me o favor de emprestar-me algum dinheiro, não importa quanto, e nos separaremos.

Fiquei um pedaço em silêncio; ele me observava talvez com a esperança de que a atração que todo grande problema exerce sobre os investigadores triunfasse de meus princípios éticos. Para fazê-lo compreender seu erro, tirei dum armário dinheiro e o pus sobre a mesa. Enquanto o fazia, uma voz impossível de rebater me dizia na consciência que não podia deixar que ele fosse embora, que meu irmão ia ser o Caim dos demais homens, o mensageiro trágico da dor e do extermínio, que a pavorosa solução, viva já em mim, poderia também revelar-se a ele...

Durante um desses minutos cheios de eternidade senti o dever de não deixar desencadear-se uma potência de Satã por sobre a terra, e a inutilidade das palavras, das súplicas. Ele deve ter suspeitado quanto passava pela minha alma, porque recolheu os cadernos e os guardou depressa no peito. Eu lhe disse:

— Dá-me esses cadernos!... É preciso queimá-los agora mesmo.

E ele, apoiando-se na parede e levando uma das mãos ao cinto, replicou:

— Não te aproximes!... Digo-te que não se aproximem!... Deixa-me sair.

E pretendeu encaminhar-se para a porta que eu estava obstruindo. O encontro foi terrível, tremendo. Eu só queria os papéis; porém era impossível tomá-los sem lhe fazer mal. Duas vezes rodamos por terra, encarniçados, arquejantes. Ele não falava, rugia, e numa das peripécias da luta senti cair de meu ombro uma coisa quente, espessa, sem dúvida excitante, porque ele deu um alarido. Era verdade; o sangue enlouquece, padre!

Ao sentir-me desfalecer, multiplicaram-se minhas forças e pude tomá-lo a navalha; mas ele era já uma fera, e me acometia com as mãos, com os dentes, com tudo... Eu fazia esforços infinitos para não me contagiar com a ira dele, para só me lembrar de minha missão... Juro-lhe que pensava em Deus, que estava quase sereno, e que, quando, por fim, tive o pescoço dele entre meus dedos, compreendi com lucidez fria e dolorosa que era preciso molar o irmão, filho de meu pai e de minha mãe, para salvar aos milhões de irmãos desconhecidos que, se eu fraquejasse naquele segundo, iam ser assassinados, carbonizados, em multidões indefesas...

Padre! Está repousando no jardim, na fossa cavada por minhas mãos! Enterrei-o com uma dor imensa, sem



GLORINHA Matos, cantora da Rádio Mauá, dedicou-se à interpretação do canção internacional, firmando-se na constelação radiofônica como perfeita estrela. Com atuação destacada nas grandes emissoras, seu nome projetou-se além-fronteiras, motivando o interesse do público argentino por sua voz. Daí sua partida para Buenos Aires, onde apresentou-se ao microfone da Rádio Splendid, cantando diversas melodias populares do Brasil. Atuou ainda em diversas "boites" e cantou em espetáculos populares, grangeando a simpatia de quantos tiveram a oportunidade de ouvi-la. Regressando ao Rio, animou a programação de estúdio da Rádio Cruzeiro do Sul. Mais tarde, transferiu-se para a Rádio Club do Brasil, interpretando boleros e tangos. Muito jovem, dotada de bonito porte e com predícos apreciáveis para vencer, Glorinha Matos é nos dias atuais uma das mais queridas artistas do "broadcasting" carioca, sendo o seu concurso disputado por diversas emissoras. Fora do rádio já recebeu diversas propostas para ingressar no teatro, tendo-as recusado. Também o cinema interessou-se por sua colaboração, porém, motivos diversos a privaram de travar contacto com a câmera. É apreciadora dos bons filmes, gosta do teatro de revista, admira a natureza e sua grande ambição é conquistar o maior número de fãs possível.



JAIR Dormund Martins, locutor exclusivo da Rádio Cruzeiro do Sul, nasceu no Distrito Federal. Criou-se no bairro de Vila Isabel. Com vinte e três anos de idade, empolgado pelo desenvolvimento da radiofonia, ingressou no "broadcasting" carioca, comandando os programas oficiais da Rádio Roquete Pinto. Nessa emissora desenvolveu seus predícos vocais aprendendo o suficiente para vencer no rádio particular. Hoje, como "anuncieur" da PRD-2, atua nos principais "broadcast" dessa estação, além de empregar-se a fundo na corretagem de anúncios. Atua em diversos programas, como "Parada de melodias", "Ídolos internacionais", "Programa Excelsior", "No mundo da música", "Sinfonia azul" e "Azes do teclado". Fora da atividade radiofônica exerceu funções numa importante firma comercial, da qual afastou-se para se dedicar exclusivamente ao microfone. É rádio-técnico da Câmara Municipal e já transmitiu as sessões realizadas nessa importante casa legislativa do Distrito Federal. Jair Dormund Martins, apesar de sua curta carreira artística, viveu grandes momentos ao apresentar, através do rádio, personalidades famosas, como Sir Arthur Harris, comandante da aviação aliada; Erick Kebler, Magdalena Tagliaferro e tantos outros. Atualmente, conta vinte e sete anos de idade, pois nasceu a vinte e oito de outubro de 1920.



XERÉM, esse bem humorado artista que vocês se habituaram a ouvir na Rádio Mayrink Veiga, é, na realidade, o cidadão Pedro de Alcântara. Estatura pequena, olhos vivos e fisionomia risonha, há muito colabora nas realizações musicais da PRA-9, interpretando, de preferência, as alegres melodias sertanejas, de que se fez cantor. Exímio sanfonista, rivalizando com os maiores do gênero, nem por isso sai de sua costumeira modéstia. Trata a todos com simpatia e procura contribuir para o bom andamento dos programas em que toma parte, pois encara com seriedade os problemas artísticos. Xerém, por diversas vezes se tem visto só. Formou dupla com Lentinho, durante uma temporada. Depois, desligado deste, passou a atuar sozinho. Mais tarde formou dupla com De Moraes, de quem se separou no decorrer de 1947. Sua atividade artística se tem desenvolvido em diferentes setores, inclusive no cinema e no teatro. Também excursionou por diversos Estados, obtendo enorme êxito. Na Rádio Mayrink Veiga é considerado veterano, pois sua atuação nesse prefixo vem de longa data. Autor de várias composições, possui também, diversas gravações. Fã do "football", faz segredo do clube a que pertence para não desagradar os fãs. Nas horas vagas, aprecia uma partida de bilhar, uma corrida de cavalos e um cafezinho...



FRANCISCO Alves pertence à velha-guarda. Artista exclusivo da Rádio Nacional, sua atuação no "broadcasting" brasileiro é das mais destacadas possíveis. Criador de grandes sucessos, como "Voz do violão", "Dama das camélias", "Jalousie" e tantos outros, continua a ser o mesmo cantor que nossos pais se habituaram a ouvir interpretando melodias de Cândido das Neves, Joubert de Carvalho e outros mais. Lançador de diversos artistas, como Orlando Silva e Araci de Almeida, manteve durante vários meses através da Rádio Cajuti, famoso programa que tinha seu nome. No teatro apareceu ao lado de figuras de relevo, o mesmo acontecendo no cassino. No cinema trabalhou nos discutidos "Alô", fez "Laranja da China". Atuou em diversas emissoras brasileiras e argentinas. Levantou alguns carnavais. Eleito "Rei do rádio", foi considerado também como "Rei da voz". Proprietário de cavalos de corridas, é ainda, dono de importante estabelecimento comercial na localidade de Miguel Pereira. Francisco Alves, no carnaval que passou, pôs na cera o samba "Falta um zero no meu ordenado", composição de Ari Barroso, que agradou em cheio, colocando-se em dois concursos. Francisco Alves é irmão de Nair Alves, elemento que durante uma temporada se dedicou ao rádio-teatro, criando a célebre Balbina.

GENTE DE RÁDIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A vida de Swedenborg

(Cont. da pág. 49)

mundo é um processo contínuo — uma constante interpenetração e impregnação pelo mundo espiritual. A alma do indivíduo — e do universo — está sempre a unir-se com o corpo em sabedoria e amor. Pudéssemos usar os olhos do espírito, e veríamos que a sabedoria e o amor são as vigas de aço que sustentam o edifício da existência, e que os materiais deste mundo são meramente as nuvens de vapor que escapam da chaminé. «Essa é a verdade da vida».

E assim o honesto filósofo deixou o seu corpo e «enveredou pelos corredores da verdade».

V

Da metafísica do universo, Swedenborg passou à teologia dos céus. Escreveu uma série de livros que fizeram brilhar mais viva a imagem de Cristo na consciência do homem.

O Senhor, declarou ele, aparecera-lhe em uma das visões e lhe dera ordem de reinterpretar a significação de Sua Palavra tal como ficara registrada na Bíblia. E depois que a «luz espiritual» abriu suficientemente os olhos de Swedenborg, este pôs mãos à obra.

«As escrituras têm uma significação espiritual, assim como um sentido literal». Pois se refere tanto ao mundo espiritual como ao material. Até o presente, a Igreja tomou-lhe ao pé da letra as prescrições e cronologia. Mas as narrações da Bíblia, construídas como o foram com os materiais do tempo e do espaço, do fogo e da terra e da carne, são apenas a maneira divina de expressar a Verdade Eterna das esferas imateriais. Por exemplo, a narrativa do Génesis é simplesmente a figuração carnal de uma idéia. Os seis dias da criação representam as seis fases «pelas quais o homem chega ao conhecimento e ao amor, e completa a imagem de Deus». Os primeiros seres criados pela mão de Deus foram os peixes e as aves. E essas criaturas simbolizam o primeiro grau da vida espiritual, em que a fé predomina. Os animais criados a seguir, representam o estágio da vida espiritual em que a força ativa é o amor. Finalmente veio o homem, o remate da criação, a alma regenerada que encerra não só a fé e o amor, mas também a compreensão. Igualmente, a Árvore do Conhecimento, do Jardim do Éden, não deve ser tomada em sentido literal. E' a representação da ciência mundana e do prazer sensual. «Esta espécie de alimento é perigosa à vida superior do homem».

Do mesmo modo, sustentava Swedenborg, muitas doutrinas da Igreja deviam ser submetidas a nova interpretação. Corajosamente, procurou fazer retornar a religião à simplicidade primitiva. Discutiu particularmente a doutrina literal da Trindade. «Jesus, longe de ser o Filho de Deus e a segunda pessoa da Trindade, é o próprio Deus, o Deus único, e exprime em sua pessoa toda a Trindade». Swedenborg impugna a doutrina calvinista da predestinação, e declara que a salvação do homem não está na «fé», mas no caráter, e no empenho sincero de praticar o bem. «A vida que leva ao céu não é a vida de afastamento do mundo, mas a de ação no mundo... A vida só de devoção, sem caridade... nos aparta do céu, em vez de conduzir a ele, como vulgarmente se crê». O homem deve levar uma existência de ação na sociedade, e não uma existência de reclusão e prece. A concepção popular sobre as relações entre Deus e o homem, declara Swedenborg, é falsa. Não se trata de uma drama aparatoso, representado no tempo e no espaço, e sim de um discreto entrelaçamento do espírito humano com o divino. Mas Deus não procura atrair o espírito humano para o céu. «Essa concepção é um conto de fadas». E' o estado da vida interior de um homem que constitui o céu para ele. O céu está dentro de

nós, e não fora de nós. «Ninguém irá para o céu se não tiver recebido o céu no coração».

O céu, em suma, é um estado constante de amor ativo. «O amor é vida; a vida é amor; o amor é a própria vida de cada homem». Esta espécie de vida-amor é indestrutível, sobrevive à própria morte, assim como o sol brilha sobre os outros planetas, sobrevivendo às flutuações da nossa reduzida atmosfera, que o subtrai temporariamente à nossa vista. O corpo da vida é heliotrópico — isto é, está sempre voltado para o sol. Todos os revestimentos, vagens e casulos que protegem as sementes da vida pendem irresistivelmente para a luz, até que essa cobertura exterior se resseca por fim ao excessivo calor material. Então emerge da casca a essência interior amadurecida, como o grão dourado do trigo. O grão do espírito vive num campo exterior ao tempo, e não pode ser destruído pelos ventos, chuvas e calores. E Swedenborg, mergulhando a pena num poço de ternura, começa a descrever essa «vida ulterior» — o mundo imortal da alma humana.

Durante anos, conta ele, comunicou-se com os espíritos dos desaparecidos, assim como nós nos comunicamos à mesa com os vivos. E travou íntimas amizades com os mais ilustres «mortos» que existiam. Todos o inteiraram de muito bom grado da maneira como se davam com a nova vida.

«A morte é apenas a continuação da vida». Não é nem a inversão, nem a cessação da nossa existência atual. Na verdade, em nada difere da nossa atividade terrena. Com um encanto peculiar, Swedenborg relata como, tendo dito a alguns espíritos amigos que muitas pessoas na terra duvidam da existência futura, os espíritos se surpreenderam com tal ceticismo. E então recordaram que também tinham pertencido ao número dos céticos, na terra. «Que pueril estupidez a nossa em não reconhecer a certeza desta vida ulterior!».

Swedenborg passa então a uma descrição minuciosa dessa vida ulterior do espírito humano. «Medeia apenas o espaço de alguns dias entre a morte do corpo e a entrada do homem no outro mundo». Assim que o homem percebe corporalmente, «é conduzido a um certo estado intermédio entre o sono e a vigília, e quando se acha nesse estado, não pode saber senão que está inteiramente desperto; tem todos os sentidos tão alerta quanto na mais completa vigília do corpo; assim a vista como o ouvido e, o que é extraordinário, o tato, o qual se revela mais delicado do que se poderia imaginar na vida do corpo»... Logo o novo espírito, afazendo-se gradualmente ao seu meio, experimenta a primeira grande surpresa. Pois o mundo em que se encontra difere tão pouco do mundo que ele acaba de deixar, que «muitos se recusam a crer hajam realmente morrido». O espírito «recém-chegado» se acha na posse de um corpo semelhante ao que deixou na terra; encontra as mesmas espécies de pessoas, e vê em torno de si os mesmos objetos e cenas com que estava familiarizado no mundo. «Goza com efeito, de uma existência verdadeira, real».

Mas há uma diferença essencial. Os seus sentidos estão muito mais despertados, mais vivos. «Cumprir tomar o cuidado de não dar crédito à opinião errônea de que os espíritos não possuem sensações muito mais sutis que durante a vida do corpo... Os espíritos não somente possuem a faculdade de ver, mas vivem numa luz com a qual não se pode comparar a luz meridiana deste mundo... Desfrutam igualmente a faculdade de ouvir, mas em grau tão perfeito que excede sobremaneira a audição que tinham em vida... Seus desejos e afeições, além disso, são incomparavelmente mais fortes que durante a vida do corpo... Em uma palavra, o homem não perde nada ao morrer, mas permanece homem sob todos os aspectos, embora mais perfeito

que durante a existência no corpo».

Não só leva consigo os sentidos, mas as opiniões, preconceitos e hábitos, e toda a mentalidade que lhe foi dada pela educação no mundo anterior. Muitas almas nobres, por exemplo, esperavam poder conversar com os maiores sábios de todos os tempos a respeito da bemaventurança celestial. E têm satisfeito o seu desejo. São apresentados aos antigos filósofos e pensadores da raça humana, e podem conversar com eles até descobrir que estão um tanto enfiados do prazer concedido e pedem licença para retirar-se. Outras almas piedosas foram levadas, na terra, a crer que o céu é um lugar «onde as congregações nunca se dissolvem, e as celebrações dominicais não têm fim». A esses espíritos é permitido entrar num templo e cumprir os seus ritos religiosos pelo tempo que quiserem. «A princípio, ficam em êxtase; mas, depois de longo período de devoções, o seu fervor começa a declinar — alguns cabeceiam e dormem, outros bocejam, ou clamam por sua liberação, e todos se mostram cansados do excesso de práticas piedosas».

Por fim o espírito aprende a conhecer a verdadeira natureza do paraíso. «E' o prazer de fazer algo útil para si e para os outros». De vez em quando — observa Swedenborg — um espírito, ao ouvir isso, exclama aturdido: «Mas não é a principal finalidade do homem glorificar a Deus, gozar a Sua presença eternamente?». «Com efeito», respondem os anjos. E passam a explicar que a «glorificação de Deus» consiste em algo mais que «cantar salmos». Compreende-se germinar dos frutos do amor — isto é, a execução diligente, fiel e sincera do trabalho a que cada um se adapta melhor... Pois nisso está o amor de Deus, e o amor do próximo: é esse o liame da sociedade, e o seu bem».

Todo esse trabalho de orientação do espírito recém-chegado, continua Swedenborg, efetua-se num estado intermediário entre o céu e o inferno. Pois o homem tem de ser julgado antes de partir definitivamente para uma das duas regiões. Entretanto, «é errônea a concepção de um Dia de Juízo, em que a alma é submetida a julgamento diante de uma Inquisição». Na realidade, não há nenhum tribunal, nem atmosfera policial. Os «anais da vida de um homem» são apresentados a este, e recordados todos os atos da sua existência anterior. Ele é o seu próprio juiz e testemunha. E escolhe por si mesmo o lugar onde passará os dias futuros. «O Senhor não lança ninguém no inferno»; mas os espíritos que ingressam no outro mundo com as suas disposições perversas anteriores — explica Swedenborg — gravitam naturalmente para o inferno de sua preferência pessoal, visto que só ali encontram o ambiente e as companhias que lhe agradam. Com frequência é permitido a um espírito mau entrar no paraíso, se assim deseja; mas, não podendo suportar-lhe a pureza, precipita-se espontaneamente no inferno. Ademais, os espíritos maus não são castigados pelas ações más que praticaram na terra, mas antes porque, tendo sido finalmente esclarecidos com um resumo das suas faltas e uma explanação do bem, e tendo-se-lhes dado a escolher o seu caminho futuro, ainda persistem no mal. Não há nada «mesquinho» na punição divina. «O Senhor nunca envia ninguém ao inferno; ao contrário, deseja tirar a todos de lá. Tampouco encoraja os tormentos; mas, uma vez que o próprio espírito se precipita neles, o Senhor extrai até dos castigos e torturas algum benefício».

A punição da alma, assim como a sua recompensa, é distribuída de conformidade com a lei divina da clemência. «A clemência do Senhor se estende a todos e a tudo... Ele se compadece da condição daqueles que permite sejam castigados» — do mesmo modo como se compadece daqueles a quem permite desfrutar a bemaventurança. Pois todos os homens são criaturas frágeis, qualquer que seja a sua temporária morada. O

anjo afortunado não vê com desprezo o demônio infeliz. Antes, murmura ao contemplar o abismo: «Lá, não fosse a graça de Deus, estaria eu também. E vai ainda além da simples piedade. «Quando os perversos padecem o castigo, sempre estão presentes anjos que lho regulem, e suavizem as dores»...

Então, com um traço de consoladora piedade cristã, o místico suco prossegue: «Todo mal tem o seu limite — mesmo no inferno». Os pecados são constantemente impedidos de lançar-se em mais profundos abismos de maldade que os que lhe couberam na terra. «Pois uma lei dispõe que ninguém deve tornar-se pior do que foi no mundo».

Inútil é dizer que este São Francisco sueco encontrou um lugar no céu para todos os homens de boa vontade, sejam ou não sejam cristãos. «Não se conhece no céu nenhuma passagem das Escrituras que se refira a (discriminações entre) pessoas, nações ou povos; lá os anjos absolutamente não se preocupam com a personalidade de Abraão, Isaac ou Jacob, e não vêem entre judeus e gentios outra diferença que a de qualidades humanas».

Todas as crianças, batizadas ou não, são imediatamente mandadas para o céu ao morrerem, e ali criadas pelos anjos. E, passado o período de preparação espiritual, todos os homens e mulheres bons gravitam para aquela paragem abençoada. Swedenborg descreve a «cena celeste» com a segurança duma testemunha ocular. Pois «foi-me permitido entrar lá quatro ou cinco vezes». O céu, em sua forma total, é Um Homem — o Senhor. Cada sociedade de anjos desempenha a respectiva função como parte de Seu corpo, assim como o coração, os rins, os vasos sanguíneos e as fibras musculares desempenham cada um o seu papel na conservação da vida e da saúde do corpo humano. E' realmente um paraíso muito humano o que Swedenborg nos apresenta — humano em grau sublime. O novo espírito entra a esse paraíso — isto é, à última fase do seu desenvolvimento — na posse de suas melhores faculdades e mais puros desejos. O rosto e o corpo assumem os contornos correspondentes à bondade do espírito. E, uma vez chegado ao céu, experimenta uma agradável surpresa após outra. Descobre, não somente que o amor conjugal é praticado entre anjos masculinos e femininos, mas que marido e mulher, quando se amam profundamente na terra, são reunidos em matrimônio celeste. «O amor sexual é a energia mais pura da condição divina». Em seu amplexo, os casais enamorados «formam um só Anjo». Mas se marido e mulher não foram felizes na sua união terrena, recebem permissão de seguirem cada um o seu caminho no céu e procurar companheiros mais satisfatórios. «Na vasta coletividade do céu, tanto o marido como a mulher hão de encontrar companhia adequada». Pois os espíritos atraem uns aos outros, com suas formas, fisionomia e coração, pela semelhança de qualidades. E tudo o que o coração pensa, no céu, revela-se no aspecto exterior. E' impossível a uma cabeleira dourada ocultar uma língua viperina.

Nesta nova «terra dos anjos do coração» — declara Swedenborg — o amor nunca termina. Não é demarcado pela passagem das estações, ou pelas rugas da idade. Não existe no céu a noção do tempo, «mas unicamente mudanças de estados». As estações, nesse arcano sagrado, são caracterizadas pelas disposições do coração. Quando este se acha contente, é primavera e alvorecer; quando está triste, é inverno e noite. Tampouco existe no céu a noção de distância ou espaço. «Quando alguém viaja de um lugar a outro, chega mais depressa se deseja ir, e tarda mais se não tem vontade de chegar». Só a vontade do coração amante pode trazer para junto de si o amado, através dos marcos miliares do infinito.

(Conclui no próx. núm.)

O BOM CAIM

(Continuação da pág. 40)

remorso, e o beijo na fronte antes de cobri-lo. Ninguém ainda sabe disto: porém todos o saberão por mim mesmo quando eu sair daqui, pois não fujo a pagar minha dívida

à justiça falível dos homens. Mas antes, padre Sebastião, quero ter, por mediação sua, que tem sido a imagem tutelar de minha vida, uma antecipação da justiça sempre justa de Deus.»

...

Quando o porteiro leigo, alarmado com a duração da visita, se atreveu a entreabrir a porta da sala, já era

muito tarde, e nas reixas das janelas azulavam clarões tênues, em vez das raíais inquietas e douradas da poeira ao sol. A escuridão e o silêncio fizeram-no a princípio pensar que, apesar de sua vigilância, o padre Sebastião e a visita tivessem saído. Porém, quando seus olhos conseguiram penetrar na penumbra, pôde ver um corpo agitado por soluços mudos, sobre o qual u'a mão descalada, quase luminosa, traçava o sinal da cruz.



Ostente também o orgulho de sua Beleza...
com MAX FACTOR HOLLYWOOD!



Marguerite Chapman
 Estrêla da Columbia,
 no Filme
 "Águas Sangrentas"



Seja qual fôr o seu tipo:

louro, moreno, castanho, ruivo, com

MAKE-UP EM HARMONIA DE CÔRES,
 a sensacional criação de Max Factor Hollywood,

Você acentuará ao máximo,
 a expressão e a beleza de seu rosto.

Usando **PÓ, ROUGE, BATON e PAN-CAKE,**
 nas tonalidades que melhor se adaptem ao seu tipo,

Você poderá se orgulhar também
 da perfeição de sua beleza, idêntica à das
 belas Estrêlas de Hollywood!

Os produtos Max Factor, apresentados em
 embalagens originais americanas, são o
 segredo da beleza sempre jovem das
 estrêlas da tela. Experimente este
 sensacional make-up, hoje mesmo, e ostente
 também o orgulho de sua beleza.

*Max Factor
 Hollywood*

PARA CONHECER A SUA HARMONIA DE CÔRES INDIVIDUAL PREENCHA E REMETA O CUPOM

MAX FACTOR MAKE-UP STUDIOS

Caixa Postal 2775 — Rio de Janeiro

Sem compromisso, queiram remeter mi-
 nha análise de pele e ficha de Make-up em
 Harmonia de Côres, por Max Factor e o seu
 folheto ilustrado: "A Nova Arte do Make-up
 de Sociedade".

Nome

Endereço

Cidade

Estado ou País

Marque o coupon CUIDADOSAMENTE

CABELOS	PELE	OLHOS
LOURA	Muito clara ☐	Azul ☐
Claros ☐ Escuros ☐	Clara ☐	Verdes ☐
RUIVA	Média ☐	Verdes ☐
Claros ☐ Escuros ☐	Morena clara ☐	Amarelados ☐
CASTANHA	Morena escura ☐	Castanhos ☐
Claros ☐ Escuros ☐	Palida ☐	Pratos ☐
MORENA	Avermelhada ☐	PESTANAS (Cor)
Claros ☐ Escuros ☐	Sardenta ☐	Claros ☐
Se o cabelo for branco ou grisalho	Se estiver queima- da de sol, marque	Escuros ☐
marque no tipo acima e seu	no tipo acima e	OLHOS (Mais de 40
	seu ☐	anos de 40 ☐
PELE: Seca ☐ Oleosa ☐		Normal ☐

A VENDA NAS CASAS DO RAMO

ROSSINI despendeu treze dias para aprontar uma partitura que vestiu, com elegância, espírito e malícia, o libreto extraído por Sterbini de uma peça de Beaumarchais. E assim deu à luz, num "record", o Barbeiro de Sevilha. Ganhou, pelo seu trabalho, mil e trezentos francos e deu-se por satisfeito, pois, fazendo as contas, verificou que recebera cem francos por dia. E não escondeu os motivos de sua satisfação: "Meu pai tocava tuba em Pesaro e ganhava dois francos e meio por dia." O que preocupava Rossini eram as cantoras. Ah, a prima dona!... suspirava ele. Tinha razão. No próprio contrato do Barbeiro de Sevilha figurava a seguinte cláusula: "O maestro Rossini se obriga a adaptar a sua partitura à voz dos cantores, fazendo nela, quando preciso, todas as modificações necessárias, tanto para uma boa execução da música, como para as conveniências e exigências dos srs. cantores". Tão importantes eram os intérpretes que, até hoje,

Maria Malibran, no papel de Desdémoma, no "Otelo", de Rossini.



MÚSICA

AS AVENTURAS DO BARBEIRO DE SEVILHA — TREZE DIAS, TREZE SÉCULOS — A CALÚNIA — TRABALHAR? EU NÃO! QUEM DEVEIA ESTAR MORTO...

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

temos ouvido o Barbeiro de Sevilha com um soprano ligeiro no papel de Rosina, que Rossini destinou a um contralto. Tão arraigado é o hábito de recebermos a "Una Voce Poco Fa" transformada em glênastica vocal de alguma rival dos canários belgas, que, quando Jennie Tourel resolveu oferecer ao público americano um Barbeiro de Sevilha exatamente como Rossini o concebera, causou verdadeira sensação e foi muito comentada a sua "audácia".

TREZE DIAS, TREZE SÉCULOS

Pronta em treze dias a partitura, certamente, atingirá os treze séculos sem envelhecer. Tal é o seu brilho que obscureceu todas as outras óperas de Rossini. O próprio mestre o reconheceu quando, ouvindo alguém elogiar o Guilherme Tell disse: "Ora, o Guilherme Tell poderia ter sido composto por um outro qualquer, mas o Barbeiro de Sevilha, este, nem o Padre Eterno conseguirá superar! Bertú, que registra essa observação, conta, também, que, na estréia de Otello, um amigo de Rossini estranhou que, na marcha fúnebre do enterro de Desdémoma, o compositor houvesse utilizado o motivo da "calúnia", do Barbeiro de Sevilha. Manifestando seu espanto, recebeu do maestro a seguinte resposta:

— Ora, ora, meu amigo. Pois Desdémoma não morreu caluniada? Neste episódio Rossini revela, ao mesmo tempo, os dois traços principais de seu caráter: bom humor e preguiça... Além disso, compreende-se, conhecendo este caso, como toda sua obra foi dominada pelo Barbeiro de Sevilha.

TRABALHAR? EU NÃO!

Sobre a preguiça de Rossini correram muitas lendas. Para nos restringirmos aos fatos, lembraremos, somente, que o Guilherme Tell dormia, havia anos, nas gavetas de Rossini, que não sentia disposição para o trabalho, quando o crítico Maurice publicou, no *Courier des Théâtres*, a seguinte notícia: "Consta que foi, finalmente, plantado, na América, o mogno, que fornecerá a madeira para a fabricação do piano que será oferecido ao maestro Rossini para

que ele possa, então, começar a compor a música para a ópera Guilherme Tell"...

QUEM DEVEIA ESTAR MORTO...

Se, porém, Rossini sabia se poupar, evitando esforços inúteis e fatigantes, não poupava a ninguém. Tinha sempre na ponta da língua uma réplica espirituosa e, em geral, ferina. Padovan relata que, por ocasião da morte de Meyerbeer, um sobrinho deste compôs uma marcha fúnebre dedicada ao tio e enviou-a a Rossini, para que desse sua opinião sobre a música. Rossini não se recusou:

— Escute: deseja, realmente, ouvir a verdade?

— Claro!

— Promete que não ficará zangado?

— Absolutamente.

— Pois, meu amigo, eu, francamente, preferiria que o morto fosse você e a marcha fúnebre fosse composta por seu tio... E, depois, acrescentou, com um sorriso:

— Uma questão de amor à arte musical, simplesmente. Desculpe... Em outra ocasião, registra E. Gherard, Rossini se achava na residência de uma senhora da alta sociedade francesa. Um círculo de amigos e admiradores cercava o maestro e conversavam, todos, amavelmente, quando alguém lembrou que a dona da casa "tinha uma bela voz" e pediu-lhe que cantasse uma ária da Semiramis. A boa senhora, conhecendo bem Rossini, sabia quanto ele era impiedoso na crítica, especialmente quando alguém se aventurava a interpretar uma obra sua.

— Tenho receio... confessou ela ao maestro.

— Receio? indagou ele.

— Sim... Temo que o sr...

— Ora, minha senhora, se alguém tem motivos para estar com receio sou eu... Não sei se vai "assassinar" a minha pobre Semiramis... Enfim, esta senhora ainda escapou. Uma prima dona famosa foi tratada ainda mais cruelmente. Tendo cantado para Rossini uma ária de Barbeiro de Sevilha, perguntou, logo, a opinião do compositor. — Gostei muito, minha senhora, gostei muito. Mas — de quem é, mesmo, essa música? Não pude reconhecê-la...

ESPLendor MEDIEVAL NA...

(Continuação da pág. 28)

como pelas curvas brucas, exigindo cavaleiros muito experimentados. Os vencedores são, por isso mesmo, festejados com homenagens especiais. Mais de um cavaleiro tem perdido a vida em acidentes nessa corrida famosa, mas isso jamais desencorajou a apresentação de novos concorrentes. Depois da corrida, continuam as celebrações, que só se encerram noite fechada, com luminárias e foguetes, bem como com o alegre dobre de todos os sinos. São famosos os fogos de artifício de Siena, cidade de santos e de artistas, sacrário de velhas tradições medicvas carinhosamente conservadas até hoje.

FILHO E PAI

(Continuação da pág. 32)

borrões negros de terras longínquas: e a quilha cortando água oferecia-nos, na espessidão do silêncio, uma intensa nota de vida.

Enfim, chegáramos. Fomos bem recebidos pela família do coronel Brício, chefe político local, constituinte de meu amigo. Acusado de crime de morte, o

coronel mantinha-se tranquilamente em casa, enquanto do livro de assentamentos da cadeia constava a sua reclusão. Como fosse coisa de meio-dia, não tardou que um vasto almôço povoasse a mesa do anfitrião — mesa patriarcal, muito longa, cuja cabeceira só por alta distinção o homem cederia a alguém. Cedeu-a, nesse dia, ao jovem advogado. A família do chefe, só por si, era um mundo: além da mulher e ampla filha-rada — pai, irmãs, netos, vários sobrinhos, primos... Mas outras muitas pessoas tomavam parte no banquete: o promotor, o juiz municipal, o engenheiro da estrada de ferro, o sub-delegado de polícia, o carcereiro, soldados de lenço vermelho ao pescoço, a farda displicentemente desabotoada... E a casa apinhada de gente à espera de novas mesas. Outros soldados se espalhavam pelas salas, pelo corredor, quase todos de chapéu à cabeça, numa familiaridade insolente, que o coronel não permitia a mais ninguém, e se a eles permitia era porque precisava dos seus serviços. Em vez do cáqui habitual, trajavam brim pardo, suas fardas semelhantes às dos bandidos, para destes não se distinguirem, na caatinga. Eram da força que combatia Lampião.

A conversa fragmentava-se em grupos. O coronel seria julgado à tarde. A certa altura, diante de meu amigo, que lhe monopolizava quase a atenção, assumiu um ar patético:

— Ah, doutor! Eu só sinto é uma coisa neste mundo: é ser acusado por um crime que não pratiquei. Mas Deus está vendo.

Olhei para a vítima. Nem uma contração na face terrosa. Uma iluminada, uma

crístia serenidade de mártir. As filhas moças (o advogado começava a deitar olhares ternos sobre uma delas), a mulher, os meninos, todos, atraídos pelo conteúdo e tom das palavras do homem, todos o fitavam. E o pobre repetia, os olhos para o teto de telha vã, em demanda do céu:

— Mas Deus está vendo.

Entretanto — talvez ali ninguém o ignorasse — não era falsa a acusação. O coronel não fizera o serviço, porém, mandara-o fazer, "serviço bem feito".

O júri principiou à noite, à luz de placas de querosene. Demorou muito: o escrivão arrastava as palavras com enorme esforço, topando a cada sílaba, quase caindo ao péso da carga. A acusação foi rápida e camarada. Na defesa, meu companheiro ocupou-se algum tempo da euforia que a viagem lhe causara, deitou razoável erudição sobre o São Francisco, o "Nilo brasileiro", que, como o rio histórico, "deixa pelas terras ribeirinhas, quando das cheias, o mesmo lúcio fecundante, abençoado, sementeiro da fartura nos lares e da felicidade nos corações"; que, como o imenso e sagrado rio de tradição milenar, muda de coloração nas diferentes épocas do ano... Da imaginação do advogado saiu um São Francisco azul, um São Francisco vermelho... — não ficando nesse particular o nosso rio abaixo do seu émulo estrangeiro. Falou também do crime. Pelo fim da peça — curta e de muitíssimo efeito — um baque estremeceu a sala estreita: o assombro gretado e cuspidor, e fez oscilar vagamente a chama dos candieiros: caíra do bolso do palete o revólver que o réu trazia. Mas um silêncio de com-

preensão reinou súbito no ambiente, o juiz baixou sereno os olhos, na sua impassibilidade de representante da Justiça. A esta, que é cega, achou decerto necessário suprimir também o sentido da audição. O réu curvou-se um pouco, sem sobresalto, apanhou a arma. As palavras do advogado, que não se interrompera, ainda flutuavam no ar:

— Absolvi-o, pois, senhores do conselho de sentença, a fim de que possais fitar de frente, com a tranquilidade dos justos, o sol que dentro em poucas horas voltará, glorioso, a iluminar a face da terra!

Creio que nesse momento, a um canto, o sub-delegado — um sargento de polícia — contava da prisão do coronel — só nos livros de assentamentos da cadeia.

— E quem quiser que abra o bico, p'ra ver com quantos paus se faz uma canoa! Comigo é assim.

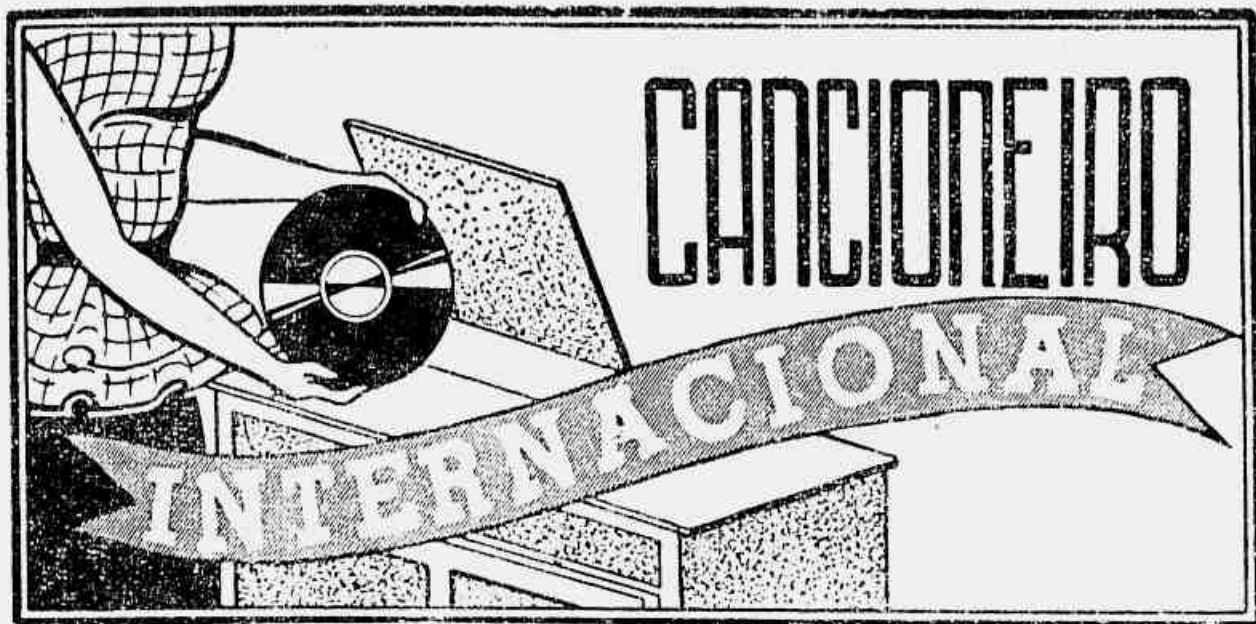
O soldado Raimundo tinha sido um tinto — narrava, com serenidade e brio, trechos de façanhas praticadas contra coiteiros de Lampião — trechos escolhidos, antológicos: a um deles, por exemplo, arrancara as unhas de uma das mãos, calmamente, vagarosamente; a outro extirpara o olho direito... E ria, um riso mastigado, pondo à mostra uns dentes muito brancos, os olhos frios parados:

— A vorta comigo, já sabe! escreveu não leu... Quem não gostar vá-se queixar à mão do bispo...

O sargento Raimundo tinha sido um dos colaboradores mais dedicados do coronel na obra de extermínio do inimigo deste. Fora uma tocaia "bonita", na cidade mesmo, perto da casa da vítima.

(Continua na pág. 46)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50



POUCO MOVIMENTO MUSICAL

E natural o que está acontecendo com o nosso meio musical. A falta de melodias novas e interessantes, que entrem facilmente em evidência e se popularizem, é fruto da época. Em geral, nos períodos logo após o carnaval, o ambiente musical é fraco e isto resulta de diversos fatores.

Em primeiro lugar, as fábricas descansam um pouco depois do Carnaval, porque, então, lançaram nada menos de dois suplementos. Em geral, são divulgadas entre duzentos e cinquenta e trezentas músicas carnavalescas. As fábricas se esgotam durante as folias de Momo. E, por isso, dormem um pouco depois do carnaval.

Por outro lado, temos de esperar que composições novas apareçam e movimentem o meio com alguns êxitos marcantes, quebrando, assim, a monotonia como a que verificamos no momento.

Vem daí o que está acontecendo. Não há uma música digna de nota. Os compositores populares têm muita coisa pronta para ser lançada, mas, agora, é que vão começar a aparecer as primeiras melodias do ano. Os cantores, depois que passa o Carnaval, começam a pensar no que vão incluir nos repertórios. Começam a escolher melodias, a ser procurados e a procurar os autores. Inicia-se, agora, a época das escolhas de composições novas para serem lançadas.

O mesmo estão fazendo os editores da cidade, tanto com as músicas nacionais como com as estrangeiras. Cada edição leva mais de mês para ficar pronta. São todas impressas em São Paulo.

Por tudo isso, há justificativa para a monotonia do instante que atravessamos. Depois, teremos novas melodias. E' coisa de mês ou dois meses. E então, teremos que dizer sobre músicas mais recentes. Vamos aguardar...

NESTOR DE HOLANDA

D Ó R A

Samba-canção de Dorival Caymmi.

Dóra, rainha do frêvo
e do maracatú.
Dóra, rainha cafúza
de um maracatú.
Te conheci no Recife,
dos rios cortados de pontes,
dos bairros das fontes coloniais.
Dóra, chamei
ô DÓRA!... ô DÓRA!...
Eu vim a cidade
prá ver você passar
ô DÓRA...
Agora no meu pensamento
Eu te vejo requebrando...
prá cá... óra prá lá...
— Meu bem!...

Os clarins da banda Militar
Tocam para anunciar
— Sua Dóra, agora vai passar.
Venham ver o que é bom!
DÓRA, rainha do frêvo
e do maracatú...
ô... ninguém requebra nem dança
melhor do que tu.

WHAT MAKES THE SUNSET

Fox de Sammy Cahn e Jule Styne

What makes the sunset
What makes the moonrise
What makes the tide
Remember to hyde
And Why does it soonrise
What makes a star fall
Where does it fall to
Why does it's flight
Make us stop in the night
And Wish as we all do
And what
Holds a cloud together
What makes the sky so blue
What makes the sunset
What makes the moonrise
Is it my love for you.

NEGRA CONSENTIDA

Rumba de Julio Galindo.

Noche, Noche, te llama el amor
Noche, Noche, tu eres una flor
Que en las noches su amor
te canta el trovador
Negra, Negra Consentida
Negra de mi vida
Quien te quiere a ti
Mira, mi alma dolorida
Negra de mi vida,
Y solo por ti
Negra, Negra Consentida
Negra de mi vida
deja de llorar
mira que pecho amante,
está rebosante de felicidad.

FRACASSO

*Samba-canção de Mario Lago. — Grava-
do por Francisco Alves e Nuno Roland.*

Relembro sem saudade o nosso amor,
o nosso último beijo e último abraço,
porque só me ficou da história triste
[dêsse amor
a história dolorosa de um fracasso.

FRACASSO por te querer
assim como quis:
FRACASSO por não saber
fazer-te feliz:
FRACASSO por te amar
como a nenhuma outra amei:
chorar o que já chorei,
FRACASSO, eu sei.
FRACASSO por compreender
que devo esquecer:
FRACASSO por que já sei
que não esquecerei:
FRACASSO, FRACASSO, FRACASSO,
FRACASSO, afinal,
por te querer tanto bem
e me fazer tanto mal.

VAI SER UM CHUA

(maxixe)

Eu vou levar
Minha mulata
Para o estrangeiro
Ensinar aquela gente
A cantar o samba
Dangaído,
Requebrando,
Ao som do meu pandeiro.
Vai ser um Chuá...
Quando a mulata se esbalda
No meio do salão
Turbante na cabeça,
Samburá na mão,
Rezando pra fechar
O corpo do alemão... "Ya!"
O corpo do francês... "OUI!"
O corpo do inglês... "YES!"

Quando ela samba
Mexe-e-remexe
Pra lá e pra cá
Fica com as cadeiras
Fora do lugar
Rodando na ponta dos pés
sem parar.
E os brancos ficam
Malucos, pulando, cantando
E gritando: mulata vem cá.
Me dá o samburá
Eu vou pro Brasil
Eu quero é sambar

Yes, Yes, Yes,
Com o português o que quê há!

Mais
Belera
às PORTAS
DO
SEU LAR



SWP PROTEGE AO PINTAR
AS ESTRUTURAS EXTERNAS
DE MADEIRA OU FERRO

O sol escaldante ou as chuvas torren-
ciais — o calor e a humidade — não
afetam as superfícies pintadas com a
bela e decorativa SWP — a tinta per-
feita para as estruturas externas de
madeira ou metal, tais como portas,
janelas, basculantes, grades, portões,
etc.. SWP, à base de óleo, é lustro-
sa, forma uma superfície macia, suave,
de aspecto profissional.

...E PARA MAIS BELEZA INTERNAMENTE

Kem-Tone

o acabamento mágico
para paredes internas



1 galão de Kem-Tone, diluído com
água, dá um galão e meio de tinta
— o bastante para transformar um
apartamento de tamanho médio. Kem-
Tone seca em 1 hora — cobre
com uma demão até papel de
parede ou pinturas escuras.

A venda nas boas casas do ramo.

1 galão Cr\$ 98,50 no Rio, e em
São Paulo. Não pague mais!

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
BRASIL

RIO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE 23, TEL. 32-2077
S. PAULO: R. BARÃO DE ITAPETININGA 124, 4.º AND.
TELS. 4-6681, 6-1229

MEMÓRIA CANSADA? DYNAMOGENOL

VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

COM 1948 CHEGOU O NOVO
CONJUNTO
TIPO AMERICANO
PARA COPA E COZINHA



INDUSTRIAS
NEVE LTDA.

Rua Rosa e Silva, 74 — Fones
5-1311 e 5-1322 — São Paulo

VENDAS E EXPOSIÇÃO
ÚNICO REPRESENTANTE

A. BLUM SOBRINHO — 42-2455

RUA DO CARMO, 6 — 10.º AND. — SALAS 1.009/1010

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso, para detalhes.

DR. SPINOSA ROTHIER

Doenças sexuais e urinárias. Lavagem endoscópica da vesícula. Próstata — RUA SENADOR DANTAS, 45-B — Tel. 22-3367. De 1 às 7 horas.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro
tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

FILHO E PAI

(Cont. da pág. 44)

Noite escura. A coisa saíra melhor do que a encomenda. Não se fizera preciso o trabalho direto do coronel: homem de bem, de mãos limpas, como frisara eloquentemente o engenheiro em ligeiro brinde por ocasião do almoço, apenas ditara as ordens. As operações realizaram-se com o melhor êxito. Dos tocaieiros, Raimundo era aquele que sangrara o homem, depois de metodicamente baleado pelos outros. Devia ser uma nobre, fina tarefa, essa de sangrar, reservada ao digno preto: referia-se o caso e apontava-se o herói com entranhada admiração. Choviam sobre ele olhares estarecidos.

Ia por meia-noite quando o juiz mandou evacuar a sala para se proceder ao julgamento. O advogado teve com os jurados um entendimento mais ou menos amistoso, determinando, por evitar dúvidas, as bolas que deveriam deitar na urna. Auxiliava a Justiça na sua árdua tarefa. Parece que ante a relutância de um, com fumos de independente, falou português claro:

— Faça o que estou lhe mandando, meu velho, que o negócio aqui é na espingarda!

Tanto é certo que nem sempre se pode trabalhar em prol da Justiça sem uma relativa dose de energia.

Absolvido por unanimidade, o réu voltou para casa, com enorme acompanhamento, ao pipocar de foguetes e à luz de fogos de bengala, que anulava a soturna claridade dos lampiões. Ao passar pela residência da família inimiga do coronel, o advogado, cauteloso, puxou seu alentado trinta-e-oito, carga dupla. Talvez não fosse preciso, mas...

— Pelo sim, pelo não...

Houve cela, que entrou pela madrugada, até quase as duas. Todos comemoravam a vitória. «A vitória da moral e da justiça», nas palavras do juiz municipal, quentes de entusiasmo, por ocasião do brinde, a vinho do Porto. Brinde em que ao magistrado sucedeu o engenheiro, muito mais inflamado, agora, do que pelo almoço, quando apenas «preliava» o triunfo. Com apreciável dose de mitologia, história e palavras difíceis, e gestos largos e trêmulos, procurava compensar o acanhado da estatura. Nem lhe esqueceu voltar às mãos limpas do coronel, adicionando à limpeza novos atributos, enquanto as suas próprias mãos tremiam de pura emoção. O rio São Francisco, já glosado no júri pelo advogado, ressurgiu, inundante, tratado valentemente a tropos de retórica. O engenheiro queria abafar: «o São Francisco, esse boêmio, que nos traz o abraço de Minas Gerais, cantando no bândolim das arelas...» Palmas frenéticas. O advogado agradeceu, com brilho, em nome do homenageado.

O soldado Raimundo lá estava à mesa, no lugar de honra a que fazia jus como o homem que sangrara. Colegas seus também lá se viam — sentados creio que pela ordem de importância dos serviços prestados. Bebia-se à larga. Incansável, o coronel desmanchava-se em gentilezas. Ria-lhe o contentamento pela cara espapçada. Meu amigo, prestigiadíssimo. Eu, simples companheiro de viagem, que não fora apresentado como doutor, embora estivesse no penúltimo ano do curso, era tratado com um ligeiro ar de resto.

Os foguetes ainda espocavam nos ares ao pegarmos no sono, madrugada velha. Estávamos, pois, muito moles de enfado, quando «seu» Barreto nos despertou com o seu «bom dia». Diabo! Assim de manhãzinha, com uma aragem tão boa e a rede tão macia! Mas o homem gostava de conversar...

Acendeu o cigarro, tirou uma boa tragada, ficou olhando a fumaça que espiralava, saindo-lhe pelo nariz.

— Que é que tem o mundo, «seu» Barreto?

— Nada, não, seu doutor.

Parou, deixou sair novo suspiro.

— Eu só estou pensando é como é que botaram esse crime pra cima de meu filho Iolô. Coitado! Ele está inocente, doutor. Por essa luz que nos

alumina! Bem que o júri livrou ele. Deus está vendo. Por causa do Iolô nunca haveria de vir nenhum mal à terra.

Descansou um pouco. Tossiu.

— Os senhores fiquem sabendo duma coisa: nunca ninguém poderá saber de quem foi esse crime. O homem tinha muitos inimigos...

Saimos a conhecer os arredores da vila, antes do almoço.

A vila escaldava. A luz mordente, cáustica, metálica, dum sol de dezembro. Circundada de pedra em grande parte, parte edificada sobre pedra, o calor rebentava dessa pedraria, escandecente como duma forja. Ventava regularmente; mas era um bafo cálido, que, longe de minorar, agravava o calor. Estendia-se, dentro de casa, uma veste suada, para enxugar. Enxugava depressa, e quando fomos vesti-la estava quente como se saísse naquele instante de um ferro de engomar. Essa temperatura infernal parece que abrasava o sangue aos homens, acendendo-lhes ânsias de destruição de vidas. Por toda parte falava-se de crimes. Como se procurassem fazer recair sobre os semelhantes as inúteis raivas recalçadas à natureza adversa.

A hora do almoço, ia acesa a conversa, quando o sr. Brício, sereno como sempre, sem uma contração na cara terrosa, empalmada, fitou os olhos pretos e frios no meu companheiro, que tinha os seus disfarçadamente presos aos seios altos da filha do coronel:

— Ah, doutor, eu já vivia doido de tanta emboscada que botava naquele homem. Era de dia e de noite — e nada! Felizmente os cabras me fizeram um serviço limpo, graças a Deus.

Observei o coronel: o rosto era o mesmíssimo do dia anterior, de quando protestava a sua inocência, invocando o testemunho divino. Ótimo homem. Graças a Deus!

A noite, meu amigo dr. João Carlos da Rocha conversava liricamente, à janela, com a filha do sr. Brício, nas barbas do homem. Apenas, é claro, guardava certa distância, não muito de seus hábitos. A moça, graciosa de seu natural, tinha na fisionomia e nas maneiras uma doçura amável; e o sorriso, habitualmente belo, tornava-se mais belo à ação das finezas namoradas de seu admirador.

Era de embasacar, o prestígio de meu companheiro. Uma circunstância concorria poderosamente para dilatá-lo: de par com as suas funções de causídico, o dr. João Carlos da Rocha desempenhava, nessa viagem, missão política, como pessoa da confiança do governo. Ia agitar a candidatura de um dos irmãos do sr. Brício a prefeito municipal.

Esse irmão do coronel, democraticamente conhecido por «Sinhozinho», já antegozava as delícias do poder. Tinha por certa a vitória — «Governo não pode perder eleição, hum!» — e fazia crítica ao prefeito da vila. O doutor que visse com os próprios olhos: a Prefeitura não tapava os buracos da rua (e mostrava um trecho esburacado, em frente à sua residência), não aumentava os lampiões da iluminação pública, não fazia nada, e era só arrojando o povo com impostos e mais impostos — uma calamidade! O orçamento já subia a mais de vinte contos, e o povo não recebia nenhum benefício.

— Há muita coisa pra se fazer, doutor. Esse cabra que está no poleiro só quer mesmo comer, ele com a cambada dele. É importante que só ele. Parece que tem o rei na barriga. Quem foi Naninha!... Filho de um sapateiro, o finado Inácio. Muita alpercata eu calcei feita pelo velho. E hoje o filho é o que se vê. É um moço que nem interventor. E anda enchendo que vai se candidatar. Ele está pensando que eleição é nomeação. Mas deixe estar, doutor, que o cabra vai abaixo. Tão duro como osso, hum! Ora se vai! É só você dar as ordens, em nome do governo, e a coisa sai que sai uma beleza. Hum!

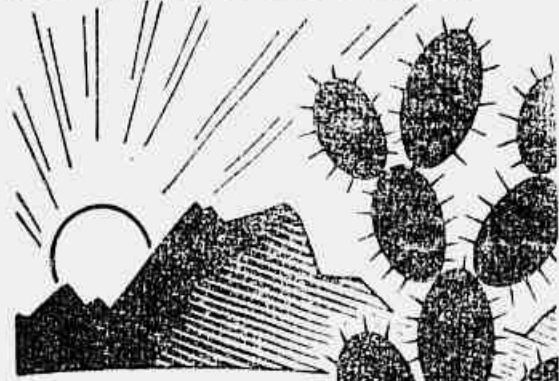
O advogado balançou a cabeça, aprovativo:

— Muito bem! Isto é que é preciso: energia. Energia e disciplina partidária. Sem isto a causa estaria perdida, e seria uma desmoralização para o governo.

(Cont. na pág. 49)

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

NOS CLIMAS TROPICAIS..



...AS PELES
DELICADAS
PEDEM
**A Polvilho
Antisséptico**
GRANADO

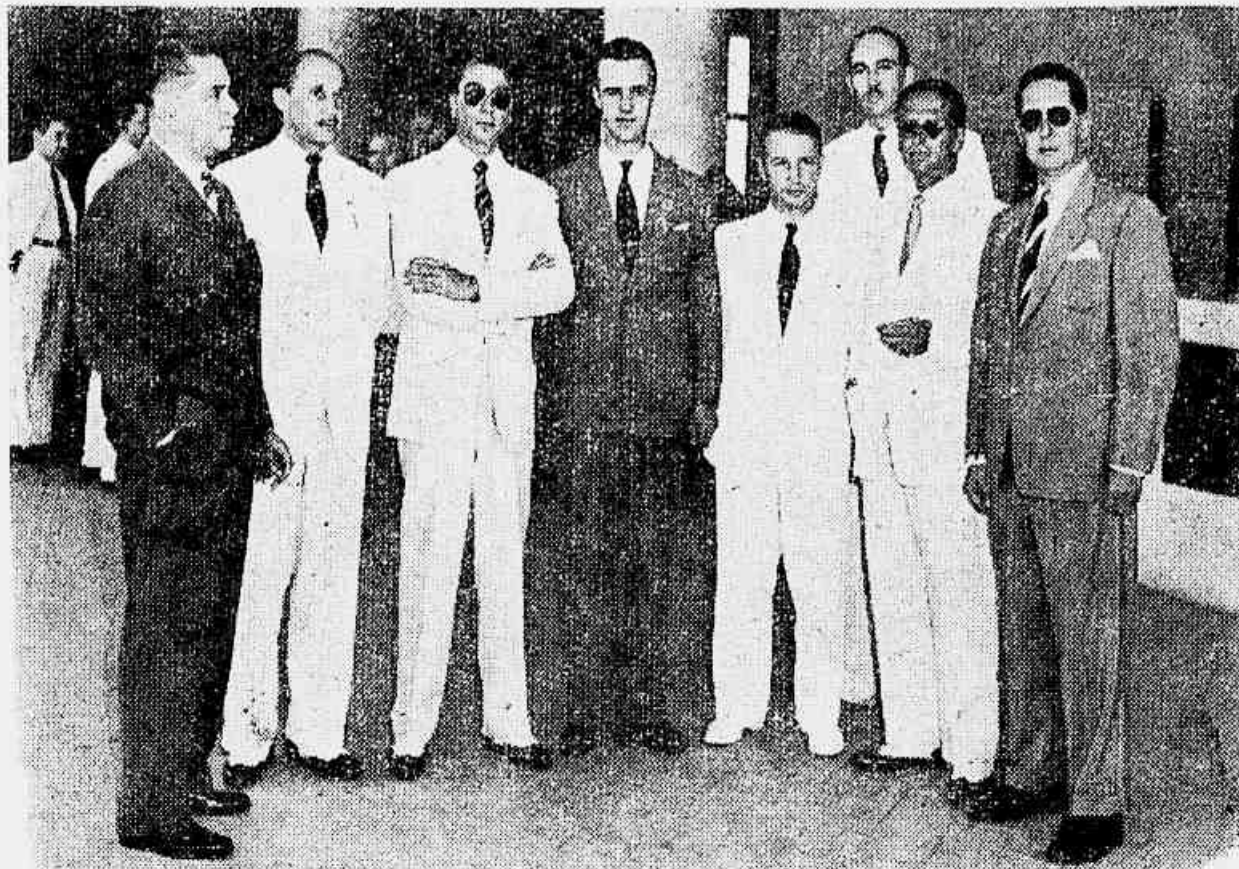
BROTOEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, lutando de alcançar a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e recomendadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapu, (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque, da vida nada se leva.

Chega ao Rio o sr. André Francillón, descendente dos FUNDADORES DA FAMOSA FÁBRICA LONGINES



Procedente de São Paulo chegou no dia 26 p. p. a esta capital o delegado da Fábrica LONGINES na América Central e América do Sul, sr. André Francillón, ilustre descendente da família Francillón, que há mais de 80 anos fundou a Fábrica Longines.

O sr. Francillón, que partiu da Suíça em outubro de 1947, terá oportunidade, nesta viagem, de visitar todos os países da América Central e América do Sul, de estreitar ainda mais os vínculos de boas relações comerciais com este país, onde o prestígio da Fábrica Longines cresce, de instante a instante.

Acompanhado dos representantes da fábrica, no Brasil, o sr. Francillón examinará de perto todos os problemas comerciais e técnicos relacionados com o seu ramo de negócios.

O ilustre viajante foi recebido no aeroporto Santos Dumont por grande número de amigos, destacando-se entre estes os srs. Maurício de Souza, diretor vice-presidente do Japórcia S. A., representante dos relógios Longines, neste país, Alvaro Baleeiro, diretor da Publicidade da mesma firma, representantes da imprensa e várias outras pessoas gradas.

Na ocasião, a firma, em grupo de pessoas que estiveram presentes ao desembarque do sr. André Francillón que se vê ao centro.

O Grande Segredo

(Cont. da pág. 23)

— Minha esposa! — exclamou Armand com surpresa.

— Sua esposa, sim... que, suspeitando da sua traição, o seguiu, para descobrir a causa da sua misteriosa conduta!

— Que misteriosa conduta, Nathalie? Veja, aqui está! — E mostrou-lhe o cachimbo. — Antes de nos casarmos, você me proibiu de fumar e eu prometi obedecer. Durante alguns meses cumpri a minha promessa, você sabe o que me custou. Lembra-se como eu andava irritável e triste? Era o meu cachimbo, o

meu querido cachimbo, que me fazia falta. Um dia, neste bairro, vi um camponês fumando. Pedi-lhe que me emprestasse a blusa e o boné, pois gostaria de fumar com ele, mas era preciso ocultá-lo de você, e o cheiro do fumo se permanecesse na minha roupa me trairia. Chegamos a um entendimento. Eu comeci a vir aqui todas as noites, para me entregar à minha ocupação favorita, e, com a precaução do boné, para evitar que o cheiro do fumo ficasse no meu cabelo, consegui enganá-la. Este é todo o mistério. Perdoe-me.

Nathalie beijou-o chorando.

— Eu devia saber que não podia ser. Agora sou feliz, e você poderá fumar quanto quiser, em casa.

E Nathalie voltou para seu tio, dizendo:

— Tio, ele me ama! Ele saía para fumar, mas doravante fumará em casa.

— Eu posso arranjar isso — disse d'Albancourt. — Ele fumará enquanto jogar gamão comigo.

«Disse modo, pensou o velho, terei um parceiro certo para o meu jogo.»



O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras; elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — O n.º 1 ou o n.º 2. O n.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O n.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar todas as moléstias da mulher ao mesmo tempo; não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

FRANÇOIS MAURIC

(Cont. da pág. 50)

— Pode ser. Mas não se esqueça de que as dores da humanidade inspiraram outrora os homens do pensamento, que se fizeram deuses... A dor universal, em nosso tempo, é mais lapidante do que nunca. E os escritores de hoje, talvez incapazes de produzir grandes obras como aquelas dos predecessores, não se apegam, qual o mundo atual, que está dividido em dois. Uns servem à primeira parte desse mundo, outros à segunda... Isso não acontece só entre nós, em França; é um mal que atingiu todos os escritores do mundo. Pode ser que futuramente as coisas se modifiquem. Atualmente, porém, não sei...

O TEATRO E CINEMA FRANCESES

— E que nos diz sobre o teatro e o cinema do seu país?

— O teatro, com Jean Paul Sartre à testa e outros bons elementos, vai afinando-se. Também o cinema progride de dia para dia. O cinema é atualmente a segunda indústria da França. Produz bons filmes e creio que dentro de muito breve os filmes franceses voltarão a ocupar o primeiro lugar no mercado mundial.

Naquele instante, o contraluz anunciou a chegada do fedorão. Polícias chegaram para tirar algumas fotos. O contraluz do fedorão. Estamos ainda sobre vários aspectos e alguns por enquanto a aproximação com esse contraluz homem das ilhas francesas que é o acadêmico François Mauriac.

O BOM C. IM

(Cont. da pág. 50)

— Dois anos e alguns meses... — respondeu o homem esguio. — Se deixar algum cabo solto na minha história, me pergunte. Há na minha alma tanta desordem! Talvez não me explique bem; talvez...

— Sim; continua, continua...

— Enquanto punham a mesa, ele me falou com friabilidade de sua vida por lá, e me perguntou a respeito da minha; porém suas notícias e suas perguntas não tinham esse interesse cordial, nascido do carinho e da ausência; sentia-se que falava para não estar calado, e que teria dito a mesma coisa a qualquer outro... Reconfortado, levantou-se, e depois de ter, por alguns minutos, folheado desdenhosamente meus livros, se aproximou da janela e com uma das mãos restituiu a transparência à vidraça empanada pela umidade, para contemplar a áspere paisagem de dezembro. Deve ter visto do outro lado do pequeno pomar o galinheiro, porque me disse, com um tom de júbilo que então eu não pude compreender:

— Homem, estás criando galinhas? Não podes imaginar quanto me alegro... Tiveste uma grande idéia... Que bom!

Como até então não havia podido examiná-lo, pois alguma coisa em seu rosto, sobretudo nos olhos, me impedia de fixar confiadamente o olhar nele, aproveitei que estava de costas para comprovar o estrago que aquelas dois anos lhe haviam infligido. Estava citrino; sob a barba mal rapada, entrevia-se uma depressão do maxilar

(Cont. na pág. 49)

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se ornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. flatulência, a dispepsia, a má digestão, mau hálito, a língua saborosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as cáimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Papeis-Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno, impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, de atender as suas obrigações diárias. e V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papeis-Bankets. As suas propriedades sedativas e edulcorantes atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.



BUSTO IDEAL EM DOIS MESES COM AS PILULES ORIENTALES TONICAS E RECONSTITUINTES Sempre bemfeizes para a saúde



Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. RATIE, farmacêutico — 45, rue de l'Éclairage — PARIS — A venda em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil: Casa Post, 2682, RIO DE JANEIRO (Lugar D.N.S.P. sob o N.º 37 em 26/11/47)

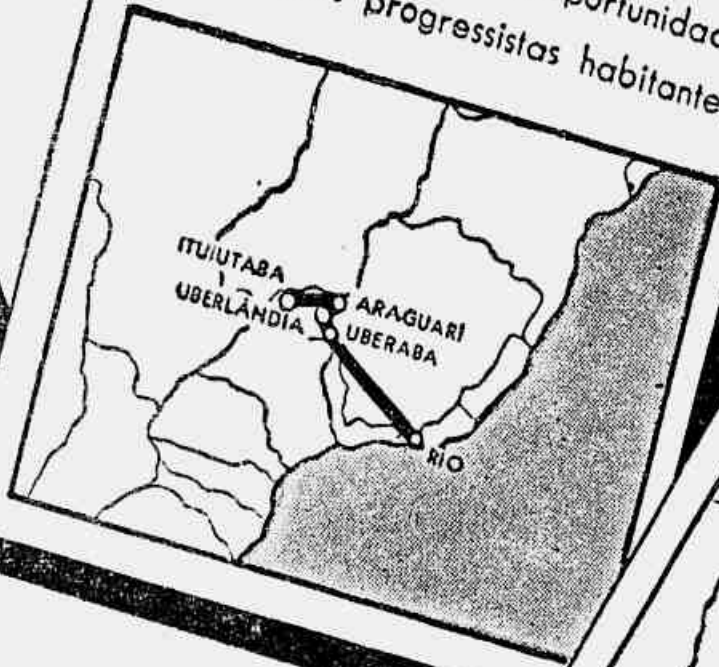
NUM PAÍS VASTO...

A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO

O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condições de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento de nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398

FILHO E PAI

(Cont. da pág. 46)

— Nem diga essa palavra, doutor! Governo aqui não perde um voto, nem um, pra mezinha.

E com um sinal de parada, a mão direita estendida, em posição vertical:

— Deixe estar, doutor, fique descansado. Aqui a gente risca por onde o senhor cortar. Oposição aqui come da banda podre. Hum!

Esse «hum!» era muito de Sinhozinho. Pelo curto convívio com o homem, pude concluir que certos planos inconfessáveis se ocultavam geralmente por detrás desse «hum!». Era quase a sua única interjeição. Em nosso regresso Sinhozinho nos acompanhou: vinha à Capital, cuidar de negócios e, talvez sobretudo, a assuntos políticos. No percurso, feito a caminhão, aqui e ali, à margem da estrada, viam-se cruzeiros fincados no chão.

Os mortos, vítimas de tocasias, tantas vezes por questões de terras, tinham, naqueles ermos, um verdadeiro latifúndio para os ossos. Sinhozinho apontava as cruzeiras, e com a sua voz tranquila e nasalada:

— Aqui... quebraram um!

— Mataram, foi? — indagava eu, como se quisesse fugir à evidência.

E Sinhozinho, esboçando uma risada:

— Hum!

«Seus Barreto ainda uma vez nos acordara, no dia da nossa partida; e ao cumprimento matinal seguiram-se as mesmas palavras:

— ...Deus está vendo... Nunca ninguém poderá saber quem foi: o homem tinha muitos inimigos...

A voz apagada, o gesto manso, uns olhos muitos brandos no rosto sem carnes, «seus Barreto era a bondade em pessoa.

A vida de Swedenborg

(Continuação da pág. 24)

Parecia ter adquirido o que hoje denominaríamos dupla personalidade. Exteriormente, continuava o mesmo homem tranquilo, prático, de hábitos conservadores. Usava espada, empoava os cabelos, andava com uma bengala de castão de ouro. Mas interiormente se transformara num verdadeiro Niágara de idéias que pareciam provir de uma mente hipnotizada. Uma mente sincera e branda, que muitas vezes subia a extraordinárias alturas poéticas. Já não era o cientista, mas o místico empolgado por uma visão. Tudo o que os outros homens sabiam, ele agora via — «via com os seus sentidos e com o olho interior».

Abandonou o posto de «assessor das minas e tornou aos seus manuscritos e viagens. Viagens pelo mundo físico da Europa e ao mundo espiritual da alma. Registrou os resultados de suas «jornadas espirituais» numa torrente de livros «escritos de conformidade com as instruções do Senhor». E então, aos oitenta e cinco anos, partiu finalmente para aquele «único mundo real» que tão apaixonadamente o absorvera.

IV

Dos dois mundos — declara Swedenborg, — o físico, longe de ser real em si mesmo, é apenas o símbolo do espiritual. A estátua é meramente a roupagem de mármore da idéia criadora que tomou forma no espírito do escultor. E o corpo humano é simplesmente o revestimento da alma. Pois só em suas dimensões físicas podem os traços rutilantes do espírito fazer-se perceptíveis aos débeis sentidos humanos. Por esse motivo é que Deus converteu o seu espírito em carne. Deus se fez humano para demonstrar ao homem que Ele era divino.

«A matéria é unicamente uma expressão». No entanto, uma vez que a maté-

ria corresponde ponto por ponto ao espírito, é possível ao homem bom e sábio compreender o verdadeiro mundo espiritual, embora estorvado pela teia dos sentidos. Pois «nada existe na natureza que se não assemelhe à sua origem, o espírito». Cada partícula de carne, fibra e músculo da substância espiritual, ou da «parte mais íntima da matéria». Cada objeto do mundo material é um «reflexo» do mesmíssimo objeto no mundo do espírito. Todas as idéias da mente são simbolizadas por fatos físicos. Todas as coisas são projetadas do mais íntimo do espírito sobre os fatos exteriores. «Nada há na natureza que não provenha do espírito e não exista pelo espírito... Na semente da árvore está a forma da floresta; na circulação do sangue está o princípio universal da vida — «o ciclo constante de nascimento e morte, dissolução e renovação». Ademais, tudo é, em si mesmo, a imagem perfeita da forma total do ser. A gota d'água encerra em si a forma e a substância do oceano inteiro. No comentário que escreveu a essa doutrina Swedenborguiana das correlações, Emerson expõe o pensamento de maneira concreta e pintoresca. «As unidades de cada órgão (humano) são outros tantos órgãos em escala reduzida; as unidades da língua são pequenas línguas; as do estômago, pequenos estômagos; as do coração, pequenos corações. Esta idéia fecunda nos dá a chave de todos os segredos... O homem é uma espécie de paraíso em miniatura... Deus é o homem em grande escala».

Este é o santo-senhal ao fim supremo do universo: «A natureza está inteira em suas ínfimas partes... Realmente, vivemos e andamos aqui qual microcosmos, e levamos em nós tanto o céu como o mundo, e por conseguinte o Reino de Deus».

Mas o nosso próprio mundo físico não foi criado, de uma vez para sempre, por um ato divino delimitado. A criação do

(Cont. na pág. 42)



NÃO seja vítima da PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas - 4 estão ameaçadas

Se as gengivas lhe causam incômodo... se estão sensíveis e sangram facilmente — tome cuidado! — pode ser Piorrêia, a grande praga moderna que mina as gengivas e faz perder os dentes.

Comece a proteger-se logo com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstraram que, com este tratamento simples, 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora no decorrer de um mês.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para conservar o encanto natural de seus dentes e a saúde e o vigor de suas gengivas — comece a usar hoje mesmo o famoso dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com **Forhan's**



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantado à vista.

A pele que não resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e impurezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórias Al-

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua

brilhando EM 1948!

QUAL O SEU SEGRÊDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



Impressionando os meios científicos do país!

A luta da ciência, durante anos, tem sido para encontrar uma fórmula eficiente e rápida, capaz de debelar os males do fígado e suas consequências, sem perda de tempo, sem sacrifício de dinheiro e sem dieta prolongada.

Este é o segredo do

FIGACOL

medicamento de absoluta confiança, recomendado pelos mais renomados médicos do país.

FIGACOL é um produto vitorioso do Instituto Científico Medicador Ltda.

Fabricante da famosa

EMAGRINA

Atendemos pedidos pelo Reembolso, para a Caixa Postal 2.335 — RIO

Números atrasados desta

Revista no Pará

Pedir a

Albano H. Martins & C.ª

Travessa Campos Sales, 58

BELEM

ENTREGA DE PRÊMIOS DE SEGURANÇA DO TRABALHO AS COMISSÕES INTERNAS DE SEGURANÇA DA A. P. R. J. FEITA PELO DEPARTAMENTO DE ACIDENTES DO TRABALHO DO I. A. P. DOS MARÍTIMOS



A esquerda: flagrante da mesa que presidiu a cerimônia, vendo-se entre as autoridades presentes os srs. representantes do ministério do Trabalho, ministro da Guerra, ministro da Viação, ministro dos Marítimos; Francisco Ferraz, diretor do Departamento Federal, srs. Milton Soares de Santana, presidente do Instituto dos Marítimos, e outras personalidades. A direita: o dr. Francisco Ferraz, diretor do Departamento de Acidentes do Trabalho do Instituto dos Marítimos, quando pronunciava a oração que recebeu calorosos aplausos de toda a assistência.

Realizou-se recentemente, na estação de cabotagem da Administração do Porto, a cerimônia de entrega de prêmios às Comissões Internas de Prevenção de Acidentes do Trabalho da Administração do Porto do Rio de Janeiro, pelo Departamento de Acidentes do Trabalho do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos.

Os prêmios em questão foram conferidos aos trabalhadores que melhor souberam se conduzir no trabalho, cooperando, dessa forma, de modo decisivo, com o Serviço de Prevenção do I. A. P. M. na luta contra os acidentes do Trabalho.

OS PRÊMIOS

Os prêmios constaram de uma importância em dinheiro e medalhas honoríficas, que foram entregues, respectivamente, pelos srs. Miranda de Carvalho, superintendente da A. P. R. J., e dr. Figueira de Mello, representante do exmo. sr. ministro do Trabalho, ao trabalhador Pedro Francisco Nóbrega, da 5.ª Inspetoria da A. P. R. J., e ao presidente da Liga de Segurança da mesma Inspetoria, sr. Aldemar Tompson.

AUTORIDADES PRESENTES

Estiveram presentes às solenidades as seguintes autoridades: dr. Figueira de Mello, representante do ministro do Trabalho; major Joaquim Inocêncio Oliveira Paredes, representante do ministro da Guerra; senador Francisco Gallotti; dr. Miranda de Carvalho, superintendente da Administração do Porto do Rio de Janeiro; representante do ministro da Viação; sr. Milton Soares de Santana, presidente do Instituto dos Marítimos; representante do ministro da Marinha; sr. Francisco Ferraz, diretor do D. A. T., do Instituto dos Marítimos; Alfredo França Junior, encarregado do serviço de imprensa do referido departamento do I. A. P. M., e outras altas autoridades.

OS DISCURSOS

Usaram da palavra os srs.: Francisco Ferraz, diretor do Departamento de Acidentes do Trabalho do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, dr. Decio Parreira, dr. Miranda de Carvalho, dr. Milton Soares de Santana, presidente do I. A. P. M., e encerrando a cerimônia o dr. Figueira de Mello, representante do exmo. sr. ministro do Trabalho.

Ao champagne ergueu um brinde ao sr. presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, o sr. Milton Soares de Santana, presidente do Instituto dos Marítimos, encerrando-se as solenidades com um "lunch" aos convidados e trabalhadores da A. P. R. J. sob um clima de verdadeira compreensão entre brasileiros que acima de tudo procuram erguer bem alto o nome da Pátria.



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos intervalos dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

FRANÇOIS MAURIAC...

(Cont. da pág. 25)

— Acredita, então, numa terceira guerra mundial?
— Eu disse há pouco que a voragem é completa. Dois grandes perigos ameaçam a paz do mundo: o "Kominform" e a energia atômica. O "Kominform" é um mundo armado e bem armado. A energia atômica é a riqueza, a possibilidade de enfrentar esse mundo armado. Dois gigantes, face a face, querendo medir as suas forças. E os pigmeus, que vivem em suas redondezas, com os olhos fitos nos dois, esperando atormentados um acordo pacífico entre as duas forças.
— E o senhor, o que espera?
— Eu sou otimista. Creio que tudo sairá bem.

O GENERAL DE GAULLE E SUA POLÍTICA

— E o que pensa o senhor sobre o general Charles de Gaulle e o movimento que ele chefia?
— Estou em desacordo com a conduta política do nosso grande militar. Ele é um dos grandes que "acelera" a idéia duma nova guerra. Eu sou inteiramente contra tal idéia. A humanidade deve procurar meios para viver em paz e, para conseguir essa paz, nós, homens civilizados, não devemos apelar novamente para as armas, como em 1914 e 1939. Esses meios existem, e talvez sejam desta vez encontrados.
— Nas mesas das conferências?
— Talvez.
— E se essas conferências fracassarem?
— Será apenas mais um desastre, mas nada grave. Sou, como já lhe disse, otimista. Creio que um dia virá em que a humanidade solucionará pacificamente os seus problemas e voltará a ser o que foi antes das duas guerras.
— Pode dizer-nos, agora, qual o regime que, a seu ver, serviria para o mundo?
— O socialismo. Mas um socialismo sadio, capaz de satisfazer as necessidades de todos os povos da terra. Se esse regime for implantado, desaparecerão todos os outros "ismos" que convulsionam a pobre humanidade. E a paz reinará sobre o mundo...

EM DECLÍNIO A LITERATURA FRANCESA

Voltamos a falar sobre assuntos literários. Debates-jamos saber como François Mauriac encara a situação da literatura francesa contemporânea.

O autor de "Destins" faz um esforço para responder. Medita. Depois, quase triste, diz apenas:
— A verdade é que a nossa literatura está em declínio. E' tudo que posso dizer-lhe.

— Mas os escritores franceses continuam escrevendo...

— Sim, os escritores que há trinta, quarenta e mesmo há cinquenta anos atrás, já eram famosos. Deram à literatura universal belíssimas páginas, produziram muito. Hoje, à sombra do que foram ontem, escrevem apenas mais alguns livros. Grandes obras literárias, porém, não aparecem mais. Os velhos valores já deram o que podiam dar e novos valores não surgiram...

— Não será esse declínio causado pelas circunstâncias econômicas, sociais, morais e políticas, surgidas nestes últimos tempos?

— Quem sabe... O que importa não é a causa, mas as consequências. Ontem tivemos gigantes. Hoje, não é bom falar...

— E se a situação melhorar, acha, então, que a literatura francesa atual mudará de fôlego?

(Conclui na pág. 47)

O BOM CAIM

(Cont. da pág. 15)

sem me apertar, e quando se soltou dos meus braços me disse:

— Bem, bem... Vamos dedicar uma hora às efusões familiares e depois falaremos de coisas sérias... Temos muito que conversar, pequeno!... Desta vez trago mais do que uma idéia... Trago a fortuna... a verdadeira fortuna... a verdadeira mina... E' verdade que um desses malditos navios ingleses esteve a ponto de me pôr no fundo para sempre com toda a minha equipagem... Aquilo que estás vendo, aquela maleta tão pobre, com seus cantos roçados e uma das alças de corda, é um tesouro; e embora só tenha dentro uns cadernos e um aparelhinho que não pesa três quilos, qualquer país daria por ela mais de um milhão! Esta é a nossa hora! Um pouco desse bom trabalho complementar que para ti é tão fácil, e o milhão se converterá em dois, em três, no que queiramos... Ei, diz a essa velha imbecil que me preparou alguma coisa para comer e tu deixa este gesto de assombro. Ah, que me traga vinho... e uma garrafa de conhaque. Agora estou bebendo.

— Quanto tempo fazia que vocês estavam separados?
— Interrompeu pela primeira vez o padre Sebastião.
(Cont. na pág. 47)

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes CRIENTAIS (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



REVISTA DA SEMANA

N.º 11

13.3.48

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil





Este e inúmeros outros assuntos (contos, romances policiais e de amor, calendário e informações sobre o ano, história, ciência e arte) são encontrados no "ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948", à venda em toda parte por Cr\$ 15,00. Pedidos à CIA. EDITORA AMERICANA, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio. — Rua Maranguape, 15, Rio.

Conheça o que há de mais interessante e moderno no mundo em todos os setores da vida humana, lendo o

ALMANAQUE
EU SEI TUDO
À VENDA - PARA 1948 - À VENDA

UM JORNAL NA PALMA DA MÃO

A influência norte-americana chegou até um lugar chamado Pará-de-Minas. O escritor Joel Silveira provou uma vez que em Minas Gerais sempre acontecem coisas. Se nasce um bode de duas cabeças, a gente vai ver, foi em Minas. Se uma criança começa a falar com cinco dias de nascida, já se sabe onde foi. Houve até uma época em que os fatos extravagantes se acumularam de tal forma que os outros Estados do Brasil criaram complexo de inferioridade e mandavam só notícias de políticos que viajavam. Depois de um período de relativa calma, pode-se verificar que Minas descansou, mas não desistiu. Evidentemente não me refiro à influência norte-americana. Isso pode acontecer e está acontecendo em toda parte. Com os mineiros, também. Mas o jeito deles serem influenciados é que merece registro. Em Pará-de-Minas a coisa estourou com um jornal. Não sei se é matutino ou vespertino, porque isso está sob sigilo no expediente. Além de ser jornal, conforme se diz, aliás com certa pompa de cabeçalho, sai aos sábados. E', portanto, um jornal cheio de particularidades, recusando-se, por uma questão de personalidade, a ser um semanário. Esse jornal se chama "Vossa Senhoria". Até aí vocês não de concordar que não existe razão para atribuímos à influência americana, pois essas coisas podem ser nativas. Mas, ah, esperem. Trata-se de um jornal que é o menor do mundo. Cabe dentro da palma da minha mão, pode ser enviado a qualquer pessoa dobrado numa caixa de fósforos. Está aí a influência ianque. E não me digam que não. Como pouca gente o conhece, sinto-me no dever de divulgá-lo. Não que o "Vossa Senhoria" esteja precisando. E' um jornal que já nasceu célebre. Não tem necessidade de coisa nenhuma, a não ser de auxílio material. Disso ele precisa com todo ardor e está bem explicado numa de suas páginas. Mas como não é esse auxílio o que eu vou dar, é possível que o meu nome jamais apareça naquela página, onde promete publicar os nomes de todos aqueles que concorrerem com o vil dinheiro. Mas, chega de tecer considerações sobre o jornal e vamos mergulhar nele. Antes de tudo, mesmo acima do título, vem a seguinte notícia: "O caso do secretário da Prefeitura não é obra de politicalha; é da política administrativa que, às vezes, precisa ferir para salvaguardar os interesses das coisas públicas". Fica por aí. E' muito mais excitante do que se dissesse qual é o caso do secretário da Prefeitura e como foi que ele feriu. E também, se feriu, ou foi ferido, como foi, a quem, ou por quem. Mas, não. Fica explicado ali apenas que aquilo não é politicalha, não. E, uma vez que não é, ninguém tem nada que saber do resto. Lançado o aviso, segue-se o título do jornal e um artigo em que delata uma cidade chamada Pequim, onde houve eleições, desta vez sem sururu. Todos os políticos ficaram admirados com o fato de os habitantes do lugar terem comparecido. Como da outra vez as coisas andaram meio quentes, parece que não contavam mais com os eleitores. Um redator, que assina João Daqui, escreve um artigo para desfazer certas intrigas provocadas por um artigo anterior. O que ele quer dizer, e diz, mas com delicadeza, é que o prefeito não deve querer governar sem dar importância ao Legislativo. Menciona também o caso do Secretário do Prefeito. Como vocês devem lembrar, esse caso já foi citado antes, mas voltou. Deve ser um caso danado de importante, mas como não está explicado direito, paciência.

Anunciou ainda o menor jornal do mundo que Pará-de-Minas não teve Carnaval. Nem mesmo o Centro Literário Pedro Nestor andava querendo dar os seus costumesis bailes de carnaval, o que era uma indignidade. Esses Centros Literários sempre decepcionam a gente.

Depois, vem um necrológico bastante sentido. O homem era extraordinário, pois segundo dizem aqui, no "Vossa Senhoria", sempre que faltava assunto no jornal, "ele, num fechar de olhos, criava coisa nova e de assunto palpitante". Apesar desse talento, não era profissional da imprensa. Apenas borboleteava. E aqui vou transcrever um trecho: "Repartia às mãos cheias os seus artigos escritos por prazer, e assim fazia a glória dos seus colegas de imprensa". Se querem a minha opinião, acho que ter glória desse jeito não é vantagem. E agora, uma página literária, colaboração especial, assinada por um frade franciscano. Título: "Quem Tudo Quer". Segue-se o corpo do artigo: "Diz o concel-tuoso aforismo popular: — "De Grão em Grão a Galinha Enche o Papo!" (A idéia de botar isso em letra graúda é dele). Esta sentença moral tem aplicação à vida prática. Exemplificamos. O verdadeiro meio de ganhar muito é nunca querer ganhar demais. Quem tudo quer, tudo perde. Zêlo demasiado estraga e arruína. Extrema afoiação para nada serve e prejudica muito. A pressa já tem causado muitos danos. As grandes empresas são compostas de pequenas coisas, minúcias, até. Um grãozinho não enche o saco, mas ainda ajuda. De vagar se vai ao longe. Com uma gota de mel se apanharão mais moscas do que com um barril de vinagre. O que não se alcança com calma e paciência jamais se conseguirá com violência. Porque de grão em grão, a galinha enche o papo!"

E assim termina esse violento artigo contra a pressa e a ambição e, como não há nenhuma referência contra elas, concluímos que a favor das galinhas.

Se vocês quiserem uma assinatura, mandem dez cruzeiros para este endereço: Rua Francisco Sales, 128, e serão largamente compensados. Receberão o menor jornal do mundo.

LUCIA BENEDETTI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

O menor jornal do mundo (Lucia Benedetti)	3
François Mauriac fala sobre o drama da França (Nelson Vainer)	25

BIOGRAFIA:

A vida de Swedenborg (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	24
---	----

CARICATURA:

Bom humor	11
---------------------	----

REPORTAGENS:

Ser mãe é padecer... nem sempre num paraíso (Ney Machado)	6/10
Maureen O'Hara começou a trabalhar aos doze anos (Luís Serrano)	12/13
Uma nova campeã mundial de patinação no gelo	16/17
"A Pequena Catarina", um sucesso pessoal de Bibi Ferreira	18/21
Esplendor medieval na mais antiga corrida de cavalos do mundo (Magda Incontri)	26/31

CONTOS:

O bom Caim (A. Hernandez Catá)	14/15
O grande segrêdo (Paul de Kock)	22/23
Filho e pai (Aurélio Buarque de Holanda)	32

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	42
Música	44
Cancioneiro Internacional	45

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	33
Muro das lamentações	36
A Personalidade da semana (Ivonne Jean)	37
O espírito feminino através dos tempos	38
Mães e filhos (Zóia de Laet)	39
Figurinos de Ana Zagorska	38/39

ILUSTRAÇÕES:

Abelardo Zaluar, Armando Pacheco e Orlando Matos.

NOSSA CAPA

Aparece hoje em nossa capa a personalíssima Greer Garson, "estrela" exclusiva da Metro-Goldwyn-Mayer. Greer Garson conquistou fama imorredoura com o filme "Rosa da Esperança", um dos seus mais belos trabalhos no cinema. Este filme, além de lhe dar completo êxito, deu-lhe também um marido, Richard Ney, que fazia o papel de seu filho na película. Fez dupla neste filme e em "Mme. Curie" com o quarentão Walter Pidgeon, caso único de vitória a dois em busca das glórias de Hollywood. Greer Garson voltará brevemente à Cinelândia no filme "Sagrado e Profano", ao lado de Robert Mitchum.



a Semana em Revista

RESSURREIÇÃO DA ESCOLA GUIGNARD



A REVISTA DA SEMANA, em seu número de 28 do mês próximo passado, publicou ampla reportagem a respeito da escola de pintura do grande mestre Alberto da Veiga Guignard, o já renomado Curso de Belas Artes da Prefeitura de Belo Horizonte, como era oficialmente batizado. Protestamos naquela reportagem contra o ato do prefeito Otacilio Negrão de Lima que, com a desocupação sumária do prédio onde funcionava a escola, extinguiu, numa simples portaria, um dos mais avançados centros de cultura artística do país. A reportagem de REVISTA DA SEMANA foi acolhida com o maior entusiasmo pelos intelectuais mineiros e pelo próprio povo belorizontino, que já se orgulhavam do patrimônio cultural criado pelo mestre dos pincéis. Imediatamente após a saída da REVISTA soubemos que o governador Milton Campos se comprometera a não permitir o fechamento do Curso de Belas Artes e, agora, outra grata notícia estamos recebendo da capital mineira. Quarenta e oito horas após a chegada a Belo Horizonte da REVISTA DA SEMANA, cuja tiragem para aquela capi-

tal se esgotou rapidamente, a Prefeitura fez publicar a seguinte nota esclarecedora, que transcrevemos com imenso prazer, certos de que cooperamos de alguma forma para que aquele centro artístico não desaparecesse do mapa de artes plásticas do Brasil. Eis o telegrama: "Para evitar errôneas interpretações, vimos esclarecer que o sr. prefeito da Capital não é contra a existência ou o funcionamento do Curso de Belas Artes, dirigido pelo prof. Guignard, mediante contrato com a Prefeitura. Entende, apenas, que lhe faltam condições básicas para bem atender às suas finalidades. E é por assim julgar que o sr. prefeito, em uma de suas audiências com o exmo. sr. governador do Estado, teve o ensejo de ventilar a questão com s. excia. Nessa ocasião, propôs a reorganização do Curso de Belas Artes, comprometendo-se a consignar-lhe uma verba de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) anuais e a pleitear do governo da República igual importância. Ao Estado de Minas caberia integrar a dotação, assegurando ao Curso também a quantia de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) anuais. Bem se vê, pois, que esse procedimento, longe de exprimir qualquer desconsideração para com o Curso de Belas Artes, revela o louvável intento de proporcionar-lhe os elementos sem os quais nunca poderá ser um instituto à altura das tradições de cultura e civilização da capital de Minas".

O QUE FAZEM O SESI E O SESC DO DINHEIRO ARRECADADO?



Há coisa de meses, surgiu como uma nova panacéia social a idéia de uns super-institutos, que fariam pelos trabalhadores o que os outros não fazem... Dariam assistência, recreação e "orientação política"... e, sobretudo, fariam vasta propaganda nos jornais das excelências do mundo atual... Para tanto cobrariam dois por cento sobre os salários dos comerciários, industriários e demais empregados do País. Esta arrecadação que atinge a muitos milhões de cruzeiros por mês deveria ser empregada especialmente no seguro-doença, ainda não estabelecido pelos Institutos de Aposentadoria. Foi essa a origem dos riquíssimos SESI e SESC, que tiveram prontamente organizados os seus conselhos-diretores com cargos de polpuda remuneração para os chefes que iriam tratar dos "benefícios" do trabalhador. Este, o pagante, ficou esperando. Alguém já recebeu benefícios do SESI e do SESC? Ninguém responde. Alugaram os diretores com o dinheiro do povo andares inteiros na Esplanada do Castelo, gastaram a "grana" em publicidade direta e indireta, divertiram-se em concertos do Municipal e o trabalhador continuou esperando. Afinal, cansou-se de

pagar sem receber auxílio algum e protestou. Seu protesto chegou até o general Dutra e o presidente, que estivera até aqui de boa fé, mandou iniciar, imediatamente, uma devassa nesses dois órgãos que não estão cumprindo com a sua finalidade. Estão esbanjando perigosamente o dinheiro dos contribuintes. Além do mais, essas duas organizações deverão ter os seus estatutos modificados. Como explicou o deputado Café Filho "não há por parte dos trabalhadores um direito ao benefício, mas sim a possibilidade de receber o auxílio que as instituições pretendam dar". As contribuições, porém, são arrecadadas obrigatoriamente. Como se vê, é a maior exploração que já se fez ao sacrificado operário nacional. Em troca dos dois por cento arrancados religiosamente dos seus ordenados, os orientadores dos mirabolantes órgãos prometem, para mais tarde, o que sobrar após o malbaratamento de milhões e milhões com a caríssima organização burocrática, em que há vencimentos de fazer inveja a ministros e generais... O ministro do Trabalho, falando sobre o assunto, procurou suavizar os efeitos da ordem de inquérito ordenado pelo presidente. Declarou que não é um inquérito, mas, apenas, "a realização de estudos tendentes a proporcionar um maior entrosamento entre os serviços profissionais prestados pelos órgãos assistenciais, etc., etc." Mas a nossa impressão é a de que o presidente quer é saber o que os senhores do SESI e do SESC estão fazendo com a montanha de dinheiro constituída pelos dois por cento dos salários nacionais...

OS TEATROS DOS ESTADOS E A AÇÃO DA SBAT



A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que tanto tem feito pelo prestígio do nosso teatro e pelo desenvolvimento de nossa arte cênica, com a autoridade moral e intelectual de que está revestida, tomou uma série de iniciativas no sentido de promover maior interesse para com os problemas teatrais não só na capital do país, como nas capitais dos nossos Estados. Alguns desses Estados, por mais incrível que pareça, não possuem teatros de nenhuma espécie, nem oficiais, nem particulares, o que é uma vergonha e uma diminuição para os seus foros de cultura. Entre outras coisas, oficiou a SBAT ao governador Otavio Mangabeira, da Bahia, e a seu auxiliar imediato, o prefeito de Salvador, sr. Wanderley de Pinho, solicitando a reconstrução do Teatro de São João, que durante mais de um século se ergueu como um dos baluartes da nossa arte cênica na cidade do Senhor do Bonfim, mas há vinte e cinco anos desapareceu, devorado por um incêndio, não sendo mais reconstruído. Igual apelo foi feito ao governo de Minas Gerais, no sentido de ser dotada a capital

mineira de um teatro, — e já o vereador Waldomiro Lobo tomou a excelente iniciativa da desapropriação do cinema Metrópole, que era o antigo Municipal de Belo Horizonte, para que volte à sua primitiva condição de teatro. Em São Paulo igualmente se fez sentir a ação da SBAT, pleiteando a conversão, em teatro, de casas que eram primitivamente consagradas aos espetáculos de palco, mas depois foram desvirtuadas e convertidas em cinemas. Com isso, o governo da capital paulista compensaria as deficiências verificadas com as demolições recentes do Cassino Antártica, como do Boa Vista, autorizadas pela Prefeitura de São Paulo. Um desses antigos teatros, o Colombo, não terá seu contrato renovado, voltando, assim, a abrigar profissionais do palco. Para maior garantia de que esse teatro não será utilizado para outros fins, a própria Sociedade Brasileira de Autores Teatrais vai pleitear sua custódia, afim de nele instalar sua sede paulista e de ceder-lo às companhias em excursão. Trata-se de uma aspiração legítima e digna de amparo, porque parte de uma instituição idônea, com grandes créditos morais e empenhada na defesa do nosso teatro e dos que nele trabalham. Em lugar de um empresário que passe a agir como simples zangão, cedendo o teatro com grande lucro a terceiros, a SBAT poderá fazê-lo sem exigir compensações leoninas, no interesse puro e exclusivo do progresso do nosso teatro.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 11 — 13-3-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado-Gunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 97 — Tel. 4-1569;; — Publicidade a cargo de Jerbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 618 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-8718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.ª dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

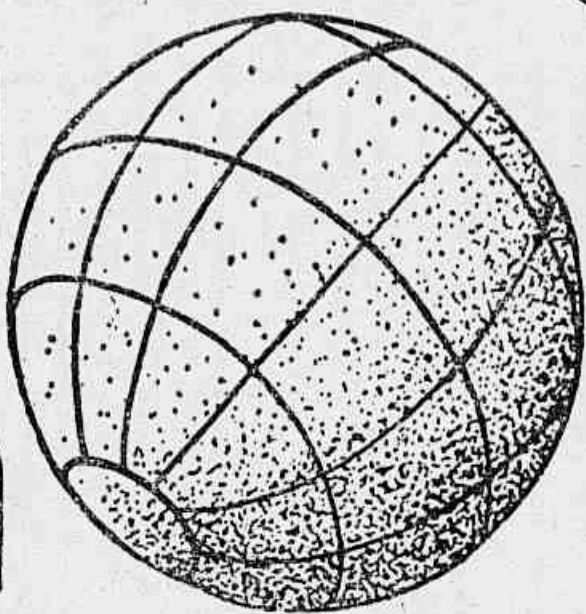
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O MUNDO Marcha



A Rússia forçou a Finlândia a um Tratado de Amizade. Não conseguiu dominar os finlandeses com a guerra. Tenta agora sujeitá-los pela paz... à la russa! Depois da queda da Checoslováquia, os comunistas preparam a subjugação da Finlândia, da França e da Itália. E enquanto isso, o Plano Marshall vai se descredenciando, como uma panaceia que não dá lá esses resultados. O motorista Hélio Alves Correia atropelou na Praça da República o operário Afonso Caetano. Intimado pela Rádio-Patrolha a transportar o ferido, vingou-se saindo com o carro em louca correria. Na primeira esquina "sobrou" do estribo um guarda que o prendera. Mais adiante o carro capotou, ferindo mais dois passageiros e de novo ferindo o indito Afonso Caetano que, ao levantar-se cambaleando, disse para o P. E. da Rádio-Patrolha: — "P'ra mim, chega..." Mas, como estamos no Brasil, Hélio Alves Correia continuará dirigindo automóveis. Niterói tornou-se a meca dos assassinos desconhecidos. Logo em seguida ao "suicídio" do estudante de medicina, surgiu a novela "Aracy, Viviani e a Machadinha", cujo epílogo nos foi dado como em filme de Jacques Tourneur. Novamente volta aquela cidade ao cartaz, com o misterioso assassinato do vigia Waldemar Barbosa, empregado da companhia Coca-Cola... Por falar nisso, vem a propósito a notícia da inauguração da Escola de Polícia, à rua Joaquim Palhares, dirigida pelo ex-investigador e criminalista Silvio Terra. Vão tentar fazer bons investigadores e, inclusive, ensinar aos já efetivados. Por que não abrem uma fillalzinha em Niterói?... Grupos de terroristas judeus fizeram voar um trem militar da linha Egito-Palestina. Vinte e seis soldados britânicos morreram... Ao lado dos militares, funcionários públicos e comerciantes, juntam-se, agora, os empregados de hotéis, pensões e bares, pedindo aumento de salários porque a vida está cada vez mais cara, embora o governo tivesse prometido sustar a inflação monetária e dos preços... A polícia de São Paulo fechou o periódico "Notícias de hoje", por irregularidades... Mas, no mais, continua de pé a liberdade de imprensa... A Argentina ultimou a compra de todas as ferrovias que ainda se encontravam em mãos do capital inglês. O general Perón impôs condições, deu as ordens. Não fez como o ex-interventor Macedo Soares que comprou a São Paulo Railway por preço acima do seu valor. Aqui no Rio a Leopoldina quer ver se arranja alguém que lhe pague em ouro o seu ferro velho. Por que não aplicamos a receita do general Perón nessa questão de compras ferroviárias?... Um grupo de compositores pediu em juízo a liquidação da UBC (União Brasileira de Compositores), alegando serem os seus diretores "simples usurpadores do patrimônio e confeccionadores de arbitrárias e facciosas assembleias". Ai está uma classe que não se harmoniza: a dos compositores. Há sempre desafinação entre esses músicos... O Banco do Brasil resolveu proteger a economia nacional e proibiu a venda de dólares e de outras moedas estrangeiras aos brasileiros em viagem de recreio. Matou o turismo com uma simples portaria. Como primeiro resultado dessa "economia" ridícula e incompreensível, o dólar subiu no "câmbio negro" de vinte para vinte e oito cruzeiros. Será que não andou aí o dedo da CCP?... Explodiu a dinamite armazenada nos depósitos do morro do Pasmado, justamente no momento em que na tela do Cine Guanabara, no Mourisco, pulava para matar a "mocinha" o Fantasma da Ópera. A parede ruiu. Houve gritos, correrias e um espectador comentou: — "Não gosto desses filmes ultra-realistas"... Desabamento de trágicas proporções ocorreu no morro dos Macacos, em Vila Isabel. Três crianças morreram soterradas enquanto dormiam e quinze pessoas ficaram gravemente feridas... Outra tragédia dolorosa verificou-se com um avião da FAB que se dirigia para Manaus. Forçado a aterrissar na ilha de Marajó, chocou-se contra a floresta. Dos vinte e quatro tripulantes, vinte e um perderam a vida... A Igreja Romana proibiu às suas ovelhas que votassem em extremistas da esquerda, declarando que ninguém pode, ao mesmo tempo, ser bom católico e socialista". O senhor Getúlio Vargas, ex-ditador do Brasil, começou a escrever suas memórias. O prefácio talvez comece assim:

"Ai que saudades que eu tenho
Daquela fase da vida,
Da ditadura querida
Que os anos não trazem mais!..."

Os estudantes caricados estavam protestando no Largo de São Francisco, com legítimas razões, contra o aumento das taxas escolares. O carro patrulha número dez resolveu acabar com o comício, recolheu as caixas de coleta de fundos para a campanha de protestos contra a alta dos colégios e prendeu o ginasiano Jerônimo Humberto Vanzellotti. Senhores da P.E.: eles querem estudos menos caros. E' crime bater-se por isso?... O momento teatral está animado. No momento em que encerrávamos esta edição, Bibi Ferreira e o elenco de Procópio batiam os "records" de bilheteria deste ano no Serrador com "A Pequena Catarina". Jayme Costa havia estreado no Glória com "O Tigre" de Sarah Marques, o Teatro do Estudante dava ao mesmo tempo "Hamlet" no República e "A Castro" no Fenix, Mesquitinha fazia a despedida de "O Folgado", no Rival e Renato Viana exibia "Sexo" no Regina. E em São Paulo Dulcina e Odilon terminavam uma temporada magnífica, com "Já é manhã no mar!", com receitas verdadeiramente excepcionais. E, para finalizar, mais uma edificante demonstração de "democracia" de certas camadas de elite dos Estados Unidos. Vamos transcrever o telegrama: "CORRERA SANGUE NAS RUAS! — WRIGHTSVILLE (Estado de Georgia), 3 (R.) — Cerca de 300 membros da famosa organização "Ku-Klux-Klan", envergando as suas tradicionais vestes de cerimônia com mantos e capuzes negros, destilaram ontem, à noite, pelas ruas desta cidade, saudando ruidosamente seu líder dr. Samuel Green, quando este declarou: "O sangue correrá nas ruas do Sul se os negros tiverem os mesmos direitos que os homens brancos. A Ku-Klux-Klan não permitirá jamais que os norte-americanos se transformem numa raça de mestiços". Por hoje, chega... até sábado.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





Na página ao lado: a enfermeira leva o bebê prematuro para tratamento na câmara de oxigênio. Em cima: a fila de parturientes pobres, à espera das visitas semanais dos parentes. Ambas as fotos foram tiradas na Pró-Matre, a maior maternidade para as camadas desfavorecidas do Rio. Apesar de ser a maior, conta apenas com cem leitos e luta todos os dias para a obtenção de remédios e aparelhamento cirúrgico. Para cada mil crianças nascidas no Rio, duzentas morrem nos primeiros meses de vida. Esse índice vergonhoso vem se mantendo inalterável há mais de vinte anos. Nova York perde menos de trinta crianças para cada mil.

“SER MÃE É PADECER”... NEM SEMPRE NUM PARAISO!

MORREM ANUALMENTE NO RIO MAIS DE SEIS MIL CRIANÇAS COM MENOS DE UM ANO DE IDADE — ESTAMOS RETROGRADANDO NO COMBATE À MORTALIDADE INFANTIL — OS EXÉRCITOS DEFENDERÃO PARA QUEM O BRASIL DE AMANHÃ? PROSTITUIÇÃO, O CAMINHO DAS MÃES SOLTEIRAS — A S.U.I.P.A. E O S.A.M., ESPELHO DA INCAPACIDADE OFICIAL

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O coeficiente de mortalidade infantil no Rio de Janeiro, sede do governo nacional, é um dos índices mais alarmantes das condições sociais do nosso país. Seis mil crianças morrem nesta cidade, nos primeiros doze meses de vida, por falta, principalmente, de alimentação adequada. As estatísticas provam que no tocante à proteção à maternidade, infância e adolescência estamos com cinquenta anos de atraso. Isto no Rio de Janeiro. No interior, onde não se faz estatística, o atraso é muito maior. Há países mais afortunados, que vêm combatendo as causas da mortalidade infantil e conseguindo, ano após ano, o seu decréscimo. No Brasil, porém, a coisa é diferente. Em 1920 nasceram nesta capital 33.718 crianças, das quais morreram 5.203. O coeficiente de mortalidade era de 154,3 por mil. Quase vinte anos depois, em 1939, vieram à luz 33.131 (decreveu a natalidade!), das quais morreram 6.376. O número de que baixaram à cova aumentou para 192 por mil. Até hoje a média é a mesma. Em cada mil crianças aqui nascidas, duzentas morrem nos primeiros anos de vida. Isso prova, sem contestação, que nenhum dos nossos governos tratou a sério da questão. A ditadura de Getúlio Vargas foi fértil em decretos de assistência aos pequeninos e às gestantes. Mas os decretos eram pura demagogia. Tudo ficou no papel. Nada de eficiente fizeram os inúmeros órgãos responsáveis, inclusive o inoperante Departamento Nacional da Criança. Da mingua da verba orçamentária que o Ministério da Educação e Saúde recebe do Legislativo, sai uma pequenina quantia para criar o Brasil de amanhã. Gastamos quase a metade do orçamento nacional na defesa do Brasil de hoje. São enormes as despesas que nos acarretam os armamentos e os soldados que os manejam. Não somos meus patriotas, nem queremos uma pátria indefesa, aberta à cobiça alheia. Mas, — apesar disso, perguntamos: para quem estamos defendendo estes oito milhões de quilômetros quadrados, — se todos os dias perdemos uma grande batalha, — a da mortalidade infantil, sacrificando o Brasil de amanhã?

SER MÃE NO BRASIL, É PADECER...

Se a mãe é pobre, ter um filho constitui um problema de tal ordem, que é capaz de arrastá-la para sempre

à rua da amargura. Ser mãe pobre é padecer... E não no paraíso do poeta. Isto não é simples retórica. É reflexo do que observamos nesta reportagem. A classe pobre do Rio, a mais prolifera, começa por não ter onde fazer o parto. Lavadeiras, cozinheiras, arrumadeiras, empregadas de fábricas, esposas de trabalhadores e milhares de outras mães de condição humilde não podem ter o filho em casa. Moram em casas-de-cômodos, sendo às vezes o mesmo quarto ocupado por cinco ou seis pessoas da família. Ou, então, moram em barracos sem nenhuma higiene. Procuram por isso uma maternidade do governo ou de instituições particulares. Só as procuram quase na hora do parto, quando as dores as impedem de continuar cozinhando e lavando a roupa dos maridos ou tratando das casas das patrões. Buscam um leito onde possam ter o filho, mas isso não existe. A Pró-Matre, instituição benemérita, a maior maternidade gratuita do Rio, conta apenas com leitos. No dia em que lá estivemos havia cento e dez internadas. Prova de que os médicos que ali trabalham, gratuitamente, fazem milagres para receber mais do que a lotação permite. Além desse hospital, existem ainda no Rio outros duzentos leitos, distribuídos pelas Maternidades de São Cristóvão, da Avenida 28 de Setembro, Maternidade-Escola Casa da Mãe Pobre, na estação do Riachuelo e as anexas aos hospitais Getúlio Vargas, Miguel Couto, Carlos Chagas e Artur Bernardes. Ao todo trezentos e poucos leitos para vinte mil mulheres indigentes, ou quase indigentes, que não podem pagar o que pagam as mulheres da classe média nas maternidades particulares.

A ESTATÍSTICA NÃO ESTÁ CORRETA

A grande maioria das gestantes, que se encontram na Pró-Matre é de cor, — provando isso que a raça negra, economicamente, não alcançou a igualdade que lhe é devida. Trinta delas estavam sentadas em longos bancos esperando as visitas. Essas visitas são poucas, pois quase ninguém se importa com o que lhes vai acontecer. As que são casadas, recebem os maridos. As outras, as mães solteiras, distraem-se com os visitantes das companheiras. Dona Efigênia de Souza, lavadeira de profissão, preta retinta, aparentando quarenta anos, foi por nós interrogada:

— Quantos filhos teve, dona Efigênia?
— Tive seis. Três morreram nos primeiros seis meses. Todos de dor de barriga.

E não era para menos. Mora num barraco em Caxias, composto de uma só peça, terra de chão batido. Dormem todos ali e ali se alimentam. Comem o que o magro ordenado de seu marido, trabalhador do Cortume Carioca, permite comprar. Ela não se espanta com o índice da mortalidade. Todas as lavadeiras suas amigas perdem os filhos na mesma proporção. Meio a meio. Para três ou quatro que vingam, raquíticos, sub-nutridos desde o embrião, outros quatro ou cinco vão fertilizar a terra inútil dos cemitérios.

Outra hospitalizada, dona Raymunda Maria do Nascimento, apesar de possuir condições de vida ligeiramente superiores à sua amiga, estava, contudo, na mesma situação. Trabalha o marido e ela na Companhia Souza Cruz. Teve sete filhos, três morreram aos seis meses. Moram todos, os quatro filhos sobreviventes e o casal, em um quarto de uma casa-de-cômodos. Nesse quarto, pequeno demais para um casal, vai morar o recém-nascido. Conseguirá o bebê passar do primeiro ano de vida?

O PROBLEMA SE COMPLICHA

Entre as cento e dez gestantes que encontramos na Pró-Matre, cinquenta, talvez, eram solteiras. Se o filho para a mãe pobre é um problema, fácil é avaliar-se o que isso representa para a mãe pobre e solteira. Se era antes empregada doméstica, o aparecimento do bebê decretou-lhe a despedida. Apesar da falta de empregadas, rara é a patroa que as admite com crianças pequenas. Tanto mais que a regra do apartamento é a falta de espaço. Quanto aos pais das crianças, geralmente deixam em abandono completo tanto a mulher como o filho. Sem amparo, sem emprego, sem creche onde deixar a criança, os caminhos da mãe-solteira pobre no Rio são dois, apenas. Dar o filho a qualquer pessoa que se interesse por adotá-lo ou cair na mendicância, um dos poucos meios de vida que lhe restam e no qual até os filhos ajudam. Quando não é a mendicância, é a prostituição.



Na Maternidade-Escola funciona um posto de Assistência Social que procura re-empregar as mães sem recursos e sem ajuda. Dona Lígia Barcelos nos disse a respeito:

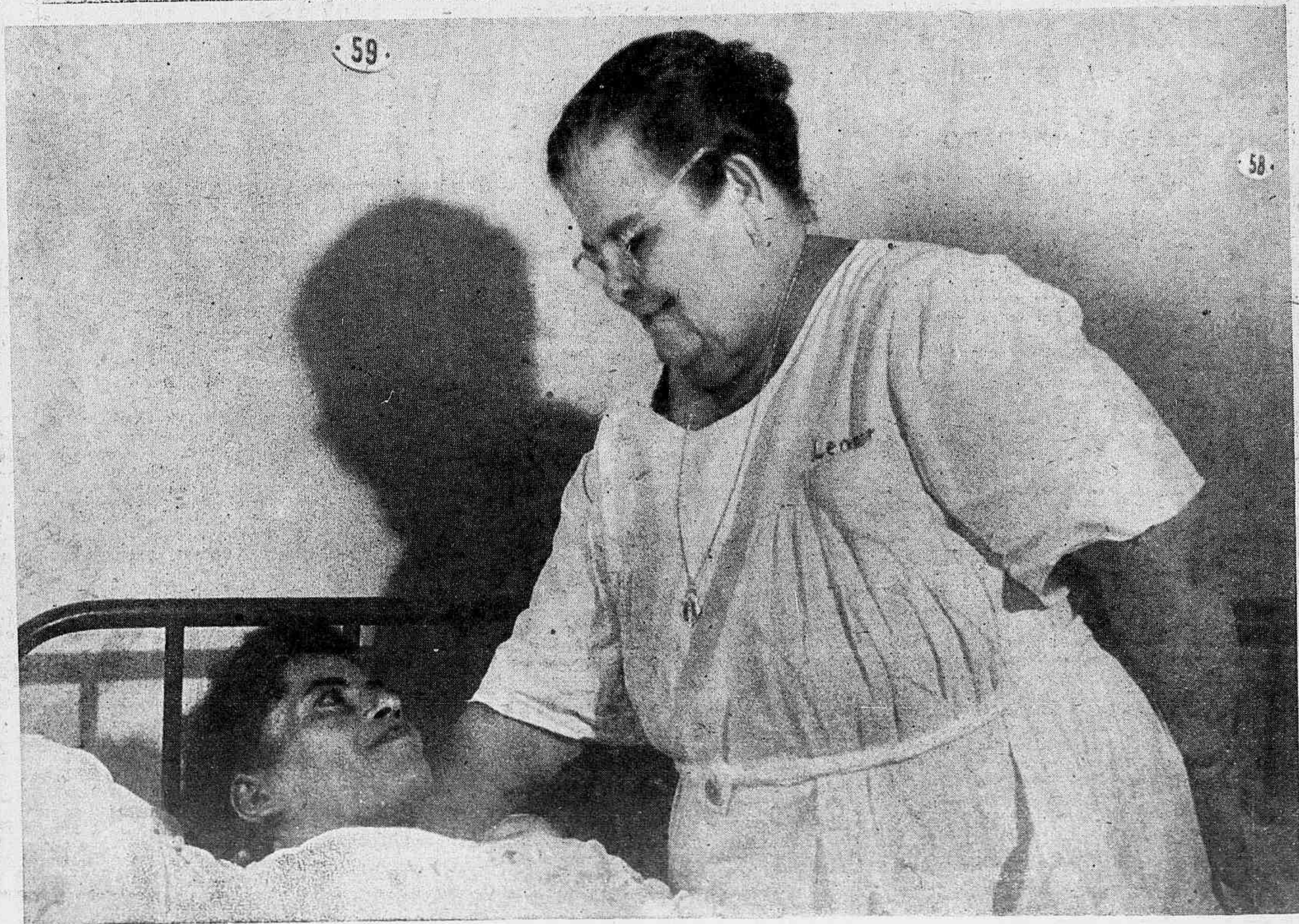
— O desvio das mães solteiras para a prostituição é um dos nossos maiores problemas. É um perigo, principalmente para as empregadas domésticas, moças do interior, sem parentes no Rio. Não têm onde morar, nem emprego. Daí para a venda do corpo, é um pequeno passo.

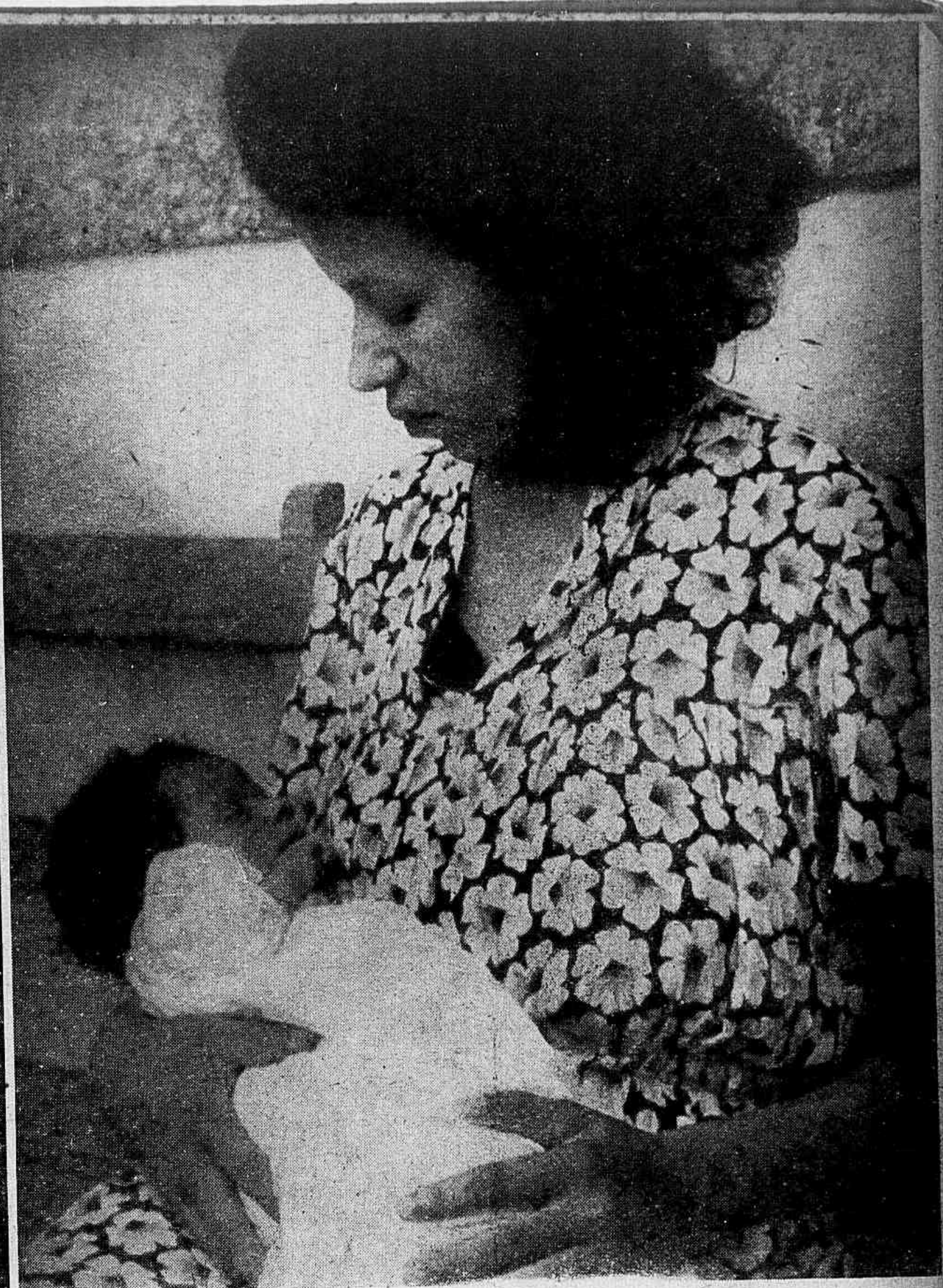
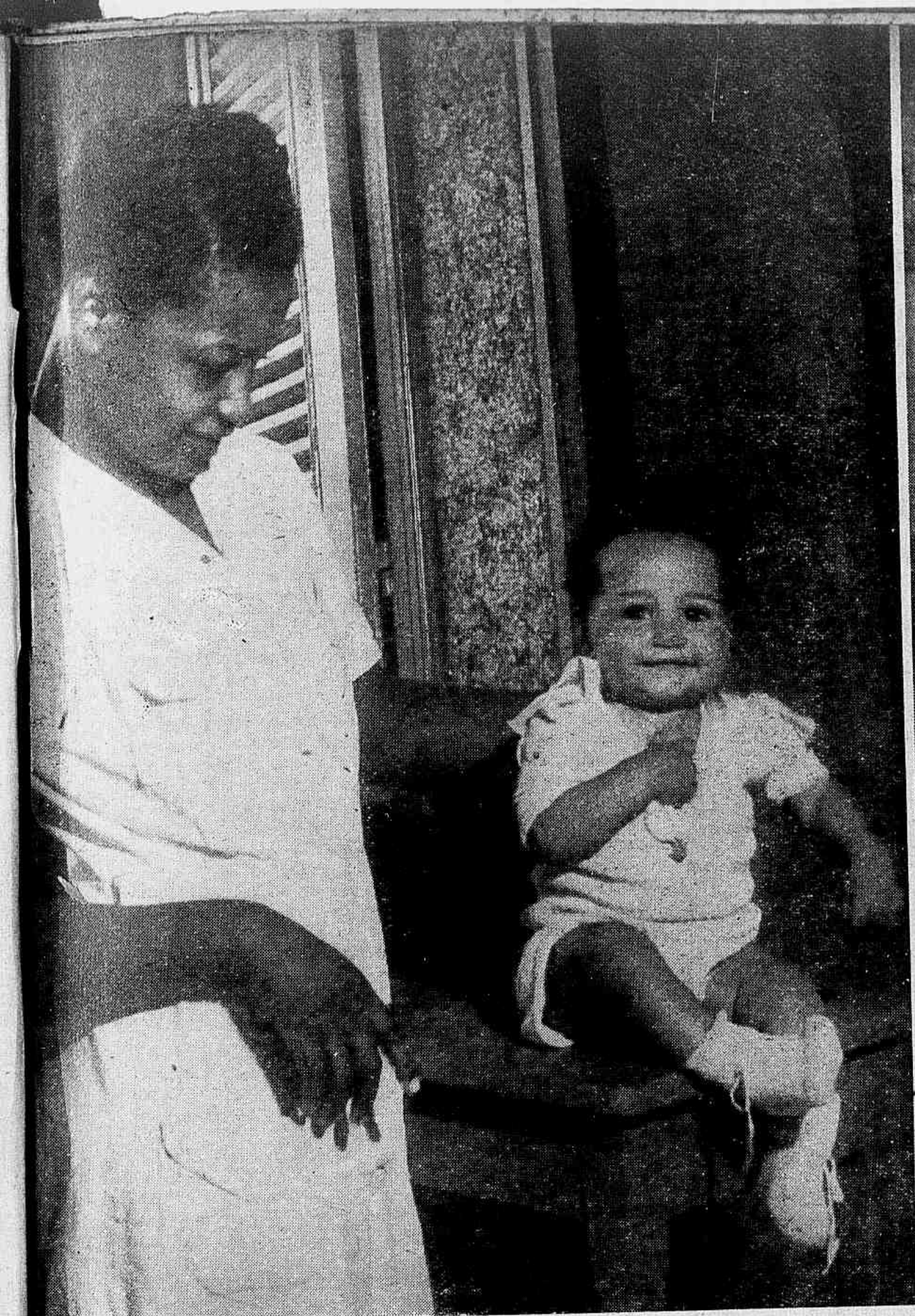
Na varanda que dá acesso ao escritório onde funciona a Assistência Social, estavam dois casos reais desse problema: uma mocinha de cor, muito jovem, com um garoto ao colo. Ao seu lado, outra mocinha, de um moreno pálido, também com o seu bebê. A primeira fora despedida da casa onde trabalhava um mês antes do parto. Sem ajuda, sem nenhum interesse dos patrões pela sorte da empregada. "Não temos nada com isso", pensam eles. Também pensou assim o pai natural de Alberto, o menino pretinho que nasceu na Maternidade-Escola. A outra também era empregada doméstica. Está morando por favor em casa de uma conhecida. Não conseguiu emprego, após o parto. Todas as vezes que fala a uma patroa em perspectiva em levar o filho, recebe um não seco e definitivo. Sua esperança é encontrar uma creche onde possa deixá-lo durante o dia. Conta com o serviço de Assistência Social para isso. Mas que poderá este fazer se o número de creches é deficiente? Quando todos os esforços para manter o filho com uma vida decente são inúteis, só há um remédio: tomar o mau caminho...

OS INFELIZES DE AMANHÃ

O filho da mãe pobre começa a sentir a desigualdade econômica e a sofrer com esse desamparo desde a sua formação, quando ainda está no ventre materno. O doutor Eurico Costa provou em minucioso relatório ao nosso governo que os recém-nascidos de gestantes repousadas — ganham um quilo a mais em comparação com os repousadas — principalmente no último mês de gravidez — recém-nascidos de gestantes não repousadas. Qual das mães humildes do Rio ou de todo esse Brasil pode cumprir esse resguardo repousante? Trabalham até a última hora e só chamam a assistência quando o nascituro ameaça aparecer aos berros. Vimos na Pró-Matre casos assim. Quando a ambulância vai buscar a parturiente o estado de gestação é tão adiantado que o bebê por vezes nasce dentro do próprio carro. Outras vezes nasce no ambulatório, sem dar tempo a que se encha a ficha de internamento. Muitos desses bebês nascem com o peso abaixo do normal, fraquinhos. Os médicos fazem

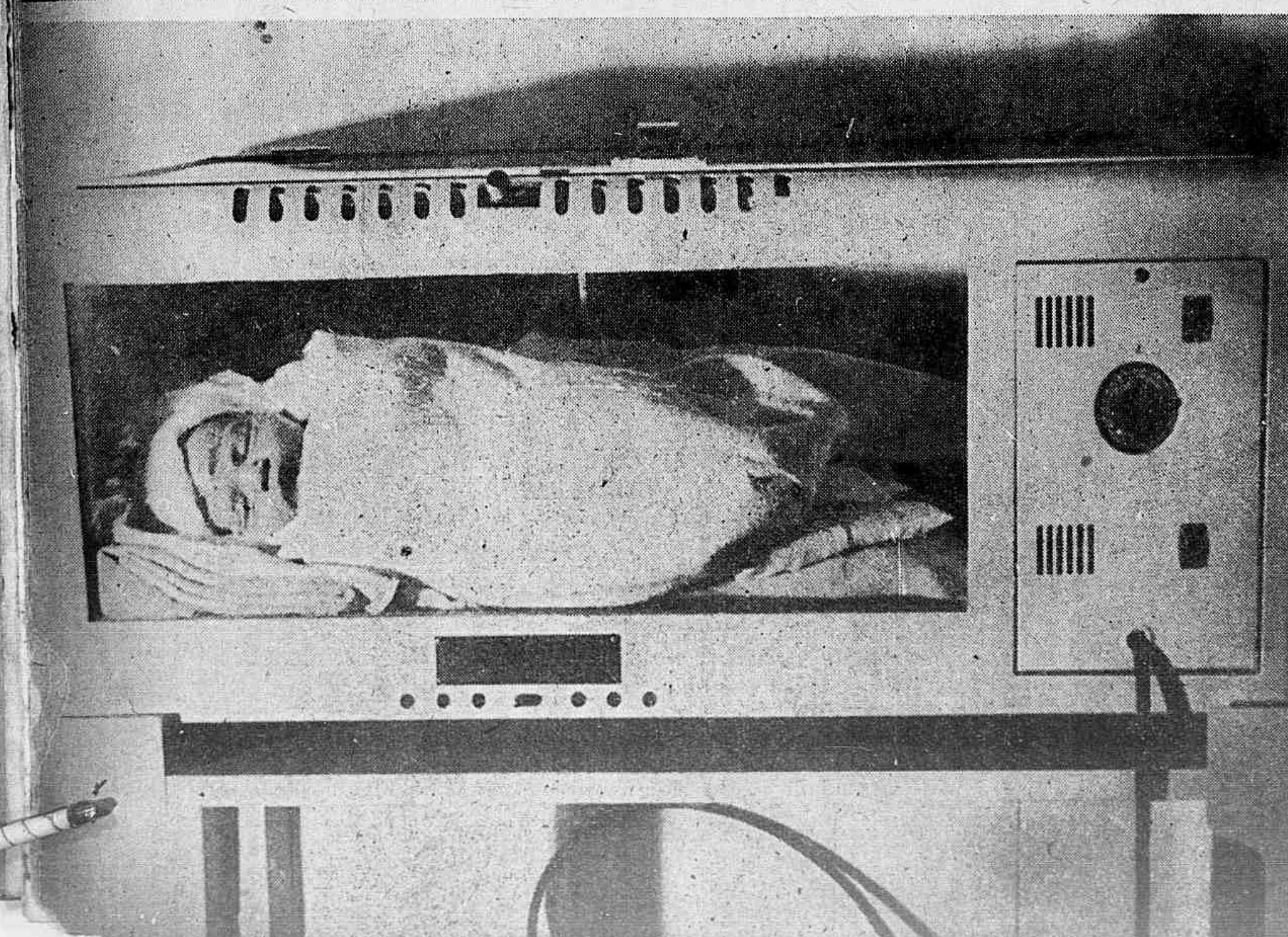
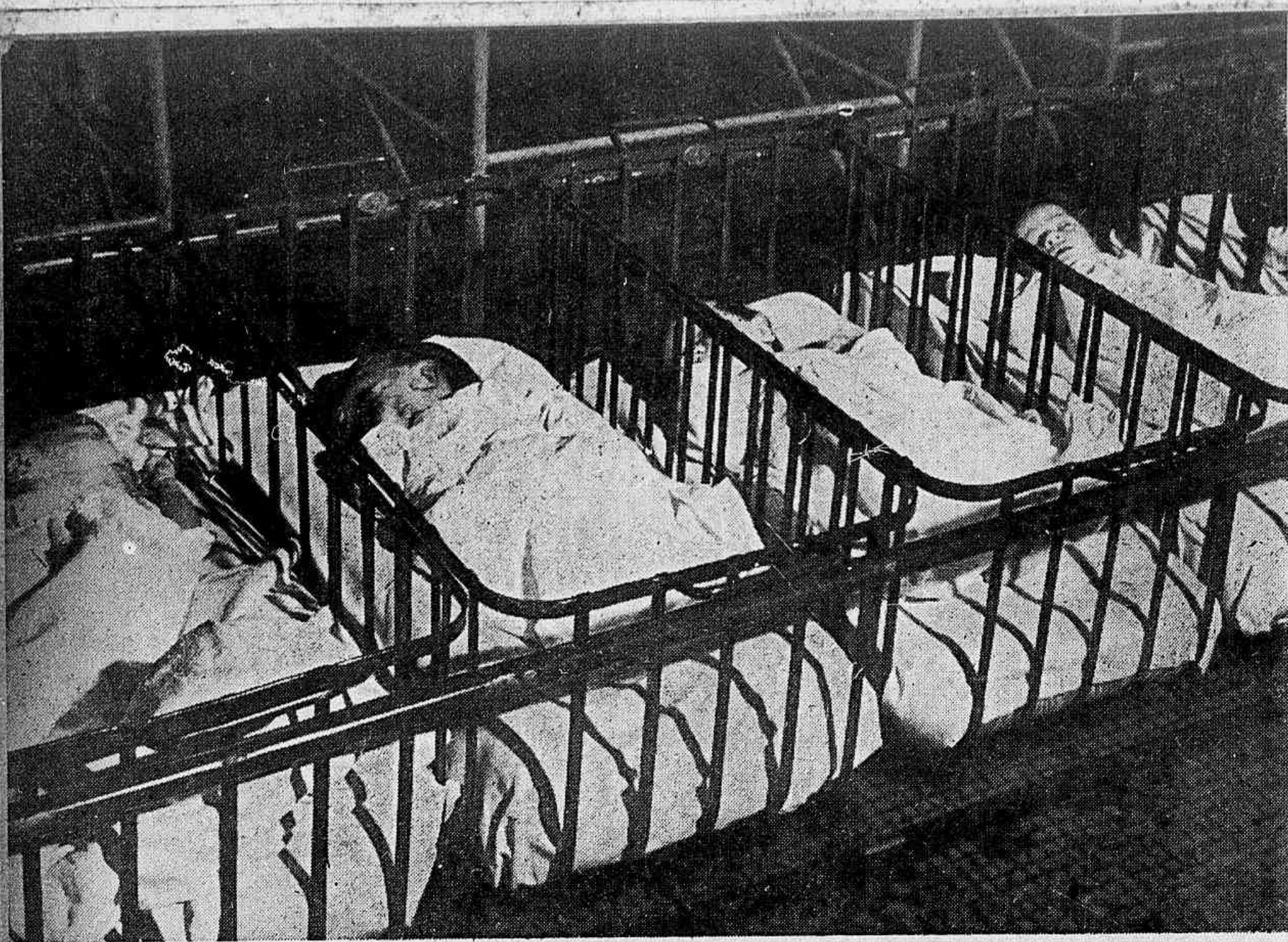
Em cima, à esquerda, aparece dona Raymunda Maria do Nascimento. Apesar de ela e o marido trabalharem, a vida não é fácil para um casal com três filhos, em véspera do parto. Já teve mais três que morreram antes de completarem um ano de idade. Toda a família mora num pequeno quarto de uma casa-de-cômodos. Em baixo, aparece a mais antiga enfermeira das maternidades do Rio, dona Leonor, da Pró-Matre. Já ajudou a nascer doze mil oitocentos e oitenta e nove garotos. Todos, filhos de gente humilde. Isso quer dizer que quase sete mil morreram nos primeiros meses. A população pobre do Rio está cada vez mais sub-alimentada e a grande mortalidade infantil é uma prova eloquente desse enfraquecimento.





Em cima: dois carloquinhos sem pai. Suas mães foram empregadas domésticas. Com a gravidez perderam primeiro o emprego e depois o amante. Quase a metade das gestantes que procuram os hospitais públicos, sem recursos, são mães solteiras. Fazem oferta dos filhos, mesmo antes do parto. Para elas, sem a menor proteção moral e econômica, ser mãe é uma desgraça. Em baixo: dois recém-nascidos abandonados pelos pais mal vieram ao mundo. Não têm nome; uma plaquinha de metal com um número, é a única prova de que vieram a este vale de lágrimas.





tudo para salvar aquelas pobres vidas. A incubadora da Pró-Matre está sempre lotada por esses entezinhos. O hospital precisaria de pelo menos seis incubadoras para atender a todos esses casos. Só tem uma. Os nossos capitalistas gastam o seu dinheiro à larga no pife-pafe e outros prazeres, mas poucos se lembram de ajudar o salvamento de dezenas de bebês.

— Ora, são anjinhos! Têm ingresso grátis no céu, — devem dizer. E ficam tranquilos, com a consciência cristã sossegada...

ESTE SERA' O BRASIL

As parturientes que procuram em tempo útil o ambulatório das maternidades, onde recebem algum tratamento médico, acusam alarmantes índices de doenças hereditárias. A sífilis está no sangue de quase todas elas. Quase cem por cento da população de párias, cariocas tem o treponema pálido no sangue. Por isso os médicos — que lutam heroicamente pela obtenção de remédios, vitaminas, etc. somente tratam daquelas em que a reação acusou três cruzeiros. Esse grupo perfaz trinta por cento das examinadas. Quanto a outras enfermidades, basta anotar a estatística que as descreve no quadro da mortalidade infantil. Em cem crianças mortas, a sífilis ceifou trinta e duas, a tuberculose dez, as gastro-enterites e outras moléstias ficam responsáveis pelo complemento. Isso nos dois primeiros anos de vida. Porque a sífilis e a tuberculose continuam a ceifar milhares de vidas de adolescentes. Depois de toda a tragédia pré-natal e post-natal, o garoto pobre que conseguiu viver, apesar de mal alimentado e portador de doenças latentes, deveria merecer uma estátua em praça pública. Mas não termina aí a sua batalha. Não lhe dão escolas, nem aprendizagem profissional com salário que lhe permitisse comprar as vitaminas necessárias. A nova geração, filha da gente humilde, está nascendo cada vez mais pobre e doente e ninguém cuida de salvá-la.

FILHOS SEM PAI E SEM MÃE

Os filhos das arrumadeiras, cozinheiras, lavadeiras, operárias, formarão os milhares de enjeitados que amanhã venderão jornais (um dos grandes emprêgos para a classe!) ou serão recolhidos pelo "tintureiro" da Delegacia de Menores vagabundando pelas ruas. Nasceram muitas vezes odiados pela própria mãe. Vimos casos de mães solteiras, internadas na Pró-Matre e Maternidade-Escola, que ainda não tinham dado à luz o filho e só pensavam em uma coisa: doá-lo a qualquer pessoa que o quisesse levar. Doar filhos no Rio é difícil. Os que querem adotá-los exigem saúde perfeita dos pais e do bebê. Em cada cem, encontram cinco bebês que preencham esses requisitos. Algumas, depois que vêem ao seu lado o filho antes considerado indesejável, tomam-se de amores repentinos e resolvem criá-los a todo o custo. Os pais naturais são deshumanos, com o abandono a que relegam suas amantes de ontem. Os médicos contam casos de negociantes bem estabelecidos com cafés, quitandas, etc. que não auxiliam com um centavo as despesas do nascimento do filho. Acontece, às vezes, que a gestante morre do parto e a criança fica desde os primeiros dias entregue à caridade pública, quase inexistente no Brasil. Esses meninos serão os futuros hóspedes do S.A.M. e das Penitenciárias, por culpa dos senhores brancos que votam as menores verbas para os ministérios que tratam da saúde e da educação do povo.

A CRIANÇA E OS CACHORROS

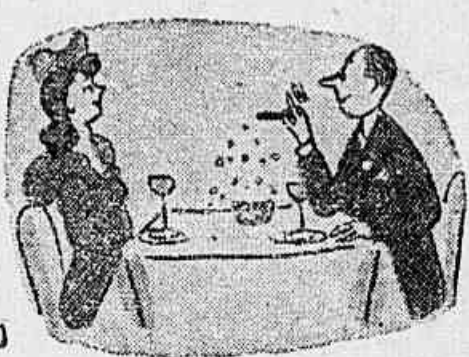
Para que qualquer um possa avaliar o grau de abandono que existe no Rio (a segunda cidade da América do Sul) pela infância desvalida, podemos buscar exemplos dentro desta mesma capital. Basta compararmos os recolhidos do S.A.M., o maior serviço de assistência aos menores do Rio, com a SUIPA, a maior organização da cidade para o recolhimento dos animais sem dono. No SAM falta tudo aos maltrapilhos. Na SUIPA todo o conforto é proporcionado aos cães e gatos abandonados. Bastaria para remediar o mal que, os responsáveis pelo amparo à infância no Rio, tratassem de desobrigar-se de suas funções com o mesmo carinho com que os diretores da SUIPA tratam desta sociedade. Dentro da própria solicitude aos cães vadios há estranhos paradoxos. Pessoas que gastam mil cruzeiros mensais com dois cães de luxo e não desembolsam a metade desse dinheiro em socorro de seus irmãos humanos, que não têm nem onde nascer, nem onde morar, nem o que comer. Dona Efigênia de Souza, a preta que mora com três filhos e o marido num barraco de uma só peça em Caxias, estava cheia de razões quando terminou de contar a história de sua vida miserável. Olhando para o ventre enorme, do qual sairia no dia seguinte um desamparado filho, resumiu suas tristezas:

— Ser mãe pobre nesse país é uma desgraça!...

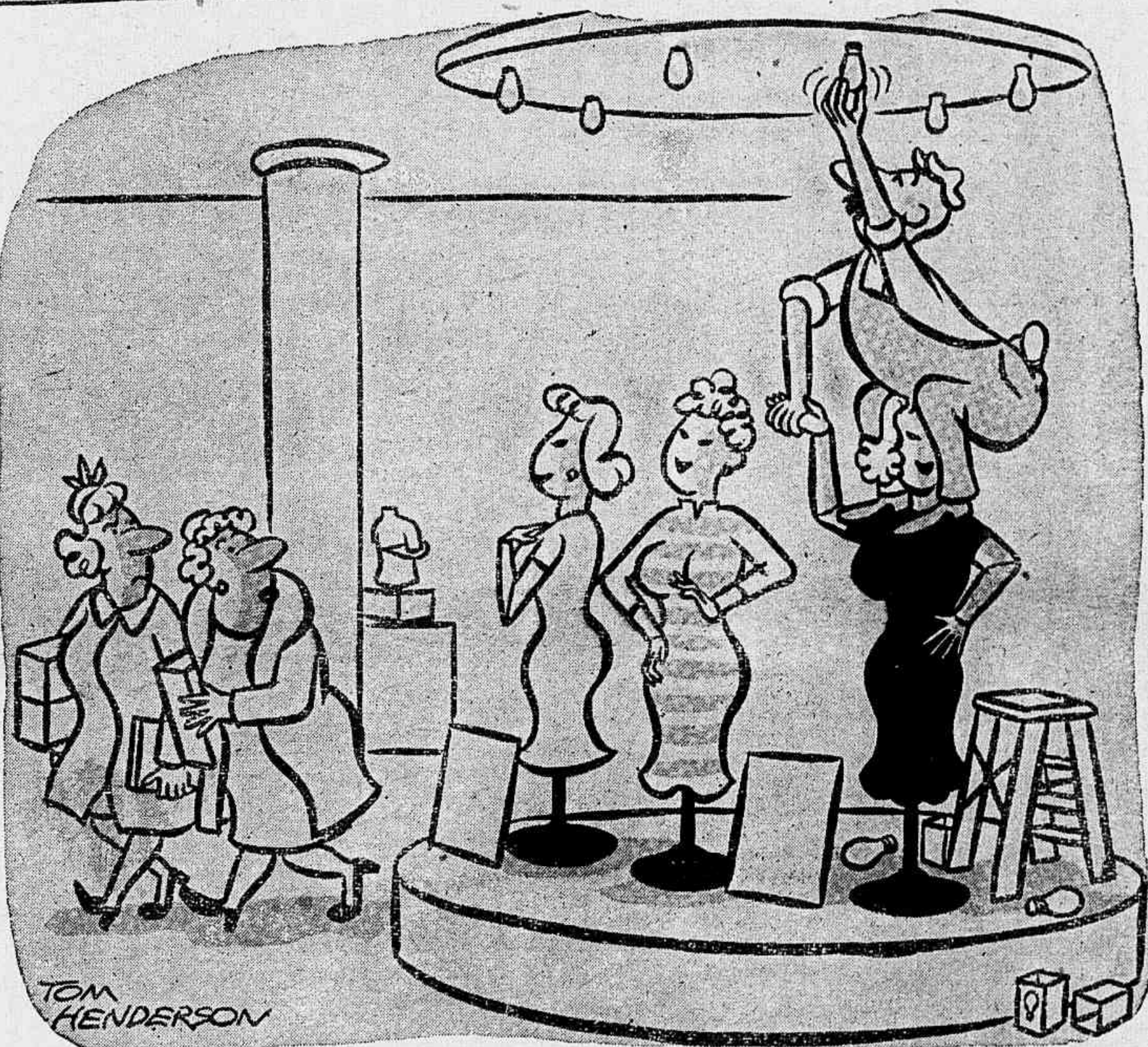
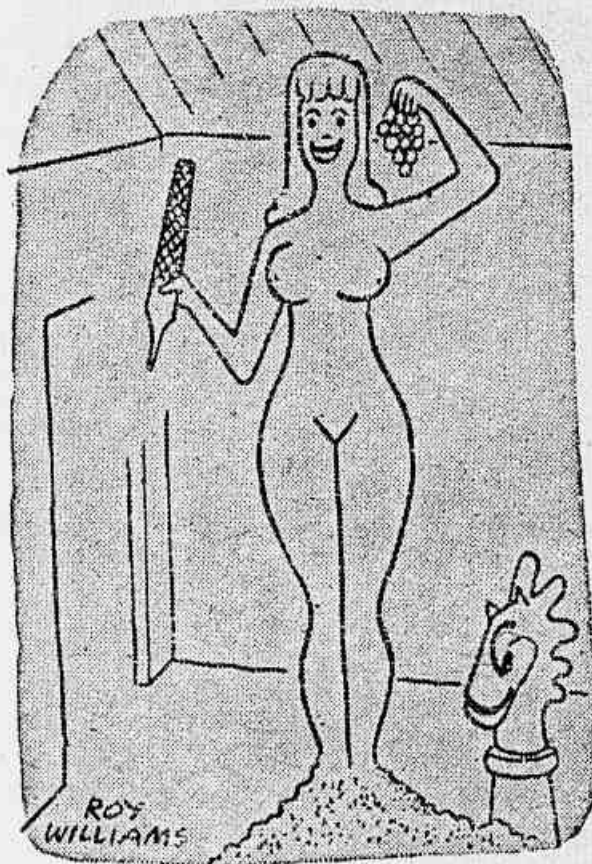
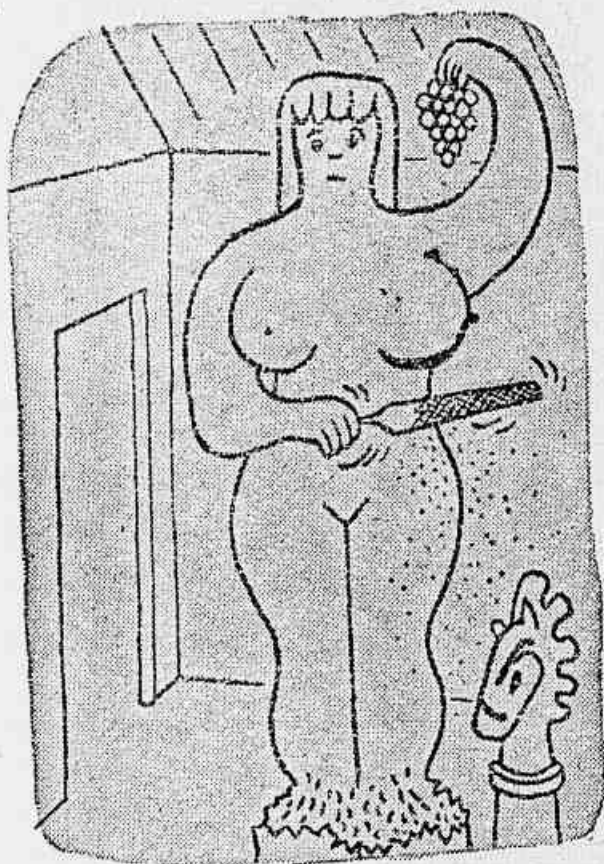
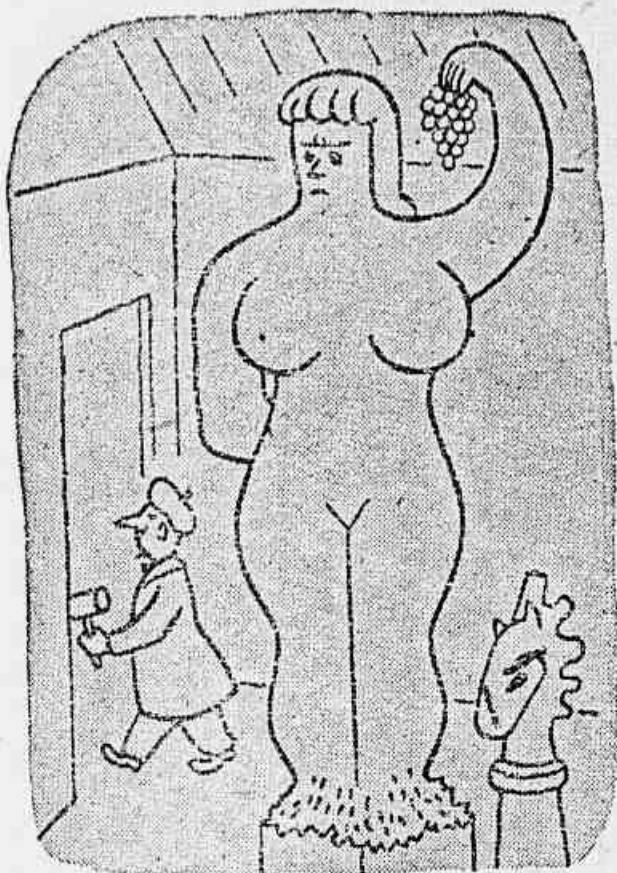
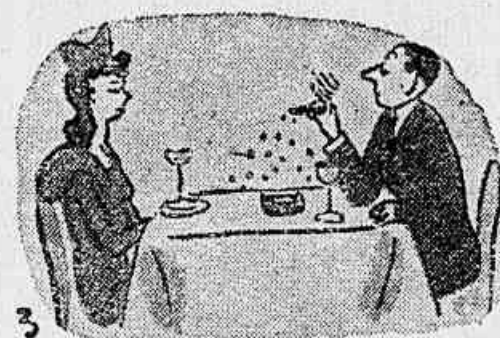
Em clima: quantos destes que dormem chegarão à juventude? Se escaparam da sífilis que dizima no Rio 32% dos recém-nascidos; da tuberculose, 10%; das gastro-enterites, 10%, candidatam-se a um lugar no SAM, daqui a alguns anos. No centro: um fenômeno de caridade humana no Rio! A patroa que vai visitar a sua empregada e que lhe garantiu a re-admissão no emprego, mesmo com o filho. Em baixo: um recém-nascido prematuro, guardado como se fosse um tesouro na incubadora elétrica. Depois da incubadora o chão frio do barraco e, daí a meses, o chão ainda mais frio da sepultura. Esse é o destino de cinquenta por cento das crianças pobres da cidade.

BOM HUMOR

NOIVOS



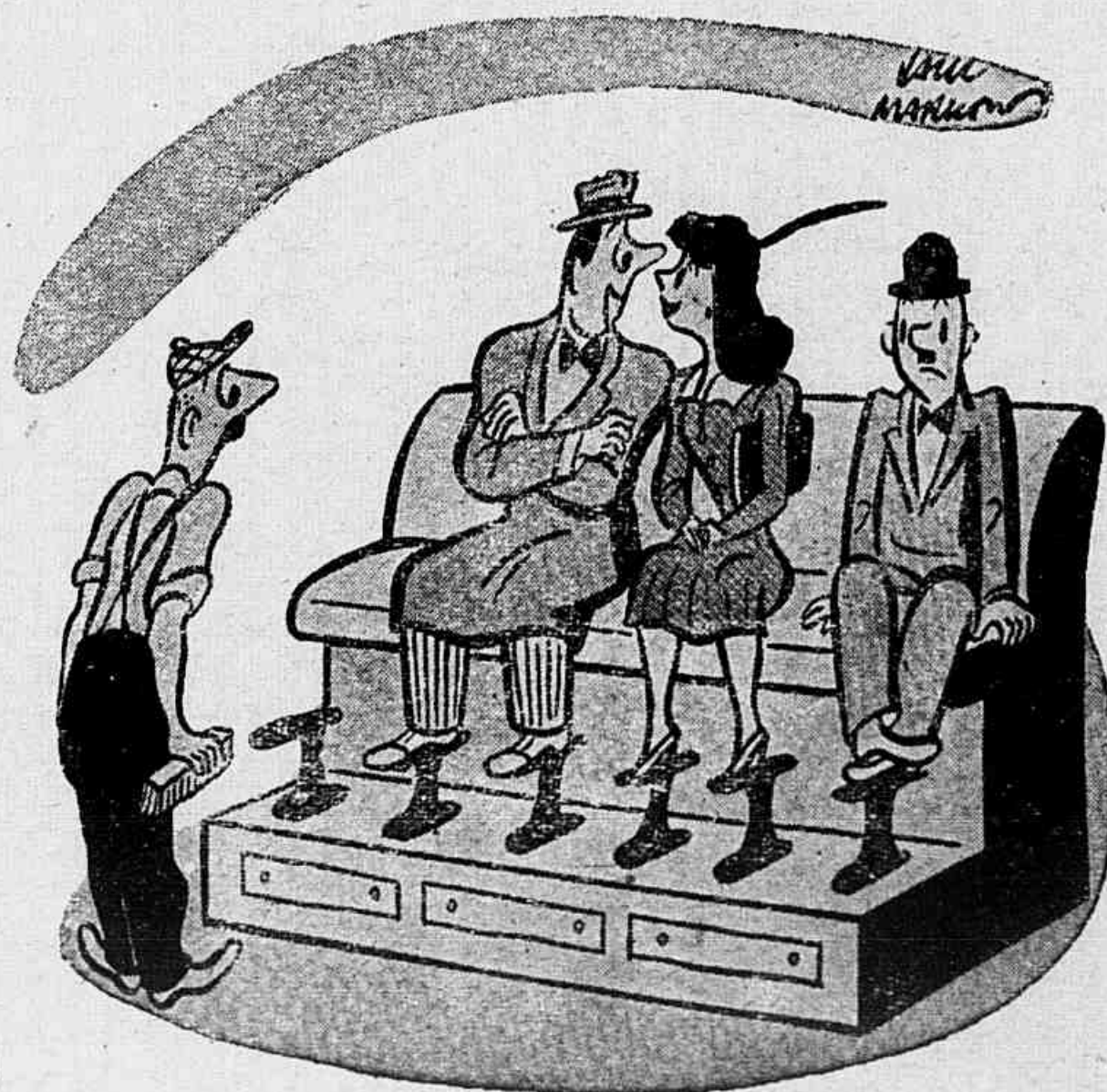
CASADOS



TOM HENDERSON



— Isso que está admirando há tanto tempo como se fosse um quadro surrealista é apenas a janela, meu caro senhor.





Ao alto: Maureen O'Hara, em palestra com Luis Serrano, correspondente especial de A CENA e REVISTA DA SEMANA, em Hollywood. Em baixo: Maureen O'Hara, ao lado de Douglas Fairbanks Junior, no technicolor da RKO Radio, "Sinbad, o marujo".



MAUREEN O'HARA COMEÇOU A TRABALHAR AOS DOZE ANOS

E DEVE SUA CARREIRA CINEMATOGRAFICA AO CANTOR HARRY RICHMAN E AO ATOR CHARLES LAUGHTON — INTERESSANTE CONVERSA À MESA DE UM RESTAURANTE

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de A CENA e REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

QUANDO Maureen O'Hara se tornou "estrela" cinematográfica, aos dezenove anos, o fato pouco surpreendeu sua família e amigos, pois todos aqueles que a conheceram de criança esperavam que mais cedo ou mais tarde ela triunfasse na arte cênica. Seu primeiro desempenho na tela foi o principal feminino de "A Estalagem Maldita", com o grande Charles Laughton. E o segundo foi também com Laughton, em "O Corcunda de Notre Dame". E foi a sua magnífica interpretação neste grande filme que lhe proporcionou o estrelato e um papel em "Como Era Verde o meu Vale", de Darryl F. Zanuck, na Fox.

Maureen O'Hara nasceu em Dublin, na Irlanda, a 17 de Agosto. Pisou pela primeira vez, aos cinco anos,

"Close-up" de Maureen O'Hara, a esquisita flor da Irlanda, transplantada para a Califórnia.

um palco para declarar um pequeno poema, no entre-ato de uma peça escolar. E tão bem impressionou a platéia com a leitura do poema que várias pessoas logo aconselharam sua mãe a que a fizesse estudar arte dramática. Assim, a pequena Maureen começou a aprender a representar e nunca mais se desviou dos palcos.

Criança, Maureen dramatizava todos os pequenos acontecimentos da vida. Dançava com a própria sombra, no jardim, escrevia, produzia e dirigia peças para os dois irmãos, três irmãs e para a criangada da vizinhança.

— Cobrávamos o equivalente a quarenta centavos de entrada, e gastávamos o dinheiro em doces. Depois, quando precisávamos de fundos para nova peça, estávamos sempre falidos.

Meu pai construiu um teatrinho no fundo do quintal, para nós. Eu, como a segunda dos seis filhos, mal os pequeninos aprediam a andar e a falar lançava-os no palco. E a nossa vida era assim... teatro, teatro e teatro. A mania teatral era minha em particular, mas, como eu os forçasse, tanto meus irmãos como os nossos amiguinhos acabaram contaminados pela doença. Você sabe, o mais forte teimoso sempre leva vantagem sobre os outros.

— E quando foi que você começou a trabalhar fora do ambiente familiar, Maureen?

— Aos doze anos, quando fui convidada para um programa radiofônico e ganhei o primeiro dinheiro como profissional. Antes disso eu já representara em muitos lugares, entre clubes, festas de igreja, espetáculos de amadores, mas sempre entre amigos e conhecidos. Aos quatorze, estava na escola do Teatro Abbey, onde consegui alguns papéis destacados e ganhei algumas medalhas e outros prêmios nos frequentes festivais e concursos dramáticos tradicionais da Irlanda.

— E qual foi o acontecimento, como se costuma dizer, decisivo na sua carreira?

— Uma noite, depois de um espetáculo, houve uma festinha onde fui apresentada a Harry Richman, um cantor. Eu tinha então dezessete anos, e não por sombras imaginei que impressionara fortemente o cantor. Duas semanas depois recebi uma carta de um estúdio cinematográfico inglês, convidando-me a comparecer imediatamente a Londres para um teste. Soube depois que fora Harry Richman quem conseguira dos chefões da companhia a minha indicação para a experiência. Mas, quando recebi a carta, já estava indicada para o papel principal de uma peça a ser encenada pelo Abbey. Fiquei um pouco indecisa sobre o que fazer, mas acabei decidindo. Saí para Londres com minha mãe, numa quarta-feira, e na sexta submeti-me ao teste. No sábado recebi ofertas de dois estúdios. Consultei meu pai por telefone e resolvemos não aceitar nenhum dos dois contratos. Eu e mamãe planejavamos voltar para Dublin na segunda-feira de manhã, mas o agente que estava tratando do meu caso arranhou uma entrevista com Charles Laughton e me pediu que adiasse a partida para o outro dia. Falámos com o sr. Laughton e regressámos a Dublin na terça-feira. Encontrámos em casa

(Cont. na pág. 40)

Maureen O'Hara e John Payne, em uma cena de "De Ilusão também se vive", da T. C. Fox.





A. Hernandez Catá, autor deste admirável conto, no qual se reúnem tôdas as grandes qualidades do gênero, poder de síntese, clareza de exposição, emoção e originalidade do tema, foi embaixador de Cuba, no Rio, onde morreu há três anos, em estúpido desastre de aviação que custou a morte a mais vinte e tantas pessoas, inclusive o sanitarista patricio, Evandro Chagas. Acima disso, porém, foi um dos mais brilhantes homens de letras do continente, especialmente contista ("Os frutos ácidos", "Uma mulher má", etc.) A página que damos hoje aos nossos leitores é, aliás, a mostra mais vigorosa do que assinalamos.

«Par ceux qui sont dans le déplaisir de se voir sans foi, on voit que Dieu ne les éclaire pas; mais les autres, on voit qu'il y a un Dieu qui les aveugle.»

Pascal — «Pensées». Section III n° 202

A fila de seminaristas entrava pelo largo portão, e o homem esguio permanecia extático, contemplando, com olhar ao mesmo tempo alheio e atento, o interior do pátio que se enchia pouco a pouco de alegre sussurro. Todos os seminaristas, ao passarem, o tinham examinado sem voltar ao menos para ele a cabeça, com esse modo em que só intervêm os olhos, ensino comum em todos os cursos em conventos e seminários.

Aquêle exame múltiplo, perturbando-o como uma sensação física, tinha-o feito afastar-se um pouco do caminho; porém sua alma inteira ia com o olhar, e as recordações subiam-lhe em tropel do fundo da alma, e eram opressão na garganta, ritmado bater das têmporas, lágrimas estranguladas nas pálpebras. Aberta a porta, o pátio, com seu alto claustro vigilante, o doce e impe-

orativo som do sino, marcava-lhe na memória o lapso feliz de sua infância, passado entre aquelas paredes cujo poder apaziguador não havia compreendido de todo até então. E somente quando os portões começaram a mostrar-lhe, ao se fecharem, as toscas superfícies cheias de cravos, foi que saiu do êxtase e com violenta decisão se aproximou para interpelar o leigo:

— O padre Sabastião?

— Não é hora de visita. Além disso...

— E' para alguma coisa muito importante... muito importante.

— Importante para ele ou para o senhor?

— Para mim... porém para ele também, tenho a certeza. Diga-lhe que está aqui Lizárraga... o pequeno Lizárraga.

Conto de A. HERNANDEZ CATÁ



Ilustração de ABELARDO ZALUAR

— E' que...
— O senhor praticará uma boa ação avisando a ele. Peço-lhe, pelo amor de Deus.

O leigo, vagaroso, olhou-o pela primeira vez de frente e, ao ver o rosto descarnado e os olhos acesos de ansiedade, cedeu:

— Vou avisar a ele, apesar da hora; porém como o padre Sebastião está tão velhinho e mal sai da cela, não sei... De qualquer modo vou... Faça-me o favor de entrar e espere... Entre aí na sala de visitas.

— Sim, muito obrigado.

Subiu os três degraus que a elevavam e separavam do saguão, e se achou na sala onde tantas vezes entrara outrora.

Na penumbra tibia do recinto, sua vista, cheia ainda dos fulgores da tarde, necessitou de vários segundos para discernir bem os objetos. Quase se pode dizer que os percebeu antes com a memória; e um etupor impurificado por nuances de censura se lhe iniciou na alma quando foram surgindo da meia luz os amplos divãs forrados de cinzento, o frontal com a cruz donde uma imagem desaprumada pendia sujeita apenas pelas mãos, as estampas ingênuas simetricamente colocadas sobre a parede caiada, os móveis volantes que, na sua humilde insignificância, tinham resistido às provas do tempo e o acolhiam depois de tantos anos, enquanto ele chegava até eles desfeito, com a alma árida e transida.

Pouco a pouco, adquiriram até os menores detalhes e vivacidade de contornos, e então comprovou com quanta plenitude se havia detido a vida naquele remanso; num tênue raio de sol, para os lados da janela fechada no canto, brilhava o pó. Quantas vezes tinha visto, quando menino, aquele cortejo inumerável, dourado, inquieto... o ar úmido e cheiroso a tomilho, a lâmpada de cristais tilintantes preservada por gases verdes, o estalo do fôrro de madeira, a concórdia tácita do ambiente com as coisas e com o silêncio, aliando-se à sua evocação, o levaram à época longínqua de sua meninice; e durante uns minutos, esquecendo-se de seu último «eu», sentiu-se menino naquele quadro de sua infância; e uma beatitude de sonho, de mole inconsciência, dilatou-lhe o espírito... Não ouviu a porta abrir-se, nem viu uma figura nobremente decrépita avançar para ele. E ao sentir duas mãos sobre seus ombros estremeceu e se pôs de pé de um salto, de um salto imenso que ia do passado feliz ao presente.

— Padre, Sebastião!

— Meu filho!...

— Talvez não devesse ter vindo... Perdoe-me... Porém queria vê-lo... Precisava vê-lo... Também o senhor está comovido!

— E' a velhice e a alegria... Sempre que vejo aos que estudaram comigo isso acontece... e por isso me querem proibir êsses encontros... Quando já é o que me resta de melhor!

— Pensei que o senhor não ia reconhecer-me.

— Conheço a todos pela voz... Antes de entrar creio que vou achá-los rapazinhos como naquele tempo, e, às vezes, a mudança é tão grande, tão triste, que fecho os olhos para ouvir somente a voz, que é o que munda menos... Em ti a mudança não é tanta; tens os mesmos olhos, tua mesma boca, eu os sigo daqui; e a ti, que foste dos melhores, com mais interesse... Faz quatro ou cinco anos, quando ainda lia, vi os grandes êxitos de teu irmão e teus na química.

O homem esguio estremeceu, e, de repente, fundos soluços lhe vieram das entranhas, enquanto a cabeça afundou entre o óco das mãos, num ademã de negação inexorável.

O ancião sentou-se a seu lado, e depois de o deixar chorar até que se aquietasse o primeiro pesar, tomou-lhe as mãos, que se obstinavam em resistir. Sua voz, ao falar-lhe, foi balsâmica, apenas interrogativa, maternal:

— Vamos ver... vamos ver... Que foi que o mundo fez contigo?

— Deixe-me... Não toque nestas mãos manchadas!

— As manchas se lavam; o arrependimento apaga até mesmo as piores.

— São de sangue, padre Sebastião!... de sangue!

— Ah!... meu pobre filho!

— Não me repila... Ouça-me!

— Pobre filho!... Acalma-te... Como hei de repelir-te!... Fala, fala!...

E suavemente, à medida que as palavras acudiam em fervido tumulto, o homem esguio foi escorregando, es-corregando, até cair de joelhos.

«Hei de começar desde o princípio, não para me desculpar, mas para que me compreenda bem... E o princípio é quase logo depois daqui, quando Júlio e eu acabamos os estudos, e, livres da disciplina estreita e cômoda, nos lançamos à vida larga que nos arrebatou imediatamente em seus torvelinhos.

Não sei se o senhor se recordará de nossas particularidades de caráter. Ele era mais forte, mais sagaz, mais resoluto e rápido; eu mais lento, talvez mais seguro, menos ambicioso de conquistar um triunfo que ultrapassasse em muito as necessidades estritas. Privados quase em seguida da assistência do parente que nos serviu de pai, começamos a viver, a lutar, depois de dois anos de universidade em que fizemos exame livre de todas as matérias da carreira. Nós nos completávamos, não só para fazer frente às necessidades quotidianas, como também nos estudos, no modo de delinear e resolver os problemas de nossa profissão... Éramos como os dois braços dum corpo, e em breve nossos êxitos de químicos nos facilitaram trabalho bem remunerado e esperanças de achar meio de nos associar-nos com pessoas que nos pou-

passem o rude calvário dos inventores... Essa foi a época dos triunfos a que o senhor aludiu... Dois banqueiros judeus nos tomaram, nos reduziram a algarismos, e nenhum louvor da publicidade nos faltou; ao contrário, o que nos faltava era tempo para prosseguir com calma o trabalho de investigação... E aqui surgiram as primeiras divergências; não entre mim e Júlio, que só nos diferenciávamos num ponto tão estranho à vida externa que, embora sendo essencial como o senhor verá, não dava para se converter em pomo de discórdia. A divergência foi com nossos sócios. E' que nos parecia indecoroso exibir-nos, enganoso anunciar empresas e indústrias baseadas em descobrimentos não comprovados ainda. Compreende? Absortos em nosso laboratório, gozando a pura orgia de não carecer de nenhum elemento de estudo e de trabalho, passamos uns anos felizes. Nem diversões, nem mulheres gastadoras de energias, nem preocupações econômicas — pois, verdadeiros iludidos, jamais nos ocorreu vigiar os contratos — nada nos afastava de um trabalho que, sendo científico, era quase de sonho. Nossos olhos, fatigados pelo resplendor dos pequenos fornos, do perscrutar paciente, não podiam ver as redes sutis que nos iam estrangulando.

A rutura veio a modo de tempestade repentina, terrível, da qual nem sequer pudemos salvar nosso crédito, pois os credores, egoisticamente, em vez de nos considerarem como outros infelizes burlados, nos lançavam ao rosto haver prometido mentirosas aplicações industriais, armadilha para sua cobiça e ingenuidade... Foram meses de angústia, de aprendizagem da dor, que fortificaram em nós a única diferença de caráter que tantas vezes o senhor havia observado até nas inclinações de nossas brincadeiras...

Júlio, no seu ímpeto, entregou-se ao desespero; sua fantasia se envenenou com projetos de vingança, e se apoderou dele um desassosségo doentio, que não tardou em afastá-lo de mim e guiá-lo para essas distrações sensuais, em cujo gozo uma alma forte não pode jamais encontrar lenitivo para os sofrimentos profundos... Júlio chegava tarde, abatido e descontente consigo mesmo, com as marcas da má fadiga do vício no rosto e me achava lendo... Porém já não eram os mesmos livros de outrora: um novo sentido da existência ia me penetrando: o tumulto, a inquietude da ambição, começavam a parecer-me estereis. Vozes vagas falavam dentro de mim duma paz, dum bem-estar transcendental, só possível depois da compreensão da finalidade do homem, e do acatamento à suprema vontade que ofendemos com nosso soberba... Pensava amiúde em nossa casa, no senhor, sobretudo no senhor, que me parecia a encarnação da serenidade no mundo, e lia obras que a Júlio, incapacitado para lhes perceber a simplicidade profunda e única, se antolhavam como sandices, como «estúpidas conversas fiadas». — «Ah, eu serei rico e hei de fazer com que também tu sejas, hás de ver!...» — dizia-me ele com um gesto furioso...

A dor nos separava, nos irritava, e muitas vezes, enquanto ele, depois de discutir acerbamente por qualquer coisa, se deitava e caía num sono denso e animal, pensava eu no quanto sua desventura aumentava pela veemência no anseio de adquirir, a qualquer preço, uma riqueza cujo valor de abastecedora dos sentidos o mísero já conhecia...

Uma vez por outra, no sonho, desconexas, porém reveladoras do sedimento de sua alma, subiam-lhe aos lábios palavras de ira, de exacerbada esperança, ameaças, sorrisos ásperezos que me davam medo e me faziam mexer com ele, para apagá-las do seu rosto... Não trabalhávamos nada; vivíamos das pequenas economias, e ao vê-las min-guarem, incitei-o a começar de novo a tarefa; mas sua inventiva atravessava uma crise de preguiça, e aquela chispa que outras vezes me permitia retirá-la da zona inerte e esteril da quimera para lhe dar eficácia humana à força de tentativas e análises, não surgia ou surgia com um tom sulfúreo — eram invenções de extermínio, não invenções úteis — que me punha na alma uma incapacidade feita de repugnância, de espanto...

Ah! padre Sebastião, poucos terão vivido dias mais cruciais! Via morrer lentamente em mim, apesar de sua vida não acabar, a única criatura do meu sangue... Alguma coisa se rompia a cada momento entre nós dois... Já não éramos os dois braços de um só corpo; já nossas inteligências não se transfundiam para suprir os defeitos mútuos e somar-se nas aptidões... E um dia, depois duma cena dolorosa, mais de silêncios que de palavras, ele me anunciou a separação e foi embora... Foi-se para a América do Norte, com uma mulher que talvez pudesse aquietá-lo, porém que fugiu com outro pouco tempo depois...

De sua vida por lá só me chegaram trechos de cartas reveladoras de que, ao mudar de lugar, havia levado seu inferno consigo. Em algumas me fazia consultas técnicas, pedidos de cálculos e pesquisas que eu realizava quase automaticamente, do mesmo modo que as traduções de obras científicas com que provia às minhas necessidades, cada vez mais escassas...

Sem a intensidade do gênio, mas com fé paralela à de Blaise-Pascal, minha alma se desligava dos problemas miúdos do trânsito para se saturar do problema capital do homem integrado no seu criador... Em meu horizonte começava já a entrever um claustro, uma cela branca, cheia de branca paz silenciosa; pensava no senhor, sempre no senhor, e era feliz, talvez demasiado feliz. Porém um dia...

E ao chegar aqui, o homem esguio, que tinha falado sem pausas, aos borbotões, calou-se por um instante, com êsse gesto momentâneo de medo que às vezes nos detém diante dum aposento escuro onde temos de entrar.

«Ele chegou u'a manhã. Eu acabava de acordar; a criada, uma pobre velha, entrou com ar de mistério, para me dizer que um senhor muito magro perguntava por mim e que, sem lhe dar tempo de responder, tinha entrado, dando-lhe um empurrão.

Embora quando nada me permitia suspeitar de seu regresso, compreendi por inexplicável revelação que era ele, e me levantei pressuroso; porém lhe asseguro que juntamente com a ânsia de abraçá-lo, não direi que de pressentimento, porém, simi de sub-consciente temor, retardava minha ações; lembro-me de que duas ou três vezes me detive, enquanto me vestia, sem pensar em nada, sem causa; e quando desci, ele, que estava se aquecendo junto da chaminé, me apareceu tão descarnado e estranho, no resplendor vermelho da chama, que durante um segundo tive a idéia — ia a dizer a esperança — de me ter enganado. Deu-me um abraço leve,

(Cont. na pág. 50)

Traduzido especialmente para REVISTA DA SEMANA por Herman Lima



UMA NOVA CAMPEÃ MUNDIAL DE PATINAÇÃO NO GELO

**UMA LINDA CANADENSE VENCE AS
PROVAS OLÍMPICAS REALIZADAS
NA SUÍÇA**

DETENTORA dos títulos norte-americano, europeu e mundial de patinação artística, a linda jovem Barbara Ann Scott, nascida em Ottawa, no Canadá, conquistou também em St. Moritz, na Suíça, o recente campeonato olímpico de patinação no gelo.

Algumas semanas antes, Barbara Ann Scott havia conquistado o campeonato europeu em Praga, na Tchecoslováquia, de 13 a 15 de janeiro. Os campeonatos mundiais prosseguiram em Davos, de 12 a 15 de fevereiro, quando obteve ela novamente a láurea que já havia conquistado pela primeira vez na última estação.

Loura e de olhos azuis, Barbara Ann acaba de completar dezenove anos de idade. Começou a patinar aos oito anos, e no decorrer da última década conquistou grande fama. Aos onze anos, apenas, tornou-se campeã juvenil do Canadá. Aos doze, obteve o quinto lugar nas competições norte-americanas. Em 1941 e 1942 foi a segunda colocada no Campeonato Feminino do Canadá. Este certame não teve lugar em 1943, mas ao ser novamente realizado, no ano seguinte, Barbara Ann Scott conquistou o primeiro lugar. Em 1945 e 1946 conservou o título, não lhe sendo possível, todavia, tomar parte nas competições de 1947, por se achar patinando na Europa.

Em março de 1945 obteve o seu primeiro título de campeã de patinação artística norte-americana no Madison Square Garden, de Nova York. Com dezesseis anos de idade e competindo com sete outras peritas patinadoras, foi a mais jovem vencedora desde que teve início aquela competição, há cerca de vinte e seis anos atrás. Em 1946 o Canadá, considerando-a a mais proeminente atleta do ano, honrou-a com o «Lou E. Marsh Memorial Trophy». Foi esta a primeira vez que uma mulher mereceu tal honra.

Barbara Ann Scott era desconhecida nos círculos europeus de patinação ao participar do Campeonato Europeu em Davos, na Suíça, em fevereiro de 1947. As notícias de seu sucesso aí e de sua notável perícia precederam-na em Estocolmo, na Suécia, onde, duas semanas mais tarde, sua inextinguível «performance» lhe valeu o título mundial.

Seus números em espetáculos e competições canadenses conquistaram grandes encômios. «A linha na maneira com que patina é a sua maior perfeição», declarou recentemente uma autoridade no assunto. «Não tem a menor idéia de fazer truques para parecer, perante o público, melhor do que realmente é. Sua técnica deixa sentir a maior facilidade e certeza, incluindo os mais difíceis saltos e rodopios. Não dá a impressão de precipitação, e nada há que outro patinador faça sobre o gelo que ela também não faça, tão bem ou até melhor».

Outros houve que compararam a sua arte à de Sonja Henie. Com cinco pés e três polegadas e pesando 105 libras, mede ela uma polegada a mais e pesa algumas libras menos que a ex-campeã mundial. Diz-se que sua graciosidade e perícia são, pelo menos, iguais às demonstradas por Sonja Henie nos seus tempos de amadora. E, sob certos pontos de vista, Barbara Ann parece ser superior, de vez que a patinação artística mudou consideravelmente desde que Sonja Henie abandonou o amadorismo, em 1936. As bases permaneceram as mesmas, mas a patinação livre alterou-se pelo acréscimo de maior número de acrobacias. Barbara Ann Scott é inextinguível nas acrobacias. Vir-se-lá que foi feita para elas — esbelta, ágil e de pés leves como plumas.

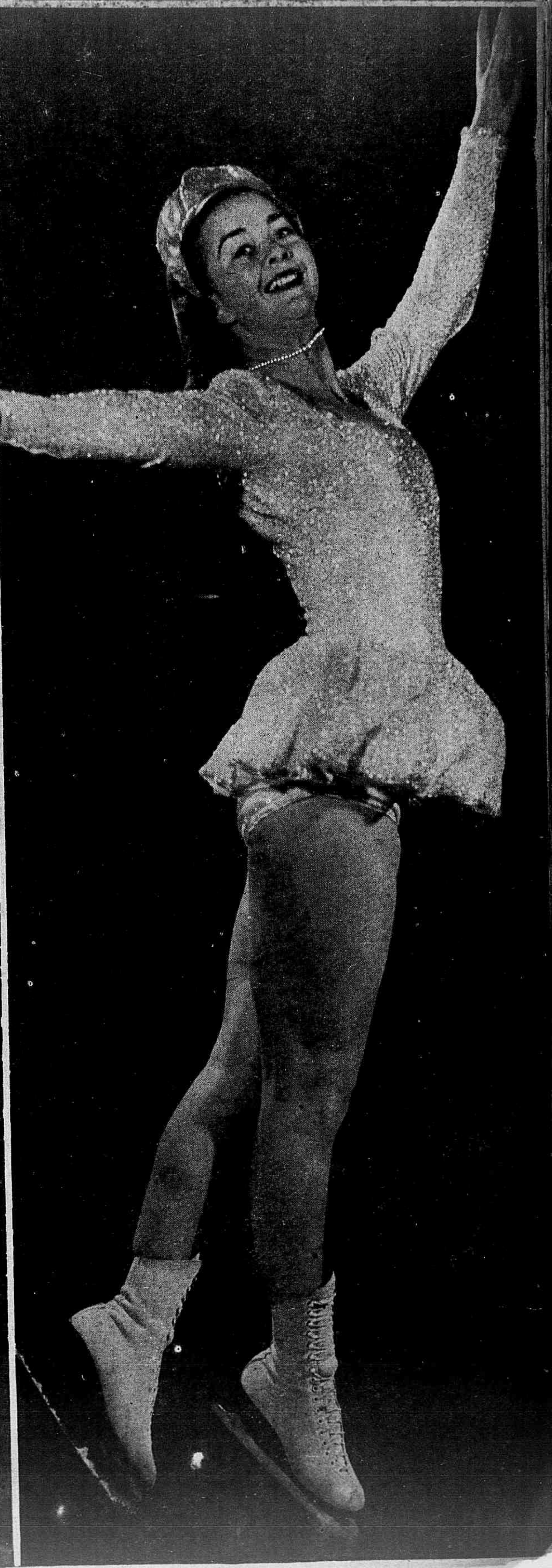
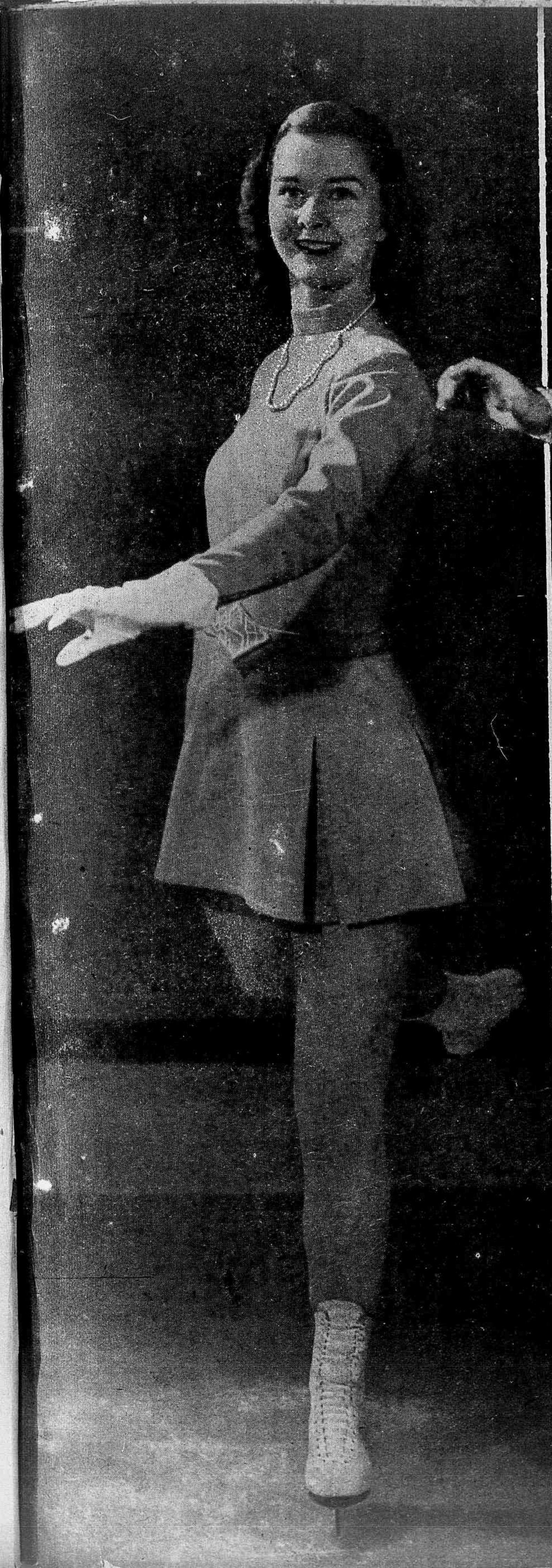
Se bem que se dedicando à patinação durante nove meses no ano, é possuidora de muitas outras aptidões singulares. Nada, joga golfe e adora dançar. Sob a supervisão de um preceptor, dedica-se aos estudos nos intervalos de suas sessões de patinação. Gosta de cozinhar e é boa pianista clássica. Perita amazona, monta a cavalo com regularidade, usando para isso seu animal favorito. Tomou recentemente lições de pilotagem, havendo recebido, há pouco tempo, sua licença como aviadora.

A mãe de Barbara Ann Scott, viúva do coronel Clyde R. Scott, de Ottawa, viaja com ela como conselheira e «chaperone». A nova campeã segue os ensinamentos do sr. Sheldon W. Galbraith, que a preparou para as últimas competições.

Ansiosa por manter os dois títulos conquistados ultimamente na Europa, Barbara Ann Scott vibrou de emoção ao lhe ser dada a oportunidade de representar o Canadá nos Jogos Olímpicos. Desde os primeiros dias de sua carreira de patinadora, tem sido esta honra a sua maior ambição.

A esquerda — Barbara Ann Scott em «close-up» e em um dos seus graciosos movimentos de bailarina do gelo. Na página à direita — Barbara Ann Scott, a linda jovem canadense que sucedeu a Sonja Henie, em duas atitudes de campeã de patinação artística









Em cima: Bibi Ferreira, perante uma platéia numerosa e interessada, declama com graça inextinguível a fábula de La Fontaine cheia de alusões incríveis aos amores de sua mãe, a linda aventureira Claire de Beauchamp, dona de um passado um tanto ou quanto reticencioso, com o incrível Lorde Steeple-Chase, um pseudo-educador inglês com a vocação inconfundível de marido eternamente enganado...

"A PEQUENA CATARINA", UM SUCESSO PESSOAL DE BIBI FERREIRA

O ÊXITO DA VITORIOSA COMEDIANTE NA DIVERTIDÍSSIMA PEÇA FRANCESA DE RÉGIS GIGNOUX E JACQUES THÉRY

BIBI Ferreira resolveu provar que era uma boa atriz cômica, que sabia fazer rir do mesmo modo que mostrou, em "Divórcio", que sabia fazer chorar. E escolheu para essa demonstração de versatilidade artística uma hilariante comédia francesa, na qual se apresenta num duplo papel, repleto dos mais inesperados incidentes cômicos. "A Pequena Catarina" é o grande sucesso de riso da cidade, o maior cartaz cômico do momento. E, além de Bibi Ferreira — que nessa peça se mostra à altura das tradições estabelecidas por seu pai, Procópio Ferreira, em nosso teatro cômico, — estão no elenco aristas de grande prestígio no gênero, como Alma Flora, Palmeirim Silva, Renato Restier, Edmundo Lopes, Belmira de Almeida, Valery Martins, Carlos Duval, Círene Tostes, Salú de Carvalho e outros. "A Pequena Catarina" é a história de uma aventureira, mãe de uma atriz cinematográfica, que resolve casar com um lorde tão rico quanto estúpido. Afim de aparentar mocidade, ela o convence de que sua filha, Catarina, tem apenas doze anos de idade. E esta, — de que sacrifícios não é capaz uma filha para casar sua mãe! — tem de provar o seu talento, aparecendo aos olhos de todos como uma garota-prodígio. — e não como uma mulher de vinte e três anos de idade! Dificilmente outra atriz seria capaz de igualar Bibi Ferreira quando ela se apresenta em cena como "A Pequena Catarina". A cena da recitação de fábula de La Fontaine, diante da mãe e do lorde, bem como de um grupo de convidados, com uma porção de alusões ultra-maliciosas... Pode-se aplicar à mamãe de Catarina o papel da raposa e a Lorde Steeple-Chase o papel de bode, nessa curiosa fábula... A história é cheia de incidentes curiosos e movimentados, pois de quando em quando a pequena Catarina está prestes a ser desmascarada, convertendo-se na grande Catarina... Foi felicíssima a idéia de Bibi Ferreira e de Procópio, apresentando no Serrador essa obra francesa, assinada por dois autênticos mestres do teatro para rir, Régis Gignoux e Jacques Théry. "A Pequena Catarina" ficará nos anais do mo-

Na página à direita: Bibi Ferreira, a encantadora vedete do nosso teatro, no duplo papel de a pequena Catarina e de Catarina, a grande, na comédia francesa de Régis Gignoux e Jacques Théry que já fez rir vinte e cinco nações. Bibi Ferreira está simplesmente irresistível nas cenas hilariantíssimas do novo cartaz do Serrador. A direita, nesta página, a pretensa pequena Catarina leva um violento safanão do cômico cinematográfico Foffatty, interpretado pelo ator Edmundo Lopes, — e que quer saber que mascarada é essa...





Em cima: duas cenas de "A Pequena Catarina", a peça que marca no Serrador um grande êxito de comicidade, aparecendo, à esquerda, Alma Flora, Palméirim Silva e Bibi Ferreira, respectivamente nos papéis de Claire de Beauchamp, Lorde Steeple-Chase e Catarina de Beauchamp, e, à direita, Palméirim Silva e Alma Flora, num momento cômico em que o pseudo-educador inglês se revela um namorado meloso e tímido, lidando com uma aventureira de alta escola...

vimento teatral premente como a comédia mais hilariante, o espetáculo mais cômico do momento. É difícil um espectador reprimir o riso e as exclamações de surpresa, quando Bibi Ferreira se infantiliza, passando de

mulher adulta a criança precoce e cheia de vontades... A frente de um elenco brilhantíssimo, que coopera magnificamente para o êxito das situações humorísticas de "A Pequena Catarina", Bibi Ferreira já vitoriosa no

cinema inglês e no teatro dramático, surge com uma força excepcional como vedete cômica, mostrando que tem nas veias o sangue de Procópio, hoje, como no passado, um mestre da arte de fazer rir.

Em baixo à esquerda: a aventureira Claire de Beauchamp, ao se ver desmascarada, simula um desmaio para ver se salva a situação. (Cena entre Palméirim Silva, Alma Flora, Belmira de Almeida e Renato Restier). A direita: Catarina, outra vez adulta, resolve afogar suas mágoas no espírito de vinho. (Cena com Bibi Ferreira e Alma Flora). Na página à direita: Bibi Ferreira, ao voltar a ser a pequena Catarina, não pode escapar aos puxões de orelha da exasperada mamãe... enquanto o jovem visconde John Steeple-Chase contempla a cena divertido... (Cena com Bibi Ferreira, Alma Flora e Renato Restier, num dos momentos mais cômicos da encantadora e divertida comédia ora em cena no Serrador).





O Grande Segredo

Conto de PAUL KOCK



Ilustração de A. PACHECO

NATHALIE DE HAUTEVILLE tinha vinte e três anos de idade e havia três anos que estava viúva. Era uma das mulheres mais bonitas de Paris. Seus grandes olhos pretos brilhavam com notável fulgor, e unia a cintilante vivacidade da italiana e a profundidade de sentimento da espanhola à graça que sempre distingue a mulher nascida e criada em Paris. Considerando-se demasiado jovem para viver inteiramente só, tinha convidado, havia muito tempo, um velho tio seu, monsieur d'Ablaincourt, para morar consigo.

M. d'Ablaincourt era um velho solteiro, e nunca em toda a sua vida havia amado outra coisa senão a si mesmo. Era um individualista, preguiçoso, de mais para fazer qualquer mal aos outros, mas, ao mesmo tempo, egoísta de mais para dar a menor vantagem a quem quer que fosse. E, contudo, com um ar de complacência, como se não desejasse outra coisa senão o bem-estar dos que o rodeavam, consentiu na proposta de sua sobrinha, na esperança de vir a receber muitas pequenas amabilidades que contribuiriam para o seu conforto material.

Depois que Nathalie retomou o seu lugar na sociedade, M. d'Ablaincourt a acompanhava, mas, algumas vezes, quando sentia inclinado a ficar em casa, dizia:

— Minha querida Nathalie, receio que esta noite você não vá se divertir muito. Vão jogar cartas. Além disso, creio que não encontrará lá nenhum de seus amigos e amigas. É claro que eu irei de boa vontade, se você quiser.

E Nathalie, que tinha grande confiança em tudo o que seu tio dizia, ficava em casa.

Do mesmo modo, M. d'Ablaincourt, que era grande glutão, disse à sua sobrinha:

— Você sabe, minha querida, que eu não dou muita importância à comida e me satisfaço com a alimentação mais simples deste mundo, mas tenho notado uma coisa: a sua cozinheira põe muito sal em tudo. Isso é insalubre.

E trocaram de cozinheira.

O jardim não estava como devia. As árvores diante da janela do velho cavaleiro deviam ser cortadas, porque a sua sombra indubitavelmente causaria umidade na casa, prejudicial à saúde de Nathalie. Ou então o surrey devia ser trocado por um landau. E assim por diante.

Nathalie era conqueta. Acostumada a agradar, ouvia com sorrisos os numerosos protestos de admiração que recebia, mas encaminhava todos os que aspiravam à sua mão ao tio, dizendo:

— Antes de lhe dar qualquer esperança, preciso saber a opinião de meu tio.

E provável que Nathalie respondesse diferente, se sentisse alguma preferência real por algum deles, mas, até então, parecia ter preferido a sua liberdade.

O velho tio, por sua vez, tendo-se tornado senhor na casa de sua sobrinha, desejava ansiosamente que ela permanecesse como estava. Um sobrinho pode-

ria ser um pouco menos submisso do que Nathalie. Por isso, nunca deixava de descobrir algum defeito naquele que procuravam uma aliança com a bela viúva.

Além do seu egoísmo e do seu epicurismo, o querido tio tinha outra paixão — o jogo do gamão. Esse jogo divertia-o muito, mas a dificuldade era encontrar alguém que jogasse com ele. Se por acaso alguma das visitas de Nathalie conhecia o jogo, não podia escapar ao cerco do velho senhor... mas a maior parte das pessoas preferiam as cartas.

Para agradar a seu tio, Nathalie tentou aprender o jogo. Achou quase impossível. Ela não conseguia dar atenção a coisa alguma durante tanto tempo. Seu tio ralhava, e Nathalie acabou desistindo.

— Eu queria lhe ensinar o jogo para lhe dar uma distração. Só por isso — disse o bom M. d'Ablaincourt.

Estavam as coisas neste pé, quando, num baile, Nathalie foi apresentada a um tal monsieur d'Apremont, capitão da Marinha.

Nathalie levantou os olhos, esperando ver na sua frente um corpulento marinheiro com uma perna de pau e uma venda nos olhos. Em vez disso, contemplou, com surpresa, um homem de cerca de trinta anos, alto e bem formado, com duas pernas sólidas e dois olhos perfeitos.

Armand d'Apremont tinha ingressado na Marinha muito cedo e, embora muito moço, já era capitão. Juntara uma grande fortuna ao patrimônio herdado de seus pais, e agora regressava a casa para descansar, depois de longos e duros trabalhos. Continuava solteiro, entretanto, e, além disso, sempre se ria do amor.

Quando viu Nathalie, suas opiniões sofreram uma mudança radical. Pela primeira vez na sua vida lamentou não ter aprendido a dançar. Durante toda a festa não tirou os olhos dela.

Suas atenções para com a jovem viúva não tardaram a se tornar o tema geral da conversa, e, finalmente, a novidade chegou aos ouvidos de M. d'Ablaincourt. Quando Nathalie disse, uma noite, que tinha convidado o capitão à sua casa, o velho falou quase irritado:

— Nathalie, você faz as coisas inteiramente sem me consultar. Eu ouvi dizer que o capitão é pessoa de maneiras muito grosseiras. O fato é que eu só o vi em pé atrás da sua cadeira, mas nem ao menos me perguntou pela minha saúde. Eu falo apenas no seu próprio interesse. Você é tão cabeça de vento. Nathalie pediu perdão a seu tio e chegou até a se oferecer para recusar a visita do capitão. Mas isso ele se absteve de exigir... resolvendo secretamente não permitir que essas visitas se repetissem com muita frequência.

Mas como são frágeis todas as resoluções humanas!... A menor coisa pode subvertê-las! Neste caso, o jogo do gamão foi a causa inconsciente de Nathalie se tornar Mme. d'Apremont. O capitão



era ótimo jogador de gamão. Quando o tio ouviu isto, propôs-lhe uma partida, e o capitão, que havia percebido que era muito importante conquistar as boas graças do tio, aceitou prontamente.

A coisa não agradou a Nathalie. Preferia que ele se tivesse ocupado com ela. Depois que as visitas saíram, ela voltou-se para seu tio e disse:

— O senhor tinha razão, tio. Eu não admiro as maneiras do capitão. Vejo agora que não devia tê-lo convidado.

— Ao contrário, sobrinha — protestou o tio. — Ele é um homem muito bem educado. Eu o convidei a vir aqui com frequência jogar gamão comigo... Isto é, a prestar os seus respeitos a você.

Nathalie viu que o capitão havia conquistado as simpatias do tio e perdoou-lhe por ter sido menos atencioso com ela. D'Apremont voltou pouco depois, e, graças ao jogo do gamão, ia aumentando no favor do tio.

Não tardou também a cativar o coração da bela viúva. U'a manhã, Nathalie entrou muito ruborizada no quarto de seu tio.

— O capitão me pediu em casamento. Que me aconselha a fazer?

Ele refletiu por uns momentos: «Se ela o recusar, d'Apremont não virá mais aqui e eu não terei mais com quem jogar o gamão. Mas se ela o aceitar, ele estará sempre aqui, e eu terei um parceiro certo para o meu jogo preferido». E a resposta foi:

— Eu acho que você deve casar com ele.

— Nathalie amava Armand, mas achou que não devia ceder facilmente. Mandou chamar o capitão.

— Se você me ama realmente...

— Oh, como pode duvidar?...

— Psiu! Não me interrompa. Se você me ama realmente, quero que me dê uma prova.

— Tudo o que você pedir. Juro...

— Não, você não deve jurar nunca mais, e outra coisa: você não deve fumar nunca. Eu detesto o cheiro do fumo e não aceitarei um marido que fume.

Armand suspirou e prometeu.

O primeiro mês de casados passou tranquilamente, mas algumas vezes Armand ficava pensativo, inquieto e grave. Depois de algum tempo os seus ataques de tristeza tornaram-se mais frequentes.

— Que tem? — perguntou Nathalie um dia, vendo-o bater o pé com impaciência. — Por que está tão irritável?

— Nada... não é nada! — respondeu o capitão, como envergonhado do seu mau humor.

— Diga-me, — insistiu Nathalie, — cu lhe desagradei em alguma coisa?

O capitão assegurou-lhe que não tinha a menor razão para estar senão encantado com a sua conduta, e por algum tempo portou-se calmamente. Mas não tardou a ficar pior do que antes.

Nathalie andava desolada. Comunicou a sua ansiedade ao tio, que respondeu:

— Sim, minha querida, eu mesmo tenho notado isso durante o jogo do gamão. Ele está muito distraído e às vezes passa a mão pela testa e levanta-se bruscamente como se alguma coisa o agitasse.

E um dia, quando os seus velhos hábitos de impaciência e irritabilidade reapareceram mais acentuados do que nunca, o capitão disse à sua esposa:

— Minha querida, um passeio depois do jantar me fará um bem enorme. Um velho marinheiro como eu não suporta ficar sentado em casa depois do jantar. Contudo, se você fizer objeção...

— Oh, não! Por que havia de fazer objeção?

Armand saiu... e continuou saindo à mesma hora todos os dias. Invariavelmente voltava muito alegre e satisfeito. Então é que Nathalie se sentiu realmente infeliz.

«Ele ama outra mulher, pensou, e precisa vê-la todos os dias». Oh, como sou infeliz! Mas eu lhe farei ver que descobri a sua perfídia! Não, esperarei até ter uma prova certa para defrontá-lo.

E voltou a seu tio.

— Oh! Sou a criatura mais infeliz do mundo! — exclamou.

— Que aconteceu? — gritou o velho, recostando-se na sua cadeira de braços.

— Armando fica ausente durante duas horas, todas as noites, depois do jantar, e volta muito bem humorado, tão ansioso por me agradar como no dia em que nos casamos. Oh, meu tio, eu não posso suportar por mais tempo! Se o senhor não me ajudar a descobrir onde ele vai, eu procurarei uma separação.

— Mas, minha querida sobrinha...

— Meu querido tio, o senhor, que é tão bom e gentil, faça-me este favor. Tenho a certeza de que há outra mulher.

M. d'Ablaincourt desejava evitar um rompimento entre o sobrinho e a sobrinha, pois isso viria transtornar a sua vida tranquila e pacífica que levava na casa deles. Fingiu seguir Armand, mas voltou pouco depois, dizendo que o tinha perdido de vista.

— Mas qual é a direção que ele toma?

— Umhas vezes vai para um lado, outras vezes para o outro, mas sempre só. As suas suspeitas são infundadas. Pode ter a certeza de que ele passeia para fazer exercício.

Mas Nathalie não se iludiu. Mandou chamar um rapazinho de cuja inteligência tinha ouvido falar muito.

— M. d'Apremont sai todas as noites.

— Sim, madame.

— Amanhã você o seguirá. Observe onde ele vai e depois volte e fale comigo em particular. Compreendeu?

— Sim, madame.

Nathalie esperou impacientemente pelo dia seguinte e pela hora da saída de seu marido. Por fim chegou o momento... Durante a perseguição ela ficou contando os minutos. Após três quartos de hora, o mensageiro chegou coberto de poeira.

— Então? — exclamou. — Fale! Conte-me tudo o que viu!

— Madame, eu segui M. d'Apremont, de longe, até a rue Vieille du Temple. Ai ele entrou numa casa, num beco. Nenhum criado veio recebê-lo.

— Um beco! Não havia criado! Horrível!

— Segui diretamente atrás dele e ouvi-o subir a escada e abrir uma porta.

— Abriu a porta ele mesmo, sem bater?

Tem a certeza disso?

— Tenho, sim, madame.

— Oh miserável! Ele tem uma chave! Mas continue.

— Quando a porta se fechou atrás dele, eu subi a escada pé ante pé e espreitei pela fechadura.

— Você receberá vinte francos mais.

— Espreitei pela fechadura e vi-o arrastar um cofre pelo soalho.

— Um cofre?

— Depois ele se despiu e...

— Despiu-se?

— Depois, durante alguns segundos, não pude vê-lo. Quando tornou a aparecer vestia uma blusa cinzenta e tinha um boné na cabeça.

— Uma blusa! Que querará fazer com uma blusa?... Que mais?

— Então eu voltei a correr, madame, para avisar a senhora. Ele ainda está lá.

— Bem, agora vá à esquina e chame uma carruagem. Você conduzirá o cocheiro até a casa onde viu meu marido.

Enquanto o mensageiro foi buscar a carruagem, Nathalie pôs apressadamente o chapéu e a capa e correu ao quarto de seu tio.

— Eu descobrir!... Ele ama outra. Está na casa dela neste momento, com uma blusa cinzenta. Mas eu irei lá e o enfrentarei, e então o senhor não me verá nunca mais.

O velho não teve tempo de responder. Ela desapareceu com o mensageiro, na carruagem de aluguel. Finalmente pararam.

— E' esta a casa.

Trêmula e pálida, Nathalie deixou a carruagem.

— Quer que suba com a senhora, madame? — perguntou o mensageiro.

— Não, irei só. E' no terceiro andar, não é?

— Isso mesmo, madame. A porta à esquerda, ao cimo da escada.

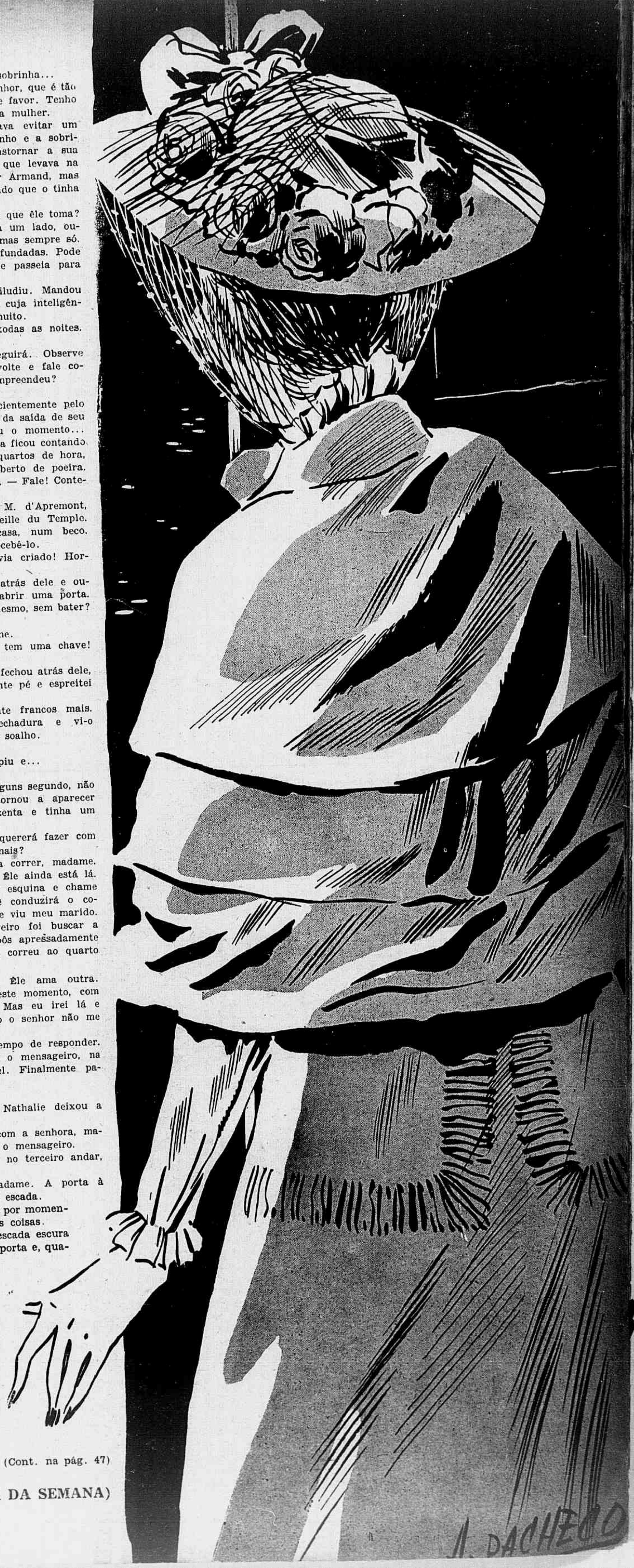
Parecia que estava por momento o fim de todas as coisas.

Nathalie subiu a escada escura e estreita, chegou à porta e, quase desfalecendo, gritou:

— Abra a porta, senão eu morro!

A porta se abriu, e Nathalie caiu nos braços de seu marido. Ele estava só no quarto, com a sua blusa cinza e... fumando um cachimbo turco.

(Cont. na pág. 47)



A VIDA DE SWEDENBORG

EMANUEL SWEDENBORG — (1688-1772)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

EMANUEL SWEDENBORG nasceu bafejado pela fortuna. Seu pai era um bispo, amigo da família real sueca, homem de inteligência rica e imaginação superior, um vulto proeminente. Sua mãe, por outro lado, era a filha sagaz, honesta e perfeitamente mediana do assessor das minas — uma mulher prática, cujo sangue contrabalançava os ardores extraterrenos do místico. A sagacidade extremada combinou-se bem com o espírito do Senhor na formação da criança. Quando esta nasceu, o pai alongou os olhos para as nuvens, e deu ao pimpolho o nome de Emanuel, que quer dizer «Deus conosco». E a mãe limitou-se a olhar para a balança, a fim de ver quanto pesava o menino.

Rigorosa e sobrecarregada de deveres era a educação do filho de um eclesiástico. Desde o princípio, o garoto mostrou possuir excepcional inteligência e poderosa personalidade. «Com frequência», observa ele modestamente, com respeito à sua infância, «eu revelava, na conversação, coisas que enchiam de espanto meus pais, e os impelia a declarar... que certamente os anjos falavam por minha boca».

Os anjos devem ter continuado a falar por sua boca em todo o decurso da adolescência, pois vamos encontrá-lo feito doutor em Filosofia (Universidade de Upsala) já aos vinte e dois anos. Na verdade, com a arrogância precoce do gênio imaturo, ele sentia-se superior ao seu meio social. «Este lugar me oferece muito pouca oportunidade; e os meus estudos não são devidamente apreciados por aquele que deviam estimular-me». De modo que empacotou os livros e saiu a viajar pela Europa ocidental, visitando a Holanda, a França e a Inglaterra. Sofria a inquietude do espírito enérgico e ardente, hipersensível às diversas correntes científicas de todas as idades. De Londres, escreveu aos pais: «Estudo Newton diariamente, e estou ansioso por vê-lo e ouvi-lo». E algumas semanas depois: «Com respeito à astronomia... fiz tantos progressos nela que já descobri muitas coisas, as quais, penso eu, serão de grande utilidade para o meu estudo... Inveniente um método infalível para determinar a longitude terrestre por meio da lua».

Estava sempre perseguindo um objetivo definido. «Tenho tirado algum partido das moradias onde me alojo. Primeiro me hospedei em casa de um relojoeiro, depois em casa de um marceneiro, e agora estou convertido em fabricante de instrumentos matemáticos».

Travou conhecimento com os maiores sábios da época, em quem deixou profunda impressão. Muito lhe custava, no entanto, convencer a seu pai, o bispo, de que «todas essas atividades científicas poderiam trazer alguma vantagem». Até um jovem de vinte e quatro anos com a mente vivificada pelo gênio tem as suas dificuldades. Pois o bom do bispo resolvera atrair novamente o filho para a Suécia e para uma «carreira honesta».

E o velho bispo Swedenborg valeu-se de um método suasório muito simples. Reduziu-lhe a mesada. «Ando escasso de meios», escreve Emanuel. «Sou afastado dos meus estudos pela falta de dinheiro. Não sei por que meu pai não mostra mais interesse em mim, e me deixa viver, faz agora mais de dezesseis meses, com menos de cinquenta libras... É difícil viver sem o que comer nem beber, como um pobre trabalhador de Schonen» — difícil até para um homem que descobre novos métodos de medir a lua!

No entanto, continuou com suas medições e aparelhos. O seu espírito era um vasto armazém de planos fantasiosos que ele constantemente desenvolvia para aplicação «prática». Aos seus amigos, os projetos de invenções mecânicas pareciam os tentáculos de um visionário de conformação mental excêntrica. Mas hoje é assombroso observar a justeza das intuições de um espírito pelado, como o seu, pelos preconceitos anti-científicos do século XVIII.

Mediante equações matemáticas, elaborou «o plano de certo navio que, com seus tripulantes, poderia andar sob a superfície do mar, sempre que quisesse, e causar grandes danos à frota inimiga». Nada menos que o moderno submarino! Traçou planos para o transporte de navios através da terra firme, por meio de canais e comportas. Idealizou um «canhão de ar» que daria setenta tiros sucessivos sem necessidade de tornar a carregar, e um «navio voador», que levaria os passageiros pelo ar.

Enviou esta última invenção, o plano do navio voador, ao físico mais eminente da Suécia. Mas, para o bom homem, era inconcebível tal «disparate». Com a máxima delicadeza, o grande cientista respondeu ao impetuoso jovem que «respeito ao vôo por meios artificiais, não é mais exequível que a construção de uma máquina de movimento perpétuo, ou a transformação de lama em ouro». E mandou-lhe uma longa carta cheia de números e fórmulas com que aniquilava a «louca esperança do vôo humano através do ar».

E assim foi Swedenborg severamente deixado a sós com os seus sonhos. Sonhos de gigante — significativa mostra do gigantesco molde do seu espírito. Eram os sonhos dum cientista dotado da visão — e da energia — dum profeta. Swedenborg foi um desses raros pensadores cuja ciência se baseava na fé. Tinha a convicção de que havia novos horizontes, novas dimensões, novos mundos, à espera do descobrimento pelo espírito humano que pensa e crê. Estava certo de que «o mundo da criação científica está implícito no mundo do pensamento abstrato» — e mesmo, que só o espírito pujante e fiel do poeta-cientista poderá construir uma ponte entre os dois mundos fazendo com que o pensamento se traduza em fato.

E foi precisamente isso que Swedenborg, o filho da religião e pupilo da ciência, tentou fazer. No projeto do seu quadrante estava contido o plano da catedral; nas suas experiências com o prisma revelavam-se as cores com que glorificar o altar; o anelo de encurtar as distâncias entre os corações humanos serviu de inspiração para o seu navio voador. A ambos os mundos ele devia obrigações de família. A exploração em um mundo significava criação no outro.

II

Por fim o estúdio regressou de suas viagens. Estava já com bastante idade — e não tinha ocupação. O pai fez um último esforço para proporcionar uma situação de independência àquele filho «cabeça de vento». Empenhando a sua influência na corte sueca, logrou chamar para o caso a atenção do famoso rei-guerreiro Carlos XII. O rei ofereceu a Emanuel um posto no departamento das minas reais. O jovem Swedenborg aceitou o cargo.

Por essa época se deu outro fato que concorreu para o prender aos valores concertos do mundo do tempo e dos sentidos. Emanuel apaixonou-se loucamente pela filha do físico

sueco que derramara água fria no seu sonho do navio voador. O sábio mais idoso, embora cético em relação à capacidade inventiva de Swedenborg, tinha, entretanto, apósto a chancela da sua aprovação à cultura humanística do jovem, oferecendo-lhe sua filha mais velha. Mas a moça, indiferente aos hieróglifos da avaliação paterna, concedeu a sua mão a outro. Swedenborg então disse ao cientista que isso não o perturbava. Era pela outra, pela filha mais nova, que ele sentia interesse. O pai imediatamente pôs um contrato diante da menina, que ainda não contava dezesseis anos, e mandou-a assinar o compromisso de casamento com Swedenborg. Ela escreveu com mão trêmula o seu nome no documento. Mas o coração da jovem estava comprometido alhures.

Passou o tempo. A consolação única de Swedenborg era ler todos os dias o contrato que a punha legalmente em seu poder — em época futura. Uma bela manhã, não

encontrou o precioso papel. O irmão da aflita moça tinha-o roubado e entregado a ela.

E assim o mancebo que investigara as mais profundas leis da natureza descobriu que não soubera entender as operações mais elementares de um coração de donzela. A moça não o amava. Ele a observava mais com espírito de cientista que de místico. Fez o juramento solene de nunca mais se apaixonar. E cumpriu-o.

Mas por algum tempo sofreu grande depressão. Nem os estudos o excitavam. Mas um espírito forte sobrevive a um caso de amor. Principalmente quando está ocupado em projetos de engenharia que abrangem o transporte terrestre das galeras do rei, a abertura de canais e a investigação de depósitos minerais — e quando, ademais de tudo isso, está absorvido no plano de escrever uma filosofia do cosmos.

Entrementes, o pai de Swedenborg fôra distinguido com um assento na Câmara dos Nobres. Mas as perspectivas de carreira política, assim abertas ao jovem Emanuel, não o tentaram. Continuou como pesquisador humilde e obscuro assessor. Preferia escrever sobre o infinito a contar uns poucos votos finitos. De vez em quando pedia ao governo licença para ausentar-se do cargo e sair a viajar. Recusara uma cadeira na Universidade de Upsala por sentir que escreveria com mais liberdade sem o entrave das exigências rígidas dum curso universitário.

Seu espírito não fôra feito para a clausura da sala de aulas. Swedenborg abarcava o mundo com o intelecto. Parecia ter a curiosidade magnificamente atrevida do homem supremo da Renascença, Leonardo da Vinci. Tudo lhe interessava. «Aonde quer que vá, ele visita as bibliotecas, os museus, as galerias de quadros, as igrejas, os mosteiros, os asilos, os teatros... Para ele, o palco era tão sagrado como a Igreja. Amava tanto as obras dos poetas como a Palavra de Deus».

Nunca houve homem mais sadio. Nem de simpatias mais amplas. E não menos amplo que as simpatias era o seu otimismo — a fé no futuro do homem. Era o irmão temporal de um grupo de célicos num mundo de descrença. Mas acreditava com ardor varonil na capacidade infinita do espírito humano. «Não há limite para a aventura do homem. Quando Colombo encontrou o caminho do novo continente, não foi apenas pelos ventos e as águas do Atlântico que ele navegou, mas pelos ventos e águas das aspirações da sua própria alma».

E assim Emanuel Swedenborg chegou ao meio da rota da sua aventura pessoal. Começa a examinar a ciência com olhar crítico. É um passo muito natural, no desenvolvimento mental deste profeta-inventor, o pensar agora em inventar uma superciência. Uma ciência além da ciência.

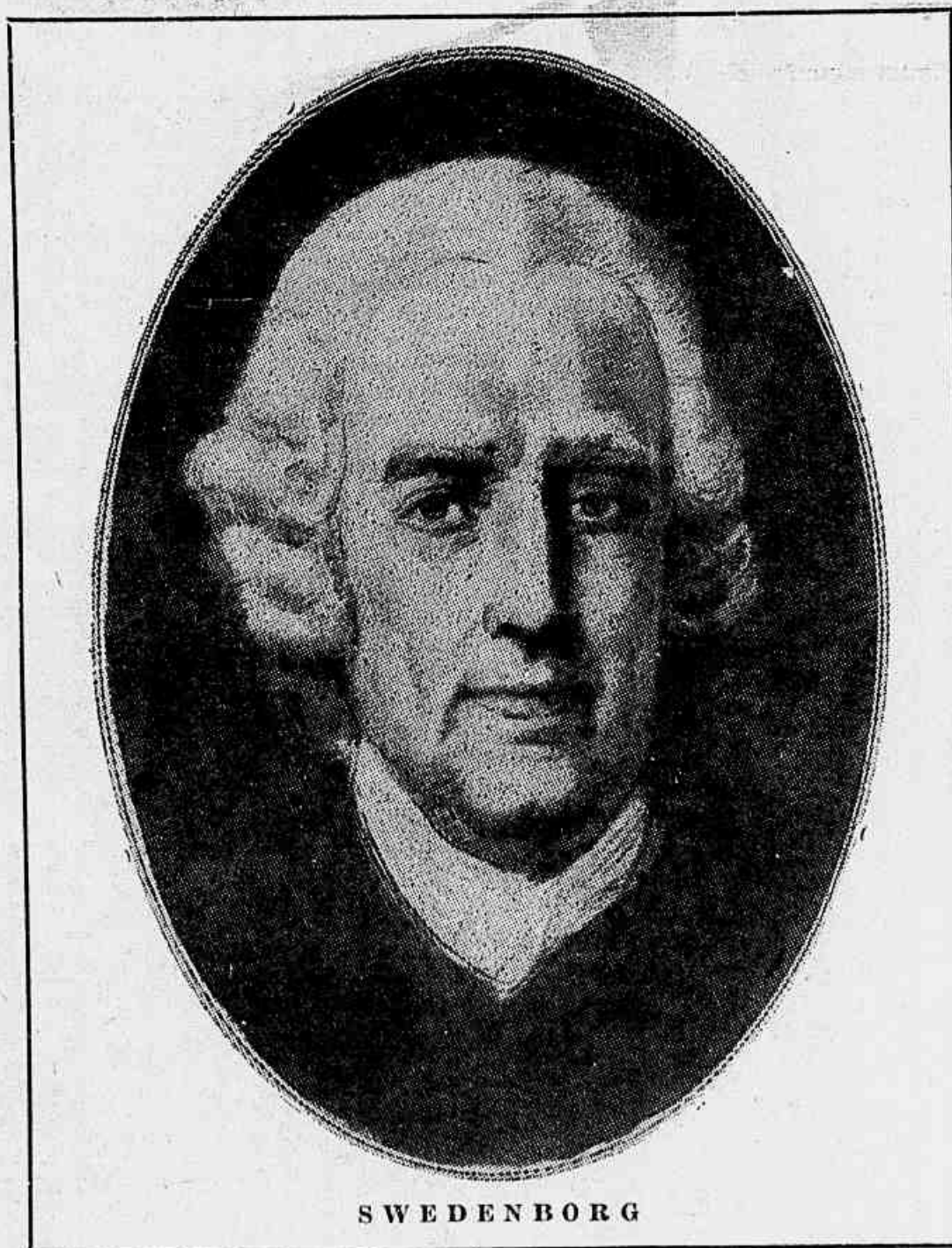
Planeja a «Economia do Reino Animal» — estudo exaustivo do corpo humano, síntese de todas as descobertas dos anatomistas sobre os nervos, músculos, ossos e sangue. E não se deterá aí. As suas pesquisas científicas não viam apenas a descrever, mas também a interpretar. Tudo com um propósito mais elevado. «Pretendo examinar, física e filosoficamente, toda a anatomia do corpo... o fim que me proponho é o conhecimento da alma». Projetava nada menos que descobrir os movimentos do espírito do mesmo modo como Harvey descobrira a circulação do sangue. Os trabalhos de todos os cientistas anteriores tinham sido apenas a preparação da grande pesquisa. «Está a chegar o momento de deixarmos o pórtico e fazer-mo-nos de vela para o alto mar».

Investigar a causa das coisas, descobrir onde reside a força da vida. Swedenborg não alimentava ilusões ao escrever esse livro ambicioso. A terminologia da obra era para cientistas; a sua mensagem, para os que se ocupam do espírito. Os eruditos podiam ri-se da sua presunção. Na época de Alexander Pope era muito perigoso falar sobre a alma humana. No frontispício do livro, o sumo sacerdote da ciência estampou corajosamente uma passagem do filósofo estoico Sêneca: «Aquele que pensa nos homens do seu tempo nasceu para servir a muito poucos. Milhares de anos, numerosas gerações de homens ainda estão por vir: tende a esses em mira».

III

Chegamos agora a um dos acontecimentos mais estranhos da experiência humana. O espírito de Swedenborg repentinamente se abre como uma casca de ovo, e a luz solar de outro mundo irrompe nele. O filósofo conta aos amigos que foi recebido num universo de espíritos, e penetrou no mundo do além. É agora um homem de mais de cinquenta anos — um dos cientistas mais abalizados da época. Os outros lhe examinam com espanto a fisionomia honesta. Observam-lhe uma expressão vaga nos olhos arregalados. Começam a fazer perguntas. Acha-se em perfeita saúde? Estará falando com sinceridade e tino? Escutemos a este cientista racional, que efetuou experiências com os materiais concretos da vida. «Foi-me permitido ver e ouvir coisas em outra existência que assumiram, e que até então nunca haviam chegado ao conhecimento de ninguém». O desenvolvimento dessa segunda vista, declara ele, foi progressivo. Três penosos anos de êxtases foram precisos para a preparação de sua alma. Durante esse tempo esteve sujeito a períodos anormalmente longos de inexplicável modorra, preenchidos por uma sequência contínua — e lógica — de sonhos. No seu diário, ele nos refere com simplicidade a transformação que se operou em seu espírito. «Fui guiado pouco a pouco até o céu, e, à medida que subia, o meu entendimento se ampliava, de modo que fui gradualmente capacitado a perceber coisas de que a princípio não tinha dado fô». E finalmente obteve «a solução do maior de todos os mistérios — a situação da alma depois da morte».

(Continua na pág. 47)



SWEDENBORG

PARIS — fevereiro — (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Visitamos hoje a redação de "Le Figaro", o matutino mais bem redigido da imprensa parisiense, no qual o ilustre escritor francês François Mauriac publica semanalmente dois artigos de fundo sobre variados assuntos, mas de preferência sobre a política internacional.

Era lá mesmo que íamos entrevistar François Mauriac, o escritor que presidiu a Associação dos Homens de Letras, e que é atualmente um dos membros da Academia Francêsa, autor de tantos livros notáveis, entre os quais o romance "Le baiser aux lèpreux". Mas ele preferiu falar sobre política, confirmando a opinião que já havíamos formado sobre sua personalidade desde que começamos a acompanhar seus escritos no referido jornal. Sim, o político absorveu o escritor! Os melhores livros que ele escreveu apareceram antes de 1933, ano em que entrou para a Academia Francêsa. Contava, então, 48 anos, ótima idade para a produção de grandes obras literárias. Isso, porém, não aconteceu na sua vida. Depois de se tornar "imortal", nada mais produziu de importante. Escreveu ainda alguns livros e, durante a ocupação, camuflando seu personalíssimo estilo, dedicou-se à literatura clandestina, publicando, sob o pseudônimo de Forer, o "Cahier Noir", sem ser identificado pelos nazistas. Depois da ocupação, reuniu num volume seus artigos publicados no "Le Figaro", escreveu uns dois ou mais livros e uma peça teatral, "de Passage du Malin", que, aliás, teve sua estréia mundial no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a Companhia Marie Bell-Maurice Escande, no ano passado. Toda essa sua produção literária não despertou grande atenção, continuando Mauriac a ser admirado mais pelo que produziu antes de ser recebido no cenáculo máximo das letras francesas do que pelo que fez depois. Atualmente, dedica-se mais ao jornalismo, pois, além de escrever para o "Figaro", é ele quem orienta esse grande jornal, cujo destino está em suas mãos.

NA REDAÇÃO DE "LE FIGARO"

A redação do "Le Figaro" está instalada num grande edifício da avenida dos Campos Elíseos. É ali que François Mauriac é encontrado todos os dias, e foi ali que ele nos recebeu. É um homem alto, magro, de rosto comprido, olhos grandes e vivos. Usa bigodes e não aparenta a idade que tem. Parece ser muito mais jovem. No entanto, tem 62 anos. É muito irrequieto, nervoso, pois não consegue ficar sentado mais de cinco minutos. Levanta-se, passeia alguns instantes pela sala, senta-se outra vez para logo tornar a levantar-se. Até parece o repórter...

Depois de explicar-lhe o motivo da nossa visita, perguntou:

- Pois bem. Por onde devo começar?
- Pela sua carreira literária.
- Seria uma longa história, o que cansaria seus leitores. Conheço bem a psicologia dos que lêem semanários, pois sou responsável pela edição literária do "Le Figaro"...
- Pode, pois, resumir-la, salientando o que há de mais importante nela.
- Para mim, francamente, nada há de importante. Escrevi livros, muitos livros, e é só.
- Muitos livros durante quantos anos?
- Oh! Isso vai longe... muito longe mesmo. Comecei a escrever com a idade de vinte anos. Hoje, tenho mais de sessenta. Escrevo, pois, há mais de quarenta anos. Mas acho extremamente desinteressante falar sobre o que fiz, o que faço ou o que pretendo fazer ainda no domínio da literatura. Um escritor, para servir bem aos seus leitores, deve oferecer-lhes bons livros e, antes de morrer, um volume de memórias, nos quais poderá contar, se quiser, tudo que se passou na sua vida, já que isso pode interessar aqueles que conhecem sua obra. Mas falar de si próprio, em uma entrevista, acho um tanto... como direi? — Não, não direi nada. Será melhor mudar de assunto.
- De acordo. Permita-me apenas observar que há leitores, que gostam de ler entrevistas...
- De fato. E há também um escritor que recebe bom dinheiro pelas entrevistas concedidas. Nada menos de mil libras! Que velho pirata, esse Bernard Shaw... E faz ele muito bem. Olhe: o tempo que o senhor vai tomar-me vale por um artigo de fundo.
- Mas como o senhor não escreve artigos de fundo todos os dias, e sendo hoje o dia em que o "Figaro" aparecerá sem o seu...
- Está bem. Vá lá... Quer um cigarro?
- E dizendo isso, ofereceu-nos a cigareira.

O DRAMA DA FRANÇA E O DRAMA UNIVERSAL

- Venha ver uma coisa — disse, em seguida, aproximando-se da janela.
- Nós o acompanhamos.
- Está vendo essa gente que corre para tomar o "Metro"? Cada um deles tem inúmeros problemas para resolver. A passagem do "Metro", como já deve saber, passará a custar cinco francos, a partir do dia 25 do corrente. Vai subir, também, o preço do gás e da eletricidade. A falta de comestíveis é cada vez maior, enquanto os preços sobem e o franco se torna cada vez mais desvalorizado. Eis o drama atual da França.
- E a que atribui esse estado de coisas?
- Ao drama universal.
- Mas a França deve, antes de tudo, por termo ao



François Mauriac, falando a nosso enviado especial à Europa, Nelson Vainer, enquanto folheava REVISTA DA SEMANA.

FRANÇOIS MAURIAC FALA SOBRE O DRAMA DA FRANÇA

ENCONTRO COM O AUTOR DE "LE BAISER AUX LÈPREUX" NA REDAÇÃO DO "LE FIGARO" — O DRAMA DA FRANÇA E O DRAMA UNIVERSAL — A HUMANIDADE VIVE SOB A ESPADA DE DÂMOCLÉS — O ESCRITOR É EM FAVOR DO SOCIALISMO E CONTRA A POLÍTICA DO GENERAL DE GAULLE — DECLÍNIO DA LITERATURA — O TEATRO E CINEMA FRANCESES — O OTIMISMO DO ILUSTRE ACADEMICO — OUTRAS NOTAS

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa)

seu "drama", não acha? O drama universal parece não ter solução imediata...

— Esta é realmente a nossa desgraça, — diz François Mauriac. — Outrora, a humanidade toda vivia escravizada, oprimida. Foi a Revolução Francêsa que a libertou. Hoje, a humanidade sofre as consequências duma servidão moderna, mas os tempos são outros. A solução dos problemas da França depende hoje da solução dos problemas do mundo.

— E como espera o senhor que esses problemas sejam resolvidos?

— Como posso sabê-lo? A voragem é completa. O abismo que separa o mundo em dois, é tremendo. A humanidade vive sob a espada de Damocles que, presa ao fragilíssimo fio, ameaça cair e desferir novos golpes no organismo que sangra ainda em consequência das duas guerras mundiais do nosso século...

(Cont. na pág. 50)

François Mauriac é assíduo nas "premières" teatrais. O autor de "Le Passage du Malin" aqui aparece entre o compositor Georges Auric, a atriz Madeleine Renaud, o dramaturgo Armand Salacrou e o ator Jean Louis Barrault, na noite da estréia de "Nuits de la colère", de autoria do penúltimo.





Em baixo: um padre benze os cavalos, por ocasião do cortejo e da corrida que fizeram com que milhões de turistas queiram visitar a cidade de Siena, e os jockeys montados sem sela, nos animais em pêlo, alinhando-os na fita da parte. O "Palio" de Siena, celebrado duas vezes por ano na Piazza del Campo, revive acontecimentos históricos que datam do feudalismo.

ESPLENDOR MEDIEVAL NA MAIS ANTIGA

O QUE É O TRADICIONAL
MORAÇÕES SACRO-PROFANAS

Por MAGDA INCONTRI
(Especial para REVISTA)



A mais antiga corrida de cavalos do mundo, a do "Palio delle Contrade", de Siena, na Itália, reveste-se ainda hoje de um esplendor medieval. Os "jockeys" correm montando cavalos em pêlo, sem sela. O prado, a pista de corridas, é uma praça central da cidade. Desde o séc. XIII, o "Palio delle Contrade" se realiza em Siena, na famosa Piazza del Campo. É uma festa metade esportiva, metade religiosa. Ao lado profano, o das corridas de cavalo, reúne o místico, da homenagem popular à Virgem Maria.

Siena repousa no coração da Toscana, entre Florença e Arezzo. É a cidade luminosa de Santa Catarina, padroeira da Itália. A princípio, o "Palio delle Contrade" era uma comemoração histórica das lutas dos tempos do feudalismo, — quando Siena formava uma república à parte, dividida em dezessete "contradi", ou distritos. Cada um deles tinha uma capela e uma bandeira própria. "Pálio delle contrade" significa "bandeiras dos distritos". Na verdade, o "Palio" é a festa das velhas bandeiras, com um desfile que é uma revi-



A CORRIDA DE CAVALOS DO MUNDO

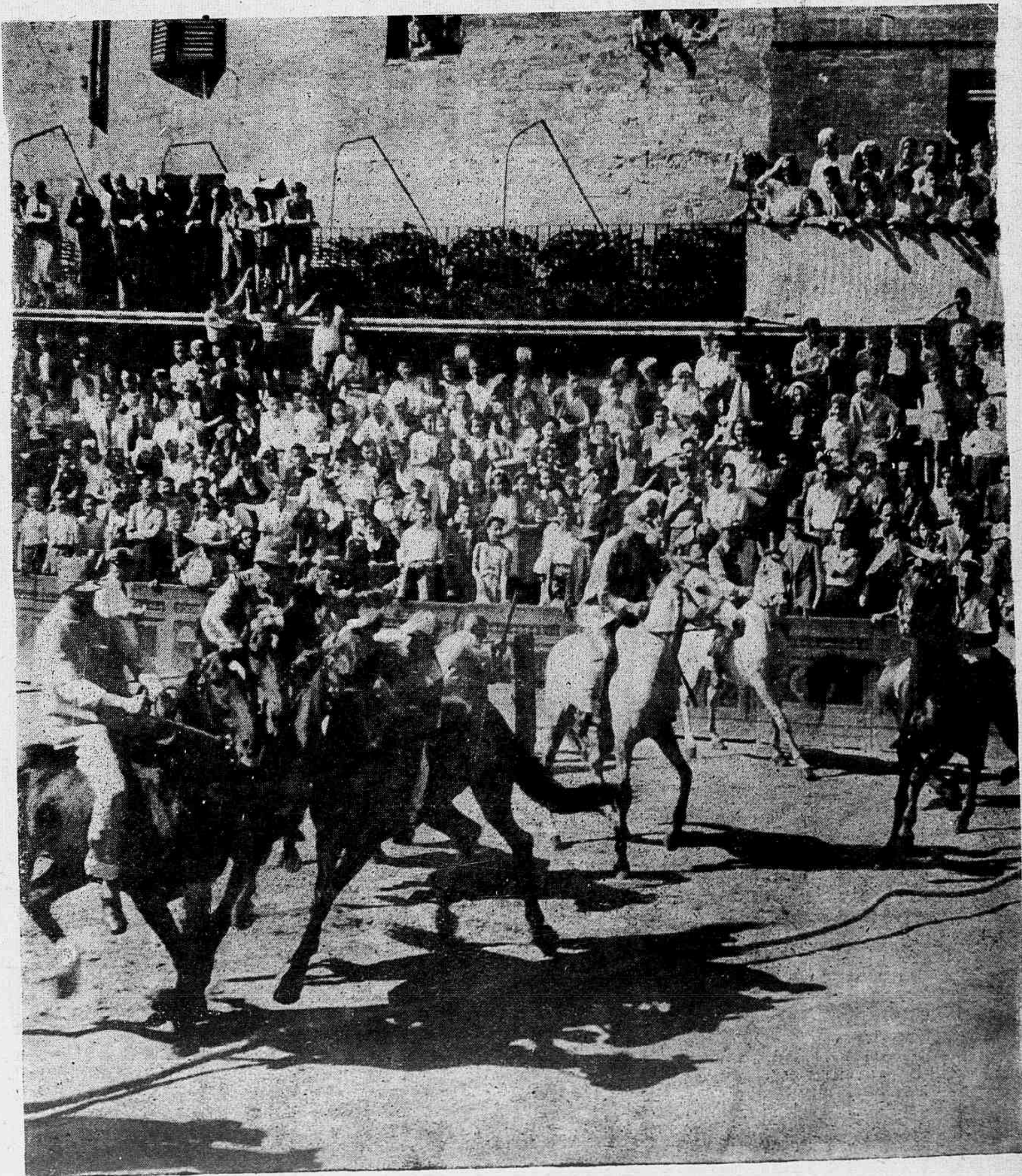
Em cima: um fragante que mostra a colossal assistência da mais antiga corrida de cavalos do mundo, — a do "Palio delle Contrade", em Siena, na Itália, datando do século XIII e estando, ainda hoje, impregnada do esplendor medieval. Em baixo: uma partida complicada, em que cavalos e cavaleiros se chocam. Mais de um cavaleiro aqui tem perdido a vida.

"PALIO" DE SIENA — COMEÇAM AS CORRIDAS EM HONRA DA VIRGEM MARIA

Fotos da KEYSTONE (REVISTA DA SEMANA)

rescência das batalhas do feudalismo. Ainda que iniciada há mais de seiscentos anos, a festividade do "Palio" só no século XVII se localizou, definitivamente, na Piazza del Campo. Foi em 1659 que se realizou pela primeira vez a parte esportiva do programa, — uma corrida de cavalos com as mesmas regras que ainda hoje estão em uso.

Nessa corrida do "Palio" tomam parte apenas cavalos "berberes", de pouca idade, cavalgados em pêlo. A corrida é disputada duas vezes por ano, constando de três voltas completas ao redor da praça, apinhada por uma multidão incalculável e frenética. Na corrida tomam parte dezessete cavalos, um representando cada um dos distritos de Siena (estes eram primitivamente 27, mas foram aglutinados em 17). A palavra "contrade", — acima traduzida por distrito, que é sua acepção prática, — deriva, entretanto, etimologicamente das antigas companhias paroquiais, ou "bandos", que constituíam o exército da cidade. Foi a governadora de Siena, Violante Beatrice, quem, em 1729, deu organização definida aos "contrade", demarcando-lhes





os territórios. Desapareceram os antigos governadores e capitães, dêsses distritos e "bandos", na vida administrativa de Siena, mas voltam eles às funções e aos uniformes tradicionais, quando chega o dia das celebrações do "Palio".

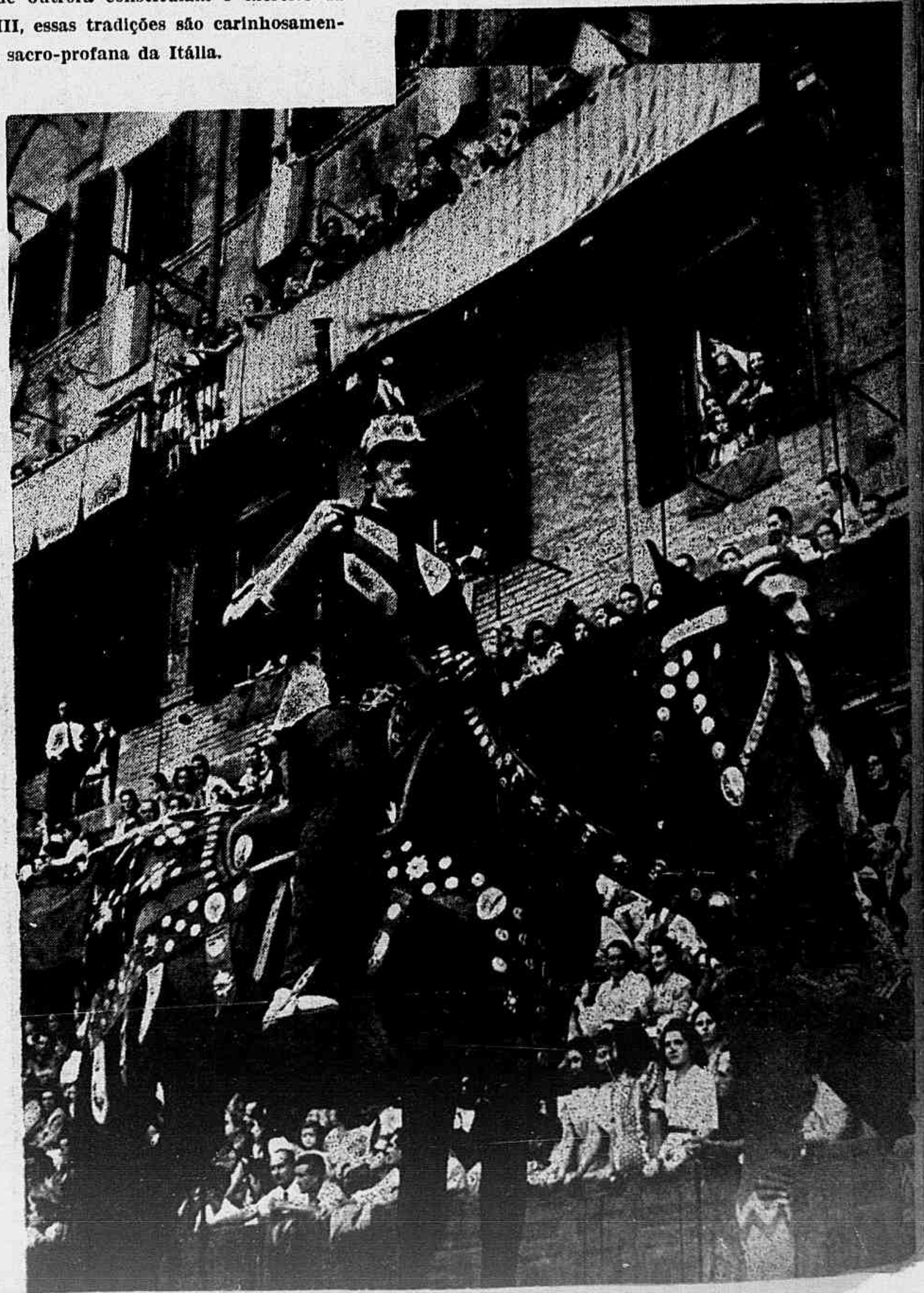
Grande número de comparsas são reunidos para fazerem as figurações de personagens históricos, mesmo porque o "Palio" é hoje uma atração turística nacional e internacional. Cada um deles, ao vestir uma farda, um uniforme, um traje medieval, assume também um posto ou função, teoricamente, é claro. Um é "tamboreiro", dois são "alferes", quatro são "pagens", um é capitão do "Paggio Maggiore". Isso em cada grupo, ou "contrade". É fácil imaginar o efeito que não fazem eles, nos desfiles, com seu garbo marcial, suas vestimentas coloridas e com suas bandeiras desfraldadas. Os "cavalor de parada", isto é, os que entram no cortejo, mas não na corrida, são também ricamente ajazezados, — e assim homens e animais formam um conjunto empolgante e espetacular, com suas pratas, seus bordados, veludos, etc. Um padre, — a igreja está sempre associada às celebrações, participando, inclusive, de sua parte profana, — efetua a bênção dos cavaleiros que participarão da grande corrida. Os comparsas se reúnem na Piazza del Duomo, onde é formado o cortejo, que depois segue o caminho da Piazza del Campo. As suas côres, à policromia dos seus trajes e dos seus estandartes, juntam-se as das mantilhas e dos tapetes, das decorações coloridas e festivas, que todos os habitantes de Siena então colocam nas suas janelas. De tôdas as sacadas agitam-se mãos, inclinam-se pessoas curiosas, que admiram o monumental desfile. Seria longo descrever com todos os pormenores o cerimonial dêsse cortejo histórico. Creio que as fotos da Keystone dão uma idéia aproximada, embora não seja possível fotografar o entusiasmo que domina a multidão e que se manifesta, sobretudo, na hora da grande corrida. Essa corrida é perigosíssima, pela falta de selas nos cavalos,

(Cont. na pág. 44)

Nesta página, do lado esquerdo: três aspectos do monumental cortejo das bandeiras de Siena, com seus trajes pitorescos que recordam peras shakerpereanas de ambiente italiano, com "Otelo", "O mercador de Veneza" e "Romeu e Julieta".



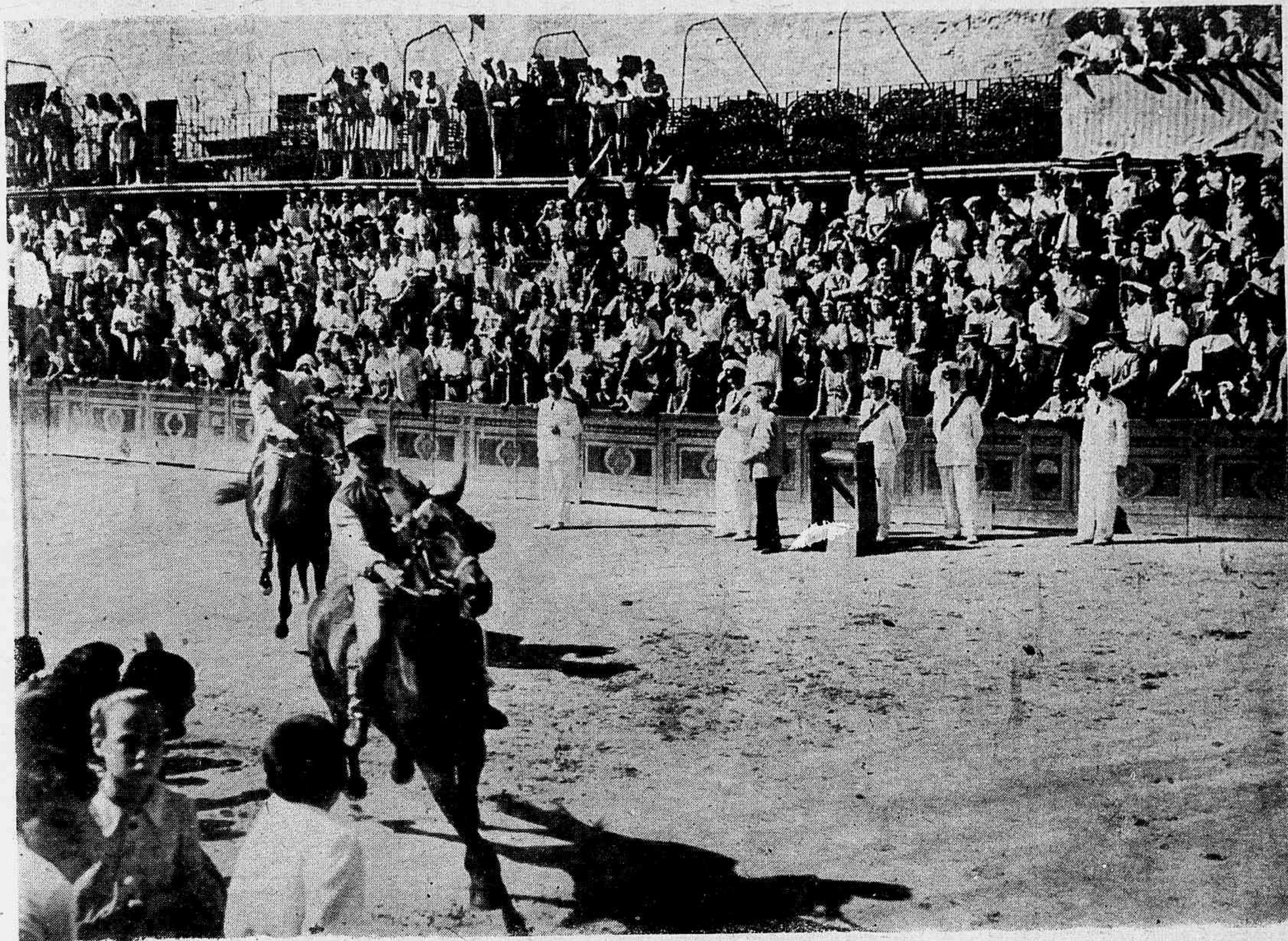
Em cima: tambores e porta-bandeiras, preparados para o "Pallo", antes de se juntarem ao cortejo que se reúne, habitualmente, na Piazza del Duomo. Em baixo: pagens e cavaleiros, estes desempenhando os papéis históricos dos "capitanos de contrade", ou dos "bandos" que outrora constituíam o exército da República de Siena. Datando do século XIII, essas tradições são carinhosamente guardadas, na maior festa sacro-profana da Itália.





Em cima: à esquerda, um popular porta-bandeira, surpreendendo os curiosos com sua destreza, à direita: um guerreiro envergando seu pitoresco e pesado uniforme medieval.
Em baixo: figurantes à espera do cortejo tradicional, com suas bandeiras desfraldadas, e um caparsa caprichoso, limpando com cuidado o seu próprio escudo...





Em cima: um detalhe da corrida, que muitas vezes tem sido fatal, vendo-se "jockeys" tentando dominar seus cavalos e conduzi-los para a fita da partida. Em baixo: dois detalhes do desfile, em que muitas crianças tomam parte, apresentando-se entre os figurantes como pagens...





Gilho e pai

ORLANDO
MATTOS

Conto de AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

DESPERTAMOS com a voz mansa do velhinho:

— Bom dia. Dormiram bem?

— Eram 6 da manhã, e estávamos no melhor do sono. A temperatura, muito quente, só pela alta madrugada começara a abrandar, deixando-nos dormir. Mas a fala do velho era tão doce, que nos convidava a conversar com ele.

— Bom dia, «seu» Barreto. Muito bem, obrigado.

«Seu» Barreto caminhava macio, nas suas alpercatas de couro cru. Um botão de osso, agressivamente pontudo, prendia o colarinho da camisa sem gravata. Um bonezinho preto cobria-lhe as farripas encanecidas. Segurava entre o polegar e o indicador da mão esquerda um rôlo de fumo, que picava com uma caxerenga, deixando cair os fragmentos na palma aconcheada.

— Dormiram bem mesmo, ou é bondade de vocês?

— E só para o meu companheiro, como se eu não estivesse ali.

— Poi olhe, doutor, p'ra quem está acostumado esse calor é um pau pelo ôlho; mas quem vem de fora reclama de pagode.

— E' — arrisquei, forçando a atenção do homem — mas sempre se aguenta bem.

Meu amigo esfregou os olhos, escancarando a boca em bocejos imensos; mas «seu» Barreto era chegado a um bate-papo.

— Ah, seu doutor! Este mundo... O doutor, que é um homem lido e corrido, deve conhecer muita coisa da vida. Mas é muito moço ainda, e há certas coisas que só o tempo ensina. Há muita maldade neste mundo, doutor. Ai, ai...

Suspirou fundo. Tirou do bolso uma mortalha, de palha de milho, espalhou nela o fumo:

— Ai, ai, seu doutor... Este mundo... Não fuma?

— Não, muito obrigado, «seu» Barreto. Lembrou-se da minha existência:

— E o senhor?

— Eu também não fumava.

Enrolou bem a mortalha, umedeceu-lhe com a língua uma das extremidades:

— Pois é como lhe digo, doutor: este mundo...

Chegáramos na véspera à vila sertaneja de P., no Estado de... Ia dizer X, que é um dos sinais de incógnita; mas invertamos as praxes matemáticas: ponhamos A.

Fôra excelente a viagem, rio acima, feita em canoa, que de tão grande era verdadeira barcaça. O livre contacto com a natureza abria-nos um apetite feroz, e a feijoada de bordo, mesmo sem legumes — a couve, o quiabo, o jirimum, o maxixe, infalíveis em feijoada nordestina — era devorada com sôfrega delícia. Nas duas noites de travessia, cantávamos às estrelas, que não havia lua — meu amigo e companheiro dr. João Carlos da Rocha, os tripulantes e eu. Salteou-nos, a meio caminho, uma ameaça de tempestade, dando à excursão certa nota de romanesco perigo. Mas logo no dia seguinte rebentou um sol magnífico, e os nossos olhos voltaram a espalhar-se ao longo do São Francisco, reverberante à viva claridade. Atentávamos, aqui e ali, nos vestidos de colorido forte das lavadeiras, cuja fisionomia, com a distância, não era possível distinguir. Cantavam cantigas que o vento nos trazia aos farrapos, de mistura com o fôfo bater da roupa nas pedras. Não passava muito tempo sem que uma vilazinha ou cidade marginal surgisse aos nossos olhos. O dono da capoa, mesmo à hora de refeição, estava sempre ao leme, governando. Uma das mãos na comida, outra no timão. O que levava meu amigo, dado aos trocadilhos, a comentar: — «Tipo do governo desonesto: governa e come»... E soltava uma gargalhada das suas, sadias e atroantes como poucas. Dormíamos em beliches toscos, sobre tábuas revestidas de magra esteira. Não seria viagem confortável; mas divertida era. Divertida e por vezes poética. Valia a pena ver cair o sol, tremeluzir no alto as primeiras estrelas. Os últimos pássaros que em bandos ruidosos cruzavam os ares, emudeciam; o céu, depois de incessante transmutação de cores, era de um azul profundo e nítido; as ondas, cada vez menos crespas, faziam-se quase imperceptíveis. Rio e céu; não raro,

(Cont. na pág. 44)

Ilustração de ORLANDO MATTOS

NOS BASTIDORES FEMININOS

NADA mais ridículo do que uma mulher a quem falta a mais pura noção de auto-crítica. E, infelizmente, o número é imenso. Isto verificamos diariamente, nas ruas, nas praias, nos cinemas e, em toda a parte onde Eva aparece. Mas, existe um lugar onde a falta de auto-crítica e portanto o ridículo, atinge o auge. Pode ser numa estação de águas ou numa cidade serrana, pode ser num sítio ou numa fazenda, pode ser num hotel de luxo ou numa pensão modesta, o espetáculo é sempre o mesmo; mulheres que exibem os mais curiosos e anti-estéticos trajes, num verdadeiro atentado ao bom gosto e à elegância. Esse espetáculo é variado e seria até divertido si não fôsse tão ridículo e deprimente. Ora são criaturas gordas e de formas ligeiramente "hipopotamicas" que se enfiam em calças masculinas, completadas por ajustadas "sweaters" que mais realçam as suas deformadas linhas; ora são outras menos gordas mas talvez mais velhas, que resolvem ostentar toda a sua "grace" num traje masculino, ao qual, para acrescentar um "toque" de feminilidade enfeitam com vistosos lenços, grandes chapéus, laçarotes e um milhão de coisinhas complicadas que dão à sua portadora o aspecto de um verdadeiro mascate. Adiante, são outras que resolvem aderir às calças "três-quartos", coisa que só vai bem a quem ainda não passou dos vinte ou então que possua uma plástica quase que perfeita ou um tipo muito especial. E há ainda muito mais; como por exemplo aquelas que se convencem que são as "tais", isto é as "boas", as "irresistíveis", ou coisa parecida; estas não só aparecem com trajes exagerados, como com maquiagem excessiva, penteados complicados, etc., assumindo ainda atitudes "vampirescas", tentando ameaçar a tranquilidade das pobres senhoras casadas, cujos maridos, também de carne e osso, estão sujeitos à tentação. Isto é o que elas imaginam, sem se darem conta, no entanto, da triste figura que estão fazendo. Si tais criaturas se dessem ao trabalho de empregar o tempo que perdem imaginando todos esses rebuscados de suas "toilettes" e ensalando os exagêros de seus gestos em coisa mais útil, muito grande, sem dúvida seria o lucro em favor da humanidade. E si houvesse por parte das outras um pouco mais de sinceridade consigo mesmas, muito espetáculo ridículo seria evitado.

Compreendemos perfeitamente que muita gente se retira das grandes capitais em busca de um lugar onde possa ficar "à vontade", porém esse "à vontade" deve, também, obedecer a certas regras de elegância e bom gosto. Isto de usar qualquer coisa só porque é cômodo ou porque "tôdas usam", revela uma grande falta de tato e feminilidade. A mulher deve usar aquilo que lhe vai bem, mesmo que para isso tenha que sacrificar, às vezes, o seu conforto. Esse é o papel da mulher feminina que não quer perder os seus encantos mesmo quando afastada dos centros mais movimentados.

KITTY



A NOVA LINHA

A nova linha parisiense devolve à mulher toda a sua feminilidade. Os ombros são quase naturais, a linha da cintura justa como também a do busto, e a linha dos quadris é bastante ampla e arredondada. O modelo aqui apresentado, de Pierre Balmain, é um exemplo dessa nova linha.



CATHY O'DONNELL APRESENTA



A "revelação" de "Os melhores anos de nossa vida" parece estar com o futuro garantido em Hollywood. Aqui a vemos exibindo os modelos que Edward Stevenson, figurinista da RKO, criou especialmente para ela. Modelo para meia-estação em la fina bege. Colete de veludo "cotelet", em tom contrastante. Mangas fartas com punhos. Saia franzida. Em jersey de seda branco é este original modelo de Miss O'Donnell. Mangas japonesas, franzidas nos ombros. "Basque" franzida, na frente.



Para o "cocktail" ou para o jantar modelo em crepe preto ajustado até os quadris e "goget" daí para baixo. Decote redondo com folhas do mesmo tecido aplicadas. Nada mais romântico do que este vestido de baile em organdi de seda branco. Corpete drapeado justo alças de veludo. Saia muito ampla. Pássaros em tecido azul claro, aplicados com vidrilhos dourados. Para armar melhor a saia, fôrro de tafetá.

Muro das LAMENTAÇÕES

RESPOSTA A MAURICIO M. R. — Nova York

Estando você aí, longe dos ambientes que lhe eram familiares, é muito natural essa sensação de desajustamento e de solidão que o domina. Mas você precisa reagir energicamente, antes que esse estado depressivo se agraue. Nota-se, pela sua carta, que você já está se entregando a pensamentos mórbidos, que podem ter funestas consequências. Ainda não sabe que grande parte das moléstias consegue penetrar vitoriosamente no organismo devido ao consentimento da nossa mente?

A medicina moderna aceita cada vez mais como verdadeira a influência de nossa vida psíquica sobre a saúde do corpo. Os pensamentos melancólicos, o receio que você demonstra de adoecer gravemente podem causar dano à sua saúde. Inconscientemente, talvez, você deseja ficar doente, para se livrar das responsabilidades do momento. Talvez seu inconsciente acredite que adoecer seria o meio mais rápido para você poder regressar ao Brasil, ao ambiente que ama.

Pense bem, no entanto. Você ganhou uma bolsa de estudos e tem deveres para com os que a concederam. Por outro lado, foi você mesmo que desejou ir para ali; creio que, mais ou menos, você já sabia o que o esperava. Logo, é fazer mais um pouquinho de força e aguentar o tempo que ainda lhe resta. Procure distrair-se mais, e tente afastar de si a idéia do tempo. Sua estadia aí é um intervalo breve numa longa vida brasileira — um intervalo do qual você, mais tarde, provavelmente vai sentir saudades.

Não imagine que está doente, porque acabará, mesmo, adoecendo. Esforce-se por manter um ânimo despreocupado e sereno, pois é muito tranquilizador o que o médico lhe assegurou. Você tem apenas saudade aguda, mas isso é doença que vai acabar assim que você entrar em águas brasileiras...

RESPOSTA A IRACEMA — Fortaleza

Temos a impressão de que a senhora está sendo vítima de um delírio da sua imaginação. Não pode ser verdade o que nos diz sobre o seu marido, porque a senhora mesma se contradiz nos pormenores. O que parece exato é estar a senhora presa a uma crise de ciúmes que a impede totalmente de enxergar a realidade. A senhora ou interpreta os fatos de maneira unilateral, ou julga reais aqueles que simplesmente imaginou para fundamentar o seu ciúme. Na idade crítica são muito frequentes essas perturbações, por isso não precisa assustar-se nem assustar seu marido. Vá imediatamente a um médico de confiança e conte-lhe tudo. Aprenda, desde já, a duvidar das suas impressões, e abra um crédito de confiança ao seu esposo. Estamos certos de que tudo isso passará, como uma violenta mas rápida chuva de verão.

RESPOSTA A TIAGO — Rio

Você está se afogando em pouca água — bem se vê que é marinho de primeira viagem! Nenhum rapaz sensato se entrega ao desespero porque levou um contra da namorada... O que você tem a fazer é esperar o próximo ciclo da lua da senhorita; se for um quarto crescente, vai estar para você! Enquanto isso, vá se divertindo e conversando com outras meninas. Há tantas! E na sua idade convém não escolher muito: é colhê-las aos "bouquets" — enquanto não surgir "aquela que há de ser a sua amada". Por enquanto, é muito cedo para você saber se já a encontrou.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Conte-nos seu caso, se está em dificuldades, escrevendo-nos aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape, 15.



PARA o elegante "tailleur", ou para a sala esportiva e simples aqui estão três modelos bastante graciosos: Barbara Bates, com um modelo em cetim lingerie, com nervuras, rendas e botões de pérola. Há uma certa elegância romântica nesta blusa que dispensa o uso de casaco. Em baixo: uma blusa "habillé" é sugerida por Arlene Dahl, da MGM, em seda branca, guarnecida de renda antiga e fita de veludo. Em organdi, com nervuras, "pois" e "festonet", feitos à mão, é a graciosa blusa de Barbara Bates, da Warner Bros.

BLUSAS





CHAPÉUS

Para as mais diversas ocasiões apresentamos nesta página três lindos modelos de chapéus. Para noite, um original modelo tipo turbante em grossa malha verde com enfeite em lantejoulas pretas. Para tarde, este elegantíssimo feltro bege com pássaros em cores vivas, fita de gorgurão azul-marinho. Para a manhã, lindo modelo em palha bege, brilhante, véu azul-marinho e um grande ramo de violetas na parte posterior.



A PERSONALIDADE da Semana

LYGIA MARIA LESSA BASTOS

A emancipação da mulher brasileira processa-se segura — mas lentamente. Demasiado numerosos ainda são os que alçam ironicamente os ombros quando ouvem falar em mulheres deputados, ministros, prefeitos ou senadores. Entretanto, já que toda nação se compõe de homens e mulheres, é lógico que todos os cidadãos lutem lado a lado para melhorar as condições de vida do seu país. Isto nada tem que ver com um feminismo anacrônico. Trata-se simplesmente de aproveitar cada um, segundo suas capacidades. E não é possível negar que certos setores deveriam naturalmente ser dirigidos por mulheres: certos ramos da higiene e saúde, por exemplo, ou de educação.



No Distrito Federal, quatro mulheres, somente, foram eleitas para o Congresso. No momento, tuas, tão somente, podem participar efetivamente das responsabilidades políticas nacionais. É muito pouco! Conversei com uma das duas vereadoras sobre este assunto.

— É evidente que muitos homens estão sabendo o movimento da emancipação feminina. Disse-me a vereadora Lygia Maria Lessa Bastos, durante a campanha eleitoral, por exemplo, colocaram inúmeras mulheres nas chapas. Pareciam assim fazer prova de sentimentos progressistas. Na realidade dispersavam a votação. Pusam de propósito tal número de mulheres que restavam poucas possibilidades para que uma só pudessem se eleger! É evidente que a emancipação da mulher não pode mais ser detida. O próprio Churchill, Churchill o reacionário, acaba de explicar isto num brilhantíssimo discurso. Naturalmente, muitos brasileiros não querem que a mulher saia de casa porque sabem que só assim ampliará seu horizonte e tornar-se-á capaz de agir por si própria! E preferem que continue dócil, obediente e ignorante!

Perguntei à vereadora quais seus planos para este ano.

— Todos estão, naturalmente, ligados com a educação. Sendo professora conheço bem o estado angustioso das nossas escolas e continuarei lutando, esperando que alguns problemas, pelo menos, sejam resolvidos. Tenciono por em prática meu plano de alfabetização, dando aulas pelo rádio. O rádio deve ser aproveitado melhor. Sem falar das aulas de ginástica que tanto êxito têm, existem até aulas de desenho. Por que, então, não seria possível ensinar a ler e escrever pelo rádio? Espero poder comprová-lo, em breve. Depende do Ministério da Educação.

— E quais os projetos que apresentará na Câmara Municipal?

— Farei novamente apelos para que se construam prédios escolares. Você sabe que no ano passado 30% somente da população em idade escolar conseguiu encontrar vagas nas escolas existentes. Em vez de melhorar a situação piorou ainda! Não se construiu uma única escola, nem se fizeram os consertos necessários em diversas escolas que não podem ser utilizadas no estado em que se encontram. Em lugar de lutar disso durante os meses de férias na fazenda, e agora estas escolas terão que ser fechadas. Em 1946 começaram a construção de quatro escolas. Em 1947, de duas. Em 1948, ainda de nenhuma. Nenhum dos dez ou quinze prédios que o prefeito prometera mandar iniciar imediatamente foi começado! Contando o fechamento das escolas que precisam de consertos, sem mesmo falar em aumento da população, é fácil de ver em que pé está a questão.

— Quais são seus outros projetos?

— Voltarei a defender a aposentadoria das professoras aos cinquenta anos ou depois de vinte e cinco anos de atividade. Este projeto foi vetado pelo prefeito mas voltarei ao assunto porque se trata de um dever humanitário. Também lutarei para que se consigam mais professoras. No dia em que houver mais prédios, faltarão professoras para lecionar neles. Isto poderia ser facilmente resolvido. Bastaria permitir o ingresso na escola normal de qualquer moça tendo acabado o curso secundário, em lugar de obrigar as futuras professoras a fazer o curso secundário no Instituto de Educação. Também é preciso devolver o Instituto de Educação à sua verdadeira finalidade que é a formação de professoras, instalando o curso secundário em outros prédios. Tudo isto pode ser resolvido. Infelizmente falta a boa vontade.

E conversamos longamente sobre problema tão importante e que em lugar de melhorar vai sempre piorando. O que é difícil de compreender, porque não há algo mais importante de que a saúde e a educação da criança. Se o presente é negro, dever-se-ia, pelo menos, pensar em preparar a próxima geração para que o futuro possa ser melhor!

YVONNE JEAN



MODELOS PARA PASSEIO

O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

AS GALINHAS DE DIANA TORRIERI

Quando embarcou, para o Brasil, no navio-feira "Tucano", à frente de uma companhia de comédias que se exibiu no Rio e em São Paulo, a atriz italiana Diana Torrieri, — o primeiro vulto do teatro europeu que nos visitou depois da última guerra, — fez-se anteceder, na hora do embarque, por alguns engradados, contendo quinze galinhas.

— Eu não podia embarcar tranquilamente sem trazer estas aves, — explicou ao capitão.

— São galinhas de tanta estimação assim? — perguntou o lobo do mar, emocionado.

— O senhor não sabe o que elas significam para mim...

E, num rasgo de sinceridade:

— Para ser franca, desconfio da comida do seu navio... E como a travessia vai durar uma quinzena, mande matar uma todos os dias...

CONSELHO A UM POETA

Quando o poeta dramático Sininberghi lhe comunicou que estava escrevendo "uma peça para ela", Eleonora Duse enviou-lhe a seguinte carta:

"O senhor me diz que está escrevendo uma peça. Agradeço-lhe e sinto-me feliz por ter contribuído um pouco para levá-lo a aperfeiçoar a idéia que certamente já tinha. No entanto, peço-lhe que tome em consideração o que lhe vou dizer: não fique adstrito à minha pessoa. Prossiga na sua idéia, pelo caminho do ideal, para a bondade e a beleza, que são a arte. Mas não baseie o seu drama sobre — como direi? — a personalidade de uma atriz. Eu poderia desviá-lo e, para chegar à arte, só a própria arte ensina o caminho. Pense nisto, construa, melhor do que lhe posso dizer sobre este pensamento. E trabalhe. Quando julgar sua obra terminada, faça com que ela chegue às minhas mãos. Prometo-lhe que saberei lê-la e me esforçarei por fazer o público compreender o seu pensamento. Mas, repito, fuja à idéia de escrever para uma atriz. Nós existimos hoje e, amanhã, não seremos mais nada. E aquele que escreve deve permanecer em sua obra..."

A BAILARINA CONTRA AS ESTATUAS

Uma noite, quando a famosa bailarina Isadora Duncan deixava um dos teatro de Berlim, os estudantes, inflamados, desatrelaram os cavalos do seu carro e começaram a puxá-lo, a mão, através da famosa Sieges Allee. No meio dessa alameda, pediram-lhe os universitários que falasse. Pondo-se em pé na vitória, Isadora Duncan fez uma depreciação contra os terríveis monumentos levantados a Bismarck, ao imperador Guilherme e outros símbolos do militarismo alemão.

— Não há maior arte que a do escultor, — disse a bailarina. — E por que é que vós, amantes das artes, permitis esse horrível ultraje em meio da vossa cidade? Olhai para essas estatuas! Sois estudantes de arte, mas se fosses realmente estudantes-artistas haviéis de pegar em pedras, para apedrejá-las, ou em picaretas, para demolí-las! Arte? Arte isso? Não, não! Isso são fantasias do kaiser!

Os estudantes a apoiaram com tanto veemência que, se não fosse a intervenção da polícia, naquela mesma noite Berlim teria ficado livre de tais estatuas...

O RECREIO...

Eduardo Vitorino, no seu livro "Atores e Atrizes", conta esta interessante anedota da famosa atriz Ismênia dos Santos (não confundir com a atriz do rádio-teatro da Nacional, pois se trata de outra, nascida na Bahia no ano de 1840); um autor novato e sem talento, mandara um peru de presente à comediantes e, no dia seguinte, indo visitá-la, levou-lhe uma peça debaixo do braço... Ismênia dos Santos, que já lhe conhecia a fama, foi logo dizendo:

— Se é com esse recheio que devo comer o seu peru, pode levá-lo...
— "Acil imaginar como o "recheio" era "indigesto"..."

SARAH BERNHARDT E A ÁGUA PRUSSIANA

Antes a guerra de 1870 em que a França foi derrotada pelos alemães, Sarah Bernhardt ainda jovem, mas já aureolada pela fama, representava na Dinamarca, onde o rei lhe ofereceu um banquete, assistido pela elite social e membros do corpo diplomático.

Ao fim do banquete, houve brindes entusiásticos. E, cortando os discursos, o embaixador alemão em Copenhague tirou do seu próprio uniforme uma condecoração com a águia prussiana, tentando prendê-la, do lado esquerdo, no vestido da grande trágica.

— Essa ave do ódio não pousará no meu peito! — exclamou Sarah Bernhardt, desviando-se.

A condecoração caiu no chão e ela pisou-a aos pés. Tomara o gesto do diplomata como uma afronta. Em consequência, o governo imperial da Alemanha proibiu-a, de então, por diante, de representar no território germânico e na recém-anexada Alsácia-Lorena...

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)



O ADOLESCENTE E O LIVRO

A TUALMENTE o folheto tem relegado o livro do seu verdadeiro lugar; fácil de conduzir, dobrável e reduzindo-se comodamente para o transporte ante as dificuldades de locomoção de hoje, ele, como o sofá-cama, a cozinha americana e o apartamento, se impõe mais pelas necessidades hodiernas, que pelo seu real valor. Os ingleses e americanos compreenderam atiladamente esta situação e reduziram o livro a um tamanho ajustável ao bolso de qualquer cidadão, e, mais ainda, no sentido figurado, ao preço de um folheto, sendo livro. Desta forma, qualquer indivíduo adquire a melhor literatura do mundo por uma ínfima quantia um dinheiro trocado que lhe esteja sobrando no bolso. Mas não é uma propaganda destes livros que pretendo fazer (e oxalá a fizesse, para que os nossos editores lhe imitassem o exemplo), e sim chamar a atenção para o fato do nosso adolescente preferir conviver com o jornalzinho do que com o livro. No bonde e dentro das pastas escolares o que mais se encontra é o folhetim com a história de quadrinhos ou de detetives, e quando se trata das meninas, as melosas histórias de impossíveis fidalgos caçando datilógrafas, ao em vez das pastoras dos contos de fadas.

A leitura pode ser dirigida e bem dirigida; orientada para um sentido de bom gosto e raciocínio e não por uma moral artificiosa que pretende ocultar o mal, diante das situações claras da vida de hoje; exemplifiquemos: numa escola de meninas é de uso corrente que se lhes dê apenas para ler os livros chamados de água com açúcar, ou literatura côr de rosa, taxando de imprópria, num drástico expurgo, obras imortais e belas da literatura universal, que nada têm de imorais e que apenas se referem a um ou outro aspecto mais sério da vida, na sua realidade e sem mantos diáfanos; estas mesmas meninas, a quem se quer conservar num impossível estado de inocência, assistem a todos os dramas de Gables e Gildas cinematográficas, mesmo naqueles que são rigorosamente proibidos para menores até dezolito anos. Por que admitir tão somente para a literatura o critério de censura absoluta? O livro de Erico Veríssimo — "Olhai os lírios do campo" que é condenado como leitura para as meninas-moças, transformado em cinema, foi visto e chorado pelas meninas-moças que não poderiam folheá-lo sequer. A incongruência é por demais flagrante para que insistamos ainda sobre ela.

Há uma enorme vantagem na leitura dirigida para o adolescente; como em outros setores, ele precisa ser orientado sobre o melhor caminho a seguir. Seria admirável, por exemplo, que as nossas bibliotecas dispusessem de explicadores argutos e cultos, que apresentassem os autores aos jovens que buscam a leitura como passatempo, e lhes fornecessem processos acertados de reler e reter; sugerir um autor e sua principal obra; crítica sobre esta mesma obra e biografia do referido autor; indicações para notas ou fichas que se deverá fazer; um roteiro para a poesia, para o teatro ou obras científicas; destarte um técnico em biblioteca seria algo mais que um catalogador ou um mero informante, mas um fator vivo de cultura.

E' muito bom que cada bairro possua o seu campo de esportes e seus clubes de dança, mas seria bom também que tivesse bibliotecas volantes, que disseminassem "livros, às mãos cheias", como queria o nosso Castro Alves. A Inglaterra é um país de desportistas, mas os ingleses são também ótimos leitores e homens que, por causa dos livros, sabem ser donos dos seus próprios narizes, ainda que existam Hitlers ou Mussolines.

ZOIA DE LAET



Inspirados nas modas antigas, os figurinistas de todo o mundo continuam criando modelos que sempre alcançam merecido sucesso pela sua originalidade. Um exemplo do que afirmamos são estes seis figurinos para passeio, que aqui apresentamos, inspirados em criação dos famosos desenhistas franceses. Estampamos também seis interessantes modelos de chapéus dos mais variados estilos.

Mauren O'Hara...

(Cont. da pág. 17)

um telegrama avisando-me que aguardasse um telefonema do agente às quatro horas da tarde. O telefonema era para comunicar-me que Charles Laughton me oferecera um contrato com a Mayflower Pictures. Recebi o contrato dias depois e o assinei. Estávamos na época das festas de Natal e passei o fim do ano me despedindo dos amigos e parentes, pois devia estar em Londres a 3 de Janeiro.

Maureen está cansada de falar, e eu a substituo. Chegando a Londres, a linda pequena irlandesa morou algumas semanas com uma tia, até que a sra. Fitzsimons (sua mãe) foi para junto dela. Maureen continuou a estudar canto e dança, aguardando que Laughton lhe desse algum papel. E somente em Novembro (depois de dez meses de espera, vejam bem!) Maureen recebeu a notícia de que apareceria em "Jamaica Inn" (A Estalagem Maldita). Lançado o filme, viu-se Maureen perseguida pelos caçadores de autógrafos e aclamada pelos presentes à "primeira" do filme. Tudo fazia crer que viveria em Londres por muito tempo. Por isso, arrendou uma casa por sete anos. Ficou nela apenas seis semanas, pois logo recebeu o principal papel feminino em "O Corcunda de Notre Dame". Fechou a casa e embarcou para os Estados Unidos, em companhia da mãe.

Nos Estados Unidos, Maureen foi submetida a rigorosos testes, dirigidos pelo diretor Will Price, daí surgindo um romance que culminou no altar, a 29 de Dezembro de 1941, estando Will já uniformizado para a guerra, como tenente de fuzileiros navais. Depois do magnífico desempenho em "O Corcunda de Notre Dame", foi Maureen assediada por Darryl F. Zanuck, que lhe ofereceu um papel em "Como Era Verde o Meu Vale", película premiada pela academia como a melhor do ano. Trabalhando inicialmente para a RKO, em "O Corcunda...", Maureen vem então dividindo as suas atividades entre aquela empresa e a 20th Century Fox. Maureen O'Hara já fez ao todo 18 filmes, destacando-se os três já mencionados e ainda "Dez Cavalheiros de West Point", "O Cisne Negro", "Sargento York", "Esta Terra é Minha", "O Pirata dos Sete Mares", "A Professora Se Diverte", "Sinbad, o Marujo", "Tu Voltarás, querida", "De Ilusão Também Se Vive" e "Débil E" a Carné (The Foxes of Harrow), este com Rex Harrison e ainda não exibido no Brasil.

Maureen O'Hara é hoje mãe de uma linda menina (tem a quem sair!), nascida a 30 de Junho de 1944, e batizada de Bronwyn, em lembrança do papel que a mãe fez em "Como Era Verde o Meu Vale".

Além de ser uma das mais belas atrizes de todos os tempos, Maureen é muitíssimo simpática e agradável. E' dessas criaturas com as quais a gente tem vontade de ficar a vida inteira, tal o encanto da sua personalidade. Fala muito baixinho, em voz rica e pausada, e tem um sorriso verdadeiramente cativante. Seus olhos são verdes, muito claros, e seus cabelos são ruivos, com tons dourados. E' uma criatura sereníssima, mas que sabe estourar como todos os irlandeses. E o motivo capital para um estouro dos bons é alguém usar de falsidade para com ela. Falsidade ou qualquer dos seus derivados.

Maureen não fuma, nem bebe e não gosta de usar pintura. Não faz vida noturna e é a grande defensora dos narizes lustrosos. Apesar disso, foi há pouco classificada entre as dez mais belas mulheres do mundo, num inquérito organizado por Billy Rose.

Conversei com Maureen O'Hara no "lunch" dos correspondentes estrangeiros que cobrem Hollywood, realizado no Roosevelt Hotel, onde foi feita uma das fotografias que acompanham esta reportagem.

O BOM CAIM

(Cont. da pág. 47)

que fazia pensar numa careta do esqueleto; o corpo se havia tornado anguloso e seus movimentos sugeriam, até nos mais inofensivos ademanos, idéias de violência; a tranquilidade infantil de sua fisionomia tinha sido suplantada por um franzir das sobrancelhas — visível e torturador esforço para concentrar o pensamento disperso ou fugitivo — que se resolvia num ricto, atrás do qual as duas filas de dentes brilhavam, apertadas, coléricas... Asseguro-lhe que quanto mais o contemplava, mais se arraigava em minha mente a idéia absurda de que aquele homem não era meu irmão; e era ele, sim, porém na nova criatura apagava e excluía tanto a de antes que, apesar da evidência, a dúvida persistia, me obcecava. Até a voz, que o senhor diz que apenas muda, era outra. A ele o senhor não teria reconhecido, padre! Era uma voz sombria, rasgada às vezes por alguma coisa metálica... uma dessas vozes que só sabem mandar ou zombar. Depois, ao vê-lo comer, melhor dizendo, beber, compreendi que o demônio do álcool lhe havia roubado todas as doçuras: a da voz, a dos olhos, a da alma...

O almoço foi para mim um potro de tormento. Dava-me pena que a criada, tão servicial, discreta e afável, notasse aquela tensão de mal-estar. Sentia remorso por não estar alegre, medo de que minha inquietação proviesse do egoísmo de ver perturbada minha vida, misticamente suave, pela chegada dele. Sua maneira de comer, a fre-

quência de suas libações e o modo lento de saborear e vinho depois de haver levantado o copo para contemplá-lo contra a luz, enquanto u'a mancha de cor grená dançava sobre o guardanapo; seu modo seco de pedir as coisas... quase tudo nele — me acuso, padre, me repugnava.

Esforcei-me em ser amável; em lhe dar razão, em prevenir seus desejos, para evitar qualquer pretêxto de desavença. e, no entanto, me sentia dominado, tiranizado pela sua vontade; quanto a ele parecia tão indiferente ao meu sofrimento como pode estar o gavião que vê adajar o pássaro antes de cravar-lhe as garras. Meu desejo mesmo de evitar todo choque impedia-me de estar como sempre. Até evitava cruzar o olhar com o da criada, que nos servia com desacomumada lentidão... Estou insistindo muito, padre, não é verdade? Porém é necessário... Todos os detalhes têm importância.

Ao erguer uma das vezes o copo, derramou o vinho, e para secá-lo não achou nada melhor do que arrancar uma das páginas de um exemplar de «Os nomes de Cristo», para pô-la entre a toalha e a mesa. Se o senhor soubesse como eu gostava daquele livro! E apesar disso não lhe disse nada, nada... Quando olhou para mim, até lhe sorri com hipócrito sorriso de cobardia, de adulação... Ah, posso, sem hipérbole, dizer que comeu de minha carne e bebeu de meu sangue!... Meu horto das oliveiras estava perto... Afinal terminamos, e me disse: — Sonho que despacharás essa velha preguiça.

— Não sai da cozinha se não for chamada; é mulher de bem.

— As mulheres de bem, para um pouquinho de mal e depois a uma légua... As palavras se ouvem e as coisas se vêem até quando não se é curioso; assim, manda-a embora esta tarde.

— Afirmando-te que...

E, como a criada entrasse naquele momento, acrescentou, dirigindo-se a ela:

— Ouça, minha boa senhora. Meu irmão está dizendo que sala, agora mesmo, para procurar a comadre com quem mais tenha que falar. Sabe? Quando for assim coisa de oito horas esteja aqui...

Eu nada disse; as palavras se geraram na minha vontade, porém não nasceram em minha boca. A pobre velha vestiu-se, olhou-me resignada e se foi.

Da porta, enquanto ele passeava dentro, detendo-se de vez em quando diante da garrafa de conhaque, eu a vi abrir a grade do jardimzinho, voltar-se para mim, afastar-se pelo caminho. E, ao vê-la desaparecer, senti uma angústia em todo o meu ser, uma ansia infinita e pueril de chamá-la a gritos, de suplicar-lhe que não me desamparasse... Ai! quando o coração, que tão poucas vezes nos fala, clama assim, não deveríamos jamais deixar de escutá-lo! Porém fiz um esforço de vontade e escutei somente a inteligência e a razão, que tudo farejam orgulhosamente e que não sabem nada, nada... nada!

Voltei para perto dele e ele me disse:

— Senta-te e ouve sem me interromper. Trago ali um invento que, se o completarmos, pode transformar o mundo... E' um invento de guerra, é claro.

— Já não me agrada — repus eu.

— Não fazemos o que nos agrada, mas o que podemos... Ouve primeiro a parte interessante, que depois teremos vagar, se teimas, em perder tempo com a questão da moral. A idéia geradora me ocorreu lendo um romance; ouvi dizer que os carros de guerra foram, não somente sugeridos, mas até descritos há tempos por um escritor, e me pus a ler as obras dele... Acabava de passar por uma crise quase de delírio, tinha saído do hospital sem um centimo, e como o outono por lá é apertado, me metia na Biblioteca Pública para me abrigar e para ler. Não perdi o tempo, já verás; no romance se tratava de um raio ardente, ante o qual toda resistência era inútil. A coisa não era de todo original, pois as naves queimadas pelos espelhos ustórios, sem ir mais longe, podem considerar-se como precursoras; porém o que era de fato original era o pensamento de um dispositivo, espécie de refletor, cujo feixe possuísse quantidade infinita de calorías... Os efeitos do aparelho dos marcianos — eram os habitantes de Marte os criadores de tal prodígio — me pareceram no princípio excessivos, e pensei em alguma coisa elétrica que, reproduzindo a distância certas condições técnicas, fizesse voar os explosivos, destruindo, com suas próprias armas, ao exército adversário... Depois de muito trabalhar pus de lado a idéia e voltei ao que aparentemente era mais difícil: a realizar o refletor, cujo raio, a modo de uma foíce de fogo, segasse toda vida orgânica.

— E o conseguiste?

— Sim e não; se estou aqui é porque não o consegui de todo. Já vês que sou franco... Espera e verás até onde pude chegar.

Abriu a mala, retirou uma caixa da qual partiam dois fios que se enroscavam em torno duma haste tubular, armou com arames uma espécie de couraça semelhante à dos canhões ligeiros, recoberta de amianto, e se largou para fora de casa. Eu o seguia consternado, atônito. Já no horto, colocou a caixa em terra, desenrolou os fios, armou diante de nós a tela e, focando para os lados do canto do horto o cilindro metálico, me ordenou:

— Abaixa-te sem medo, encaixa essa manivela no lugar e dá-lhe uma volta depressa.

Obedeci, padre, e no entanto me crispo de horror ao lembrá-lo. Subitamente, num ademã parecido — e quão diabolicamente contrário! — ao de um semeador, moveu a mão que sujeitava o tubo; e sem que percebesse luz nenhuma, vi a relva mudar de cor, retorcer-se, crepitar e me chegaram, fundidos, cheiros de penas e de carne queimada. Foi só um segundo... Quando afastou a co-

berta protetora pude medir por completo o estrago: um grande trecho dos canteiros estava negro, a água se evaporava da fonte e dentro do galinheiro ardiam as madeiras junto às pobres galinhas convertidas num montão de despojos carbonizados.

O pavor não me deixava falar. Sorrindo — com aquele sorriso! — me disse:

— Já vês até onde cheguei. Agora é tua vez; é preciso prolongar a duração e, sobretudo, fazer que o que agora chega a dois metros alcance quilômetros, léguas... Vamos, para dentro, para que vejas os cálculos.

Recolhemos tudo e, equivocando-se, sem dúvida, ao interpretar meu silêncio, me perguntou:

— Não é verdade que a coisa valia a viagem?

— E' terrível... terrível!

— Terrível e magnífico. Poupará muita dor, e quem sabe se até muitas vidas... Tu, que és moralista, podes consolar-te com a certeza de que se o progresso das ciências naturais não o alcança, não será a filosofia que termine com as guerras, que só acabará quando a excessiva facilidade de exterminar dê ao homem um novo sentido de sua vida e da vida dos outros.

— Oh, não! — protestei.

— Ora!... Cajal afirma que nada permite prever uma troca nas células nervosas, capaz de modificar os instintos humanos; e que por muitos séculos o homem do vale odiará ao da montanha e todos aspiraremos a dominar e estremecermos como feras com o bafo incitador do sangue.

Eu não achava palavras para responder a este pessimismo funesto, porém razões. Em minha alma se ia plasmando a resistência, a resolução de não colaborar naquela obra demoníaca. Ignorava quando essa resolução iria transformar-se em atos; mas estava certo de que falaria, de que agiria no final... Sentei-me junto dele, escutei a explicação técnica do aparelho, passei muito tempo em verificar os cálculos e, de repente, com uma superlucidez, não sei se divina ou malféica, que precipitou tudo, a chave do problema apareceu em meu espírito. Sim, era possível, era fácil, era certo, prolongar o raio maldito e levar longe a destruição impune!... Padre, o senhor compreende? O enigma terrível estava resolvido... e tive medo de que ele me fosse perceber isso nos olhos, no tremor da voz. E uma valentia inesperada serenou meu ser e pus nos meus lábios as palavras precisas:

— Não só não quero ajudar-te — disse a ele — como te conjuro a destruir agora mesmo este aparelho e estes papéis, em nome de nossos pais mortos, em nome de todos os homens, em nome de tua consciência e de teu dever para com Deus!

Algo solene deve ter visto em mim, porque não sorriu como antes: o rosto se lhe contraiu e depois de um breve silêncio replicou:

— Esse sermão significa tua última resposta? Pensaste nisso a fundo?

— Pensei e, sobretudo, o senti. E' minha última palavra.

— Bem. Perdi a viagem e precisarei de mais tempo. Que vamos fazer!... És senhor de renunciar por negócios escrúpulos à riqueza... Não falemos mais disso. Faze-me o favor de emprestar-me algum dinheiro, não importa quanto, e nos separaremos.

Fiquei um pedaço em silêncio; ele me observava talvez com a esperança de que a atração que todo grande problema exerce sobre os investigadores triunfasse de meus princípios éticos. Para fazê-lo compreender seu erro, tirei dum armário dinheiro e o pus sobre a mesa. Enquanto o fazia, uma voz impossível de rebater me dizia na consciência que não podia deixar que ele fosse embora, que meu irmão ia ser o Caim dos demais homens, o mensageiro trágico da dor e do extermínio, que a pavorosa solução, viva já em mim, poderia também revelar-se a ele...

Durante um desses minutos cheios de eternidade senti o dever de não deixar desencadear-se uma potência de Satã por sobre a terra, e a inutilidade das palavras, das súplicas. Ele deve ter suspirado quanto passava pela minha alma, porque recolheu os cadernos e os guardou depressa no peito. Eu lhe disse:

— Dá-me esses cadernos!... E' preciso queimá-los agora mesmo.

E ele, apoiando-se na parede e levando uma das mãos ao cinto, replicou:

— Não te apro-imes!... Digo-te que não se aproximem!... Deixa-me sair.

E pretendeu encaminhar-se para a porta que eu estava obstruindo. O encontro foi terrível, tremendo. Eu só queria os papéis; porém era impossível tomá-los sem lhe fazer mal. Duas vezes rodamos por terra, encarnicados, arquejantes. Ele não falava, rugia, e numa das perpécias da luta senti cair de meu ombro uma coisa quente, espessa, sem dúvida excitante, porque ele deu um alarido. Era verdade; o sangue enlouquece, padre!

Ao sentir-me desfalecer, multiplicaram-se minhas forças, e pude tomar-lhe a navalha; mas ele era já uma fera, e me acometia com as mãos, com os dentes, com tudo... Eu fazia esforços infinitos para não me contagiar com a ira dele, para só me lembrar de minha missão... Juro-lhe que pensava em Deus, que estava quase sereno, e que, quando, por fim, tive o pescoço dele entre meus dedos, compreendi com lucidez fria e dolorosa que era preciso imolar o irmão, filho de meu pai e de minha mãe, para salvar aos milhões de irmãos desconhecidos que, se eu fraquejasse naquele segundo, iam ser assassinados, carbonizados, em multidões indefesas...

Padre! Está repousando no jardim, na fossa cavada por minhas mãos! Enterrei-o com uma dor imensa, sem

A vida de Swedenborg

(Cont. da pág. 40)

mundo é um processo contínuo — uma constante interpenetração e impregnação pelo mundo espiritual. A alma do indivíduo — e do universo — está sempre a unir-se com o corpo em sabedoria e amor. Pudéssemos usar os olhos do espírito, e veríamos que a sabedoria e o amor são as vigas de aço que sustentam o edifício da existência, e que os materiais deste mundo são meramente as nuvens de vapor que escapam da chaminé. «Essa é a verdade da vida».

E assim o honesto filósofo deixou o seu corpo e «enveredou pelos corredores da verdade».

V

Da metafísica do universo, Swedenborg passou à teologia dos céus. Escreveu uma série de livros que fizeram brilhar mais viva a imagem de Cristo na consciência do homem.

O Senhor, declarou ele, aparecera-lhe em uma das visões e lhe dera ordem de reinterpretar a significação de Sua Palavra tal como ficara registrada na Bíblia. E depois que a «luz espiritual» abriu suficientemente os olhos de Swedenborg, este pôs mãos à obra.

«As escrituras têm uma significação espiritual, assim como um sentido literal». Pois se refere tanto ao mundo espiritual como ao material. Até o presente, a Igreja tomou-lhe ao pé da letra as prescrições e cronologia. Mas as narrações da Bíblia, construídas como o foram com os materiais do tempo e do espaço, do fogo e da terra e da carne, são apenas a maneira divina de expressar a Verdade Eterna das esferas imateriais. Por exemplo, a narrativa do Génesis é simplesmente a figuração carnal de uma idéia. Os seis dias da criação representam as seis fases «pelas quais o homem chega ao conhecimento e ao amor, e completa a imagem de Deus». Os primeiros seres criados pela mão de Deus foram os peixes e as aves. E essas criaturas simbolizam o primeiro grau da vida espiritual, em que a fé predomina. Os animais criados a seguir, representam o estágio da vida espiritual em que a força ativa é o amor. Finalmente veio o homem, o remate da criação, a alma regenerada que encerra não só a fé e o amor, mas também a compreensão. Igualmente, a Árvore do Conhecimento, do Jardim do Éden, não deve ser tomada em sentido literal. É a representação da ciência mundana e do prazer sensual. «Esta espécie de alimento é perigosa à vida superior do homem».

Do mesmo modo, sustentava Swedenborg, muitas doutrinas da Igreja deviam ser submetidas a nova interpretação. Corajosamente, procurou fazer retornar a religião à simplicidade primitiva. Discutiu particularmente a doutrina literal da Trindade. «Jesus, longe de ser o Filho de Deus e a segunda pessoa da Trindade, é o próprio Deus, o Deus único, e exprime em sua pessoa toda a Trindade». Swedenborg impugna a doutrina calvinista da predestinação, e declara que a salvação do homem não está na «fé», mas no caráter, e no empenho sincero de praticar o bem. «A vida que leva ao céu não é a vida de afastamento do mundo, mas a de ação no mundo... A vida só de devoção, sem caridade... nos aparta do céu, em vez de conduzir a ele, como vulgarmente se crê». O homem deve levar uma existência de ação na sociedade, e não uma existência de reclusão e prece. A concepção popular sobre as relações entre Deus e o homem, declara Swedenborg, é falsa. Não se trata de uma drama aparatoso, representado no tempo e no espaço, e sim de um discreto entrelaçamento do espírito humano com o divino. Mas Deus não procura atrair o espírito humano para o céu. «Essa concepção é um conto de fadas». É o estado da vida interior de um homem que constitui o céu para ele. O céu está dentro de

nós, e não fora de nós. «Ninguém irá para o céu se não tiver recebido o céu no coração».

O céu, em suma, é um estado constante de amor ativo. «O amor é vida; a vida é amor; o amor é a própria vida de cada homem». Esta espécie de vida-amor é indestrutível, sobrevive à própria morte, assim como o sol brilha sobre os outros planetas, sobrevivendo às flutuações da nossa reduzida atmosfera, que o subtraem temporariamente à nossa vista. O corpo da vida é heliotrópico — isto é, está sempre voltado para o sol. Todos os revestimentos, vagens e casulos que protegem as sementes da vida penam irresistivelmente para a luz, até que essa cobertura exterior se resseca por fim ao excessivo calor material. Então emerge da casca a essência interior amadurecida, como o grão dourado do trigo. O grão do espírito vive num campo exterior ao tempo, e não pode ser destruído pelos ventos, chuvas e calores. E Swedenborg, mergulhando a pena num poço de ternura, começa a descrever essa «vida ulterior» — o mundo imortal da alma humana.

Durante anos, conta ele, comunicou-se com os espíritos dos desaparecidos, assim como nós nos comunicamos à mesa com os vivos. E travou íntimas amizades com os mais ilustres «mortos» que existiam. Todos o inteiraram de muito bom grado da maneira como se davam com a nova vida.

«A morte é apenas a continuação da vida». Não é nem a inversão, nem a cessação da nossa existência atual. Na verdade, em nada difere da nossa atividade terrena. Com um encanto peculiar, Swedenborg relata como, tendo dito a alguns espíritos amigos que muitas pessoas na terra duvidam da existência futura, os espíritos se surpreenderam com tal ceticismo. E então recordaram que também tinham pertencido ao número dos céticos, na terra. «Que pueril estupidez a nossa em não reconhecer a certeza desta vida ulterior!».

Swedenborg passa então a uma descrição minuciosa dessa vida ulterior do espírito humano. «Medeia apenas o espaço de alguns dias entre a morte do corpo e a entrada do homem no outro mundo». Assim que o homem perece corporalmente, «é conduzido a um certo estado intermediário entre o sono e a vigília, e quando se acha nesse estado, não pode saber senão que está inteiramente desperto; tem todos os sentidos tão alerta quanto na mais completa vigília do corpo: assim a vista como o ouvido e, o que é extraordinário, o tato, o qual se revela mais delicado do que se poderia imaginar na vida do corpo»... Logo o novo espírito, afazendo-se gradualmente ao seu meio, experimenta a primeira grande surpresa. Pois o mundo em que se encontra difere tão pouco do mundo que ele acaba de deixar, que «muitos se recusam a crer hajam realmente morrido». O espírito recém-chegado se acha na posse de um corpo semelhante ao que deixou na terra; encontra as mesmas espécies de pessoas, e vê em torno de si os mesmos objetos e cenas com que estava familiarizado no mundo. «Goza com efeito, de uma existência verdadeira, real».

Mas há uma diferença essencial. Os seus sentidos estão muito mais despertados, mais vivos. «Cumprir tomar o cuidado de não dar crédito à opinião errônea de que os espíritos não possuem sensações muito mais sutis que durante a vida do corpo... Os espíritos não somente possuem a faculdade de ver, mas vivem numa luz com a qual não se pode comparar a luz meridiana deste mundo... Desfrutam igualmente a faculdade de ouvir, mas em grau tão perfeito que excede sobremaneira a audição que tinham em vida... Seus desejos e afeições, além disso, são incomparavelmente mais fortes que durante a vida do corpo... Em uma palavra, o homem não perde nada ao morrer, mas permanece homem sob todos os aspectos, embora mais perfeito

que durante a existência no corpo».

Não só leva consigo os sentidos, mas as opiniões, preconceitos e hábitos, e toda a mentalidade que lhe foi dada pela educação no mundo anterior. Muitas almas nobres, por exemplo, esperavam poder conversar com os maiores sábios de todos os tempos a respeito da bemaventurança celestial. E têm satisfeito o seu desejo. São apresentados aos antigos filósofos e pensadores da raça humana, e podem conversar com eles até descobrir que estão um tanto enfiados do prazer concedido e pedem licença para retirar-se. Outras almas piedosas foram levadas, na terra, a crer que o céu é um lugar «onde as congregações nunca se dissolvem, e as celebrações dominicais não têm fim». A esses espíritos é permitido entrar num templo e cumprir os seus ritos religiosos pelo tempo que quiserem. «A princípio, ficam em êxtase; mas, depois de longo período de devoções, o seu fervor começa a declinar — alguns cabeceiam e dormem, outros bocejam, ou clamam por sua liberação, e todos se mostram cansados do excesso de práticas piedosas».

Por fim o espírito aprende a conhecer a verdadeira natureza do paraíso. «É o prazer de fazer algo útil para si e para os outros». De vez em quando — observa Swedenborg — um espírito, ao ouvir isso, exclama aturdido: «Mas não é a principal finalidade do homem glorificar a Deus, gozar a Sua presença eternamente?». «Com efeito», respondem os anjos. E passam a explicar que a «glorificação de Deus» consiste em algo mais que «cantar salmos». Compreende o germinar dos frutos do amor — isto é, a execução diligente, fiel e sincera do trabalho a que cada um se adapta melhor... Pois nisso está o amor de Deus, e o amor do próximo: é esse o liame da sociedade, e o seu bem».

Todo esse trabalho de orientação do espírito recém-chegado, continua Swedenborg; efetua-se num estado intermediário entre o céu e o inferno. Pois o homem tem de ser julgado antes de partir definitivamente para uma das duas regiões. Entretanto, «é errônea a concepção de um Dia de Juízo, em que a alma é submetida a julgamento diante de uma Intuição». Na realidade, não há nenhum tribunal, nem atmosfera policial. Os «anais da vida de um homem» são apresentados a este, e recordados todos os atos da sua existência anterior. Ele é o seu próprio juiz e testemunha. E escolhe por si mesmo o lugar onde passará os dias futuros. «O Senhor não lança ninguém no inferno; mas os espíritos que ingressam no outro mundo com as suas disposições perversas anteriores — explica Swedenborg — gravitam naturalmente para o inferno de sua preferência pessoal, visto que só ali encontram o ambiente e as companhias que lhe agradam». Com frequência é permitido a um espírito mau entrar no paraíso, se assim deseja; mas, não podendo suportar-lhe a pureza, precipita-se espontaneamente no inferno. Ademais, os espíritos maus não são castigados pelas ações más que praticaram na terra, mas antes porque, tendo sido finalmente esclarecidos com um resumo das suas faltas e uma explanação do bem, e tendo-se-lhes dado a escolher o seu caminho futuro, ainda persistem no mal. Não há nada «mesquinho» na punição divina. «O Senhor nunca envia ninguém ao inferno; ao contrário, deseja tirar a todos de lá. Tampouco encoraja os tormentos; mas, uma vez que o próprio espírito se precipita neles, o Senhor extrai até dos castigos e torturas algum benefício».

A punição da alma, assim como a sua recompensa, é distribuída de conformidade com a lei divina da clemência. «A clemência do Senhor se estende a todos e a tudo... Ele se compadece da condição daqueles que permite sejam castigados — do mesmo modo como se compadece daqueles a quem permite desfrutar a bemaventurança. Pois todos os homens são criaturas frágeis, qualquer que seja a sua temporária morada. O

anjo afortunado não vê com desprezo o demônio infeliz. Antes, murmura ao contemplar o abismo: «Lá, não fosse a graça de Deus, estaria eu também. E vai ainda além da simples piedade. «Quando os perversos padecem o castigo, sempre estão presentes anjos que lho regulem, e suavizem as dores»...

Então, com um traço de consoladora piedade cristã, o místico sueco prossegue: «Todo mal tem o seu limite — mesmo no inferno». Os pecados são constantemente impedidos de lançar-se em mais profundos abismos de maldade que os que lhe couberam na terra. «Pois uma lei dispõe que ninguém deve tornar-se pior do que foi no mundo».

Inútil é dizer que este São Francisco sueco encontrou um lugar no céu para todos os homens de boa vontade, sejam ou não sejam cristãos. «Não se conhece no céu nenhuma passagem das Escrituras que se refira a (discriminações entre) pessoas, nações ou povos; lá os anjos absolutamente não se preocupam com a personalidade de Abraão, Isaac ou Jacob, e não vêem entre judeus e gentios outra diferença que a de qualidades humanas».

Todas as crianças, batizadas ou não, são imediatamente mandadas para o céu ao morrerem, e ali criadas pelos anjos. E, passado o período de preparação espiritual, todos os homens e mulheres bons gravitam para aquela paragem abençoada. Swedenborg descreve a «cena celeste» com a segurança duma testemunha ocular. Pois «foi-me permitido entrar lá quatro ou cinco vezes». O céu, em sua forma total, é Um Homem — o Senhor. Cada sociedade de anjos desempenha a respectiva função como parte de Seu corpo, assim como o coração, os rins, os vasos sanguíneos e as fibras musculares desempenham cada um o seu papel na conservação da vida e da saúde do corpo humano. É realmente um paraíso muito humano o que Swedenborg nos apresenta — humano em grau sublime. O novo espírito entra a esse paraíso — isto é, à última fase do seu desenvolvimento — na posse de suas melhores faculdades e mais puros desejos. O rosto e o corpo assumem os contornos correspondentes à bondade do espírito. E, uma vez chegado ao céu, experimenta uma agradável surpresa após outra. Descobre, não somente que o amor conjugal é praticado entre anjos masculinos e femininos, mas que marido e mulher, quando se amaram profundamente na terra, são reunidos em matrimônio celeste. «O amor sexual é a energia mais pura da condição divina». Em seu amplexo, os casais enamorados «formam um só Anjo». Mas se marido e mulher não foram felizes na sua união terrena, recebem permissão de seguirem cada um o seu caminho no céu e procurar companheiros mais satisfatórios. «Na vasta coletividade do céu, tanto o marido como a mulher hão de encontrar companhia adequada». Pois os espíritos atraem uns aos outros, com suas formas, fisionomia e coração, pela semelhança de qualidades. E tudo o que o coração pensa, no céu, revela-se no aspecto exterior. É impossível a uma cabeleira dourada ocultar uma língua viperina.

Nesta nova «terra dos anseios do coração» — declara Swedenborg — o amor nunca termina. Não é demarcado pela passagem das estações, ou pelas rugas da idade. Não existe no céu a noção do tempo, «mas unicamente mudanças de estado». As estações, nesse arcano sagrado, são caracterizadas pelas disposições do coração. Quando este se acha contente, é primavera e alvorecer; quando está triste, é inverno e noite. Tampouco existe no céu a noção de distância ou espaço. «Quando alguém viaja de um lugar a outro, chega mais depressa se deseja ir, e tarda mais se não tem vontade de chegar». Só a vontade do coração amante pode trazer para junto de si o amado, através dos marcos miliares do infinito.

(Conclui no próx. núm.)

O BOM CAIM

(Continuação da pág. 40)

remorso, e o beijo na fronte antes de cobri-lo. Ninguém ainda sabe disto; porém todos o saberão por mim mesmo quando eu sair daqui, pois não fujo a pagar minha dívida

à justiça falível dos homens. Mas antes, padre Sebastião, quero ter, por mediação sua, que tem sido a imagem tutelar de minha vida, uma antecipação da justiça sempre justa de Deus.»

...

Quando o porteiro leigo, alarmado com a duração da visita, se atreveu a entreabrir a porta da sala, já era

muito tarde, e nas reixas das janelas azulavam clarões tênues, em vez das raíais inquietas e douradas da poeira ao sol. A escuridão e o silêncio fizeram-no a princípio pensar que, apesar de sua vigilância, o padre Sebastião e a visita tivessem saído. Porém, quando seus olhos conseguiram penetrar na penumbra, pôde ver um corpo agitado por soluços mudos, sobre o qual u'a mão descarnada, quase luminosa, traçava o sinal da cruz.



Marguerite Chapman
Estrêla da Columbia,
no Filme
"Águas Sangrentas"



Ostente também o orgulho de sua Beleza...
com MAX FACTOR HOLLYWOOD!

Seja qual fôr o seu tipo:

louro, moreno, castanho, ruivo, com

MAKE-UP EM HARMONIA DE CÔRES,

a sensacional criação de Max Factor Hollywood,

Você acentuará ao máximo,

a expressão e a beleza de seu rosto.

Usando PÓ, ROUGE, BATON e PAN-CAKE,
nas tonalidades que melhor se adaptem ao seu tipo,

Você poderá se orgulhar também
da perfeição de sua beleza, idêntica à das
belas Estrêlas de Hollywood!

Os produtos Max Factor, apresentados em
embalagens originais americanas, são o
segredo da beleza sempre jovem das
estrêlas da tela. Experimente este
sensacional make-up, hoje mesmo, e ostente
também o orgulho de sua beleza.

*Max Factor
Hollywood*

PARA CONHECER A SUA HARMONIA DE CÔRES INDIVIDUAL PREENCHA E REMETA O CUPOM

MAX FACTOR MAKE-UP STUDIOS

Caixa Postal 2775 — Rio de Janeiro

Sem compromisso, queiram remeter mi-
nha análise de pele e ficha de Make-up em
Harmonia de Côres, por Max Factor e o seu
folheto ilustrado: "A Nova Arte do Make-up
de Sociedade".

Nome

Endereço

Cidade

Estado ou País

Marque o coupon CUIDADOSAMENTE

CABELO

PELE

OLHOS

LOURA

CASTANHA

MORENA

PELE: Saca

PELE: Oleosa

PELE: Normal

PELE: Seca

PELE: Oleosa

PELE: Normal

PELE: Seca

PELE: Oleosa

PELE: Normal

PELE: Seca

PELE: Oleosa

PELE: Normal

PELE: Seca

PELE: Oleosa

PELE: Normal

PELE: Seca

PELE: Oleosa

PELE: Normal

A VENDA NAS CASAS DO RAMO

ROSSINI despendeu treze dias para aprontar uma partitura que vestiu, com elegância, espírito e malícia, o libreto extraído por Sterbini de uma peça de Beaumarchais. E assim deu à luz, num "record", o Barbeiro de Sevilha. Ganhou, pelo seu trabalho, mil e trezentos francos e deu-se por satisfeito, pois, fazendo as contas, verificou que recebera cem francos por dia. E não escondeu os motivos de sua satisfação: "Meu pai tocava tuba em Pesaro e ganhava dois francos e meio por dia." O que preocupava Rossini eram as cantoras. Ah, a prima dona!... suspirava ele. Tinha razão. No próprio contrato do Barbeiro de Sevilha figurava a seguinte cláusula: "O maestro Rossini se obriga a adaptar a sua partitura à voz dos cantores, fazendo nela, quando preciso, todas as modificações necessárias, tanto para uma boa execução da música, como para as conveniências e exigências dos srs. cantores". Tão importantes eram os intérpretes que, até hoje,

Maria Malibran, no papel de Desdêmona, no "Otelo", de Rossini.



ESPLendor MEDIEVAL NA...

(Continuação da pág. 28)

como pelas curvas brucas, exigindo cavaleiros muito experimentados. Os vencedores são, por isso mesmo, festejados com homenagens especiais. Mais de um cavaleiro tem perdido a vida em acidentes nessa corrida famosa, mas isso jamais desencorajou a apresentação de novos concorrentes. Depois da corrida, continuam as celebrações, que só se encerram noite fechada, com luminarias e foguetes, bem como com o alegre dobre de todos os sinos. São famosos os fogos de artifício de Siena, cidade de santos e de artistas, sacrário de velhas tradições medicvais carinhosamente conservadas até hoje.

FILHO E PAI

(Continuação da pág. 32)

borrões negros de terras longínquas: e a quilha cortando água oferecia-nos, na espessidão do silêncio, uma intensa nota de vida.

Enfim, chegáramos. Fomos bem recebidos pela família do coronel Brício, chefe político local, constituinte de meu amigo. Acusado de crime de morte, o

coronel mantinha-se tranquilamente em casa, enquanto do livro de assentamentos da cadeia constava a sua reclusão. Como fosse coisa de meio-dia, não tardou que um vasto almôço povoasse a mesa do anfitrião — mesa patriarcal, muito longa, cuja cabeceira só por alta distinção o homem cederia a alguém. Cedeu-a, nesse dia, ao jovem advogado. A família do chefe, só por si, era um mundo: além da mulher e ampla filha-rada — pai, irmãs, netos, vários sobrinhos, primos... Mas outras muitas pessoas tomavam parte no banquete: o promotor, o juiz municipal, o engenheiro da estrada de ferro, o sub-delegado de polícia, o carcereiro, soldados de lenço vermelho ao pescoço, a farda displicentemente desabotoada... E a casa apinhada de gente à espera de novas mesas. Outros soldados se espalhavam pelas salas, pelo corredor, quase todos de chapéu à cabeça, numa familiaridade insolente, que o coronel não permitia a mais ninguém, e se a eles permitia era porque precisava dos seus serviços. Em vez do cáqui habitual, trajavam brim pardo, suas fardas semelhantes às dos bandidos, para destes não se distinguirem, na caatinga. Eram da força que combatia Lampião.

A conversa fragmentava-se em grupos. O coronel seria julgado à tarde. A certa altura, diante de meu amigo, que lhe monopolizava quase a atenção, assumiu um ar patético:

— Ah, doutor! Eu só sinto é uma coisa neste mundo: é ser acusado por um crime que não pratiquei. Mas Deus está vendo.

Olhei para a vítima. Nem uma contração na face terrosa. Uma iluminada, uma

MÚSICA

AS AVENTURAS DO BARBEIRO DE SEVILHA — TREZE DIAS, TREZE SÉCULOS — A CALÚNIA — TRABALHAR? EU NÃO! QUEM DEVIA ESTAR MORTO...

De ROBERTO LYRA FILHO

temos ouvido o Barbeiro de Sevilha com um soprano ligeiro no papel de Rosina, que Rossini destinou a um contralto. Tão arraigado é o hábito de recebermos a "Una Voce Poco Fa" transformada em ginástica vocal de alguma rival dos canários belgas, que, quando Jennie Tourel resolveu oferecer ao público americano um Barbeiro de Sevilha exatamente como Rossini o concebera, causou verdadeira sensação e foi muito comentada a sua "audácia".

TREZE DIAS, TREZE SÉCULOS

Pronta em treze dias a partitura, certamente, atingirá os treze séculos sem envelhecer. Tal é o seu brilho que obscureceu todas as outras óperas de Rossini. O próprio mestre o reconheceu quando, ouvindo alguém elogiar o Guilherme Tell disse: "Ora, o Guilherme Tell poderia ter sido composto por um outro qualquer, mas o Barbeiro de Sevilha, este, nem o Padre Eterno conseguirá superar! Bertú, que registra essa observação, conta, também, que, na estréia de Otello, um amigo de Rossini estranhou que, na marcha fúnebre do enterro de Desdêmona, o compositor houvesse utilizado o motivo da "calúnia", do Barbeiro de Sevilha. Manifestando seu espanto, recebeu do maestro a seguinte resposta:

— Ora, ora, meu amigo. Pois Desdêmona não morreu caluniada? Neste episódio Rossini revela, ao mesmo tempo, os dois traços principais de seu caráter: bom humor e preguiça... Além disso, compreende-se, conhecendo este caso, como toda sua obra foi dominada pelo Barbeiro de Sevilha.

TRABALHAR? EU NÃO!

Sobre a preguiça de Rossini correram muitas lendas. Para nos restringirmos aos fatos, lembremos, somente, que o Guilherme Tell dormia, havia anos, nas gavetas de Rossini, que não sentia disposição para o trabalho, quando o crítico Maurice publicou, no Courier des Théâtres, a seguinte notícia: "Consta que foi, finalmente, plantado, na América, o mogno, que fornecerá a madeira para a fabricação do piano que será oferecido ao maestro Rossini para

cristã serenidade de mártir. As filhas moças (o advogado começava a deitar olhares ternos sobre uma delas), a mulher, os meninos, todos, atraídos pelo conteúdo e tom das palavras do homem, todos o fitavam. E o pobre repetia, os olhos para o teto de telha vã, em demanda do céu:

— Mas Deus está vendo.

Entretanto — talvez ali ninguém o ignorasse — não era falsa a acusação. O coronel não fizera o serviço, porém, mandara-o fazer, «serviço bem feito».

O júri principiou à noite, à luz de placas de querosene. Demorou muito: o escrivão arrastava as palavras com enorme esforço, topando a cada sílaba, quase caindo ao peso da carga. A acusação foi rápida e camarada. Na defesa, meu companheiro ocupou-se algum tempo da euforia que a viagem lhe causara, deitou razoável erudição sobre o São Francisco, o «Nilo brasileiro», que, como o rio histórico, «deixa pelas terras ribeirinhas, quando das cheias, o mesmo limo fecundante, abençoado, sementeiro da fartura nos lares e da felicidade nos corações»; que, «como o imenso e sagrado rio de tradição milenar, muda de coloração nas diferentes épocas do ano». Da imaginação do advogado saiu um São Francisco azul, um São Francisco vermelho... — não ficando nesse particular o nosso rio abaixo do seu émulo estrangeiro. Falou também do crime. Pelo fim da peça — curta e de muitíssimo efeito — um baque estremeceu a sala estreita, o assoalho gretado e cuspid, e fez oscilar vagamente a chama dos candieiros: caíra do bolso do paletó o revólver que o réu trazia. Mas um silêncio de com-

que ele possa, então, começar a compor a música para a ópera Guilherme Tell"...

QUEM DEVIA ESTAR MORTO...

Se, porém, Rossini sabia se poupar, evitando esforços inúteis e fatigantes, não poupava a ninguém. Tinha sempre na ponta da língua uma réplica espirituosa e, em geral, ferina. Padovan relata que, por ocasião da morte de Meyerbeer, um sobrinho deste compôs uma marcha fúnebre dedicada ao tio e enviou-a a Rossini, para que desse sua opinião sobre a música. Rossini não se recusou:

— Escute: deseja, realmente, ouvir a verdade?

— Claro!

— Promete que não ficará zangado?

— Absolutamente.

— Pois, meu amigo, eu, francamente, preferiria que o morto fosse você e a marcha fúnebre fosse composta por seu tio... E, depois, acrescentou, com um sorriso:

— Uma questão de amor à arte musical, simplesmente. Desculpe... Em outra ocasião, registra E. Gherard, Rossini se achava na residência de uma senhora da alta sociedade francesa. Um círculo de amigos e admiradores cercava o maestro e conversavam, todos, amavelmente, quando alguém lembrou que a dona da casa "tinha uma bela voz" e pediu-lhe que cantasse uma ária da Semíramis. A boa senhora, conhecendo bem Rossini, sabia quanto ele era impiedoso na crítica, especialmente quando alguém se aventurava a interpretar uma obra sua.

— Tenho receio... confessou ela ao maestro.

— Receio? indagou ele.

— Sim... Temo que o sr...

— Ora, minha senhora, se alguém tem motivos para estar com receio sou eu... Não sei se vai "assassinar" a minha pobre Semíramis... Enfim, esta senhora ainda escapou. Uma prima dona famosa foi tratada ainda mais cruelmente. Tendo cantado para Rossini uma ária de Barbeiro de Sevilha, perguntou, logo, a opinião do compositor. — Gostei muito, minha senhora, gostei muito. Mas — de quem é, mesmo, essa música? Não pude reconhecê-la...

preensão reinou súbito no ambiente, o juiz baixou sereno os olhos, na sua impassibilidade de representante da Justiça. A esta, que é cega, achou decerto necessário suprimir também o sentido da audição. O réu curvou-se um pouco, sem sobressalto, apanhou a arma. As palavras do advogado, que não se interrompera, ainda flutuavam no ar:

— Absolvi-o, pois, senhores do conselho de sentença, a fim de que possa faltar de frente, com a tranquilidade dos justos, o sol que dentro em poucas horas voltará, glorioso, a iluminar a face da terra!

Creio que nesse momento, a um canto, o sub-delegado — um sargento de polícia — contava da prisão do coronel — só nos livros de assentamentos da cadeia.

— E quem quiser que abra o bico, p'ra ver com quantos paus se faz uma canoa! Comigo é assim.

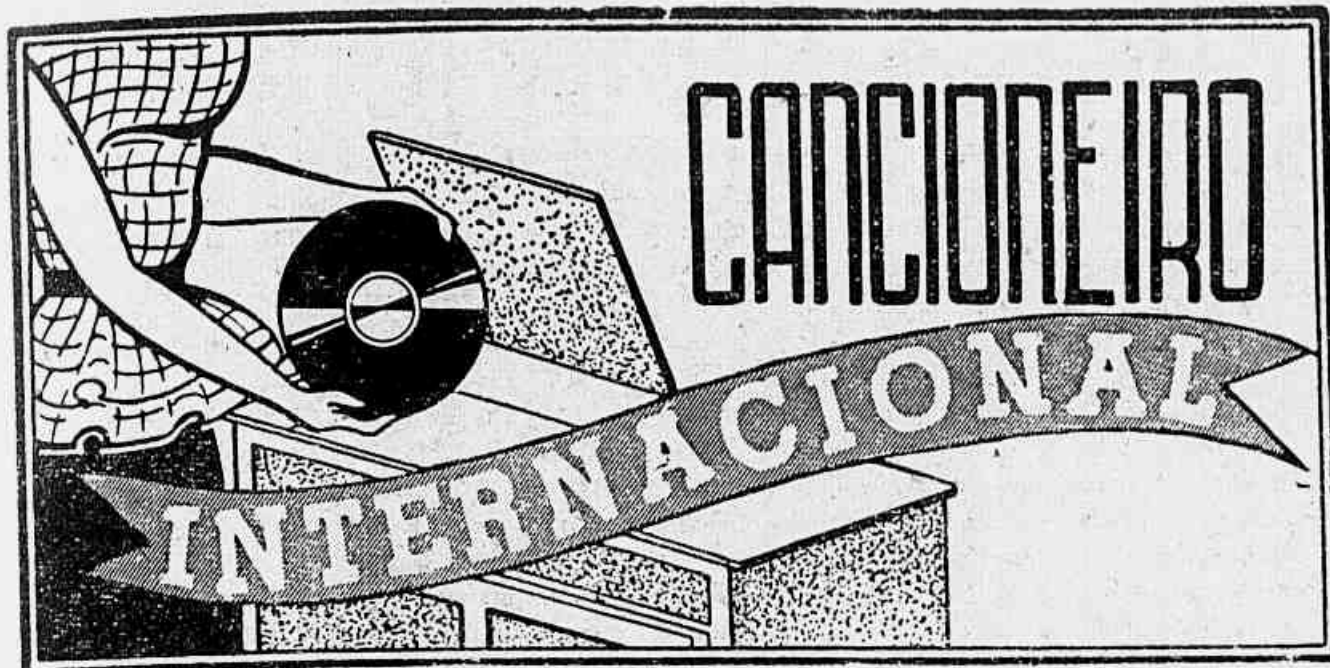
O soldado Raimundo tinha sido um tinto — narrava, com serenidade e brio, trechos de façanhas praticadas contra coiteiros de Lampião — trechos escolhidos, antológicos: a um deles, por exemplo, arrancara as unhas de uma das mãos, calmamente, vagarosamente; a outro extirpara o olho direito... E ria, um riso mastigado, pondo à mostra uns dentes muito brancos, os olhos frios parados:

— A vorta comigo, já sabe: escreveu não leu... Quem não gostar vá-se queixar à mãe do bispo...

O sargento Raimundo tinha sido um dos colaboradores mais dedicados do coronel na obra de extermínio do inimigo deste. Fora uma toaia «bonita», na cidade mesmo, perto da casa da vítima.

(Continua na pág. 46)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50



POUCO MOVIMENTO MUSICAL

E natural o que está acontecendo com o nosso meio musical. A falta de melodias novas e interessantes, que entrem facilmente em evidência e se popularizem, é fruto da época. Em geral, nos períodos logo após o carnaval, o ambiente musical é fraco e isto resulta de diversos fatores.

Em primeiro lugar, as fábricas descansam um pouco depois do Carnaval, porque, então, lançaram nada menos de dois suplementos. Em geral, são divulgadas entre duzentos e cinquenta e trezentas músicas carnavalescas. As fábricas se esgotam durante as folias de Momo. E, por isso, dormem um pouco depois do carnaval.

Por outro lado, temos de esperar que composições novas apareçam e movimentem o meio com alguns êxitos marcantes, quebrando, assim, a monotonia como a que verificamos no momento.

Vem daí o que está acontecendo. Não há uma música digna de nota. Os compositores populares têm muita coisa pronta para ser lançada, mas, agora, é que vão começar a aparecer as primeiras melodias do ano. Os cantores, depois que passa o Carnaval, começam a pensar no que vão incluir nos repertórios. Começam a escolher melodias, a ser procurados e a procurar os autores. Inicia-se, agora, a época das escolhas de composições novas para serem lançadas.

O mesmo estão fazendo os editores da cidade, tanto com as músicas nacionais como com as estrangeiras. Cada edição leva mais de mês para ficar pronta. São todas impressas em São Paulo.

Por tudo isso, há justificativa para a monotonia do instante que atravessamos. Depois, teremos novas melodias. É coisa de mês ou dois meses. E então, teremos que dizer sobre músicas mais recentes. Vamos aguardar...

NESTOR DE HOLANDA

D Ó R A

Samba-canção de Dorival Caymmi.

Dórá, rainha do frêvo
e do maracatú.
Dórá, rainha cafúza
de um maracatú.
Te conheci no Recife,
dos rios cortados de pontes,
dos bairros das fontes coloniais.
Dórá, chamei
ô DÓRA!... ô DÓRA!...
Eu vim a cidade
prá ver você passar
ô DÓRA...
Agora no meu pensamento
Eu te vejo requebrando...
prá cá... óra prá lá...
— Meu bem!...

Os clarins da banda Militar
Tocam para anunciar
— Sua Dórá, agora vai passar.
Venham ver o que é bom!
DÓRA, rainha do frêvo
e do maracatú...
ô... ninguém requebra nem dança
melhor do que tu.

WHAT MAKES THE SUNSET

Fox de Sammy Cahn e Jule Styne.

What makes the sunset
What makes the moonrise
What makes the tide
Remember to hyde
And Why does it soonrise
What makes a star fall
Where does it fall to
Why does it's flight
Make us stop in the night
And Wish as we all do
And what
Holds a cloud together
What makes the sky so blue
What makes the sunset
What makes the moonrise
Is it my love for you.

NEGRA CONSENTIDA

Rumba de Julio Galindo.

Noche, Noche, te llama el amor
Noche, Noche, tu eres una flor
Que en las noches su amor
te canta el trovador
Negra, Negra Consentida
Negra de mi vida
Quien te quiere a ti
Mira, mi alma dolorida
Negra de mi vida,
Y solo por ti
Negra, Negra Consentida
Negra de mi vida
deja de llorar
mira que pecho amante,
está rebosante de felicidad.

FRACASSO

Samba-canção de Mario Lago. — Gravado por Francisco Alves e Nuno Roland.

Relembro sem saudade o nosso amor,
o nosso último beijo e último abraço,
porque só me ficou da história triste
[dêsse amor
a história dolorosa de um fracasso.

FRACASSO por te querer
assim como quis:
FRACASSO por não saber
fazer-te feliz:
FRACASSO por te amar
como a nenhuma outra amei:
chorar o que já chorei,
FRACASSO, eu sei.
FRACASSO por compreender
que devo esquecer:
FRACASSO por que já sei
que não esquecerel;
FRACASSO, FRACASSO, FRACASSO,
FRACASSO, afinal,
por te querer tanto bem
e me fazer tanto mal.

VAI SER UM CHUA

(maxixe)

Eu vou levar
Minha mulata
Para o estrangeiro
Ensinar aquela gente
A cantar o samba
Dançando,
Requebrando,
Ao som do meu pandeiro.
Vai ser um Chuá...
Quando a mulata se esbaldar
No meio do salão
Turbante na cabeça,
Samburá na mão,
Rezando pra fechar
O corpo do alemão... "Ya!"
O corpo do francês... "OUI!"
O corpo do inglês... "YES!"

Quando ela samba
Mexe-e-remexe
Pra lá e pra cá
Fica com as cadeiras
Fora do lugar
Rodando na ponta dos pés
sem parar.
E os brancos ficam
Malucos, pulando, cantando
E gritando: mulata vem cá.
Me dá o samburá
Eu vou pro Brasil
Eu quero é sambar

Yes, Yes, Yes,
Com o português o que quê há!

Mais
Bela
às PORTAS
DO
SEU LAR



SWP PROTEGE AO PINTAR
AS ESTRUTURAS EXTERNAS
DE MADEIRA OU FERRO

O sol escaldante ou as chuvas torrenciais — o calor e a humidade — não afetam as superfícies pintadas com a bela e decorativa SWP — a tinta perfeita para as estruturas externas de madeira ou metal, tais como portas, janelas, basculantes, grades, portões, etc.. SWP, à base de óleo, é lustrosa, forma uma superfície macia, suave, de aspecto profissional.

...E PARA MAIS BELEZA INTERNAMENTE

Kem-Tone

o acabamento mágico
para paredes internas



1 galão de Kem-Tone, diluído com água, dá um galão e meio de tinta — o bastante para transformar um aposento de tamanho médio. Kem-Tone seca em 1 hora — cobre com uma demão até papel de parede ou pinturas escuras.

À venda nas boas casas do ramo.

1 galão Cr\$ 98,50 no Rio, e em
São Paulo. Não pague mais!

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
BRASIL

RIO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE 23, TEL. 32-2077
S. PAULO: R. BARÃO DE ITAPETINGA 124, 4.º AND.
TELS. 4-6681, 6-1229

MEMÓRIA CANSADA? DYNAMOGENOL

VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

COM 1948 CHEGOU O NOVO
CONJUNTO
TIPO AMERICANO
PARA COZA E COZINHA



**INDUSTRIAS
NEVE LTDA.** Rua Rosa e Silva, 74 — Fones
5-1311 e 5-1322 — São Paulo
VENDAS E EXPOSIÇÃO
ÚNICO REPRESENTANTE
A. BLUM SOBRINHO — 42-2455
RUA DO CARMO, 6 — 10.º AND. — SALAS 1.009/1010

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso, para detalhes.

DR. SPINOSA ROTHIER

Doenças sexuais e urinárias. Lavagem endoscópica da vesícula. Próstata — RUA
SENADOR DANTAS, 45-B — Tel. 22-3367. De 1 às 7 horas.

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

FILHO E PAI

(Cont. da pág. 44)

Noite escura. A coisa saíra melhor do que a encomenda. Não se fizera preciso o trabalho direto do coronel: homem de bem, de mãos limpas, como frisara eloquentemente o engenheiro em ligeiro brinde por ocasião do almoço, apenas ditara as ordens. As operações realizaram-se com o melhor êxito. Dos tocaleiros, Raimundo era aquele que sangrara o homem, depois de metodicamente baleado pelos outros. Devia ser uma nobre, fina tarefa, essa de sangrar, reservada ao digno preto: referia-se o caso e apontava-se o herói com entranhada admiração. Choviam sobre ele olhares estarecidos.

Ia por meia-noite quando o juiz mandou evacuar a sala para se proceder ao julgamento. O advogado teve com os jurados um entendimento mais ou menos amistoso, determinando, por evitar dúvidas, as bolas que deveriam deitar na urna. Auxiliava a Justiça na sua árdua tarefa. Parece que ante a relutância de um, com fumos de independente, falou português claro:

— Faça o que estou lhe mandando, meu velho, que o negócio aqui é na espingarda!

Tanto é certo que nem sempre se pode trabalhar em prol da Justiça sem uma relativa dose de energia.

Absolvido por unanimidade, o réu voltou para casa, com enorme acompanhamento, ao pipocar de foguetes e à luz de fogos de bengala, que anulava a soturna claridade dos lampiões. Ao passar pela residência da família inimiga do coronel, o advogado, cauteloso, puxou seu alentado trinta-e-oito, carga dupla. Talvez não fosse preciso, mas... — Pelo sim, pelo não...

Houve cela, que entrou pela madrugada, até quase as duas. Todos comemoravam a vitória. «A vitória da moral e da justiça», nas palavras do juiz municipal, quentes de entusiasmo, por ocasião do brinde, a vinho do Porto. Brinde em que ao magistrado sucedeu o engenheiro, muito mais inflamado, agora, do que pelo almoço, quando apenas «prelibava» o triunfo. Com apreciável dose de mitologia, história e palavras difíceis, e gestos largos e trêmulos, procurava compensar o acanhado da estatura. Nem lhe esqueceu voltar às mãos limpas do coronel, adicionando à limpeza novos atributos, enquanto as suas próprias mãos tremiam de pura emoção. O rio São Francisco, já glosado no júri pelo advogado, ressurgiu, inundante, tratado valentemente a tropos de retórica. O engenheiro queria abafar: «o São Francisco, esse boêmio, que nos traz o abraço de Minas Gerais, cantando no bando-lim das areias... Palmas frenéticas. O advogado agradeceu, com brilho, em nome do homenageado.

O soldado Raimundo lá estava à mesa, no lugar de honra a que fazia jus como o homem que sangrara. Colegas seus também lá se viam — sentados creio que pela ordem de importância dos serviços prestados. Bebia-se à larga. Incansável, o coronel desmanchava-se em gentilezas. Ria-lhe o contentamento pela cara espapada. Meu amigo, prestigia-díssimo. Eu, simples companheiro de viagem, que não fôra apresentado como doutor, embora estivesse no penúltimo ano do curso, era tratado com um ligeiro ar de resto.

Os foguetes ainda espocavam nos ares ao pegarmos no sono, madrugada velha. Estávamos, pois, muito moles de enfado, quando «seu» Barreto nos despertou com o seu «hom dia». Diabo! Assim de manhãzinha, com uma aragem tão boa e a rede tão macia! Mas o homem gostava de conversar...

Acendeu o cigarro, tirou uma boa tragada, ficou olhando a fumaça que espi-ralava, saindo-lhe pelo nariz.

— Que é que tem o mundo, «seu» Barreto?

— Nada, não, seu doutor.

Parou, deixou sair novo suspiro.

— Eu só estou pensando é como é que botaram esse crime p'ra cima de meu filho Ioiô. Coitado! Ele está inocente, doutor. Por essa luz que nos

alumêia! Bem que o júri livrou ele. Deus está vendo. Por causa do Ioiô nunca houvera de vir nenhum mal à terra.

Descansou um pouco. Tossiu.

— Os senhores fiquem sabendo duma coisa: nunca ninguém poderá saber de quem foi esse crime. O homem tinha muitos inimigos...

Saimos a conhecer os arredores da vila, antes do almoço.

A vila escaldava, à luz mordente, cáustica, metálica, dum sol de dezembro. Circundada de pedra em grande parte, parte edificada sobre pedra, o calor rebentava dessa pedraria, escandente como duma forja. Ventava regularmente; mas era um bafo cálido, que, longe de minorar, agravava o calor. Estendia-se, dentro de casa, uma veste suada, para enxugar. Enxugava depressa, e quando fâmos vesti-la estava quente como se saísse naquele instante de um ferro de engomar. Essa temperatura infernal parece que abrasava o sangue aos homens, acendendo-lhes ânsias de destruição de vidas. Por toda parte falava-se de crimes. Como se procurassem fazer recair sobre os semelhantes as inúteis raivas recalçadas à natureza adversa.

A hora do almoço, ia acesa a conversa, quando o sr. Brício, sereno como sempre, sem uma contração na cara terrosa, empalmada, fitou os olhos pretos e frios no meu companheiro, que tinha os seus disfarçadamente presos aos seios altos da filha do coronel:

— Ah, doutor, eu já vivia doido de tanta emboscada que botava naquele homem. Era de dia e de noite — e nada! Felizmente os cabras me fizeram um serviço limpo, graças a Deus.

Observei o coronel: o rosto era o mesmo do dia anterior, de quando protestava a sua inocência, invocando o testemunho divino. Ótimo homem. Graças a Deus!

A noite, meu amigo dr. João Carlos da Rocha conversava líricamente, à janela, com a filha do sr. Brício, nas barbas do homem. Apenas, é claro, guardava certa distância, não muito de seus hábitos. A moça, graciosa de seu natural, tinha na fisionomia e nas maneiras uma doçura amável; e o sorriso, habitualmente belo, tornava-se mais belo à ação das finezas namoradas de seu admirador.

Era de embasbacar, o prestígio de meu companheiro. Uma circunstância concorria poderosamente para dilatá-lo: de par com as suas funções de causídico, o dr. João Carlos da Rocha desempenhava, nessa viagem, missão política, como pessoa da confiança do governo. Ia agitar a candidatura de um dos irmãos do sr. Brício a prefeito municipal.

Esse irmão do coronel, democraticamente conhecido por «Sinhozinho», já antegozava as delícias do poder. Tinha por certa a vitória — «Governo não pode perder eleição, hum!» — e fazia crítica ao prefeito da vila. O doutor que visse com os próprios olhos: a Prefeitura não tapava os buracos da rua (e mostrava um trecho esburacado, em frente à sua residência), não aumentava os lampiões da iluminação pública, não fazia nada, e era só arrochando o povo com impostos e mais impostos — uma calamidade! O orçamento já subia a mais de vinte contos, e o povo não recebia nenhum benefício.

— Há muita coisa p'ra se fazer, doutor. Esse cabra que está no poleiro só quer mesmo comer, ele com a cambada dele. É importante que só ele. Parece que tem o rei na barriga. Quem foi Naninha!... Filho de um sapateiro, o finado Inácio. Muita alpercata eu calcei feita pelo velho. E hoje o filho é o que se vê. E' um moço que nem interventor. E anda enchendo que vai se candidatar. Ele está pensando que eleição é nomeação. Mas deixe estar, doutor, que o cabra vai abaixo. Tão duro como osso, hum! Ora se vai! E' só você dar as ordens, em nome do governo, e a coisa sai que sai uma beleza. Hum!

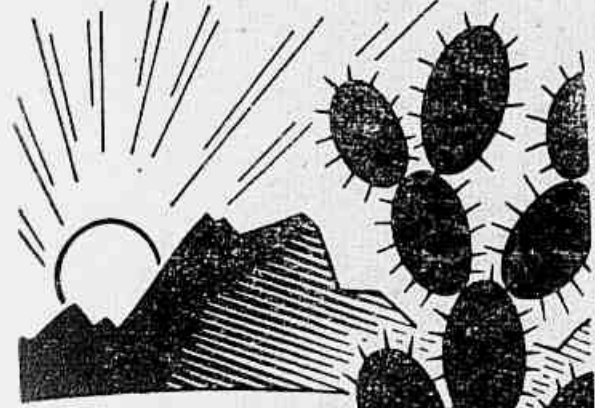
O advogado balançou a cabeça, aprovativo:

— Muito bem! Isto é que é preciso: energia. Energia e disciplina partidária. Sem isto a causa estaria perdida, e seria uma desmoralização para o governo.

(Cont. na pág. 49)

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

NOS CLIMAS TROPICAIS..



...AS PELÉS
DELICADAS
PEDEM
**A Polvilho
Antisséptico**
GRANADO

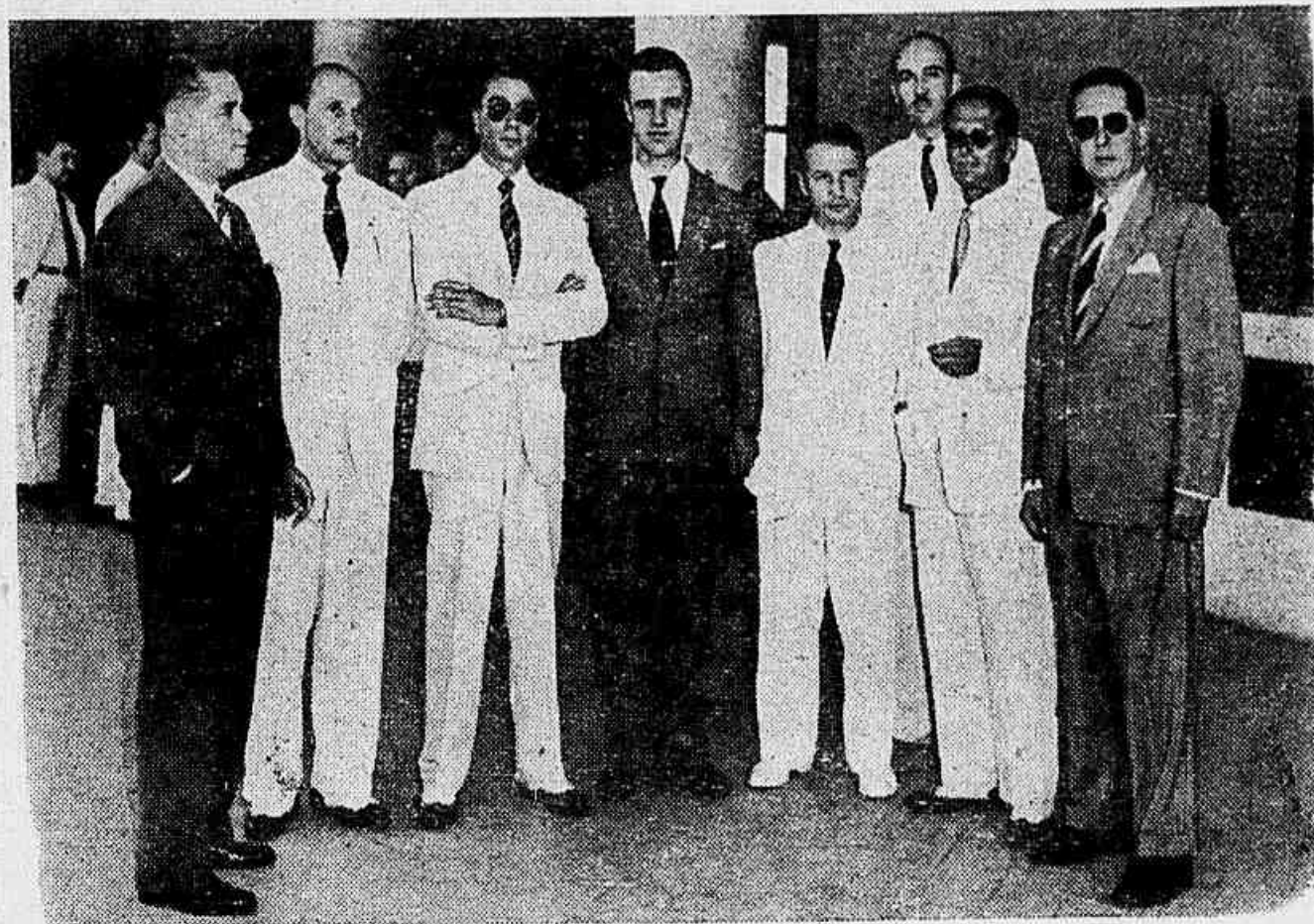
BROTOEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, desejamos alcançar a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e encendidas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuá (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque, da vida nada se leva.

Chega ao Rio o sr. André Francillón, descendente dos FUNDADORES DA FAMOSA FÁBRICA LONGINES



Procedente de São Paulo chegou no dia 26 p. p. a esta capital o delegado da Fábrica LONGINES na América Central e América do Sul, sr. André Francillón, illustre descendente da família Francillón, que há mais de 80 anos fundou a Fábrica Longines.

O sr. Francillón, que partiu da Suíça em outubro de 1947, terá oportunidade, nesta viagem por todos os países da América Central e América do Sul, de estreitar ainda mais os vínculos de boas relações comerciais com este país, onde o prestígio da Fábrica Longines cresce, de instante a instante.

Acompanhado dos representantes da fábrica, no Brasil, o sr. Francillón examinará de perto todos os problemas comerciais e técnicos relacionados com o seu ramo de negócios.

O illustre visitante foi recebido no aeroporto Santos Dumont por grande número de amigos, destacando-se entre estes os srs. Maurício de Souza, diretor vice-presidente do Japécia S. A., representante dos relógios Longines, neste país, Alair Baleeiro, diretor de Publicidade da mesma firma, representantes da imprensa e várias outras pessoas gradas.

Na delegação estava, em grupo de pessoas que estiveram presentes ao desembarque do sr. André Francillón que se vê ao centro.

O Grande Segredo

(Cont. da pág. 23)

— Minha esposa! — exclamou Armand com surpresa.

— Sua esposa, sim... que, suspeitando da sua traição, o seguiu, para descobrir a causa da sua misteriosa conduta!

— Que misteriosa conduta, Nathalie? Veja, aqui está! — E mostrou-lhe o cachimbo. — Antes de nos casarmos, você me proibiu de fumar e eu prometi obedecer. Durante alguns meses cumprí a minha promessa, você sabe o que me custou. Lembra-se como eu andava irritável e triste? Era o meu cachimbo, o

meu querido cachimbo, que me fazia falta. Um dia, neste bairro, vi um camponês fumando. Pedi-lhe que me emprestasse a blusa e o boné, pois gostaria de fumar com ele, mas era preciso ocultá-lo de você, e o cheiro do fumo se permanecesse na minha roupa me trairia. Chegamos a um entendimento. Eu comecei a vir aqui todas as noites, para me entregar à minha ocupação favorita, e, com a precaução do boné, para evitar que o cheiro do fumo ficasse no meu cabelo, consegui enganá-la. Este é todo o mistério. Perdoe-me.

Nathalie beijou-o chorando.

— Eu devia saber que não podia ser. Agora sou feliz, e você poderá fumar quanto quiser, em casa.

E Nathalie voltou para seu tio, dizendo:

— Tio, ele me ama! Ele saía para fumar, mas doravante fumará em casa.

— Eu posso arranjar isso — disse d'Albaincourt. — Ele fumará enquanto joga gamão comigo.

«Desse modo, pensou o velho, terel um parceiro certo para o meu jogo.»

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se ornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. Flatulência, a dispepsia, a má digestão, mau hálito, a língua saburrosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as cáimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Papéis-Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que ornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno, impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, e atender as suas obrigações diárias. E V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papéis-Bankets. As suas propriedades sedativas e edulcorantes atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGIÃO A

BUSTO IDEAL

EM DOIS MESES COM AS

PILULES ORIENTALES

TONICAS E RECONSTITUINTES

Sempre bemfeizes para a saúde



Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. RATIE, farmacêutico, 45, rue de l'Éclair, PARIS — A venda em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil: Caixa Post. 2582, RIO DE JANEIRO (Apost. D.N. S.P. sob o N.º 47 em 26-6-1971)

O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras; elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — O n.º 1 ou o n.º 2. O n.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O n.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar todas as moléstias da mulher ao mesmo tempo; não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

FRANÇOIS MAURIAU

(Cont. da pág. 50)

— Pode ser. Mas não se esqueça de que as dores da humanidade inspiraram outrora os homens do pensamento, que se fizeram deuses... A dor universal, em nosso tempo, é mais lancinante do que nunca. E os escritores de hoje, talvez incapazes de produzir grandes obras como mestres do pensamento, a têm se dividido, qual o mundo atual, que está dividido em dois. Uns servem à primeira parte desse mundo, outros à segunda... Isso não acontece só entre nós, em França; é um mal que atingiu todos os escritores do mundo. Pode ser que futuramente as coisas de modifiquem. Atualmente, porém, vão mal...

O TEATRO E CINEMA FRANCESES

— E que nos diz sobre o teatro e o cinema do seu país?

— O teatro, com Jean Paul Sartre à testa e outros bons elementos, vai etimamente. Também o cinema progride de dia para dia. O cinema é atualmente a segunda indústria da França. Produz bons filmes e creio que dentro de muito breve os filmes franceses voltarão a ocupar o merecido lugar no mercado mundial.

Naquela instante, o contínuo anunciou a chegada do fotógrafo. Pedimos licença para tirar algumas fotos. O nosso pedido foi aceito. Falamos ainda sobre vários assuntos e demos por encerrada a entrevista com esse notável homem das letras francesas que é o acadêmico François Mauriac.

O BOM CARIÓTIPO

(Cont. da pág. 50)

— Dois anos e alguns meses... — respondeu o homem esguio. — Se deixar algum cabo solto na minha história, me pergunte. Há na minha alma tanta desordem! Talvez não me explique bem; talvez...

— Sim; continua, continua...

— Enquanto punham a mesa, ele me falou com friabilidade de sua vida por lá, e me perguntou a respeito da minha; porém suas notícias e suas perguntas não tinham esse interesse cordial, nascido do carinho e da ausência; sentia-se que falava para não estar calado, e que teria dito a mesma coisa a qualquer outro... Reconfortado, levantou-se, e depois de ter, por alguns minutos, folheado desdenhosamente meus livros, se aproximou da janela e com uma das mãos restituiu a transparência à vidraça empanada pela umidade, para contemplar a áspera paisagem de dezembro. Deve ter visto do outro lado do pequeno pomar o galinheiro, porque me disse, com um tom de júbilo que então eu não pude compreender:

— Homem, estás criando galinhas? Não podes imaginar quanto me alegro... Tiveste uma grande idéia... Que bom!

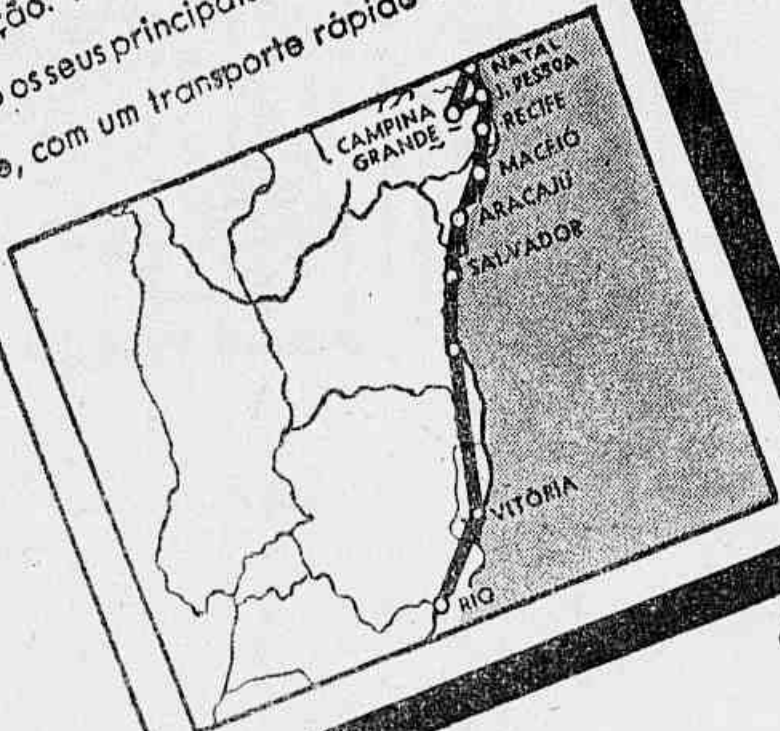
Como até então não havia podido examiná-lo, pois alguma coisa em seu rosto, sobretudo nos olhos, me impedia de fixar confiadamente o olhar nele, aproveitei que estava de costas para comprovar o estrago que aqueles dois anos lhe haviam infligido. Estava citrino; sob a barba mal rapada, entrevia-se uma depressão do maxilar

(Cont. na pág. 49)

NUM PAÍS VASTO...

A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO

O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condições de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento de nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398



NÃO seja vítima da PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas -
4 estão ameaçadas

Se as gengivas lhe causam incômodo... se estão sensíveis e sangram facilmente — tome cuidado! — pode ser Piorréia, a grande praga moderna que mina as gengivas e faz perder os dentes.

Comece a proteger-se logo com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que, com este tratamento simples, 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora no decorrer de um mês.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para conservar o encanto natural de seus dentes e a saúde e o vigor de suas gengivas — comece a usar hoje mesmo o famoso dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com
Forhan's



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis. Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantado à vista.

A pele que não resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórias Alface.

FILHO E PAI

(Cont. da pág. 46)

— Nem diga essa palavra, doutor! Governo aqui não perde um voto, nem um, pr'a mezinha.

E com um sinal de parada, a mão direita estendida, em posição vertical:

— Deixe estar, doutor, fique descansado. Aqui a gente risca por onde o senhor cortar. Oposição aqui come da banda podre. Hum!

Esse «hum!» era muito de Sinhozinho. Pelo curto convívio com o homem, pude concluir que certos planos inconfessáveis se ocultavam geralmente por detrás desse «hum!». Era quase a sua única interjeição. Em nosso regresso Sinhozinho nos acompanhou: vinha à Capital, cuidar de negócios e, talvez sobretudo, a assuntos políticos. No percurso, feito a caminhão, aqui e ali, à margem da estrada, viam-se cruzeiros fincados no chão.

A vida de Swedenborg

(Continuação da pág. 24)

Parecia ter adquirido o que hoje denominaríamos dupla personalidade. Exterioirmente, continuava o mesmo homem tranquilo, prático, de hábitos conservadores. Usava espada, empoava os cabelos, andava com uma bengala de castão de ouro. Mas interiormente se transformara num verdadeiro Niágara de idéias que pareciam provir de uma mente hipnotizada. Uma mente sincera e branda, que muitas vezes subia à extraordinárias alturas poéticas. Já não era o cientista, mas o místico empolgado por uma visão. Tudo o que os outros homens sabiam, ele agora via — «via com os seus sentidos e com o olho interior».

Abandonou o posto de «assessor das minas e tornou aos seus manuscritos e viagens. Viagens pelo mundo físico da Europa e ao mundo espiritual da alma. Registrou os resultados de suas «jornadas espirituais» numa torrente de livros «escritos de conformidade com as instruções do Senhor». E então, aos oitenta e cinco anos, partiu finalmente para aquele «único mundo real» que tão apaixonadamente o absorvera.

IV

Dos dois mundos — declara Swedenborg, — o físico, longe de ser real em si mesmo, é apenas o símbolo do espiritual. A estátua é meramente a roupagem de mármore da idéia criadora que tomou forma no espírito do escultor. E o corpo humano é simplesmente o revestimento da alma. Pois só em suas dimensões físicas podem os traços rutilantes do espírito fazer-se perceptíveis aos débeis sentidos humanos. Por esse motivo é que Deus converteu o seu espírito em carne. Deus se fez humano para demonstrar ao homem que Ele era divino.

«A matéria é unicamente uma expressão». No entanto, uma vez que a maté-

ria corresponde ponto por ponto ao espírito, é possível ao homem bom e sábio compreender o verdadeiro mundo espiritual, embora estorvado pela teia dos sentidos. Pois «nada existe na natureza que se não assemelhe à sua origem, o espírito». Cada partícula de carne, fibra e músculo da substância espiritual, ou da «parte mais íntima da matéria». Cada objeto do mundo material é um «reflexo» do mesmíssimo objeto no mundo do espírito. Todas as idéias da mente são simbolizadas por fatos físicos. Todas as coisas são projetadas do mais íntimo do espírito sobre os fatos exteriores. «Nada há na natureza que não provenha do espírito e não exista pelo espírito».

Na semente da árvore está a forma da floresta; na circulação do sangue está o princípio universal da vida — «o ciclo constante de nascimento e morte, dissolução e renovação». Ademais, tudo é, em si mesmo, a imagem perfeita da forma total do ser. A gota d'água encerra em si a forma e a substância do oceano inteiro. No comentário que escreveu a essa doutrina Swedenborguiana das correlações, Emerson expõe o pensamento de maneira concreta e pintoresca. «As unidades de cada órgão (humano) são outros tantos órgãos em escala reduzida; as unidades da língua são pequenas línguas; as do estômago, pequenos estômagos; as do coração, pequenos corações. Esta idéia fecunda nos dá a chave de todos os segredos... O homem é uma espécie de paraíso em miniatura... Deus é o homem em grande escala».

Este é o santo-e-senha ao fim supremo do universo: «A natureza está inteira em suas ínfimas partes... Realmente, vivemos e andamos aqui qual microcosmos, e levamos em nós tanto o céu como o mundo, e por conseguinte o Reino de Deus».

Mas o nosso próprio mundo físico não foi criado, de uma vez para sempre, por um ato divino delimitado. A criação do

...e continua

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua
brilhando em 1948!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Impressionando os meios científicos do país!

A luta da ciência, durante anos, tem sido para encontrar uma fórmula eficiente e rápida, capaz de debelar os males do fígado e suas consequências, sem perda de tempo, sem sacrifício de dinheiro e sem dieta prolongada.

Este é o segredo do

FIGACOL

medicamento de absoluta confiança, recomendado pelos mais renomados médicos do país.

FIGACOL é um produto vitorioso do Instituto Científico Medicador Ltda.

Fabricante da famosa

EMAGRINA

Atendemos pedidos pelo Reembolso, para a Caixa Postal 2.335 — RIO

Números atrasados desta

Revista no Pará

Pedir a

Albano H. Martins & C.ª

Travessa Campos Sales, 58

BELEM

ENTREGA DE PRÊMIOS DE SEGURANÇA DO TRABALHO ÀS COMISSÕES INTERNAS DE SEGURANÇA DA A. P. R. J. FEITA PELO DEPARTAMENTO DE ACIDENTES DO TRABALHO DO I. A. P. DOS MARÍTIMOS



A esquerda: flagrante da mesa que presidiu a cerimônia, vendo-se entre as autoridades presentes os srs. representantes do ministro do Trabalho, ministro da Guerra, ministro da Viação, ministro da Marinha, Instituto dos Bancários, prefeito do Distrito Federal, srs. Milton Soares de Santana, presidente do Instituto dos Marítimos; Francisco Ferraz, diretor do Departamento de Acidentes do Trabalho, da I. A. P. M. e outras personalidades. A direita: o dr. Francisco Ferraz, diretor do Departamento de Acidentes do Trabalho do Instituto dos Marítimos, quando pronunciava a oração que recebeu calorosos aplausos de toda a assistência.

Realizou-se recentemente, na estação de cabotagem da Administração do Porto, a cerimônia de entrega de prêmios às Comissões Internas de Prevenção de Acidentes do Trabalho da Administração do Porto do Rio de Janeiro, pelo Departamento de Acidentes do Trabalho do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos.

Os prêmios em questão foram conferidos aos trabalhadores que melhor souberam se conduzir no trabalho, cooperando, dessa forma, de modo decisivo, com o Serviço de Prevenção do I. A. P. M. na luta contra os acidentes do Trabalho.

OS PRÊMIOS

Os prêmios constaram de uma importância em dinheiro e medalhas honoríficas, que foram entregues, respectivamente, pelos srs. Miranda de Carvalho, superintendente da A. P. R. J., e dr. Figueira de Mello, representante do exmo. sr. ministro do Trabalho, ao trabalhador Pedro Francisco Nóbrega, da 5.ª Inspetoria da A. P. R. J., e ao presidente da Liga de Segurança da mesma Inspetoria, sr. Aldemar Thompson.

AUTORIDADES PRESENTES

Estiveram presentes às solenidades as seguintes autoridades: dr. Figueira de Mello, representante do ministro do Trabalho; maior Joaquim Inocêncio Oliveira Paredes, representante do ministro da Guerra; senador Francisco Galloti; dr. Miranda de Carvalho, superintendente da Administração do Porto do Rio de Janeiro; representante do ministro da Viação; sr. Milton Soares de Santana, presidente do Instituto dos Marítimos; representante do ministro da Marinha; sr. Francisco Ferraz, diretor do D. A. T., do Instituto dos Marítimos; Alfredo França Junior, encarregado do serviço de imprensa do referido departamento do I. A. P. M., e outras altas autoridades.

OS DISCURSOS

Usaram da palavra os srs.: Francisco Ferraz, diretor do Departamento de Acidentes do Trabalho do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, dr. Decio Parreira, dr. Miranda de Carvalho, dr. Milton Soares de Santana, presidente do I. A. P. M. e encerrando a cerimônia o dr. Figueira de Mello, representante do exmo. sr. ministro do Trabalho. Ao champagne ergueu um brinde ao sr. presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, o sr. Milton Soares de Santana, presidente do Instituto dos Marítimos, encerrando-se as solenidades com um "lunch" aos convidados e trabalhadores da A. P. R. J. sob um clima de verdadeira compreensão entre brasileiros que acima de tudo procuram erguer bem alto o nome da Pátria.



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

FRANÇOIS MAURIAC...

(Cont. da pág. 25)

— Acredita, então, numa terceira guerra mundial?
— Eu disse há pouco que a voragem é completa. Dois grandes perigos ameaçam a paz do mundo: o "Kominform" e a energia atômica. O "Kominform" é um mundo armado e bem armado. A energia atômica é a riqueza, a possibilidade de enfrentar esse mundo armado. Dois gigantes, face a face, querendo medir as suas forças. E os pigmeus, que vivem em suas redondezas, com os olhos fitos nos dois, esperando atormentados um acordo pacífico entre as duas forças.
— E o senhor, o que espera?
— Eu sou otimista. Creio que tudo sairá bem.

O GENERAL DE GAULLE E SUA POLÍTICA

— E o que pensa o senhor sobre o general Charles de Gaulle e o movimento que ele chefia?
— Estou em desacordo com a conduta política do nosso grande militar. Ele é um dos grandes que "acel-tam" a idéia duma nova guerra. Eu sou inteiramente contra tal idéia. A humanidade deve procurar meios para viver em paz e, para conseguir essa paz, nós, homens civilizados, não devemos apelar novamente para as armas, como em 1914 e 1939. Esses meios existem, e talvez sejam desta vez encontrados.
— Nas mesas das conferências?
— Talvez.
— E se essas conferências fracassarem?
— Será apenas mais um desastre, mas nada grave. Sou, como já lhe disse, otimista. Creio que um dia virá em que a humanidade solucionará pacificamente os seus problemas e voltará a ser o que foi antes das duas guerras.
— Pode dizer-nos, agora, qual o regime que, a seu ver, serviria para o mundo?
— O socialismo. Mas um socialismo sadio, capaz de satisfazer as necessidades de todos os povos da terra. Se esse regime for implantado, desaparecerão todos os outros "ismos" que convulsionam a pobre humanidade. E a paz reinará sobre o mundo...

EM DECLÍNIO A LITERATURA FRANCESA

Voltamos a falar sobre assuntos literários. Desajamamos saber como François Mauriac encara a situação da literatura francesa contemporânea.

O autor de "Destins" faz um esforço para responder. Medita. Depois, quase triste, diz apenas:

— A verdade é que a nossa literatura está em declínio. E' tudo que posso dizer-lhe.

— Mas os escritores franceses continuam escrevendo...

— Sim, os escritores que há trinta, quarenta e mesmo há cinquenta anos atrás, já eram famosos. Deram à literatura universal belíssimas páginas, produziram muito. Hoje, à sombra do que foram ontem, escrevem apenas mais alguns livros. Grandes obras literárias, porém, não aparecem mais. Os velhos valores já deram o que podiam dar e novos valores não surgiram...

— Não será esse declínio causado pelas circunstâncias econômicas, sociais, morais e políticas, surgidas nestes últimos tempos?

— Quem sabe... O que importa não é a causa, mas as consequências. Ontem tivemos gigantes. Hoje, não é bom falar...

— E se a situação melhorar, acha, então, que a literatura francesa atual mudará de fiação?

(Conclui na pág. 47)

O BOM CAIM

(Cont. da pág. 15)

sem me apertar, e quando se soltou dos meus braços me disse:

— Bem, bem... Vamos dedicar uma hora às efusões familiares e depois falaremos de coisas sérias... Temos muito que conversar, pequeno!... Desta vez trago mais do que uma idéia... Trago a fortuna... a verdadeira fortuna... a verdadeira mina... E' verdade que um desses malditos navios ingleses esteve a ponto de me pôr no fundo para sempre com toda a minha equipagem... Aquilo que estás vendo, aquela mala tão pobre, com seus cantos roçados e uma das alças de corda, é um tesouro; e embora só tenha dentro uns cadernos e um aparelhinho que não pesa três quilos, qualquer país daria por ela mais de um milhão! Esta é a nossa hora! Um pouco desse bom trabalho complementar que para ti é tão fácil, e o milhão se converterá em dois, em três, no que queiramos... Ei, diz a essa velha imbecil que me prepare alguma coisa para comer e tu deixa este gesto de assombro. Ah, que me traga vinho... e uma garrafa de conhaque. Agora estou bebendo.

— Quanto tempo fazia que vocês estavam separados? — interrompeu pela primeira vez o padre Sebastião.

(Cont. na pág. 47)





MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes ORIENTAIS (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

